Pedriali nos anos 70
E hoje, ex-guerreiro
Pela primeira vez, no Brasil e no mundo, um ex-militante da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade — TFP — revela os mais inacessíveis mistérios e objetivos dessa organização, hoje instalada em 14 países. O principal deles: dominar o mundo atual e construir uma sociedade nova, o "Reino de Maria", inspirado nos princípios da Idade Média. Para isso, e sob o comando de Plínio Corrêa de Oliveira, "profeta" e "santo", tido como imortal, a TFP treina em seus mosteiros secretos uma grande legião de jovens, transformando-os em guerreiros, escravos e monges.
EMW EDITORES
GUERREIROS DA VIRGEM
JOSÉ ANTÔNIO PEDRIALI
JOSÉ ANTÔNIO PEDRIALI
GUERREIROS DA VIRGEM
A VIDA SECRETA NA TFP

Este é um livro sobre o fanatismo de extrema direita, o delírio de um homem que se julga predestinado a dirigir os povos e a subir aos céus, no fim dos tempos, num carro de fogo, como o profeta bíblico. É o livro impressionante e aterrador, mas bem humorado, sobre a experiência de um adolescente que foi aliciado para as hostes deste fanático e ali manipulado ao longo de seis longos anos, durante os quais quase enlouqueceu, obrigado a ver um comunista em cada esquina, um demônio em cada mulher, o pecado em cada prazer. "Guerreiros da Virgem" é uma grande denúncia: pela primeira vez em sua história a TFP é realmente devassada, exibida para que a sociedade saiba o que se passa em seus mosteiros secretos, onde seus militantes são treinados não só para venerar Plínio Corrêa de Oliveira, seu dirigente maior, mas também — se for preciso — enfrentar armados os comunistas pecadores que, no delício de *Dominus Plinius*, ameaçam todos os quadrantes da Terra.

Não por acaso esse depoimento sincero e corajoso de um ex-tefepista é prefaciado por um ex-comunista, o escritor Domingos Pellegrini. Como ele próprio lembra em seu prefácio, a extrema esquerda e a extrema direita têm mais semelhanças que diferenças. Os aguerridos militantes do MR-8 usam *jeans*. Os fanáticos entorpecidos da TFP usam ternos e gravata. Uns e outros são dirigidos e manipulados por interesses que nem sempre compreendem inteiramente. Como muito já fez a Igreja, como ainda o Estado faz enquanto o serviço militar for obrigatório, tanto a esquerda como a

Prefácio de
DOMINGOS P

REIROS

EM

TA

GUERREIROS DA VIRGEM

Prefácio de
DOMINGOS PELLEGRINI

Capa de
ALBERTO VILLAS
CLÁUDIO MORATO
JOSÉ EDUARDO RAMOS

Ilustração de
ROBSON AZEVEDO

COLEÇÃO TESTEMUNHO

Dirigida por
LUIZ FERNANDO EMEDIATO
Vol. 7

GUERREIROS DA VIRGEM

A VIDA SECRETA NA TFP

EMW EDITOR

JOSÉ ANTÔNIO PEDRIAL

1ª edição - Julho de 1985

Capa
Alberto Villas
José Eduardo Silva Ramos

Desenho de capa
Cláudio Morato

Revisão
Walmir Venturini

Projeto Gráfico
Sylvia Martins

Ilustração de
Robson Azevedo

1985
Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Sumário

À memória de Ricardo,
meu primo,
que também passou por esta experiência.

Germano, Joel
Marcos e Luiz Fernando:
muito obrigado

Advertências

1. *As personagens deste livro — exceto as conhecidas publicamente — são apresentadas sob pseudônimo.*

2. *Os diálogos foram alterados quanto à forma — pois não fiz anotação deles durante minha permanência na TFP. Preservam, no entanto, a máxima fidelidade ao conteúdo.*

Na ponta da ferradura

Domingos Pellegrini

Eu fazia as primeiras barbas e, nas refeições, cultivava uma úlcera em meu pai; se pudesse, cuspia na sopa pra respingar na família. Discutia até com poste e cachorro de rua. Lia tudo que caía nas mãos, da Bíblia aos panfletos — e o mundo mais parecia um absurdo de injustiça e insensatez. Vivia à procura não sabia do quê, sem imaginar que estava "no ponto", naquela ebulição de idéias e sentimentos que fazem o tipo ideal para ser recrutado.

Um dia, passou no colégio um sujeito de terno, muito distinto e seguro de si, convidando para um "conclave filosófico" em Curitiba, com passagem e estada. Norberto, um colega de outra turma, também se interessou, e lá fomos nós. Nem bem descemos na rodoviária, fomos levados a um palacete como os que Pedriali descreve, engolimos café com pão lá nos fundos e fomos enfiados num auditório. Aqui e ali, cercados pelos engravatados, sentaram outros adolescentes inquietos como nós (ou como todo adolescente) — e foram quatro horas de palestras sisudas, com pequenos intervalos, durante os quais Norberto foi aos poucos proibido de fumar.

O almoço foi numa república de estudantes de pouco mais idade que nós — mas tão sérios que, quando rezaram antes de comer, rezamos também. De volta ao palacete, pescoçando de sono, continuamos a ouvir coisas como a falta de privacidade da arquitetura moderna tão envidraçada. Depois, os engravatados pegaram estandartes e fomos convidados a ver como vendiam suas idéias na rua. Vendi um folheto daqueles a um tio, que tinha vindo com meu pai ver o Londrina Esporte Clube jogar contra o Coritiba. Foi um dos primeiros carros que os engravatados pararam, e, quando vi meu pai, foi como se me visse: me perguntei o que fazia ali e logo Norberto perguntou a mesma coisa.

No fim da tarde, fomos ao alojamento nos fundos do palacete, jogamos as malas num terreno ao lado. Saímos com desculpa de um refrigerante na esquina — e nunca mais fomos a "conclaves filosóficos" da TFP. Ironia: ainda em 66 fui expulso do colégio e, morando sozinho em outra cidade para estudar, antes do fim do ano já datilografava artigos de Guevara no quarto de hotel. Ainda era menor de idade, mas, depois de uns livros e umas reuniões de estudantes, me achei comunista e fui convidado para um partido clandestino como se fosse para uma festa, tudo muito envolvente e rápido. Sair do mundo da esquerda, no entanto, não foi fácil — como não foi para Pedriali abandonar o mundo da extrema direita.

Anos depois de não me achar mais comunista — e, portanto, já sem a responsabilidade e a prepotência do tamanho do mundo — ainda tinha remorsos por ter perdido a "fé". O movimento pela Anistia foi, para muitos como eu, uma forma de ajustar contas com esses remorsos e de se resgatar para uma vida de idéias próprias.

Em 83, já em São Paulo, morei uns meses em Santa Cecília, ali pertinho do oratório da TFP — e vi grupos de rapazes, como Norberto e eu, ciceroneados pelos veteranos engravatados, robôs que se atrapalham de olhar uma mulher. Depois, nos comícios das diretas, enquanto as pessoas cantavam o Hino, vi como os jovens comunistas esperavam, coçando-se, impacientes, para voltar a gritar as palavras de ordem dos veteranos. Uns usam gravatas, outros jeans, mas na TFP ou no MR-8 o comportamento tem mais semelhanças que diferenças. Ou, como disse o general Golbery do Couto e Silva, um homem tido como de direita:

— Esquerda e direita são como as pontas da ferradura: extremos que se julgam opostos, mas quase se tocam.

Como muito já fez a Igreja, como ainda o Estado faz, enquanto o serviço militar for obrigatório, tanto a esquerda como a direira recrutam jovens. Claro: um cidadão maduro não vai ficar a serviço de idéias alheias com a dedicação que as organizações exigem. E, tanto para quem adora a Virgem como para quem adora Lênin, as idéias a seguir, desenvolver e divulgar são as dos líderes — devidamente endeusados, nem tanto por exigência própria, mas por carência mítica dos liderados.

Tais líderes são, geralmente, figuras realmente excepcionais, homens de idéias e de ação determinados, exemplares na teoria e na prática — como Plínio Correa de Oliveira: defende um mundo medieval e se comporta como se vivesse mesmo na Idade Média, curtindo os privilégios do castelo ideológico que montou. Mas que dizer de Lênin, para pegar logo o mais inatacável líder de esquerda?

Em nome do bem-estar comum, fez muito bem a sua parte no mais desastroso confronto ideológico já montado no planeta, com desenvolvimento ainda imprevisível. Mas, quanto à herança, ele sabia muito bem que não eram homens de bem ou de paz os que carregariam seu caixão, e que logo se matariam pelo poder, a religião de Ronald Reagan e Stalin.

O planeta pode explodir no confronto desses gigantes. Nessa massa explosiva em ebulição, os pequenos partidos e as organizações de extrema são fermento. É onde se pode ver como as aberrações humanas crescem inversamente ao espaço disponível: quanto menor a organização, mais fanática; mais medíocres ou oportunistas os militantes que continuam depois das desilusões juvenis; e mais descarada a dependência mútua entre líder e liderados. E, contribuindo com dinheiro e favores para pagar remorsos, há os simpatizantes.

Seja para agitar em comício a bandeira do Futuro, seja para marchar na rua com estandarte do Passado, é preciso uma disciplina missionária — e jovens bem dispostos, claro. Mas há compensações: os sonhos são grátis, e todos podem sonhar que estão construindo ou defendendo um mundo mais humano — enquanto engraxam armas, aprendem golpes mortais e se preparam para tudo, se preciso for... Há, também, para diversão do masoquista que há em todos, os perigos da clandestinidade e os suplícios do dever. E há o conforto do esprit de corpos, como nas ordens religiosas que levavam a escravidão a povos livres, embora em nome do amor cristão.

Decerto evoluímos desde o amor dos jesuítas, mas ainda hoje os homens, mesmo quando se espantam, por exemplo, com os horrores da guerra, acham natural a fabricação de armas e idéias genocidas, seja em nome da justiça social ou da liberdade democrática. Na política (essa atividade marginal para a maioria das pessoas comuns), as organizações de extrema são formas muito interessantes para aprendermos a observar e desmontar as armadilhas ideológicas instaladas em nós. Afinal, todo mundo que se considera de direita ou de esquerda, ou que aceita essa visagem, tem um pouco de TFP ou MR-8 — nem que seja por parentesco remoto. Ou: se você quer sair do Esquema, comece pelas pontas — e, para isso, além de tudo o que já se escreveu sobre a esquerda, temos agora esta narrativa de Pedriali, tão reveladora dos mecanismos mentais de direita como toda boa reportagem é reveladora. E, ainda, acrescida de honestidade e postura das mais confiáveis, sem amargura ou rancor.

O sofrimento de Pedriali para escrever êste livro parece destinado a alertar os jovens e pais. Ou, como disse outro dia na televisão um homem tido de esquerda, o Lula:

— Você é contra os meios que usa o teu inimigo — mas, se você usa os mesmos meios, que diferença há entre você e teu inimigo?

Se a coerência não estiver livre para, se quiser, ir apenas até a próxima idéia, já começa a se formar a craca dos princípios e dos preconceitos, pais das ideologias. E, se nossa visão da vida não pudesse mudar a cada dia que nasce, para que, diabos, nasce mais um dia?

Além disso, meu filho logo vai estar na idade das primeiras barbas e...

1

Ela era bonita, meiga. E teria de deixá-la

Eu estava impressionado.

Aquele rapaz, eloqüente, de gestos largos e demonstrando — ou pelo menos aparentando demonstrar — vasto conhecimento do que falava, deixava-me admirado.

Desde antes dos meus dez anos sentia grande inclinação por desvendar os mistérios do mundo, conhecer o que se passava além das fronteiras do Brasil, citar nomes e fatos com desenvoltura. Lia revistas, jornais, livros — e, cada vez mais, via-me confuso e atordoado diante de uma enxurrada de informações, de uma seqüência irrefreada de acontecimentos, de governos sucedendo-se, de batalhas verbais de chefes de Estados, ministros e políticos, golpes de forças, grandes e pequenas revoluções. E guerras.

E não encontrava quem me orientasse e me ajudasse a entender, mesmo superficialmente, o mundo exterior.

Isso explicava meu sentimento naquela noite de sábado, quando nem o *footing* dos carros — limpos, reluzentes — nem as vozes femininas, que conseguiam infiltrar-se na sala onde estava, eram capazes de desviar-me a atenção. O que importava retardar naquela noite os prazeres que tanto atraem um adolescente se eu estava, finalmente, realizando um grande sonho, encontrando pessoas que poderiam fazer-me penetrar no campo de conhecimentos que tanto me fascinava?

O rapaz falava, tendo à suas costas um grande mapa-múndi e, à sua frente, outros rapazes variando da minha idade — 15 anos — a pouco mais de 20, todos atentos às suas palavras. Rodrigo, carioca, cativava pelo sorriso fácil, pelas frases espirituosas e observações sagazes. Ele fazia uma exposição sobre política internacional,

rodeavam e a seriedade do ambiente. Cultura, religião e política fundiam-se num só elemento, o elemento que tanto perseguira desde criança e que me fora negado seguida e impiedosamente. Meus professores, em geral, sabiam muito mal aquilo que atiravam ao vento nas salas de aula, os amigos desprezavam tudo o que não se referisse a si próprios, as poucas pessoas de meia-idade ou de idade avançada que conhecia se limitavam a olhar para trás, lembrar o que julgavam as façanhas de suas vidas e não tinham estrutura para analisar e interpretar o que acontecia a um palmo dos próprios narizes. Havia exceções, e meu avô materno era uma delas.

Deixei aquela sala meio atordoado, meio entusiasmado e pretendia — era cedo ainda — parar em algum bar e contar a meus amigos as impressões das horas anteriores. E, mais tarde, relaxar-me com as carícias de uma amiga muito íntima, um ano mais nova do que eu. Não foi possível: Hélio, um dos teefepistas, fez questão de acompanhar-me a casa e deteve-se pelo menos duas horas diante do portão para "complementar" a primeira lição. Estranhei, da mesma forma como me surpreendeu o fato de Sílvio, outro teefepista, ter-me apanhado — a pé — em minha casa, antes da reunião. Sim, quando estava terminando de preparar-me para sair, Sílvio bateu à porta, alegando que, como passava pelas imediações, resolvera "dar um pulinho" até minha casa... "Para quê", pensei, "se eu ia mesmo à reunião, como prometera?". Se não estivesse disposto a ir, afinal, seria fácil apresentar, simplesmente, um motivo para justificar minha recusa. O que não sabia era que, antes de aceitar o convite para participar da reunião, já estava sendo estudado minuciosamente e já engrenara num processo meticuloso e científico de aliciamento...

Deitei-me, e o sono demorou a envolver-me. Enquanto me remexia de um lado a outro na cama, um mundo de impressões desencontradas agitava-me a mente e revolvia-me a sensibilidade. Era impossível formar um juízo crítico sobre o que vira, discernir o lógico e razoável entre tantas informações e imagens que me foram transmitidas. Foi quando senti, pela primeira vez, toda a inquietação que o medo pode causar. Esbarrava no desconhecido, sentia a hesitação de alguém compelido a dar um passo sobre a areia movediça. Ou, ao contrário, estaria sendo solicitado a abrir as asas e voar sobre um horizonte límpido e seguro?

Este conflito me deixava ainda mais confuso e, quanto mais procurava decifrar as muitas incógnitas que penetravam em minha vida naquela noite, mais barreiras se interpunham ao meu raciocínio.

Era necessário esperar, dar tempo ao tempo, e as coisas se tornariam mais claras — foi minha decisão.

A partir desta determinação, sem que o soubesse, estava dando os primeiros passos para tornar-me, em breve, ardente defensor e militante da TFP.

2

Na manhã seguinte, nada comentei com meus pais sobre o que havia acontecido na véspera, pois, mesmo que o fizesse, não conseguiriam convencer-me do procedimento a seguir. Foi um domingo idêntico a muitos outros, fiel a uma rotina já desgastada: missa pela manhã, reunião do grupo de jovens em seguida, almoço farto, tarde tediosa e noite boêmia. Precocemente boêmia, aliás, para um rapaz de 15 anos que não escondia sua inclinação para o convívio com mulheres bonitas e descontraídas, que tocava violão e sabia comportar-se com desenvoltura nas rodas de amigos, onde, com freqüência, assumia a liderança. Gostava de beber (e raramente me embriagava) e já dava longas tragadas em cigarros que começavam a viciar-me.

Foi na segunda-feira que, pela primeira vez, senti o peso de manter vínculos com a TFP e o isolamento que envolve seus membros. Isolamento, na verdade, procurado por qualquer militante e que faz parte da vida a que se devota.

Mas isto ainda não sabia.

Aconteceu na segunda-feira que esbarrei no silêncio e frieza de Vera, minha colega de classe, quando contei que fora à sede da Organização e que participara de uma reunião. Ela me olhou de soslaio, ar de desprezo, e mudou rapidamente de assunto. Não entendi a razão daquela atitude. Afinal, fora por causa dela que dera meu nome para receber os artigos que o presidente da TFP escrevia semanalmente para a *Folha de S. Paulo*(*).

Isso havia acontecido há meses: militantes da TFP entraram em nossa classe, interrompendo a aula, falaram rapidamente de assuntos genéricos e pediram aos que se quisessem informar sobre os temas mais variados — Política, Religião, Economia, História — que preenchessem um impresso, entregue por eles, mencionando nome e endereço, para receber os artigos do professor Plínio. "Um

(*) Ele ainda os escreve, mas esporadicamente.

homem respeitado pela intelectualidade brasileira, admirado nos meios religiosos, temido por seus adversários políticos" — comentaram os teefepistas a respeito dele, quase reverencialmente.

Muito bem, mesmo esta argumentação entusiástica não conquistara minha adesão. Mas Vera, a quem admirava muito e que estudava comigo pela segunda vez, foi das primeiras pessoas a preencher e entregar o impresso. O estímulo, agora, era contundente. Assinei e passei a receber com regularidade os artigos, lendo-os quase sempre e nada ou quase nada entendendo. Algum tempo depois, recebi a visita de Sílvio, membro da TFP que, após longa conversa, me convidou a assistir a uma palestra na sede da Organização. No meio da semana, quando menos esperava, Sílvio voltou a visitar-me. Conversamos bastante — duas, três horas — e acabei tendo simpatia por ele.

Ele era mais velho, estava terminando o colegial (eu mal o começara) e se demonstrava convicto do que falava. Estranhava-me um pouco sua maneira de vestir, bastante *demodé*, mas, enfim — pensava — cada um se veste como acha que deve. Mais tarde constatei: Silvio vestia-se de modo idêntico a Hélio, Hélio a Geraldo, Geraldo a Antônio — todos membros da Organização —, e assim por diante. Camisa social quando se estava na escola ou na rua, calça larga não podendo ultrapasssar os tornozelos, sapatos sociais pretos, gravata e paletó quando se estava no interior das sedes ou em trabalhos de rua: esse "uniforme" não me agradava, mas não me preocupava com ele. Pois, até aquele momento, nada me fazia pressentir que um dia estaria trajando justamente aquilo... e acreditando ser aquela a maneira correta de vestir, o traje mais elegante e o que melhor compostura induzia a quem o usasse.

Interiormente, não dissimulava o entusiasmo pelos novos amigos que estava amealhando, pelo novo ambiente que freqüentava e pelas idéias que, pouco a pouco, passava a defender. Não sabia aonde poderia chegar, e aquele medo inicial desaparecia gradualmente, à medida que visitava com mais regularidade a sede da Organização. Pensava — e não demoraria muito a constatar o quanto estava errado — poder levar minha vida normalmente, tal como a projetara, ao mesmo tempo em que, nas horas vagas, me ocuparia das idéias da TFP. Poderia até participar de suas *campanhas* (isto é, a venda, nas ruas, de seus livros e jornais), fazer estágios nas sedes centrais, em São Paulo, mas não, isto não, seria incapaz de deixar-me dominar inteiramente por seus princípios e hábitos. Continuava fumando, bebendo regularmente, vestindo-me como de costume e sentia-me empolgado por minha primeira conquista sentimental — Suzan.

Ela era bonita, elegante, meiga e disputava com a TFP meus pensamentos. Disputava e ganhava de longe, tal a insistência com que sua lembrança me envolvia. Eu era muito jovem ainda para saber o que era amor, mas aquilo que sentia por ela não estava longe da verdadeira manifestação desse sentimento.

Enganava-me, porém, ao julgar que pudesse levar vida autônoma em relação à TFP. Seria impossível comportar-me como todo rapaz de minha idade depois de a ela aderir. Esta verdade iria doer-me muito no momento em que a descobrisse, e, até, lá, estaria suficientemente convencido a amoldado para acatá-la.

Minha vida parecia transcorrer normalmente, embora já pudesse sentir que algo mudava dentro e fora de mim. Sabia que mudava e estava de mãos atadas para impedir que o processo de transformação avançasse e se completasse por inteiro. Pouco a pouco, assimilava com menos resistência as novas idéias, que se refletiam em meu procedimento. Era vulnerável a essas idéias, e meus aliciadores sabiam muito bem explorar meus pontos fracos. Sempre fora extrovertido e não conseguia esconder o que de mais íntimo passava em meu interior. Queixava-me a eles — inicialmente com certa relutância, depois com total abertura — do isolamento que sentia em relação a meus colegas e amigos.

Interioranos que éramos, faltava a meus amigos o interesse em conhecer o que se passava fora de nosso restrito círculo social. Nossas conversas eram frustrantes, vazias e careciam de qualquer elemento que as tornasse sólidas. Para eles, qualquer coisa que ocorresse além das fronteiras de nossa cidade — Londrina — jamais mereceria a atenção, com exceção, às vezes, de um fato extremamente grave. Que logo, muito logo, cairia no esquecimento total, e voltaríamos a falar somente de coisas miúdas.

Esse horizonte estreito me asfixiava. Meu refúgio eram as longas horas que passava recolhido, lendo, ouvindo música ou simplesmente deixando vagar meu pensamento, sonhando com outros países, outros horizontes, outros costumes. Ou, então, passeando pelas ruas pouco movimentadas, apreciando a arquitetura das casas, os detalhes mais escondidos dos jardins, o colorido das flores e folhagens, a algazarra dos pardais e andorinhas. E, quando algum pássaro incomum brincava entre as ramagens, não poupava tempo para observar suas cores e movimentos.

Precisava encontrar ressonância em outras pessoas. Aqueles teefepistas que conhecera me pareciam os interlocutores ideais.

3

Para Suzan, meus novos contatos não eram segredo. Conversávamos muito, abríamo-nos sem reservas um para o outro, porém não nos permitíamos intimidades físicas. Um romance de adolescentes, ingênuo e virginal, que nos consumia, dominava nosso pensamento e inspirava nossos atos. Estudávamos no mesmo colégio, encontrávamo-nos diariamente mesmo antes do início das aulas, víamo-nos nos intervalos e sempre a acompanhava para casa no final das aulas. À tarde eram comuns nossos encontros, que se estendiam após o pôr-do-sol. Nesse momento é que nossas semelhanças se acentuavam, pois, quando o céu se tingia de vermelho e nossos rostos eram envoltos pela penumbra, nossas mentes pareciam fundir-se numa só. As palavras tornavam-se mais dóceis, nossas vozes se aveludavam. Muitas vezes ficávamos longo tempo sem conversar, fitando-nos nos olhos, deixando-nos envolver pelo silêncio e pelos últimos raios de sol.

Sonhávamos com um mundo mais humano, mais justo e mais bonito. Desgostava-nos a arquitetura simples ou mesquinha da maioria das casas e edifícios de nossa cidade, não nos conformávamos com o estilo de vida das pessoas que nos rodeavam, frustrava-mo-nos ter de conviver com mentalidades tão provincianas. Queríamos que o mundo permitisse às pessoas desfrutar dos prazeres da vida e que as pessoas conhecessem e usufruíssem o que a vida pode oferecer de agradável — a contemplação da Natureza, a boa comida, as amizades, o amor, entre tantas outras coisas. Ao voltarmos de nossos devaneios, sentíamo-nos deprimidos com a visão ao nosso redor. Que fazer para transformar em maravilhas aquela cidade e aquelas pessoas pálidas? E, a partir daí, como transformar o mundo segundo nossos padrões estéticos e sociais?

Algumas semanas depois de conhecer Suzan participei da primeira reunião da TFP. Rodrigo, o carioca que a coordenava, falava com desenvoltura sobre as mais recentes táticas dos comunistas, "científica e maquiavelicamente elaboradas", para conquistar a opinião pública ocidental. O Ocidente — dizia — não percebia que era alvo de uma campanha contínua e infatigável, dirigida por detrás da cortina-de-ferro, que visava a um grande objetivo: dominar e controlar as mentes ocidentais, enfraquecer os governos, minar as estruturas sociais e políticas, para, finalmente, unir ao império totalitário o resto das nações livres.

— Nunca o mundo passou antes por período tão ameaçador, jamais os riscos foram tantos — exclamava o militante, gesticulando e contraindo os músculos da face para causar ainda maior efeito. — É indispensável que acordemos para este perigo, que unamos todas as nossas forças para impedir o avanço do inimigo, o comunismo ateu e escravizante — continuava, para sentenciar, enfático: — Aqueles que cruzarem os braços diante desta realidade serão julgados posteriormente pela História e condenados para o resto dos tempos por essa traição execrável.

Lutar em defesa do Ocidente! Não permitir que meu país e os outros países livres mergulhassem na pobreza e se dissolvessem na escravidão! Este ideal despontava-me como de grande nobreza, missão para a qual todos, indistintamente, estávamos sendo convocados. As palavras de Rodrigo, portanto, convidavam-me a lutar por uma causa que me parecia justa. Não era isto o que sempre quisera, procurara e encontrara? Pois ali estava — julgava — o ideal que deveria abraçar. Como? Ora, como qualquer pessoa faz diante de qualquer missão: dedica-se a ela com todo o empenho, sacrifica-se por ela, luta em sua defesa. O que, obrigatoriamente, não implica o abandono da vida particular, o rompimento de laços familiares e afetivos, a aniquilação da personalidade para a absorção de uma outra...

Estava empolgado por ter descoberto, enfim, um objetivo de vida. No colégio, no grupo de jovens, no círculo de amizades procurava fazer que todos soubessem disso e tentava conquistar novos adeptos para a causa. Faltavam-me, porém, argumentos mais fortes, capazes de vencer as desconfianças e resistências maldissimuladas de meus amigos e, ainda, para sobrepor-me aos ataques que, desde então, se tornariam constantes e crescentes.

Suzan sabia disso e procurava encorajar-me a não desistir, mas seus argumentos eram ainda mais frágeis que os meus. No entanto, seu sorriso meigo e seus conselhos carinhosos me davam estímulo e energia para continuar. Muitas coisas ela não compreendia; mesmo assim, tentava ser dócil para não me magoar. "O perigo comunista é real como seus amigos estão dizendo? O mundo caminha mesmo para o caos?" Estas eram algumas de suas dúvidas (ou, talvez, advertências veladas), de que, aliás, eu compartilhava e tentava superar.

— Como? O comunismo é intrinsecamente mau, perverso, ateu: ele quer a destruição da civilização cristã e ocidental, quer escravizar-nos, quer a ruína de nossas famílias — apressavam-se a retrucar os adeptos da TFP, sem saber, entretanto, de meu envolvimento com Suzan. — As pessoas — continuavam — são perversas, não querem senão o prazer, esqueceram-se dos Mandamentos, deram

as costas à Igreja. Por isso, poucos — ou melhor, raros, raríssimos — são os que salvarão suas almas. Nunca o mundo esteve tão ateizado, embora a maioria das pessoas se diga crente em Deus; nunca a Religião foi espezinhada como agora, mesmo que as igrejas, aos domingos, estejam repletas. A castidade, ah! a castidade!, é uma virtude que não só é desrespeitada como ninguém ousa falar dela publicamente, tampouco reservadamente.

— É, é verdade — respondia, sem jeito, pensando no quanto era agradável o relacionamento íntimo com uma mulher e nas lembranças que essas carícias me deixavam por longo tempo. Pouca ou quase nenhuma experiência tinha quanto a isso, mas o que experimentara me marcara profundamente. "Não tem importância" — reagia —, "pois, se for preciso recusar isto, recusarei, sabendo que este é o desejo de Deus. A religião ensinou-me que isto é errado, e deve ser, portanto. Custe o que custar, serei fiel a esse preceito".

Só que, entre a teoria e a prática, muito tempo e muito esforço seriam consumidos...

4

As visitas à sede da Organização tornavam-se sempre mais constantes e regulares. De uma vez por semana, aos sábados, estendi-as também às noites de domingo. Depois, pouco a pouco, às quartas ou quintas-feiras e, ainda, a um ou outro dia da semana, aproveitando as horas vagas — o intervalo do trabalho, uma aula gazeada. Tornava-me, assim, mais familiar aos teefepistas e começava a compreender algumas coisas antes muito confusas: um pouco de História, sempre apresentada como a luta entre o Bem e o Mal, e alguns princípios mais amplos de Religião. A leitura dos jornais era hábito comum entre eles e, por isso, as conversas giravam geralmente sobre os acontecimentos que lhes pareciam mais importantes. A guerra do Vietnã, por exemplo, que ocupava as manchetes dos jornais, já se prenunciando que os Estados Unidos não tardariam a se retirar daquele país, pois, a cada dia, aumentava a resistência vietcong e a inapetência dos soldados norte-americanos em continuarem combatendo.

— O Vietnã é a Suíça do Sudeste Asiático — comentavam os teefepistas —, um país de forte tradição religiosa, de costumes sóbrios. Além disso, ele ocupa posição estratégica no Sudeste Asiático, vital aos interesses ocidentais. Os comunistas querem dominá-lo, e o Ocidente não pode ficar indiferente a isto, porque, agindo desta forma, estará fechando os olhos para seu próprio

futuro. Os Estados Unidos têm o dever de defender a liberdade do povo vietnamita, e não se entende por que a imprensa, a norte-americana principalmente, seja contrária ao prosseguimento da guerra.

Nossas conversas sempre tinham como música de fundo alguns minuetos de Boccherini ou outros compositores clássicos e, principalmente, músicas religiosas e marchas militares. As conversas oscilavam em temas variados, desde política a religião, passando por artes e costumes. Não se desprezavam até alguns comentários sobre culinária e, pela primeira vez em minha vida, soube de alguns pratos exóticos da cozinha francesa. A França, aliás, era apresentada como o supra-sumo da cultura, da inteligência, do brilho. E da civilização. "A França é a filha primogênita da Igreja" — diziam os teefepistas —, "e seu passado foi marcado por atos grandiosos, por figuras históricas e legendárias. O mundo é hoje o que é — desbotado, cinzento — porque recusou gradualmente o *esprit de vivre* francês e, por extensão, católico.".

Falava-se muito sobre a França e, em segundo lugar, sobre a Europa, e sempre com grande entusiasmo. Toda pequena explicação era precedida, ou complementada, por feitos e frases de personagens históricos, e não faltava até menção a lendas ou figuras lendárias. "A lenda é um fato não comprovado historicamente, no qual muitas pessoas acreditaram durante seguidas gerações, o que a aproxima da verdade ou pelo menos contém algo de verdade", diziam-me eles. Carlos Magno, Luís IX, os Bourbons eram constantemente apresentados como modelos de combatividade, idealismo e elegância.

A vida dos santos ocupava lugar de destaque nas conversas. Suas virtudes eram exaltadas, seus grandes sacrifícios e provações mostrados como ideal de conduta. Entre todos os santos, dois mereciam grande respeito: Luís Maria Grignion de Montfort, por ter sido, segundo eles, o maior devoto da Virgem Maria, e Santa Teresinha, exemplo de pureza.

Tornava-se cada vez mais claro, com o tempo, que deveria abandonar definitivamente a maioria dos meus hábitos, pois, do contrário, seria impossível conciliar minha vida com os princípios que me eram apresentados como verdades irrefutáveis. Ninguém me pediu explicitamente que deixasse de fumar, mas as reações de desagrado que se manifestavam à minha volta, toda vez que acendia um cigarro, não deixavam dúvida de que este meu vício incipiente deveria ser abandonado. Beber? "Todo alcóolatra é um fraco, irresponsável, e toda pessoa que se embriaga comete pecado

mortal" — sentenciavam, fazendo que eu começasse a estremecer diante desta palavra que, nos anos seguintes, me atormentaria incessantemente: *pecado mortal*!

Aos poucos, minhas calças se alargavam. Minhas camisas, antes tão coloridas, adquiriam tonalidades cada vez mais discretas. Meus sapatos esportivos foram substituídos pelos sociais, mas ainda conservavam os vários tons de marrom, contrastando com o preto uniformizado dos teefepistas. Meu sapato azul de domingo — meu orgulho! — acabou atirado a uma lixeira. Não era necessário mais discutir com meu pai sobre o comprimento de meus cabelos: ele os quisera sempre bem aparados, eu preferira deixá-los mais abundantes; agora, eu não admitia mais que um fio de cabelo sequer se sobrepusesse às minhas orelhas.

Meus amigos não ficaram indiferentes à minha mudança gradual. Queixavam-se de que não mais me comportava com eles como antes, estranhavam algumas palavras que nunca pronunciara e que já faziam parte de meu vocabulário usual, ironizavam meus trajes, mais sóbrios e formais, e não compreendiam minha recusa em participar das festas e rodadas de bar. As serenatas — nossas serenatas poéticas e desafinadas! — tornavam-se um ritual enfadonho, no qual me sentia desambientado, assustado e, por fim, arredio. Doei meu violão novo para um parente, pouco me importando com o indisfarçável, mas resignado, desapontamento de minha mãe.

— Temos de seguir o exemplo de Hernán Cortez, o conquistador do México, que queimou os navios para que seus homens não se sentissem atraídos a retornar à Espanha quando a batalha parecia perdida — comentou, certa vez, Rodrigo, pouco antes de ser remanejado para outra cidade.

A atitude de Cortez era apropriada para as circunstâncias. A "queima de navios", segundo o teefepista, significava que já estava na hora de romper os laços com o "mundo exterior". A Organização precisava de "homens corajosos, idealistas e abnegados". A causa que se propunha era "grande demais para admitir meios-termos". Ou tudo ou nada, em síntese. Por quê? "Porque o mundo se tornou espúrio, contagiante." Por isso, era necessário que mantivéssemos a máxima distância possível de tudo o que não se relacionasse com a causa e hábitos da TFP.

E Suzan? — indagava-me eu, procurando encontrar as justificativas que me convencessem de que não seria necessário recusá-la também.

Ela não representava o único ponto de discórdia naquele momento. Havia ainda minha família, meus amigos, minha escola, meus projetos...

5 -

— O senhor já pensou em ir a São Paulo conhecer as sedes da TFP e o doutor Plínio? — perguntou-me, numa noite, um dos militantes, enquanto descrevia o estilo e a decoração da sede central da Organização, a "Sede do Reino de Maria", então já transferida da rua Pará para a Maranhão, no bairro de Higienópolis. Sua descrição empolgada e empolgante me dava a impressão de tratar-se de majestoso e luxuoso palácio, no estilo dos que proliferaram na França durante o reinado dos Bourbons.

— É, seria muito interessante, sim, mas...

— Mas o quê?

— Bem, acontece que... é...

— O senhor está sem dinheiro, não é?

— Não, não é isto, é que vai ser difícil ficar muitos dias fora.

— Ora, basta um final de semana para o senhor conhecer pelo menos o mais importante: a "Sede do Reino de Maria" e o doutor Plínio.

— Tudo bem, mas... acho que no momento não vou ter o dinheiro suficiente.

— Ah, era isto, eu sabia! Não tem importância. O pessoal está organizando uma excursão, e o senhor pode aproveitar a carona. O transporte e a hospedagem estão garantidos. O resto fica por sua conta. *D'accord?*

— Combinado. É só marcar a data de viagem, desde que seja mesmo somente durante um fim de semana.

Fui.

A "Sede do Reino de Maria" é mesmo deslumbrante. Glênio, o militante que me ciceroneou em São Paulo, enrijecia o porte quando explicava o significado de cada sala, a razão de ser de todo objeto ali instalado. Estandartes de veludo italiano, móveis europeus, tapetes persas, no chão e nas paredes, vitrais, lustres de cristal, sofás de seda...

Tudo estava cuidadosamente arranjado, bem cuidado e planejadamente disposto. A casa, uma aristocrática mansão, domina parte do quarteirão onde está instalada por ter sido construída sobre terreno elevado, três metros acima do nível da rua, nas esquinas das ruas Maranhão e Itacolomi. Se não bastasse essa imponência, um

enorme estandarte vermelho permanece hasteado constantemente, iluminado à noite por potentes holofotes. Uma estátua de mármore branco da Virgem e do Menino Jesus recebe os visitantes assim que contornam uma sinuosa e alta escadaria. Sempre e invariavelmente, há pessoas cuidando da segurança do local.

Na parte inferior da mansão, já na recepção o visitante sente o forte e agradável cheiro de lambris, tapetes finos e carpetes, zelosamente cuidados. A capela possui móveis rústicos, doados por alguma igreja que os rejeitou, um altar de madeira entalhada e vitrais claros que filtram no ambiente uma luz diáfana. Um saguão, com quadros de Maria Antonieta e Luis XV, lambris do teto ao soalho — no qual está incrustada a figura de um leão —, ocupa o espaço nobre do andar térreo, tendo à sua direita a "Sala da Ordem Imediata", com sofás e poltronas em estilo inglês, uma estante de madeira com livros raros. Ao fundo, há uma pequena sala separada por uma porta de cristal, fartamente iluminada por um lustre elegante, também de cristal, com sofás de seda adornados com motivos renascentistas, doados pelos Órleans e Bragança, dois dos quais são adeptos da Organização. E, ainda, um pequeno estúdio, ao lado da escadaria, reservado para conversas particulares entre os militantes.

No andar superior, um sino de bronze domina a escadaria, que termina quase à entrada da sala do presidente da TFP, à esquerda. Esta é uma sala de dois compartimentos, divididos por um arco. O primeiro destina-se ao trabalho do líder, com uma escrivaninha simples, em frente à imagem, de madeira, de São Tomás de Aquino, e algumas cadeiras; o outro é decorado com sofás de veludo, lustres, cortinas de seda, quadros originais e um altar com a foto de Pio X, constantemente iluminado por uma vela.

Em frente à escadaria está a "Sala do Reino de Maria", a mais nobre de todas, sala destinada às reuniões solenes da cúpula da Organização — que não se restringe apenas ao Conselho Nacional, envolvendo também sócios e militantes veteranos. Ali, as conversas em voz alta são proibidas, a postura tem de ser impecável, as risadas são consideradas um ultraje. Uma luz tênue e multicolorida preenche o ambiente, dividido também em dois setores. O primeiro, mais luxuoso, é ocupado pela *pupitre*, a cátedra do professor Plínio — móvel fino, de cerejeira, talhado à mão com desenhos e frases em latim, destacando-se a figura de um leão (o símbolo da TFP) golpeando com uma espada um deformado e horripilante dragão (símbolo do Mal) —; o estandarte-mor, as cadeiras de espaldar alto e reto, revestidas de veludo e inscrustadas de pedras

semipreciosas, destinadas aos Membros do Conselho Nacional; luminárias e tapetes persas.

No centro da sala, sobre uma banqueta delicada com uma almofada de veludo vermelho, está a coroa, de prata e ornada em profusão com pedras preciosas e semipreciosas. Essa jóia simboliza o reinado de Maria sobre a Terra, que se concretizará após a derrota da Revolução e o triunfo da Contra-Revolução. (*)

O segundo setor, com cadeiras mais simples e dispostas sobre degraus característicos de um pequeno anfiteatro, é reservado aos escalões intermediários da Organização durante as reuniões solenes. Solenes e reservadas, porque a um membro de nível inferior o acesso a elas é vedado.

Há ainda mais quatro ou cinco salas, algumas de uso exclusivo dos dirigentes da Organização. As outras servem para reuniões de trabalhos dos líderes e, às vezes, às reuniões de alguns grupos de membros mais jovens.

Glênio levou-me também para conhecer outras das sedes principais, uma na rua Martim Francisco, onde existe um oratório público construído após a explosão de uma bomba no local, em 1968, três ou quatro na Martinico Prado, o maior conglomerado da Organização. Hoje, no fundo de uma delas, nessa rua, está instalado o Auditório São Miguel, com capacidade para cerca de 400 pessoas. Suas colunas, mediterrâneas, são decoradas ao estilo medieval, sobressaindo-se os estandartes multicoloridos espalhados pelas paredes e teto. Em forma de anfiteatro, sua parte nobre é ocupada por uma grande mesa, elevada e revestida de pedras, reservada ao conferencista — em raras exceções, outra pessoa que não o próprio doutor Plínio. Mas ele preferia uma cadeira, colocada sobre um estrado que preenche parte do corredor entre a mesa e a primeira fileira de cadeiras, para sentir-se mais próximo de seus assistentes. Sobre a mesa havia a miniatura em bronze de um canhão e, nas laterais, alabardas e outras armas medievais.

Numa das sedes, uma faixa afixada sobre o mostruário reproduzia frase atribuída a Plínio Correa e, ao lê-la, compreendi a razão de os membros da TFP não abrirem mão de suas convicções. A frase, que me pareceu palavra de ordem, dizia: "A intransigência atrai, arrasta e entusiasma".

(*) Este tema será desenvolvido no próximo capítulo.

6

A viagem a São Paulo durou dois dias, contando-se o sábado, quando gastamos a maior parte do tempo em trânsito. Ao chegarmos, no final da tarde, não havia companheiro que não se queixasse do mal-estar provocado pelas longas horas de viagem sob um sol causticante. Mesmo assim, não teríamos tempo para descansar: antes do jantar, todos deveríamos banhar-nos para receber a Comunhão (o que estava impedido de fazer, por não ter confessado) e, depois, nossos cicerones não nos deixariam livres até que chegasse o grande momento do dia — a reunião de sábado à noite com o doutor Plínio, ansiosamente esperada por todos durante a semana.

O presidente da TFP chegou no horário previsto, preferindo retardar um pouco a reunião, que, naquela ocasião, se realizava ainda no antigo auditório, também no fundo de uma das sedes, na mesma Martinico Prado — só que bem mais modesto, retraído e desconfortável. Fazia calor intenso, o ar não tinha como circular, as pessoas amontoavam-se umas sobre as outras porque não havia cadeiras disponíveis para acomodar a terça parte dos assistentes. Mas, à chegada do líder, poucos foram os que permaneceram na sala, preferindo aglomerar-se ao redor dele, numa varanda lateral.

Glênio puxou-me com força pelo braço e abriu caminho entre os teefepistas para podermos aproximar-nos do líder.

— Olhe, ali está o doutor Plínio — apontou, sem soltar-me, deixando sair de seus olhos um brilho estranho, entusiástico.

Queria conhecer pessoalmente o professor Plínio, sim, mas não podia compreender por que teria de fazê-lo em meio a tanta aglomeração, naquela noite sufocante e naquele momento impróprio. Afinal, não o veria de perto durante a reunião, que logo começaria?

Cheguei perto dele, detive-me em suas feições e corri os olhos sobre suas roupas. Ele trajava um terno de tecido grosso e sóbrio, as calças sustentadas por um suspensório, o paletó desabotoado, uma gravata impecavelmente alinhada. Seu chapéu, um dos que o cercavam o segurava, e ele falava algo que eu não conseguia captar, mesclando suas palavras com gestos comedidos e, devido à sua idade, levemente trêmulos.

Vi-o e procurei afastar-me, não suportando o mormaço que umedecia minhas roupas e mal me agüentando em pé por causa do cansaço que aumentava progressivamente.

Mas Glênio deteve-me.

— Olha, é o doutor Plínio — insistiu.

— É, já o vi — respondi, tentando livrar-me de sua mão.

— O senhor não está vendo, é o doutor Plínio! Aquele, à esquerda!

— Estou vendo, sim, é ele, eu sei. Por favor, dá licença — retruquei, forçando a saída da roda.

Respirei aliviado ao sair e notei que quase ninguém permanecia na sala de reunião. Havia umas cem pessoas rodeando o líder, esticando-se na ponta dos pés para vê-lo e escutá-lo melhor. Fui ao banheiro, enxagüei demoradamente o rosto. Respirava com dificuldade, tamanho o cansaço.

De repente, o som agudo de um sino anunciou que a reunião ia começar. Houve um tumulto passageiro quando as pessoas procuraram recuperar os lugares abandonados anteriormente. Assim que o silêncio dominou o ambiente, o professor Plínio entrou na sala, imponente, dando passos cadenciados e fortes. Seus movimentos eram observados atentamente pelos presentes, todos em pé e voltados para ele durante sua passagem. No fundo e na frente da sala, por duas frestas nas paredes, os canos de várias armas de grosso calibre passeavam constantemente de um lado a outro. Lá fora, o portão de ferro fora fechado, seguranças postavam-se em lugares estratégicos, o sistema de alarme era acionado.

2

A conspiração das Trevas que destruiu a Idade Média

Exceto as palavras do líder, quase nenhum outro ruído era ouvido. Plínio falava em tom grave, olhando a todos profundamente nos olhos, procurando dirigir a reunião de acordo com a disposição dos assistentes. Para interrompê-lo, era preciso ficar em pé e pronunciar, em latim, a fórmula invariável: *Pugnemus pro Domina*, o que significa "Lutemos por Maria". E o líder respondia: *Quis ut Virgo*,"Assim a Virgem o quer". Só então a palavra estava liberada.

— *Dominus Plinius*, quais os maiores obstáculos que um *membro do grupo* tem de superar para atingir estas virtudes que o senhor está exaltando? — interrompeu no meio da reunião um adepto da Organização, dirigindo-se ao líder, a quem todos tratam de *Dominus Plinius*, o mesmo que Senhor Plínio, para evitar chamá-lo de doutor — "este qualificativo prosaico que hoje em dia não significa mais nada, além de ser essencialmente igualitário", explicar-me-ia mais tarde Glênio, justificando-me também a razão da segurança em torno do professor Plínio e das sedes centrais da Organização:

— Já fomos vítimas de um atentado terrorista e, por sugestão do secretário de Segurança de São Paulo (*), montamos guarda em nossas sedes e protegemos a integridade de *Dominus Plinius*, o mais visado entre todos os *membros do grupo*.

(*) Na ocasião, o coronel Erasmo Dias.

(*Membro do grupo* é o tratamento aplicado internamente para designar os adeptos da Organização. A expressão deriva de um pequeno grupo de pessoas leais a Plínio Correa e que mais tarde veio a constituir a cúpula da TFP. A TFP é tratada por seus adeptos como o *grupo*.)

2

As raízes da TFP se encontram nas divergências de Plínio com a Ação Católica, na década de 30, depois que ele a acusou de estar-se modernizando e, portanto, afastando-se dos ensinamentos tradicionais da Igreja. Filho de tradicional família pernambucana, mais tarde radicada em São Paulo, Plínio Correa, advogado e professor (há anos aposentado), dedicou-se desde jovem à Igreja e, aos 24 anos, apoiado pelo eleitorado católico, elegeu-se deputado constituinte, em 1932. A Igreja, então, controlava com mais facilidade a sociedade, em todos os níveis, e ele, o candidato da Liga Eleitoral Católica, foi um dos deputados mais votados.

Isolado na Congregação Mariana, dissidente e combatido na Ação Católica — que chegou a presidir, em nível nacional —, fundou o semanário *Legionário*, por vários anos o órgão oficioso da Arquidiocese de São Paulo. No jornal, auxiliado por alguns dos atuais diretores da Organização, combateu a posição dos setores modernistas da Igreja e, por isso, acabou esbarrando em portas cada vez mais estreitas nos ambientes onde, até então, circulava à vontade.

Nessa trajetória para o quase total isolamento dos meios oficiais católicos, Plínio contou com dois auxiliares preciosíssimos: os bispos Antonio de Castro Mayer e Geraldo de Proença Sigaud, este último promovido posteriormente a arcebispo de Diamantina, em Minas Gerais, onde faleceu. Os dois, igualmente, foram progressivamente marginalizados nos círculos clericais. Dom Sigaud foi um dos co-autores do livro *Reforma Agrária, Questão de Consciência*, classificado pela TFP como "o estopim da Revolução de 64", por "ter alertado as elites brasileiras sobre o perigo comunista que se aproximava, embutido no projeto de reforma agrária do governo João Goulart". Na ocasião em que participou da redação desse livro, dom Sigaud já apresentava sinais de defecção. Ele rompeu com a Organização pouco depois de transferir-se para Diamantina.

Restou, então, à TFP apenas um forte aliado junto ao episcopado: dom Mayer, apresentado como o único remanescente, no Brasil, da Igreja tradicional, o religioso que dava à Organização,

com seu apoio, o reconhecimento de um setor oficial do clero. Sem ele, a TFP não poderia fazer muitas das coisas que fez, pois seu *nihil obstat* era necessário para respaldar suas campanhas e posicionamentos. Dom Mayer, por sua vez, precisava da TFP para impor mais respeito entre seus pares e conquistar maior subordinação de seus fiéis da diocese de Campos, até sua aposentadoria, em 1982. (*)

A TFP surgiu, portanto, do confronto de duas correntes inconciliáveis no interior da Igreja Católica. De um lado, os tradicionalistas, que assistem sem nada poder ao êxodo em suas fileiras; de outro, os progressistas, mais fortes com o passar do tempo, porém, da mesma forma, sem o poder que gostariam de ter junto aos fiéis. Pois os católicos, hoje como no passado, não aceitam por completo as doutrinas propaladas pela ala progressista e, igualmente, mostram-se recalcitrantes às pregações dos tradicionalistas.

Para evitar a deserção maciça dos católicos em relação às doutrinas da Igreja, ou "para que Satanás não domine o Templo de Deus", na expressão corrente entre seus adeptos, foi criada a TFP. Organização que, legalmente, é registrada como "entidade filantrópica, civil e anticomunista, sem fins lucrativos". Por que a trilogia Tradição, Família e Propriedade? Porque — explicam — esses são os três valores básicos, a "pedra angular" da civilização cristã. A Tradição é o conjunto de ensinamentos acumulados pela Igreja durante os séculos, a soma de conhecimentos adquiridos desde o início dos tempos, a preservação dos ensinamentos dos patriarcas, profetas e apóstolos. A Família é a *cellula mater* da sociedade: sem ela não há harmonia social, sem ela não há educação, sem ela não há prosperidade. E a Propriedade é o instrumento do progresso social, do bem-estar da família e da realização pessoal do homem.

Dizendo apoiar-se na doutrina social da Igreja, a TFP encara como principal inimigo do mundo contemporâneo o comunismo, classificando-o como "uma seita filosófica, atéia, materialista e hegeliana, que deduz de seus errôneos princípios toda uma concepção peculiar do homem, da sociedade, da economia e da cultura". (**) Assim como se propaga através das idéias, às quais serve uma diabólica máquina de propaganda mundial, o comunismo, segundo os dirigentes da Organização, tem de ser combatido prioritariamente no terreno das idéias, embora, em alguns casos, não se

(*) Dom Mayer também se afastou da TFP, em meados de 1984.

(**) *Baldeação Ideológica Inadvertida e Diálogo*, Plínio Correa de Oliveira, Editora Vera Cruz.

exclua o recurso às armas. Em que situações? São muitas e diversificadas, mas essencialmente quando um país estiver ameaçado diretamente pelos comunistas — no caso de uma invasão ou quando esse país for agitado por grupos comunistas que se aproximam do poder, por exemplo.

O comunismo, para a TFP, é o inimigo imediato, e urge impedir que ele avance dominando outros países e infiltrando-se nas instituições; e é imprescindível fazê-lo recuar no interior de suas próprias fronteiras, usando, tal como ele, a mesma arma: a guerra psicológica, planejada, científica se possível. Mas essa é uma tarefa sobre-humana — lamenta a Organização — porque o comunismo conta com grande aliado, "sem o qual jamais teria alcançado seu avanço extraordinário". Esse aliado, sutil, impalpável, corrosivo, é a mentalidade do homem contemporâneo — "laica, pragmática, egoísta". Mentalidade que se vem deteriorando gradativamente não só nas últimas décadas, posteriores à Revolução de Outubro, mas que foi atingida pelo vírus da laicização há pelo menos seis séculos, a partir do que vem sendo trabalhada e manipulada por um processo constante, "ardilosamente urdido e aplicado pelos inimigos da civilização cristã".

3

Essa conspiração das Trevas, segundo Plínio Correa, ocorreu ainda em pleno apogeu da Idade Média, período em que parte do mundo aplicou em seu mais alto grau os ensinamentos da Igreja Católica. A Igreja não reinava, mas sua doutrina governava reis, príncipes, nações e instituições. A Europa, onde a Igreja floresceu e de onde estendeu sua influência e poder ao resto do mundo — enfrentando, é verdade, resistências profundas em diversos países, principalmente árabes e asiáticos —, amoldou-se ao espírito católico. Os trajes, a arquitetura, a cultura, a hierarquia, o modo de vida, enfim, deste continente refletiam fielmente os princípios da Igreja.

Em *Revolução e Contra-Revolução*, o livro que traz a filosofia básica da TFP, o professor Plínio cita um trecho da encíclica *Immortale Dei*, de Leão XIII, para demonstrar o esplendor medieval: "Tempo houve em que a filosofia do Evangelho governava os Estados. Nessa época, a influência da sabedoria cristã e de suas virtudes divinas penetrava as leis, as instituições, os costumes dos povos, todas as categorias e todas as relações da sociedade civil. Então, a religião instituída por Jesus Cristo, solidamente estabelecida no grau e na dignidade que lhes são devidos, era florescente em

toda a parte, graças ao favor dos príncipes e à proteção legítima dos magistrados. O sacerdócio e o império eram ligados entre si por uma feliz harmonia e pelo intercâmbio amigável de bons ofícios. Organizada de tal modo, a sociedade civil deu frutos superiores a qualquer expectativa, cuja memória subsiste e subsistirá, confirmada por inúmeros documentos que nenhum artifício dos adversários poderá obscurecer ou corromper".(*)

Como tal estrutura social, rígida e enraizada, pôde, então, ser abalada e deteriorar-se progressivamente nos séculos seguintes, a ponto de hoje estar praticamente destruída? É Plínio Correa quem responde, em *Revolução e Contra-Revolução*: "Claro está que um processo como esse jamais chegaria a bom termo se não fosse conduzido por cérebros privilegiados. Negar essa evidência seria o mesmo que acreditar que um punhado de letras, atiradas por uma janela, pudesse formar no chão uma poesia como, por exemplo, a *Ode a Satã*, de Bocaccio".

Os idealizadores e condutores deste processo de destruição, afirma ele, são a "Maçonaria e as demais forças secretas".

Esses agentes do caos e do Mal, revoltados contra a "ordem e a legitimidade por excelência", representada pela Idade Média com sua disposição social, política, econômica e principalmente religiosa, desencadearam uma "crise de gigantescas proporções". Uma crise "processiva, total, dominante, una e universal": a Revolução.

O primeiro sintoma da Revolução manifestou-se no século XIV, quando se "começa a observar, na Europa cristã, uma transformação de mentalidade que, no curso do século XIV, se torna sempre mais clara. O apetite dos prazeres terrenos transforma-se em ânsia. Os divertimentos tornam-se sempre mais freqüentes e suntuosos, e os homens preocupam-se com eles cada vez mais. Nos hábitos, nas maneiras, na linguagem, na literatura e na arte, o desejo crescente por uma vida cheia de deleites da fantasia e dos sentidos vai produzindo progressivas manifestações de sensualidade e de preguiça. Há uma gradual deterioração da seriedade e da austeridade dos antigos tempos. Tudo tende ao risonho, ao gracioso, ao festivo. Os corações distanciam-se pouco a pouco do amor ao sacrifício, da

(*)A transcrição — e outras posteriores desse livro — pode não ser idêntica à contida na edição portuguesa de *Revolução e Contra-Revolução*, porque foi extraída da edição italiana (*Rivoluzione e Contro-rivoluzione*, Edizione Dell'Albero, 1964).

verdadeira devoção à Cruz, das aspirações à santidade e à vida eterna. A Cavalaria, outrora uma das mais altas expressões da austeridade cristã, torna-se amorosa e sentimental, a literatura de amor invade todos os países, os excessos do luxo e a avidez dos deleites que dele derivam estendem-se a todas as classes sociais".

Em sua marcha para destruir a civilização cristã, a Revolução gerou as três grandes revoluções ocidentais. A Reforma — ou Pseudo-Reforma, na expressão do professor Plínio — "semeou o espírito de dúvida, o liberalismo religioso e o igualitarismo eclesiástico, embora em medida diversa nas várias seitas a que deu origem". A Revolução Francesa, etapa seguinte, foi "o triunfo do igualitarismo em dois campos. No religioso, em forma de ateísmo, sob o rótulo enganoso do laicismo. E, na esfera política, pela falsa máxima de que toda desigualdade é uma injustiça, toda autoridade um perigo e a liberdade o bem supremo". O comunismo, disseminado com a Revolução de Outubro, é "a transposição desses princípios para o campo social e econômico".

A causa profunda da Revolução — acrescenta — foi uma "explosão de orgulho e sensualidade", que inspirou "não um sistema, mas toda uma cadeia de sistemas ideológicos". A Revolução é marcada, portanto, por dois aspectos. Um, o igualitário, já que o orgulho "conduz ao ódio em relação a toda superioridade e leva à afirmação de que a desigualdade é em si mesma um mal, em todos os planos, e principalmente no metafísico e religioso". O outro aspecto é o liberal, pois a sensualidade, "por si só, tende a derrubar todas as barreiras; não aceita freios e leva à revolta contra toda autoridade e toda lei, seja divina ou humana, eclesiástica ou civil".

A Revolução, cientificamente planejada e sagazmente conduzida por gerações sucessivas de conspiradores, teve como ponto de partida "determinadas tendências desordenadas", sua "alma e força propulsora mais íntimas". Em seu processo ininterrupto, ela se desenvolveu — e ainda continua a desenvolver-se — em três profundidades: nessas tendências desordenadas, em primeiro lugar, que "começam a modificar as mentalidades, os modos de ser, as expressões artísticas e os costumes; sem antes interferir — de hábito pelo menos — de modo direto, nas idéias". Em seguida, a Revolução teve de transpor degrau mais elevado: inspiradas nessas tendências desordenadas, novas doutrinas foram e são criadas. No princípio, as novas doutrinas procuraram e procuram muitas vezes conciliar-se com as antigas, "exprimindo-se de maneira a manter com essas uma aparência de harmonia, que freqüentemente não demora a se transformar em luta declarada". A partir daí, "a transformação das idéias" atinge "o terreno dos fatos, onde passa a operar, com métodos cruentos ou incruentos, a transformação das instituições, das leis e dos costumes, tanto na esfera religiosa quanto na temporal".

Para chegar ao estágio atual, a Revolução desenvolveu-se em duas velocidades, "harmônicas entre si" — que são mantidas para se atingirem os estágios que ainda faltam. A "marcha rápida" — diz Plínio — "destina-se freqüentemente ao insucesso no plano imediato". A "marcha lenta", por sua vez, "tem tido habitualmente bom êxito". Para ilustrar essa dinâmica, observa: "Os movimentos pré-comunistas dos anabatistas, por exemplo, trouxeram imediatamente, em vários campos, todas ou quase todas as conseqüências do espírito e das tendências da Pseudo-Reforma. E faliram". Lentamente, porém, "ao longo de mais de quatro séculos, as correntes mais moderadas do protestantismo, avançando de excesso em excesso, por etapas sucessivas de dinamismo e inércia, favorecem pouco a pouco, de modo ou de outro, a marcha do Ocidente para o mesmo ponto extremo".

Então, qual a utilidade das ações bruscas da Revolução, tendentes inevitavelmente ao fracasso, se agindo devagar os resultados são garantidos? "A explosão desses extremismos" — responde Plínio Correa — "levanta um estandarte, cria um objetivo fixo que fascina pelo seu próprio radicalismo os moderados, e para o qual estes se vão lentamente aproximando". E conclui o presidente da TFP: "A falência dos extremistas é apenas aparente. Eles colaboram indiretamente, mas poderosamente", para o triunfo da Revolução.

O objetivo final da Revolução, que atinge hoje o mundo todo, em medida maior ou menor, conforme o país, e todos os campos da atividade humana, é a igualdade, absoluta, a liberdade total. As fronteiras entre os países — querem ainda seus mentores — têm de ser derrubadas para que surja em seu lugar a República Universal — um mundo sem barreiras políticas, sem autoridade, sem leis, sem Exército, sem família, sem religião. Um mundo anárquico.

Nesse contexto, a TFP emerge para seus adeptos como a força salvadora da humanidade, única organização capaz de frear a marcha inexorável do mundo em direção ao caos. Plínio Correa, dizem seus seguidores, compreendeu em toda a amplitude a essência da civilização cristã e o processo de sua destruição — e, por isso, é o homem que tem a missão de retirá-la das cinzas e reconstruí-la, pedra sobre pedra, instaurando, assim, nova era histórica: o *Reino de Maria*.

Dispondo de um grupo não superior a duas mil pessoas, no Brasil e no Exterior, acredita a TFP que pode combater a Revolução e destruí-la. Não com armas, e, sim, difundindo as idéias de seu líder, capazes de modificar lentamente a mentalidade do homem contemporâneo e, assim, reestruturar sua alma. As idéias de Plínio Correa são divulgadas através de livros e de artigos publicados pela *Folha de S. Paulo*, reproduzidos e distribuídos nas ruas ou enviados por mala direta a centenas de simpatizantes, correspondentes e contribuintes da Organização.

Os adeptos da TFP, ou seus *militantes* (mais recentemente chamados *cooperadores*), são principalmente jovens de classes média e média baixa, com idade que varia de 15 a 25 anos. Reunidos em torno de seu líder — que faz passar suas ordens, doutrinas e conselhos por meio de vários intermediários, além do contato direto que mantém algumas vezes por semana com seus seguidores —, têm de cumprir rígida disciplina, adotar inteiramente os hábitos da Organização, seguir à risca as determinações de seus superiores. Acima de tudo, um militante precisa assimilar por completo os princípios da TFP (o que, enquanto estive lá, nem sempre acontecia na prática) e ordenar sua vida, seus hábitos e suas idéias a esse modo de pensar, sentir e agir.

4

A Contra-Revolução, segundo Plínio Correa, é sobretudo uma luta espiritual, que exige de seus participantes adesão total, entrega absoluta. Assim como a civilização cristã foi destruída gradativamente, o contra-revolucionário passa por processo semelhante, mas de efeito oposto, até completar sua reconversão. Herdeiros de vícios e idéias errôneas acumulados durante séculos por seus ancestrais, os jovens contra-revolucionários têm a missão sagrada de impedir que os homens que habitam hoje o mundo e seus descendentes se percam no fogo eterno. Mais que isso: julgam-se marcados por uma vocação especial, selecionados entre tantos para missão única, filhos prediletos de Deus e da Virgem. Por isto, suas responsabilidades são enormes. Prevaricar no cumprimento da tarefa ou simplesmente virar as costas para este chamado corresponde a uma *apostasia* que só não é imperdoável porque Deus é a Misericórdia. Mas, se o fizerem, sofrerão o resto da vida as conseqüências deste ato sórdido, covarde e mesquinho. Além de levarem para a vida eterna as seqüelas deste crime...

O membro da TFP tem de conhecer a essência da Revolução e seus mecanismos de ação para combatê-la eficazmente. Mas não basta apenas saber a teoria. É preciso, acima de tudo, aplicar os métodos indicados pelo professor Plínio para expulsá-la primeiro de seu interior e, depois, deter seu avanço em outras pessoas, na sociedade e no mundo em geral. Entregar-se à TFP corresponde a rejeitar todo o passado individual, romper os vínculos com o presente e dedicar-se ao futuro, previsto como repleto de glórias e de santidade cristãs. Os membros da TFP crêem-se, assim, distinguidos pela predileção, ungidos com um sinal sagrado — o *tau*. (*) Se a Revolução foi uma explosão de orgulho e de sensualidade, seus adversários devem ser humildes e puros, no mais alto grau. E como reunir estas virtudes num mundo que a TFP julga impregnado dos vícios opostos? Dando as costas ao mundo e vivendo num ambiente onde todos almejam este mesmo objetivo. As sedes da TFP — todas, sem exceção — devem ser decoradas, com grande destaque, pelos símbolos dessa missão — a epopéia do século XX! O luxo é permitido, desde que dosado, apenas para possibilitar que os militantes se deixem influenciar pela nobreza da Organização. Na realidade, as sedes devem conduzir seus moradores e freqüentadores habituais a adquirirem o desejo de uma vida ascética, voltada para a oração e o sacrifício. Pois, sem oração — e muita — e sem sacrifício — também na mesma proporção — o *membro do grupo* jamais conseguirá expulsar de si o vírus da Revolução, jamais atingirá a perfeição que lhe é exigida. Uma vida ascética compreende a renúncia não só dos bens materiais, dos círculos sociais, mas também das coisas legítimas. Deve rejeitar principalmente a si mesmo, suas aspirações, seus gostos e sentimentos, para permitir que sua alma siga os impulsos da graça divina e se torne inteiramente obediente aos desígnios de Deus.

As pessoas que tiveram vida exemplar, entregues à causa de Deus, que a Igreja Católica considera santos, devem servir de modelo aos teefepistas. Cada um desses santos se distinguiu por determinada virtude, acima das outras, por certo exemplo, por alguma missão ou vocação especial. Por isso, sua vida tem de ser conhecida, seu exemplo seguido, suas virtudes imitadas. Nas

---

(*) *Tau* é a letra do alfabeto hebraico correspondente ao T. Segundo o profeta Ezequiel, Deus assinalou a fronte dos eleitos, numa época de apostasia, com esse sinal.

reuniões presididas pelo professor Plínio, são constantes as menções aos santos, e sempre se escolhe, para comentar, a vida do santo cujo aniversário de morte se comemora naquele dia. No *Santo do Dia*, como são chamadas essas reuniões, lê-se primeiro a biografia resumida do santo para, em seguida, analisarem-se os principais lances que a marcaram e, daí, fazer-se a transposição para a Organização. Ou seja, o que deve ser exaltado nele para que se possa segui-lo.

5

Na segunda-feira, já de volta a Londrina, as lembranças das sedes e da estrutura da Organização ressonavam em meu cérebro, confuso pela sucessão de imagens e idéias que me foram transmitidas naquele fim de semana. Nas semanas seguintes, sem falar disso a ninguém, tive de enfrentar uma guerra muito íntima, dolorosa e desgastante.

Uma guerra comigo mesmo.

O que vira e ouvira em São Paulo superara todas as minhas expectativas, me alçara a um patamar onde minha mentalidade interiorana, por mais abrangente que desejasse ser, sentia acessos de vertigem ao contemplar a distância que me separava e as demais pessoas do ideal e do modo de ser da TFP. O mundo que me cercava conduzia-me na direção oposta do objetivo pretendido pela Organização. Era, portanto, necessário escolher entre um lado e outro.

Essa escolha eu a fiz com convicção quando assisti a uma conferência do professor Plínio, encerrando o primeiro congresso do qual participei. Nesse congresso, chamado *Semana de Formação Anticomunista (Sefac)*, convivi com pessoas — jovens como eu — de várias regiões do país. Assistimos a palestras e participamos de debates, sempre voltados para os temas preferidos da Organização: História, Política e Religião.

A doutrina, porém, foi o que menos me despertou a atenção. O que mais me tocou foi a proximidade com pessoas que buscavam o mesmo que eu, que se entusiasmavam com as coisas que me sensibilizavam desde a infância. As músicas, os símbolos — todo o ambiente, enfim — arremessavam-me para o mais recôndito de minha alma, onde senti despertar a criança que se extasiava contemplando a lua, que passava horas dependurada num pé de caqui olhando para o pôr-do-sol, que se deixava envolver pela fantasia dos contos de fadas e que buscava refúgio nos cantos escuros das

igrejas, na esperança de que — quem sabe? — os anjos aparecessem a qualquer momento. Tudo ao meu redor, durante a infância, fora impregnado de matizes dourados — desde o comportamento de meus pais e parentes até as brincadeiras ingênuas de meus amigos. Entre o Céu e a Terra não notava diferença: um era extensão do outro.

Meu despertar para a realidade, para a brutalidade que caracteriza muitas das ações dos adultos, ocorreu numa noite em que uma tia, sentada à cabeceira de minha cama, me fazia adormecer lendo a Paixão de Cristo. À medida que ela narrava os lances da Paixão, desde a traição de Judas à tibieza de Pedro, a angústia de Maria e as lágrimas de Verônica, a prisão de Cristo e seu julgamento por Pilatos diante da turba excitada, a flagelação impiedosa daquele que viera ao mundo somente para fazer o Bem, à medida que ela lia essa seqüência de aberrações, meus olhos umedeciam e precisei esforçar-me para conter as lágrimas. Mas, assim que ela terminou e me deixou, não pude mais controlar-me. Dessa vez chorava — e tanto, que minha tia, da sala ao lado, escutou e voltou para perguntar o que havia acontecido — não porque me sentia magoado por algo que haviam feito comigo e que julgava injusto. Chorava de piedade, porque a morte de Cristo tinha sido, até então, a maior das injustiças que havia conhecido.

Aquela descrição da Paixão e a reação que tive ao conhecê-la acompanharam-me nos anos seguintes. E, no final da *Sefac*, assistia à palestra do professor Plínio com interesse, quando, por impulso, olhei para os olhos dele e os encontrei olhando para os meus. *Dominus Plinius* falava sobre a crise da Igreja, a decadência dos costumes e a necessidade de um esforço conjunto que restaurasse a fé cristã. Em determinado momento, lembrou a Paixão, citando uma frase do profeta Jeremias que pode ser aplicada a Cristo em seus últimos momentos de agonia. Plínio, então, levantou um dos braços com o indicador em riste e exclamou, com voz pausada e grave: *O vos omnes qui transitis per viam, attendite et videte si est dolor sicut dolor meus*(*)

Esta frase soou como um gongo que me convocava para reparar, através da adesão à TFP, as dores sofridas por Cristo. E somar meu esforço ao sangue derramado pelo Filho de Deus para que todos os homens fossem fiéis ao seu ensinamento.

(*) "Oh! vós, homens, que passais pelo caminho: parai e vede se há dor semelhante à minha dor". *Lamentações* 1,12.

Se eu queria dedicar o resto de minha vida à conversão dos homens, então era necessário que iniciasse essa missão com minha própria conversão. Seria difícil, impossível até, se dependesse de minhas forças. Porém, uma força interior muito intensa fazia-me acreditar que, lutando e rezando, o conseguiria, mais cedo ou mais tarde. Precisava dar os primeiros passos. E começar por onde sentia ser mais árduo: o sexo.

Assim, voltei resolvido a abster-me inteiramente do prazer sexual.

Pasaram-se os primeiros dias, a primeira e a segunda semanas, até que uma noite, depois de voltar do colégio, senti fortes comichões em meu membro. Todos em casa dormiam e eu aproveitava a ocasião de calma para pôr em ordem alguns trabalhos escolares. A compenetração estava difícil. Meu membro, excitado, inchava ou retrocedia obedecendo aos impulsos do cérebro, ora tomado pelas lembranças de meus envolvimentos sexuais, ora lutando para apagá-las e ocupar-se com as lições da escola. Em certo momento, não resistindo mais, escorreguei a mão para dentro da calça do pijama e passei a acariciá-lo. Ele fervia, rijo, latejante. Acariciei-o, comprimi-o, sentindo o corpo invadido pelo calor e pela excitação. Meu peito arfava, meus braços tremiam. Pressentindo que se aproximava o momento em que não seria mais possível conter-me, levantei-me, alcancei a geladeira e enchi um copo d'água. Tomei-o pausadamente, dando longos suspiros entre um gole e outro, pensando numa maneira de vencer o instinto. Saí para o quintal buscando que meu corpo relaxasse. Ao sentir-me mais calmo, voltei e continuei a estudar. Minutos depois, a mesma sensação anterior voltou a invadir-me e, novamente, meu membro tornava a inflar. "Não, não vou tocá-lo", pensei, mantendo, com raiva, as duas mãos sobre a mesa. Não conseguia prestar atenção no livro em frente aos meus olhos: meu pensamento estava dominado pelas imagens proporcionadas pelas minhas experiências sexuais e os sonhos eróticos que cultivara desde o início da adolescência. Levantei-me de novo, agora para apanhar o rosário e, após rezar um terço de joelhos em frente a um quadro da Virgem Maria afixado na sala, voltei para meus estudos. Bastou-me sentar para que a excitação se manifestasse novamente. Agora, já não eram apenas os braços que tremiam — o corpo todo estava tenso, contagiado pelo tesão. "Se desistir, nunca mais terei forças para controlar-me", argumentava, tentando convencer-me de que, se não aproveitasse o fervor daqueles dias que se seguiam à *Sefac*, dificilmente encontraria a mesma disposição de praticar seus ensinamentos. Meus lábios estavam secos, meu pensamento dividido entre o gozo e a renúncia. Meu membro mantinha-se constantemente rijo. Apalpei-o e, ao sentir que o pijama estava úmido, trouxe-o para fora, contemplando seu comprimento e volume. Lentamente, tentando ludibriar minha vigilância, comprimi-o suavemente, fechando os olhos para melhor absorver aquela sensação. Aos poucos, minha mão foi-se tornando mais ágil e, quando percebi, masturbava-me. Dei um salto. "Não! não! não!", repetia com insistência, enquanto me abaixava para apanhar o pijama que escorregara até os calcanhares. Minha cabeça girava, o coração batia forte e acelerado. "Meu Deus, ajudai-me! Minha mãe, protegei-me", rezava, aflito por pensar que, naquela noite, estava em jogo o destino de minha alma. Rezei mais um terço, desta vez, além de ajoelhado, com os braços abertos. Ao terminá-lo, tomei uma ducha fria. Coloquei o terço no pescoço, fiz vários sinais-da-cruz e deitei-me. Quando acordei, vi que o pijama e os lençóis estavam manchados. Eu gozara enquanto dormia — o que aconteceria ainda durante muitas noites, até que não mais sentisse o sexo.

6

Numa tarde em que o sol dourava os móveis da sala de estar da sede da TFP, no segundo andar de um sobrado modesto localizado no centro da cidade, Narciso chamou-me para uma conversa em particular. Veterano militante da Organização, Narciso fora enviado a Londrina para substituir Rodrigo. Também carioca, ele, porém, distinguia-se de Rodrigo — era mais cauteloso, raramente brincava, olhava detidamente nos olhos e não perdia o menor movimento ao seu redor.

De início, a conversa correu fluida, despretensiosa. Lentamente, tornou-se grave, no mesmo tom do cantochão que outro teefepista, que ficara do lado de fora, colocara na radiola. A música penetrava na sala e, em harmonia com o colorido do sol, dava ao ambiente aspecto de sacralidade, que me fez recordar as longas horas em que permanecia, quando garoto, no interior de uma igreja, sem rezar, apenas contemplando as imagens dos santos, as velas acesas em seu louvor, as penumbras que se avolumavam ao cair da tarde.

Estava ainda inseguro, mas não encontrava razões fortes que me convencessem a rejeitar a visão do mundo que me era apresentada pela TFP. Narciso, experimentado no trabalho de recrutamento e acompanhamento dos novos adeptos da Organização, com certeza percebia os conflitos que me envolviam. Cautelosamente, medindo

sempre as palavras e não poucas vezes ficando algum tempo sem nada dizer até encontrar o argumento que lhe parecia o mais acertado, extraía de mim as dúvidas mais íntimas e contra-argumentava delicamente, sorrindo sempre, colocando e retirando seus óculos de armação grossa e escura.

A noite avançava. Outros militantes conversavam agora descontraidamente, rindo com freqüência, na sala ao lado, e a conversa entre mim e Narciso mal se iniciara. O cantochão fora substituído por marchas militares, porém esta mudança não alterara os rumos de nossa conversa. Narciso, em tom cada vez mais sério, questionava-me sobre minha vida particular, meu relacionamento com a família, meus amigos mais íntimos. Quando lhe falei de Suzan (sem mencionar-lhe o nome, referindo-me genericamente a ela), ele agitou-se na poltrona, enrugou a testa e olhou-me com ar severo. Numa das paredes da sala havia uma imagem da Virgem, e ele dirigiu o olhar a ela, contemplou-a longo tempo e, após profundo suspiro, voltou a encarar-me. Ia dizer-me algo, deteve-se, coçou o queixo e finalmente exclamou, contundente:

— O senhor precisa sair daqui!

Foi minha vez de agitar-me na poltrona. Engoli em seco, olhei para o tapete vermelho, deixando vagar o pensamento sem saber como proceder diante daquele conselho, quase uma imposição.

— Mas...

— É, o senhor tem realmente de sair daqui — interrompeu, evitando cruzar seu olhar com o meu. Recuperando seu aspecto de meditação, seus olhos percorriam os móveis da sala, em movimentos rápidos, denotando o embaraço em que também ele se encontrava. — Ainda não sei como, mas vamos encontrar um modo de o senhor transferir-se para outra cidade. O ideal, creio, é Curitiba. Além de ser uma capital, não está muito distante, e isto talvez provoque menos oposição de sua família.

E Suzan? Eu teria de deixá-la.

7

Na verdade, o relacionamento entre mim e Suzan já fora minado durante o congresso do qual participara. Nele, foi comum ouvir dos militantes censuras à conduta da mulher moderna. "São todas pecadoras", diziam, explicando que a mulher, pelo modo de trajar, olhar e proceder é uma fonte de sensualidade, a encarnação de vícios, o pecado em sua forma humana. "A mulher, já ao despertar, quando se veste para sair às ruas, comete de imediato pecado mortal", sentenciavam, acrescentando, sem titubear: "Elas sabem que os trajes que usarão — a calça ou a minissaia — irão conduzir inevitavelmente os homens a desejá-las. Fazem isto conscientemente. Por isto, pecam desde que despertam até a hora em que vão se deitar".

Aliás, talvez nem fosse preciso que me dissessem isso. Bastava analisar como procediam no trato com as mulheres para dissipar qualquer dúvida sobre o conceito que delas faziam. Na rua, procuravam desviar os olhos delas; quando esbarravam em alguma conhecida, tratavam-na com a maior frieza, caso não encontrassem maneira de esquivar-se.

— Deus, quando criou o homem — diziam —, colocou a mulher em posição de inferioridade em relação a ele. Eva foi fruto de uma costela de Adão, complemento dele. Sem Adão, Eva não teria existido. E foi ela quem o induziu a comer o fruto proibido, causa da expulsão de ambos do paraíso, causa do primeiro e dos demais pecados, causa, enfim, da atual situação em que vive o mundo. Todas as mulheres, em conseqüência, têm essa tendência para o mal, esse poder diabólico de conduzir o homem ao pecado, à perdição eterna. Tantos foram os homens que se condenaram por causa de uma mulher, tantas foram as batalhas perdidas por influência de uma mulher, tantas foram as vidas arruinadas por causa da paixão inspirada pela mulher...

Não, não podia mais ficar ao lado de Suzan, mesmo sabendo que ela não era o monstro maligno que me era apresentado, de maneira genérica, por enquanto, pelos teefepistas. Porém, se decidisse permanecer com ela, teria de romper com a TFP. E, com isso, não estaria selando para sempre meu destino, recusando um chamado de Deus, optando pela Treva em lugar da Luz? De novo, a guerra interior em que vivia atingia lances de extrema dureza, um combate minucioso em que cada golpe, por mais doloroso que fosse, teria de ser dado no momento certo, no local estratégico.

É, precisava mesmo afastar-me dela. Do contrário, estaria correndo o risco de recusar uma missão para a qual, acreditava, poucos, pouquíssimos, haviam sido chamados. Quais seriam as conseqüências para minha vida particular e, principalmente, para minha vida eterna, se optasse por uma mulher em lugar da causa sagrada que restauraria a civilização cristã, fazendo da Terra um espelho do Céu? Comentavam os teefepistas, com ares de ingenuidade, em meio a qualquer conversa informal, que muitos dos que rejeitaram o chamado divino para se dedicarem a uma causa perderam, pouco a pouco, suas qualidades, amorteceram suas

potencialidades, tornando-se pelo resto da vida pessoas medíocres, sem perspectivas e constantemente abalados por crises profundas de depressão. Era isto o que me aguardava se preferisse seguir minha vida, dando as costas à missão para qual estava sendo convidado a abraçar?

Sim, era preciso afastar-me de Suzan. Mas como? O que dizer a ela sem ofendê-la? Qual seria sua reação ao ouvir-me dizer que ela era um obstáculo a que atingisse a perfeição, uma pedra que deveria ser removida de meu caminho para, desimpedido, brandir contra o mal as armas que Deus colocara em minhas mãos? Não, ela jamais compreenderia, julgar-me-ia louco, um dom Quixote dos tempos modernos. Então, como fazer para acabar com tudo? O melhor, parecia-me, era seguir o conselho de Narciso e mudar-me para outra cidade. O afastamento evitaria a ingrata tarefa de explicar-lhe os motivos do rompimento.

8

Narciso, acompanhando nas semanas seguintes meu drama, instruía dois outros iniciantes na TFP e a mim sobre como nos consagrarmos à Virgem por meio da escravidão recomendada por São Luís Maria Grignion de Montfort. Isso requeria preparação meticulosa. Tínhamos lido o *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*, de autoria desse santo, e fazíamos diariamente as orações e meditações aconselhadas por ele para nos dispormos inteiramente para o momento de nos entregarmos a ela. Certo dia, Narciso comunicou-nos que a data da consagração fora determinada, e que a faríamos na presença de *Dominus Plinius*, na "Sede do Reino de Maria". Exultamos e nos entregamos com mais ardor ao estudo do livro e às orações exigidas, comungando diariamente para adquirir as graças e forças necessárias àquele compromisso.

No *Tratado*, Luís de Montfort explica o papel da Virgem entre Deus e os homens, e lamenta que, apesar da grande pompa de que se reveste seu culto, a maioria dos católicos tem por ela falsa devoção. Escrupulosos, superficiais, presunçosos, inconstantes, hipócritas e interesseiros — assim ele classifica a maior parte dos devotos da Virgem Maria. A verdadeira devoção a ela, segundo o santo, não pode conter essas distorções; requer a entrega absoluta, condição para cultuá-la com perfeição. O verdadeiro devoto da Virgem tem, necessariamente, de ser seu escravo. E um escravo é alguém que não tem direitos, que perdeu a liberdade de escolher seu próprio destino. O escravo da Virgem pertence a "Ela" — e "Ela" pode dispor dele como e quando quiser.

Finalmente, o dia chegou. Trajando meu primeiro terno, azul-marinho, e uma gravata vermelha, esperei, junto com os outros dois novatos, a chegada de *Dominus Plinius*. Ficamos os três em recolhimento na "Sala do Reino de Maria". O silêncio era rompido pelo barulho de um ou outro automóvel, mas os ruídos externos não eram suficientes para perturbar-me a contemplação dos símbolos contidos naquela sala, onde todos os móveis e objetos contêm significados imperceptíveis aos olhos de um leigo.

O estandarte nobre, de veludo marrom, com o leão "rompante" ao centro, bordado com fios de ouro, está colocado atrás da cátedra do doutor Plínio. O leão, símbolo da luta, está em pé, voltado para a esquerda, o lado do erro e do Mal. Em posição de combate, com as pernas dispostas conforme a posição-base do caratê, para permitir ao corpo firmeza, equilíbrio e total liberdade de ação, o leão tem as duas patas dianteiras levantadas, uma mais à frente da outra — a primeira para golpear o adversário, a segunda para defender-se de golpes. A cauda, com os pêlos em forma de flor, ergue-se pouco além de sua cabeça, e suas extremidades voltam-se para baixo, seguindo o mesmo movimento da água jorrada de uma fonte. No peito, uma cruz vermelha sobressai no dourado que a envolve. É o *tau*, o sinal dos eleitos.

As poucas pessoas que se encontravam no local, ou permaneciam sentadas, rezando, lendo e meditando, ou andavam lentamente de um lado a outro, enquanto o ruído dos passos era absorvido pelo grosso carpete cinza que forrava toda a sala. Num canto, um senhor de idade, distraído, deixava escapar o contínuo ciciar de suas preces. Nas paredes laterais, separando os altos e bem trabalhados lambris e o teto, há uma estamparia de fundo vermelho, talvez de seda, talvez de cetim, adornada com desenhos em forma de chamas, em dourado, resssaltadas em suas extremidades pela purpurina. A chama simboliza o fogo do Espírito Santo, que deve contagiar todo escravo de Maria, abrasar-lhe a alma, aclarar-lhe a inteligência e dotá-lo de força incandescente, inconsumível. Pouco mais acima, contornando toda a sala, duas figuras geométricas entalhadas na madeira expressam a essência do Universo: o círculo, representando Deus, por não ter princípio nem fim; o losango, símbolo do homem, por começar de um pequeno ponto, crescer progressivamente até atingir a plenitude e, a partir desse ponto, retroceder até extinguir-se.

Ajoelhei-me diante da coroa da Virgem, no centro da sala, tirei do bolso o terço que começara a rezar regularmente há algumas semanas, porém mal conseguia concentrar-me nas seguidas

ave-marias que meu cérebro recitava, enquanto meus dedos desfiavam as contas do rosário em ritmo pausado, às vezes perdendo-se entre uma e outra. Na realidade, meu subconsciente agia automaticamente, enquanto o consciente procurava absorver os reflexos policromáticos emitidos por aquela coroa — a coroa do Reino de Maria —, que fundiam em seu brilho as diversas tonalidades de luz dos vitrais e luminárias multicoloridos.

Nessa posição de meditação e de enlevo deixava que meus pensamentos vagassem pela grandeza do compromisso que em breve, muito em breve, assumiria. "Em pleno século XX" — pensava —, "quando o caos se espalha por todo o mundo, quando as pessoas se esqueceram da finalidade máxima para a qual foram criadas, voltando as costas a Deus, a Igreja e a virtude, e engolfando-se de corpo e alma nos prazeres carnais e mundanos", eu estava ali, junto com mais dois rapazes, esperando o momento de tornar-me escravo da Virgem. Escravidão que significava a renúncia de tudo aquilo que o mundo mais cobiçava no tumultuado início da década de 70.

Uma escravidão que pressupunha o abandono de minhas aspirações pessoais e até mesmo que renegasse minha família.

9

— Nossas famílias, meu caro — confessara-me Narciso, quase em tom de confidência, pouco tempo antes —, têm por nós afeto que varia de lar para lar, mas, seja qual for a intensidade desse sentimento, ele só visa, no fundo, a que possamos retribuir a nossos pais os favores que nos prestaram quando dependíamos inteiramente deles. A TFP defende a família, a instituição da família, e não — é óbvio — como a família moderna pensa e procede. Nossos pais pouco se importam com nossa formação espiritual, com nossas tendências para o Bem ou para o Mal. Para eles, basta que sigamos uma carreira, que projetemos nosso nome — o que, por extensão, irá beneficiar o nome e a reputação deles — para que se sintam realizados. Eles nos tratam — e isto é uma triste realidade — como se fôssemos simples cavalos de corrida. Por que um cavalo de corrida recebe tratamento especial? Porque, vencendo as provas que disputa, trará fama e fortuna a seu proprietário.

E prosseguia:

— Sei que essa revelação poderá chocá-lo, como chocou a mim e a todos os outros. Pense bem, analise com seriedade, considere os fatos: se sua família não é daquelas que exigem e cobram seu

progresso nos estudos, as melhores notas da classe, é porque ela simula ser conivente com seu procedimento para pressioná-lo mais tarde. Não se engane, portanto. O senhor é o que é, tem os vícios que tem em grande medida por culpa de seus pais. Eles o induziram, desde quando o senhor era ainda muito jovem, desde que o senhor era ainda um bebê, a curvar-se à influência da Revolução, que nos cerca por todos os lados. As graças que o senhor recebeu no batismo, que deveriam arrojá-lo para o Bem, foram pouco a pouco conspurcadas por seus pais. Só os pais? Não, a família inteira! Avós, tios e primos são cúmplices desse crime, embora praticado, na maioria das vezes, de forma inconsciente. Inconsciente, porque também eles são fruto dos erros e dos vícios de nossos ancestrais. Porém, mesmo inconscientemente, eles compactuaram e compactuam com essa deformação de mentalidade, transferiram-na ao senhor e querem que o senhor se ajuste a ela inteiramente.

Narciso fizera uma pausa antes de prosseguir seu raciocínio, dando tempo de preparar-me para sua conclusão:

— É por isto que, na TFP, raros são os militantes que residem com suas famílias. No máximo, ficam na mesma cidade onde elas se encontram, mantendo, porém, relacionamento o mais distante. Formal, apenas, por respeito. Quando nos referimos a nossas famílias, usamos a expressão *F.M.R.*. Sabe o que significam estas iniciais? *Fonte de Minha Revolução.* Nossa verdadeira *família* é a TFP, porque aqui vivemos em harmonia, encontramos reciprocidade espiritual em nossos companheiros. E, acima de tudo, porque temos um pai que nos conhece profundamente, que se interessa por nós e que orienta nossos passos; e porque temos uma mãe que é a mais doce, carinhosa e bondosa de todas as mães. *Dominus Plinius* e Nossa Senhora são nossos verdadeiros pais. E nós, senhor Pedriali, somos seus irmãos, porque queremos unicamente o seu bem.

Foi difícil convencer-me desse argumento. Parecia lógico, sim, até certa medida. De fato, meus pais insistiam para que tivesse o maior rendimento possível em meus estudos, para que, mais tarde, pudesse seguir a carreira que me fosse mais adequada, realizando-me profissionalmente e assegurando minha subsistência. Mas deduzir disso que eles próprios quisessem beneficiar-se do meu progresso soava-me como uma leviandade, senão uma injustiça. Mais: eles davam a impressão de preocupar-se com minha vida espiritual, aconselhando-me, sempre, a não só não faltar às missas como a praticar os sacramentos. Meu pai lia trechos da Bíblia diariamente; minha mãe, antes de deitar-se, rezava o terço... é, está bem, poderiam fazer isso de maneira tíbia...

— Não se iluda, meu caro — insistia Narciso —, pois as formas de piedade de nossos pais são apenas superficiais, mecânicas. Eles não fazem isto por amor a Deus, apenas por medo de perderem suas almas, quando muito. Na maioria das vezes, rezam, vão à missa, confessam e comungam apenas para pedir benefícios para si próprios.

Mesmo assim, não estava convencido. Aceitaria afastar-me de meus pais, não por necessidade, e, sim, como prova de que estava disposto a seguir o destino e cumprir a missão que me fora traçada por Deus.

O julgamento que os teefepistas faziam da família causava-me a mesma estranheza que muitas de suas opiniões em relação às manifestações da vida moderna: os bailes, o convívio entre jovens de sexos opostos, as músicas, o cinema, o teatro, as revistas, jornais e livros. Tudo, tudo — segundo eles — fora contaminado pela Revolução ou simplesmente era produzido por ela. Chocavam-me algumas de suas afirmações — as mesmas, repetidas com precisão matemática pela maioria dos militantes —, feitas sempre com muita exaltação, mais por impulsos do que por convicções destiladas depois de longo e calmo raciocínio.

10

Havia uma força no ar, indescritível, impalpável, que impulsionava todos a pensarem do mesmo modo, a usarem os mesmos argumentos, a terem as mesmas reações diante de um fato corriqueiro ou de algum acontecimento espetacular. Havia uma força, disseminada nos ambientes da TFP, que influenciava por osmose os que os freqüentassem. Os símbolos, o mobiliário e a decoração traziam significados que, mesmo que não os percebesse, o espectador, de uma forma ou de outra, com muita ou pouca intensidade, os absorveria inconscientemente.

Que força era esta, capaz de vencer as resistências?

Não encontrava a resposta. Havia algo demasiadamente forte ao meu redor, que meus sentidos percebiam, mas que minha razão não conseguia discernir, diante do que minha vontade não tinha como reagir. O que justificava que um punhado de jovens trocassem seus sonhos de uma vida confortável e segura pelo comportamento austero, pelo futuro incerto, pelo presente marcado pela incompreensão da sociedade, pelo presente repleto de renúncias contínuas?

Fora esta força que me levara a romper com Suzan? Como explicar que meu amor por ela se esvaziara lentamente até chegar à mais completa frieza? Como justificar que ficara impassível quando, no final de uma aula, ela me abordara no corredor, segurara meus braços e exigira explicações por eu estar evitando até olhar para seus olhos? Suzan exaltara-se, encarando-me com incompreensão mesclada de rancor. Ela queria saber o que fizera — se fizera — para que me afastasse dela repentinamente.

— Por favor, responda, Zé, o que foi que eu fiz? O que fiz para você se transformar numa pedra de gelo? Disse algo que te ofendeu? Fiz alguma coisa que te aborreceu?

Eu olhara para ela, firme em meu olhar, sério em minha expressão, e, em seguida, dirigira meus olhos para um ponto qualquer, descontraíra a face e esboçara um sorriso lacônico.

— Responda, responda por favor — suplicara-me Suzan, numa atitude quase patética, atraindo sobre nós a curiosidade de uma dezena de estudantes, interessada por aquela disputa sentimental.

Nada respondi. Se lhe dissesse o motivo da minha atitude, ela poderia odiar-me. Então, não seria mais sensato calar-me? Mentir não seria justo, tampouco convincente. Calando-me — acreditava — faria com que ela encontrasse em si alguma razão que justificasse meu afastamento...

11

Distraí-me, deixando que as lembranças de Suzan afastassem meu pensamento daquela sala. Olhava para a coroa, para os móveis e não via nada, enxergava apenas a fisionomia dela, revezando seus sorrisos de satisfação, comuns nos momentos de intimidade que mantivéramos, com seu olhar de incompreensão e angústia depois que me afastei dela. Distraído, não ouvira o repicar do sino.

— Senhor Pedriali, senhor Pedriali, *Dominus Plinius* chegou, vamos, prepare-se — interrompeu-me um dos novatos que comigo faria a consagração, tocando em meu ombro para trazer-me à realidade.

3

"Vermes", os guerreiros e escravos da Virgem

Descemos rapidamente a escadaria, percorremos o saguão e nos posicionamos na capela de forma a ver com mais facilidade o professor Plínio. Os que se encontravam na sede comprimiram-se na porta de entrada, esperando que o líder saísse de seu carro — uma *Mercedes* vinho, nova — para acompanhar todos os seus movimentos. Nós, menos preparados, ficamos a sós na capela, até que, de repente, as portas se abriram abruptamente, e umas 30 pessoas entraram às pressas, reverenciando ligeiramente as imagens do altar e esforçando-se para conseguir os melhores lugares.

Instantes depois, a porta lateral voltou a abrir-se, um dos homens da segurança de Plínio entrou na sala, fez genuflexão e colocou-se de pé, junto à parede, em posição de recolhimento. Plínio entrou, acompanhado de outros membros veteranos, olhou ligeiramente com olhar distante os que estavam na sala, ajoelhou-se e iniciou as orações habituais da Organização, as *Orações do Grupo*: uma salve-rainha e algumas ave-marias — em latim — precedidas da jaculatória *Dignare me pugnare pro te, Virgo Sacrata* ("Permita-me lutar por vós, Virgem Sagrada"), a qual todos devem responder:*Da mihi virtutem contra hostes tuos* ("Dai-me força contra vossos inimigos").

Terminadas as orações, Plínio levantou-se, todos se levantaram e se dirigiram rapidamente ao saguão, perfilando-se em duas colunas paralelas, aguardando a passagem dele. Ninguém conversava. Com passos firmes, peito ereto, olhar circunspecto, Plínio entrou na sala, fez vênia ao estandarte afixado na parede principal, e dirigiu-se amavelmente a alguns militantes, apertando-lhes as mãos. O mordomo da sede — baixo, mirrado, uns 40 anos e de nível universitário —

mantinha aberta a porta do elevador, logo usado por Plínio para alcançar o primeiro andar.

Assim que a porta se fechou, novamente todos correram escadaria acima, os jovens na frente, para esperar que ele saísse do elevador e cruzasse o *hall* e o pequeno corredor que conduz à sua sala. Vestindo suas capas vermelhas sobre o paletó — indumentária obrigatória nas sedes e em *campanha* —, os teefepistas não perdiam um movimento, uma expressão fisionômica do líder e, quando ele se fechou em seu escritório, ouvi exclamações entusiasmadas de praticamente todas as pessoas, sobretudo dos mais novos:

— Que porte ele tem, não? — comentou um.

— Puxa, nem uma criança teria olhar inocente como o dele! — observou outro.

— Com que amabilidade ele nos trata, hein! — disse um terceiro.

E um último, ao descer saltitante a longa escadaria, fazendo que as extremidades de sua capa esvoaçassem ao vento, estimava:

— Ah, se um dia tivermos pelo menos um por cento de sua santidade...

Narciso, que nos acompanhava, chamou-nos de lado e pediu que esperássemos na "Sala do Reino de Maria", pois em breve *Dominus Plinius* viria presidir nossa consagração.

Estava novamente surpreso pela recepção ao presidente da Organização e começava a julgar-me inferior por não ter compartilhado da demonstração de adesão e entusiasmo por ele. Bem, era ainda um novato e parecia-me natural aquele retraimento...

2

— Ele está vindo — alertou-nos Narciso, minutos depois.

Os quatro ficamos em pé, comprimindo a respiração. Somente Plínio entrou na sala. O mordomo, gesticulando da porta, pediu aos que estavam ali para se retirarem.

Sorridente, Plínio conversou rapidamente conosco — dois ou três minutos —, fez alguns comentários sobre nossa cidade, comparando o comportamento de seus moradores com o dos paulistanos, e esboçou a psicologia dos londrinenses, afeitos ao trabalho mas arredios ao pensamento, segundo ele. *Accies ordinata* ("Como um exército em ordem de batalha") parecia-lhe nome adequado ao nosso grupo, em fase de consolidação, que ainda não recebera denominação.

A conversa foi muito rápida, e ele desculpou-se por interrompê-la, alegando que eram muitas as pessoas que aguardavam para falar com ele.

— Então, vamos — emendou —, pedindo que abríssemos o *Tratado* na página que trazia a fórmula da consagração recomendada por São Luís de Montfort. Agora, expressão séria, ele voltou a rezar as orações costumeiras e, conosco, de joelhos em frente à coroa, recitou o texto da consagração, sem consultar o livro:

"Ó Sabedoria Eterna e encarnada! Ó amabilíssimo e adorável Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, unigênito Filho do eterno Pai e da sempre Virgem Maria, adoro-vos profundamente no seio e nos esplendores de vosso Pai, durante a eternidade, e no seio virginal de Maria, vossa Mãe digníssima, no tempo de Vossa encarnação."

Líamos o texto, pausadamente, e, apesar da máxima atenção que prestávamos, cada um de nós dirigia olhares fugidios para nosso líder, ali, tão próximo a nós, participando conosco daquela cerimônia, singela, mas repleta de significados.

"...Ave, ó Rainha do Céu e da terra, a cujo império é submetido tudo o que está abaixo de Deus!..."

"... Eu (cada um de nós pronunciou seu nome), infiel pecador, renovo e ratifico hoje, em vossas mãos, os votos do batismo. Renuncio para sempre a Satanás, suas pompas e suas obras, e dou-me inteiramente a Jesus Cristo, Sabedoria encarnada, para segui-lo levando minha cruz, em todos os dias de minha vida. E, a fim de lhe ser mais fiel do que até agora tenho sido, escolho-vos neste dia, ó Maria Santíssima, em presença de toda a corte celeste, para minha Mãe e minha Senhora".

Os três novatos parecíamos ter ensaiado: conforme o sentido das frases que pronunciávamos, nossas vozes adquiriam tonalidades uniformes. Agora, com a voz mais grave e solene que antes, iniciávamos a parte mais séria da consagração:

"Entrego-vos e consagro-vos, na qualidade de escravo, meu corpo e minha alma, meus bens interiores e exteriores, e até o valor de minhas obras boas, passadas, presentes e futuras, deixando-vos direito pleno e inteiro de dispor de mim e de tudo o que me pertence, sem exceção, a vosso gosto, para maior glória de Deus, no tempo e na eternidade. Recebei, ó begníssima Virgem, esta pequena oferenda de minha escravidão, em união e em honra à submissão que a Sabedoria Eterna quis ter à vossa maternidade; em homenagem ao poder que tendes ambos sobre este vermezinho e miserável

pecador; em ação de graças pelos privilégios com que vos favoreceu a Santíssima Trindade. Protesto que quero, de agora em diante, como vosso verdadeiro escravo, buscar vossa honra e obedecer-vos em todas as coisas. Ó Mãe admirável, apresentai-me a vosso amado Filho, na qualidade de escravo perpétuo, para que, tendo-me remido por vós, por vós também me receba favoràvelmente. Ó Mãe de Misericórdia, concedei-me a graça de obter a verdadeira Sabedoria de Deus, e de colocar-me, para este fim, no número daqueles a quem amais, ensinais, guiais, sustentais e protegeis como filhos e escravos vossos. Ó Virgem fiel, tornai-me em todos os pontos um tão perfeito discípulo, imitador e escravo da Sabedoria encarnada, Jesus Cristo, vosso filho, que eu chegue um dia, por vossa intercessão e a vosso exemplo, à plenitude de sua idade na terra e de sua glória nos céus. Assim seja."

A cerimônia foi simples e rápida. Seu conteúdo, porém, jamais poderia ser esquecido ou, o que seria pior, desprezado. Tornáramonos escravos da Virgem e este estado de subordinação a Ela deveria refletir-se nas mínimas coisas que fizéssemos, pelo resto de nossas vidas. Todos os nossos pensamentos, todos os nossos atos deveriam conformar-se aos desejos dela. Nossa vontade teria de ceder à vontade dela. A partir daquele compromisso não mais nos pertencíamos: pertencíamos a ela, senhora do Universo; pertencíamos à TFP, sua intermediária; pertencíamos a *Dominus Plinius,* nosso líder.

Polidamente, *Dominus Plinius* despediu-se de nós. Narciso o acompanhou à sua sala, trocando ambos algumas palavras antes que a porta se fechasse.

3

A primeira atitude que deveria tomar após esse compromisso era a de afastar-me de minha família. Os conselhos de Narciso, unidos àquela força misteriosa que me contagiava, faziam-me sentir pouco à vontade com meus pais. O que diriam se os informasse de que me consagrara escravo da Virgem Maria e que, com isto, não mais lhes pertencia, que não mais poderia levar minha vida habitual? Com certeza, ficariam sobressaltados, poderiam até não censurar-me abertamente, porém seu sorriso forçado não conseguiria disfarçar o assombro.

Comuniquei repentinamente a meus pais minha decisão. Faltavam ainda uns 15 dias para o final do primeiro semestre letivo de

1972, inventei uma desculpa qualquer, dizendo-lhes que já cumprira meus créditos, pelo menos o suficiente para ser admitido em outro colégio em Curitiba. Menti-lhes, afirmando que já consultara um colégio da capital, mas, na realidade, sequer sabia se iria mesmo a Curitiba.

Passei 15 dias em São Paulo, hospedado numa das sedes centrais e executando tarefas simples. Empilhava pacotes, levava recados, atendia telefones, percorria bancos, auxiliava na gráfica. Fazia, enfim, o que me mandassem, sem importar-me com o tipo de atividade, pois, fosse qual fosse, estaria servindo à Virgem, a Deus, à Contra-Revolução. O expediente começava às 13 horas e encerrava-se às 18h30. O resto do tempo, assim como para os demais *membros do grupo,* deveria ser preenchido com estudos, reuniões eorações. Os diversos grupos de militantes (cada um tinha nome e sede, compreendendo pessoas de idades próximas, reuniam-se pela manhã, trabalhavam à tarde, comungavam no fim do expediente e, após o jantar, voltavam a reunir-se, continuavam os estudos ou concluíam suas orações. Duas vezes por semana, à noite, assistiam às palestras de *Dominus Plinius,* os *Santos do Dia.*

Enviei, de São Paulo, uma carta para meus pais, dizendo tudo e nada ao mesmo tempo. Isto é, informava-lhes sobre meu estado de saúde, comentava algumas coisas da cidade, mas não fazia referência a minhas atividades. Por sugestão de um companheiro mais velho, dei o endereço de um apartamento onde moravam alguns militantes veteranos. Segundo meu conselheiro, não seria conveniente, naquele momento, dizer-lhes que residia numa das sedes. Tinha de preparar o terreno devagar, para não assustá-los.

Depois disso, fui enviado a um congresso, em Petrópolis, junto com outros 30 novatos, aproximadamente. A Organização possuía ali uma bela sede, isolada da cidade, encravada na escosta de uma montanha, de cujas imediações se podia avistar a baía da Guanabara. Ficamos lá alguns dias, obedecendo a um rígido programa, que tinha a finalidade principal de nos treinar para o recrutamento de novos adeptos da TFP. Vindos de todas as partes do país, falando os mais variados sotaques, tínhamos alcançado o nível que nos permitia conhecer mais profundamente os princípios e métodos da TFP. Durante o congresso saímos da sede apenas uma vez, para visitar os pontos turísticos da cidade.

Nosso dia começava muito cedo, quando o insistente repicar do sino nos arrancava da cama. Enquanto nos preparávamos — e tínhamos de estar inteiramente prontos, com as camas arrumadas,

no máximo em 15 minutos — marchas militares eram tocadas, em alto volume. Rezávamos um terço, sempre de joelhos, e então estávamos liberados para o café. Novamente ouvindo marchas militares, agora nos era permitido conversar. A conversa, orientada pelos moradores da sede, abrangia de preferência os assuntos apresentados nas reuniões da véspera. Muitas vezes, sem que percebêssemos, nossos coordenadores lançavam um tema, retraíam-se para ouvir nossas opiniões e sentir nossas reações, e, habilmente, conduziam-nos ao ponto que desejavam. Somente no final nos informavam qual o objetivo que quiseram atingir, qual tinha sido nosso comportamento, as falhas que cometêramos.

A sede de Petrópolis não se destinava a trabalhos burocráticos, não era freqüentada por pessoas da cidade e tinha uma finalidade especial: seus moradores desenvolviam, orientados por *Dominus Plinius*, as técnicas de recrutamento. Sem contato com o mundo exterior, não saíam dali nem para comungar. Um deles era credenciado a distribuir a comunhão, usando hóstias consagradas em São Paulo ou por algum padre tradicionalista da diocese de Campos, que vez por outra passava alguns dias ali em recolhimento. À missa, eles, como nenhum *membro do grupo*, não assistíamos, exceto a do rito pré-conciliar, em latim, oficiada por um padre dessa diocese. O novo *Ordo Missae*, aplicado após o Concílio Vaticano II, é rechaçado pela TFP, que o acusa de possuir "sabor de heresia".

Os moradores da sede de Petrópolis tinham *status* que os distinguia dos demais militantes. Eram *eremitas*, condição especial na hierarquia interna, olhada com admiração por todos e cobiçada por muitos. Viviam exclusivamente para a Organização, tinham um patrono que se encarregava de subsidiá-los, dedicavam-se o tempo todo à oração e ao estudo. Para saírem da sede — em ocasiões de extrema necessidade — precisavam de autorização do superior, um entre eles, com revezamento periódico — o *quidam* ("qualquer um").

Pelos conhecimentos específicos que tinham, eram encarregados de instruir os *apóstolos itinerantes*, cuja missão é recrutar novos membros, acompanhar seu progresso, auxiliá-los em seus problemas e dúvidas. Narciso era um apóstolo itinerante e, como os outros, sua permanência em alguma cidade ficava a critério da *Comissão do Movimento*, grupo formado por três pessoas responsáveis pelas atividades internas da Organização.

Os apóstolos itinerantes trabalham individualmente, agindo sobre uma pessoa ou pequeno grupo. Nesse ponto, diferenciam-se

dos *eremitas itinerantes*, designação que se dá aos que têm por sede uma perua (geralmente uma *Kombi*) e percorrem o país de ponta a ponta. A função dos eremitas itinerantes é distribuir material propagandístico da Organização, seus livros e jornais *(Catolicismo)* e recolher assinaturas para eventuais abaixo-assinados. Recebem essa denominação porque, além de nunca terem ponto fixo, obedecem dentro da perua à mesma disciplina dos eremitas: têm um superior, rezam, lêem e falam apenas quando lhes é permitido. Suas peruas usam cortinas nas janelas, geralmente de tecido escuro, para permitir maior compenetração; o banco dianteiro é separado do restante do veículo por um painel onde, invariavelmente, há uma imagem da Virgem Maria e outros símbolos. De uns anos para cá, as peruas foram equipadas com um *trailer*, dispensando, assim, os eremitas itinerantes de recorrerem aos hotéis ("antros de prostituição") para dormirem. Os eremitas itinerantes recebiam adestramento no *Êremo de Nossa Senhora do Amparo*,(*) uma sede-fazenda da Organização no município de Amparo (SP), destinada aos estudos da opinião pública e psicologia de massa.

4

— Localizem o líder, aproximem-se, tornem-se amigos dele e o conquistem. Com isso, os senhores terão conquistado não toda a classe, pois isto é impossível, mas seus melhores elementos — recomendavam-nos os instrutores, treinando-nos para agir em nossos colégios. — Não tenham vergonha de se apresentarem como membros da TFP e de se comportarem como tal. Se agirem de outro modo, os senhores estarão diminuindo as chances do sucesso. Mas, procedendo abertamente, sem receio e com desenvoltura, inevitavelmente irão dividir seus colegas e terão ascendência sobre aqueles que, em intensidade variável, tenham alguma simpatia pelas nossas idéias.

Prosseguiam nossos instrutores:

— A primeira tarefa dos senhores numa sala de aula, portanto, é esquadrinhar seus colegas: detectar os líderes, do Bem e do Mal, os mais estudiosos (os *caxias*), os mais retraídos, os mais vulneráveis às nossas idéias, os mais contrários a elas (os *serpentários*).

(*) *Êremo*, palavra restrita aos membros da TFP, designa as sedes onde seus moradores levam vida de reclusão. O termo equivale a *eremitério*.

Palmilhado dessa forma, o terreno poderá ser pisado com mais segurança. Temos de descobrir quais os que poderão tornar-se nossos amigos, conquistar a confiança deles e procurar, aos poucos, isolá-los dos que não compactuam com nossas idéias. Formado o círculo ao nosso redor, temos de lutar para galvanizar essas pessoas e, uma vez solidificada nossa posição e reforçado nosso grupo, é chegada a hora do confronto. Temos de levantar alguns temas, ou aproveitar os assuntos tratados pelos professores, para lançar nossas idéias, esperar o contra-ataque e lutar por elas. Num ambiente como esse, nossos princípios terão a fertilidade necessária para que desabrochem e produzam seus frutos.

— Como é que seria esse confronto? — perguntou, meio timidamente, um dos estagiários.

— *Pugnemus pro Domina* — interrompeu um dos participantes, nordestino, ansioso para que lhe fosse concedida a palavra.

— *Quis ut Virgo*! — consentiu um dos coordenadores.

— Posso dizer o que penso sobre como seria o confronto?

— Sim — concordou o coordenador.

— Ora... — começou ele, arrumando o porte enquanto pensava — nada melhor que provar aos *serpentários* que, além de estarmos convencidos de nossas idéias, somos também bons em... digamos assim... lutar por elas, não é mesmo?

— O senhor está insinuando o que, hein? — quis saber com mais precisão o coordenador, com um sorriso de malícia.

— Pensei que tivesse sido claro. Se for preciso dar uns bons *tabefes* nos que quiserem nos sabotar, devemos dar os *tabefes*.

— Jamais devemos recuar, sejam quais forem as circunstâncias — concordou o coordenador, ressalvando, porém: — O que não implica sairmos por aí agredindo todos os que se opuserem a nós. Mas, se for necessário, em ocasiões extremas...

— *Pugnemus pro Domina* — pediu a palavra outro participante, do Sul.

— *Quis ut Virgo!*

— Então, acho que ainda temos de estudar muito para conseguir atrair os líderes e também treinar bastante para, quando necessário, dar uma boa lição em nossos adversários.

— É uma conclusão óbvia — interpelou um dos coordenadores, loiro, olhos azuis, cabelo mais rente que o dos demais, fisionomia sisuda, poucas palavras e olhar desafiador. Ele se levantou, sorriu, abriu o paletó e colocou as duas mãos na cintura.

— O *membro do grupo* — disse ele — tem de ser um homem corajoso, tão hábil em seu raciocínio quanto ligeiro e contundente com seus punhos. Temos de estudar e rezar muito, porque sem estudo não seremos capazes de compreender a TFP em todo o seu espírito; sem oração, não teremos as forças necessárias para adquirir as virtudes que nos são exigidas. Porém, isto apenas não basta: precisamos moldar nosso físico à semelhança de um soldado. Ou melhor, de um cruzado. Pois os cruzados, homens de convicção e fé contagiantes, foram também os protótipos do verdadeiro guerreiro. Eles lutavam para a até então mais nobre de todas as causas, dispostos a dar por ela o que mais precioso possuíam: a própria vida. E nós, para que missão fomos chamados? Para destruir a Revolução e implantar o Reino de Maria! Existe motivo mais convincente para que procedamos melhor do que eles? Nossa causa é maior, muito mais nobre e séria do que a deles. Portanto, temos, em igual proporção, de ser muito, muito melhores do que eles. Na fé, na convicção, na luta!

Outro coordenador, mais baixo, de gestos e palavras rápidas, aproveitou o raciocínio de seu antecessor e emendou, enfático:

— Somos escravos da Virgem, não somos? E o que significa ser escravo dela? Que devemos ficar o dia inteiro invocando o seu nome, rezando seguidas ave-marias e recitando jaculatórias em seu louvor? Que devemos ficar ajoelhados o maior tempo possível, de mãos juntas e com cara de beatos? Ora, a escravidão é algo muito superior a isto. Nossa forma de piedade — e São Luís de Montfort não o disse no *Tratado?* — deve distinguir-se da dos falsos devotos ou devotos tíbios. Quando renovamos nosso ato de escravidão diariamente, será que paramos para meditar um minuto que seja sobre o real significado desta atitude?

O segundo coordenador discursava com voz forte, gesticulando, incisivo, fazendo algumas pausas em seu raciocínio para permitir que suas palavras tivessem maior ressonância e fossem melhor assimiladas. Olhando fixamente para a platéia, neste momento encolhida em suas cadeiras, exclamou:

— O escravo da Virgem é, antes de tudo, um soldado! Duvidam? Pois há um trecho da Consagração que não deixa dúvidas: "Entrego-vos e consagro-vos meu corpo e minha alma (...) deixando-vos o direito pleno e inteiro de dispor de mim e de tudo o que me pertence, *sem exceção*". Para quê? "Para a maior glória de Deus." E, mais adiante, não prometemos, "como vosso verdadeiro escravo, buscar a vossa honra e obedecer-vos em todas as coisas"? Pois a honra de Maria é conspurcada a todo instante por esta multidão de *Filhos das Trevas* que prolifera ao nosso redor; sua

honra é manchada pelos pecados que a humanidade comete numa freqüência maior e numa intensidade também maior; sua honra é ofendida pelos pecados sexuais que hoje são praticados quase com a mesma naturalidade com que se toma um sorvete. Prometemos lutar pela glória dela, não foi? E ela só será inteiramente glorificada quando o mundo se converter. A conversão do mundo, a aniquilação do Mal, a derrota dos agentes de Satanás — este é o nosso objetivo! Não fomos chamados somente para rezar. Fomos chamados também para rezar, mas sobretudo para lutar. Além de escravos, devemos ser *guerreiros de Maria*!

O discurso inflamado do coordenador causou viva emoção em nós, a esta altura achatados demais em nossas cadeiras para arriscar algum comentário ou fazer qualquer pergunta. Percebendo o efeito causado em nós, os coordenadores suspenderam a reunião.

— Os senhores têm algum tempo livre, até que o sino seja tocado — instruiu-nos um deles, acrescentando: — Silêncio absoluto. Quando ouvirem o sino, reúnam-se no pátio.

5

Dispersamo-nos. Cada um de nós fazia aquilo que seu estado psicológico lhe ditava: alguns se recolheram na capela — onde a lamparina do sacrário era a única luz do ambiente —, outros empunhavam seus rosários, caminhando lentamente pelas alamedas do jardim, um grande número se espalhou pelas bordas da montanha, contemplando a paisagem.

O ambiente era de meditação e de exame de consciência. Nunca me fora apresentada de modo tão claro a seriedade do compromisso que assumira. Nos meses anteriores, quando dera passos sempre mais profundos no interior da TFP, esbarrara em doutrinas cada vez mais sérias. A TFP aparecia-me como algo grandioso, reluzente em seus símbolos, ufana de seu ideal. Mas este ideal, ao mesmo tempo em que o sentia próximo, dava-me a impressão de ser inatingível. Para ser fiel a ele, estava certo de que teria de mudar radicalmente, desprezar tudo o que me afastasse dele. Estava rompendo com o mundo, sabia que já progredira nesta trajetória, e agora me convencia de que era exortado a subir mais um degrau. Não bastava apenas que me transformasse: teria de mudar as outras pessoas. Somente assim corresponderia ao chamado que Deus me fazia.

Começava aí o meu *apostolado*, a fase em que passaria a transmitir aos outros o que me fora ensinado e tentaria fazer a eles

o que haviam feito comigo. Esta tarefa me parecia, naquele momento, quase impossível. Faltavam-me argumentos capazes de vencer as resistências daqueles que seriam trabalhados por mim. Argumentos, apenas argumentos? Não, faltava-me ainda a espiritualidade que me era exigida para atrair e conquistar as pessoas. Meu trabalho não seria somente jogar uma enxurrada de princípios sobre meu "discípulo" e induzi-lo primeiro a compreendê-los e, em seguida, a assimilá-los. Aquelas idéias, das quais compartilhava — sem ainda compreendê-las por inteiro — somente seriam aceitas, somente transformariam as pessoas sob a ação da graça divina. Como conquistar essa graça para os outros se para mim mesmo já era difícil? Esta pergunta angustiava-me, e não sabia como respondê-la. O instinto, porém, aconselhava-me: "Deus jamais deixará de atender aqueles que pedem para o próximo". Restava-me rezar, sacrificar-me para o benefício daqueles a quem queria atrair...

6

De repente, o sino disparou. Corremos para o pátio e tentamos pôr em prática as instruções que recebêramos. Mas a formação militar que fizemos foi desastrosa: pessoas mais altas no meio da coluna, fileiras tortas, espaçamento irregular.

— O que é isto? — esbravejou o instrutor de cabelos loiros — Vocês parecem mais alunas de colégio de freira que se preparam para o desfile de Sete de Setembro! Que vergonha! Que vergonha! Se me contassem, não acreditaria! Mas estou vendo com meus próprios olhos e convenço-me de que vocês são uns grandes *molóides*. Onde é que estão os escravos e guerreiros de Maria?

Ficamos desconcertados. O instrutor gritava, gesticulava com autoridade. E nós, que não esperávamos aquela brusca mudança de comportamento, estávamos assustados. Alguns se contraíam, procurando manter o porte o mais ereto possível. Outros, levando menos a sério a repreensão, se mantinham displicentes, olhando sorrateiramente para o companheiro ao lado, lançando sorrisos de deboche.

— O quê?!!! Quem está rindo? — interpelou o instrutor. — Estamos numa luta sem trégua contra o Mal e alguns dos senhores ainda têm a ousadia de rir? O que os senhores pensam que sou? Um palhaço?! O que os senhores pensam que estamos fazendo aqui? Piquenique?! Por acaso isto é um acampamento de escoteiros? Quem foi que riu? Todos os que riram saiam da formação e formem uma coluna, aqui na frente!

Os que riram voltaram a se entreolhar, ficaram alguns segundos indecisos e, assim que o primeiro se adiantou, seguiram-no, timidamente, até o local indicado.

— Voltem, voltem para seus lugares! Os senhores são realmente uns *molóides*, andam como tartarugas! Quero que dêem passos firmes, marciais, caminhem com o peito estufado, mantenham sempre a posição ereta! Vamos logo, voltem para seus lugares!

A ira do instrutor assustava ainda mais não somente aos que se haviam comportado da maneira por ele condenada, mas a todos, desabituados àquele tratamento bruto. Os infratores, uns cinco, ocuparam as posições anteriores, aguardando nova ordem para se adiantar.

Inflexível em sua postura, o instrutor encarava a todos nós, sem exceção, dando a impressão de querer detectar algum movimento que o desagradasse. Novamente, ordenou aos infratores que ocupassem a posição indicada à frente e, um por um, argüia:

— Senhor Mário!

— *Praesto sum!(*)*

— O senhor riu enquanto os repreendia?

— *Praesto sum!*

— Não quero saber se o senhor está às ordens! Quero saber se o senhor riu! O senhor riu?

— Sim... sim, senhor, eu ri.

— Responda como homem! O senhor riu?

— Ri, sim, senhor.

— O senhor riu ou não riu? — gritou novamente o instrutor.

— R-R-R-R-I-I-I-I!

— Aaahhh! muito beeeemmmm, muito beeeemmmm — comentou o instrutor, irônico. Isso mesmo! Quero que os senhores se portem e falem como homens!

E emendou, dirigindo-se ao segundo infrator:

— Senhor Paulo, o senhor riu ou não riu?

— R-R-R-R-I-I-I-I-!

A mesma pergunta foi feita aos demais, que, um a um, advertidos pela lição dada ao primeiro, se esforçavam por gritar o mais alto possível ao responder. Depois que o último foi interpelado, gritou o instrutor, dirigindo-se a eles:

— Escravos de Maria!

(*)"Estou às ordens".

— *Praesto sum!*

— Trinta flexões!

— *Praesto sum!*

Alguns já haviam começado o inesperado exercício, quando o instrutor novamente os indagou:

— Quem ordenou que começassem?

O silêncio foi sepulcral. Tanto os faltosos, como nós que assistíamos à humilhação que passavam, nos entreolhamos com surpresa, tentando adivinhar qual seria o próximo lance. Nós, naturalmente, não estávamos temerosos tanto quanto os que eram repreendidos, mas já começávamos a pressentir que aquilo, que no início nos parecera apenas uma brincadeira, era realmente sério — e poderia ter novos desdobramentos.

— Os senhores devem obedecer ao meu comando — advertiu o instrutor, apontando-lhes o dedo em riste — e somente começarão quando eu ordenar, e ainda terão de seguir o ritmo que eu impuser às flexões. Entendido?

— *Praesto sum!*

— Muito bem, a postos, então! — ordenou-lhes, desta vez com menos arrogância na voz. E, assim que eles estavam posicionados, iniciou a contagem, pausadamente.

— Um... dois... três... quatro... oito... nove... dez... 15... 16... O que é isto, o que é isto? — interrompeu bruscamente, voltando-se para um dos penitentes que, esgotado, não conseguia mais levantar-se do chão. — Quem mandou que o senhor parasse? Fez apenas 16 flexões e já entregou os pontos? Inadmissível! Inadmissível! Vamos, recomece! O senhor está atrasando os outros!... Como, os senhores também pararam? (o instrutor acabava de surpreender os demais que, aproveitando seu descuido, afrouxaram seus movimentos). Todos de pé, imediatamente!

Num só movimento, todos obedeceram, mantendo-se inflexíveis no porte, embora perfilados desordenadamente. O instrutor andava de um lado para outro, pisando forte sobre as lajes com seu sapato de bico fino, protegido nas extremidades das solas por chapas de aço. De repente, parou, dirigiu olhares de repulsa a todos, pensou alguns instantes e observou, num tom de quase complacência combinada com algumas pitadas de arrogância:

— Acabo de comprovar que os senhores não estão preparados para a missão a que foram chamados. Acham bonitinho — engraçadinho até — ter-se consagrado escravos de Maria. Julgam que estão salvando as pobres de suas alminhas ao comungar e rezar o rosário diariamente. Pensam que, com isto, estão correspondendo à

sua vocação? Temos de nos entregar a uma vida voltada para o sublime, para o espiritual, o que significa que não podemos acomodar-nos. Nossa luta desenvolve-se em várias frentes. Precisamos preparar nossas almas para os combates espirituais que nos esperam num futuro muito próximo — muito maiores e mais severos do que os senhores podem imaginar — mas também temos de dispor o nosso físico para as lutas corporais que nos possam surpreender. Espiritualmente — admito — os senhores dão sinais de ter iniciado a caminhada, segura e decisiva, para o progresso. Mas fisicamente... é uma lástima!

E, recuperando sua postura autoritária, deu nova ordem:

— Todos têm três minutos para estar de volta ao pátio trajando seus quimonos!

Disparamos para os alojamentos. O tempo era curto de mais para que pudéssemos tirar nossos ternos, afrouxar os sapatos e substituí-los pelos quimonos e tênis. Além disso, não podíamos despir-nos diante de nossos companheiros, o que nos obrigava a revezar-nos nos quartos e banheiros. O resultado não poderia ser outro: quando o sino voltou a tocar, umas cinco ou seis pessoas apenas estavam no pátio.

— Trinta flexões! — berrou, a plenos pulmões, o instrutor, agora também vestindo quimono e empunhando ameaçador bastão de madeira. — Quem mandou começar? — Sigam o ritmo que eu impuser! — Trinta "cangurus"! — Vamos, vamos! Mais rápido, mais rápido! — Agora, vamos correr! Se alguém parar antes de minha ordem, correrá o dobro!

Seus comandos se sucediam, num ritmo alucinante. Terminávamos um tipo de exercício, mal começávamos a respirar e, novamente, ele impunha outro exercício, e outro e outro. Aquilo me parecia que não mais teria fim. Os músculos já começavam a doer, meus pulmões estavam repletos de gás carbônico, a cabeça girava. Mas não podia ceder. As marchas militares, a todo o volume, e os brados de entusiasmo repetidos a cada instante não eram capazes de amenizar meu cansaço. Há quanto tempo estávamos ali, exercitando-nos e correndo sem parar?

— Um, dois, três! Um, dois, três! Vamos, repitam comigo: Um, dois, três! Um, dois, três! — gritava sem cessar o instrutor, e sua voz já começava a irritar meus tímpanos.

"Há quanto tempo estávamos ali, quanto? Será que isso vai demorar muito? O que é que ainda falta? Oh, Deus, dai-me força" — pensava, sentindo o desespero crescer e misturar-se com um sentimento de — *vade retro, Satana* — revolta. — "Quanto, quanto tempo ainda vou agüentar?"

— Um, dois, três! Um, dois, três! — continuava ele, parecendo comprazer-se de nossa situação angustiante. — *Pugnemus pro Domina!*

— *Quis ut Virgo!*

Estava com a garganta rouca de tanto esforçar-me para gritar brados e jaculatórias que, ao invés de levantar meu moral, contribuíam ainda mais para minha angústia. Minha e de meus companheiros também, pois mesmo os mais disciplinados não conseguiam dominar o cansaço e esconder os primeiros sintomas de desespero.

— Lutemos por Maria!

— Deus o quer!

— Pelo Brasil!

— Tradição, Família, Propriedade!

— São Miguel!

— *Ora pro nobis!*

— São Rafael!

— *Ora pro nobis!*

— São Gabriel!

— *Ora pro nóóóóóóbis!*

Nossas vozes não conseguiam mais manter a uniformidade. Desafinávamos, alguns simplesmente não mais respondiam, minha garganta ardia e meu organismo não produzia mais a saliva necessária para refrescar-me a boca.

Há mais de uma hora o sol havia-se posto. A noite, muito estrelada, revigorava a umidade das matas que revestem as montanhas de Petrópolis e a leve brisa soprada, à distância, pelo mar. O clima era o principal aliado de nosso instrutor, pois, se estivéssemos fazendo os mesmos exercícios em sol a pino, dificilmente chegaríamos ao fim, sem que alguns pedissem trégua antes. Quando sentia que já estava usando recursos extras de minha capacidade física, ouvi, finalmente, a ordem por que mais ansiara:

— Os senhores estão dispensados. Em meia hora o jantar será servido.

Jantamos, silenciosamente, à luz de velas colocadas em grossos candelabros. Ao ser servida a sobremesa, o mesmo instrutor — o único que falou à mesa — assumiu atitude cordial, lembrando outra vez a necessidade de adquirirmos bom preparo físico, de iniciarmos os treinamentos de caratê (luta praticada pela maioria dos adeptos da TFP), pois isto — justificou — nos ajudaria em situações de emergência. E ele ainda enumerou algumas das ocasiões em que os militantes tiveram de enfrentar, corpo a corpo, os

adversários da Organização: em Belo Horizonte, várias vezes, onde a luta mais famosa ocorrera nos jardins da Igreja da Boa Viagem ("éramos uns 15 lutando contra mais de 100, e ganhamos"); em Juiz de Fora ("fomos cercados num quarteirão por mais de 200 universitários e batemos tanto neles que alguns tiveram de ser hospitalizados"); e em outros locais, onde a luta, porém, fora de menor intensidade.

Depois de voltar a criticar-nos pelo péssimo desempenho durante a ginástica — desta vez, sem a rispidez de antes —, observou:

— O que fizemos hoje foi uma pequena demonstração dos adestramentos que os senhores terão em *Itaquera.*

4

"Dies Irae" — castigo para a Terra, triunfo da TFP

No dia seguinte, ainda com os músculos doloridos — e essa dor perturbou-me por vários dias — assinamos um documento pedindo à *Comissão do Movimento* para participar de uma *Itaquera.* Itaquera, nome de um subúrbio paulistano, passou a designar os cursos de aperfeiçoamento dos membros da Organização, cursos rigorosos que mesclavam aulas de doutrinação com adestramentos físicos intensos.

A TFP mantinha(*) uma sede em Itaquera — uma grande sede, ocupando enorme quarteirão — utilizada para esses cursos. Em sua rotina normal, esta sede alojava os membros da TFP encarregados dos contatos internacionais da Organização. Ali eram catalogadas as publicações recebidas do exterior, ali estavam os fichários com os nomes, endereços e dados pessoais dos simpatizantes espalhados pelo mundo, e de lá partiam as diretrizes que seriam cumpridas pelas TFPs do exterior(**).

A partir de 1973-74, esta sede não mais foi usada para esse tipo de curso. A menos de 100 metros dela foi alugada uma outra — ainda maior e com quase o dobro do terreno da primeira. Seria nessa segunda sede que, quase dois anos depois, teríamos a nossa *Itaquera.*

(*) O verbo está no passado porque não sei se esta sede ainda está ativa.

(**) Do Brasil, a TFP estendeu-se a 14 países, na América e na Europa. Na Venezuela, porém, o governo proibiu, recentemente, seu funcionamento.

2

Na última cerimônia da qual participamos durante o estágio em Petrópolis, cada um de nós foi chamado à frente dos demais, na capela, quando, então, era informado de que partiria em seguida para uma cidade onde, durante algum tempo, deveria dedicar-se ao *apostolado*. Isto é, ao recrutamento de novos membros. Formaríamos duplas e enviaríamos relatório diário à *Comissão do Movimento*, informando sobre nossas atividades.

Aloísio e eu fomos designados para uma minúscula e acanhada cidade do interior de Minas Gerais: Conselheiro Lafayette. Viajamos assim que a cerimônia acabou, recebendo algum dinheiro para nossa manutenção. O dinheiro era pouco, o suficiente para sobrevivermos — e mal — nos primeiros dias, apenas. Depois disso, teríamos de nos arranjar como pudéssemos.

— Não se preocupem com isso — consolou-nos um dos eremitas — pois Nossa Senhora estará sempre junto dos senhores.

Estava certo disso. Pelo menos nos primeiros dias, pois um *correspondente e esclarecedor*(*) reservou uma ala de seu escritório de Contabilidade para dormirmos e ali desenvolvermos nossas atividades.

O escritório, modesto, maltratado, ficava no primeiro andar de um edifício comercial, no alto de uma ladeira, onde, à noite, as prostitutas faziam ponto — o que não nos perturbava, porque, nesse período, saíamos raramente, apenas para comer alguma coisa, fazer compras de última hora ou visitar um *apostolando*(**) ou simpatizante.

Ficamos nesta cidade três semanas. E os resultados foram pouco animadores: não conseguimos aliciar ou aproximar da TFP uma única pessoa. Não que não nos esforçamos, simplesmente porque não tínhamos a prática necessária. Reunimos vários grupos de rapazes na sede improvisada, conversamos com eles, projetamos audiovisuais sobre a Organização. Enfatizávamos sempre o lado religioso da TFP, já que, tradicionalmente — acreditávamos —, os mineiros são propensos à religiosidade.

Engano, ilusão. A cada argumento nosso, sempre havia um entre os rapazes que contra-argumentava com mais eficiência, jogando por terra nossos raciocínios. Quando, por exemplo, tentamos explicar a um grupo a simbologia do nosso estandarte, um dos rapazes, com não mais de 16 anos, interpelou-nos:

(*) simpatizante, que colabora ideológica e financeiramente com a TFP.
(**) membro em potencial da Organização.

— Vocês disseram que o leão estava voltado para o lado esquerdo, simbolizando a luta contra o Mal?

— Sim — respondi, seguro e confiante em meus conhecimentos.

— *Uai!*, mas, se não me engano, ele está voltado para a direita...

Engoli em seco. Ele tinha razão. O leão estava realmente voltado para a direita, e eu nunca me dera ao cuidado de examinar detidamente sua posição. Pedi desculpas ao rapaz, tentei justificar, dizendo-lhe que alguém se enganara ao pintar o estandarte, "novo, por sinal, você não está vendo?"

Insatisfeito com minha resposta e fiel à desconfiança mineira, o rapaz aproximou-se do estandarte, segurou uma das bordas, analisou-o mais de perto e, depois de alguns segundos, observou, para nosso desespero:

— Estranho, *tô* vendo que a tinta já está gasta. Além disso, como é que o estandarte foi pintado ao contrário se as palavras Tradição, Família e Propriedade estão na posição correta?

Foi difícil recompor-nos. Aloísio e eu olhamos um para o outro, tentamos disfarçar, alegando que esses eram detalhes insignificantes, que o importante mesmo era o simbolismo ali contido...

— Puxa, que gafe cometemos — disse-me Aloísio assim que o grupo de rapazes deixou a sala. — Como é que o leão deste estandarte pôde mudar de posição? Não consigo entender.

Relaxado em minha cama-de-campanha, que acabara de abrir em outra extremidade da sala, fiquei olhando para o estandarte, intrigado. É, o leão estava mesmo voltado para a direita. Mas, então, por que nos ensinaram que ele está virado para a esquerda?

— Espere aí, senhor Aloísio — interrompi repentinamente, dando um salto de minha cama. — O leão está dirigido para a direita dele, mas voltado para esquerda de quem está à sua frente.

— Eureca! — exclamou ele, não contendo a satisfação ao decifrar um detalhe tão miúdo, mas que, instantes antes, nos deixara numa situação constrangedora e humilhante.

Constrangidos e humilhados ficamos, na realidade, alguns dias depois, quando, não querendo abusar da hospitalidade de nosso anfitrião, resolvemos buscar em outras fontes os recursos para nossa subsistência. Era um trabalho que exigia, digamos, petulância por um lado, sangue-frio por outro. Percorríamos restaurante por restaurante, pedíamos para falar com o gerente, explicávamos nossa situação, expúnhamos rapidamente a finalidade da TFP, preparando-o, assim, para a investida:

— Sabe, senhor, nós nos dedicamos a um ideal, entregamos nossas vidas a ele e, por isto, recorremos à sua caridade e pedimos

que o senhor nos forneça gratuitamente o almoço (ou o jantar, conforme o caso).

Procurávamos demonstrar ser os mais humildes possível, fazíamos uma cara de piedade para sensibilizar aquele que poderia saciar nossa fome, gesticulávamos muito, tentando fazer que nossa entonação de voz e a contração dos músculos faciais expressassem da melhor maneira a nossa necessidade.

E a resposta, na maioria das vezes:

— Sinto muito. Gostaria de ajudá-los, mas, infelizmente, estou passando por dificuldades financeiras. No fim do ano as coisas prometem melhorar e, então, terei o maior prazer em atendê-los.

Para nosso desespero, quase todos os proprietários ou gerentes de restaurantes pareciam ter ensaiado a mesma resposta. A possibilidade a que eles acenavam não servia nem um pouco para nosso consolo: estávamos ainda no mês de julho...

Havia exceções. Para cada dez pedidos, recebíamos em média duas respostas mais ou menos parecidas:

— Ah, sim, faço questão de ajudá-los. Vocês pagam apenas 80% da despesa, está bem?

Assim, voltávamos, duas ou três horas depois do início de nossa peregrinação, para a sede improvisada, com os estômagos em fúria e quase cambaleantes por subir as intermináveis ladeiras da cidade.

— Não tem importância — desabafou, certo dia, meu companheiro. — Nosso sacrifício está sendo assistido por Nossa Senhora. Com certeza, sem que o saibamos, estamos ajudando as almas do purgatório, talvez até evitando que alguém, à beira da morte, se mantenha irredutível em seu pecado. Analise bem, senhor Pedriali, a beleza de nossa situação. Tínhamos todo o conforto em nossas casas, não é verdade? Faltava-nos alguma coisa lá? Duvido! E eis que estamos aqui, passando fome e outras necessidades, porque nos propusemos a lutar pela Contra-Revolução, pela salvação das almas, pela restauração da civilização cristã. Nosso esforço, com certeza, está sendo anotado com letras de ouro no Livro da Vida. Na história que será escrita nos séculos vindouros, quem sabe?, seremos mencionados como dois daqueles que rejeitaram todo o prazer material e se dedicaram, enfrentando os maiores desafios e sacrifícios, à construção do Reino de Maria!

Prosseguia Aloísio:

— Os serafins, os querubins, os arcanjos, enfim, as miríades de anjos que formam a corte celeste podem estar neste momento louvando a Deus com mais entusiasmo, porque vêem, em meio à Terra devastada e sem honra, pessoas que ainda se entregam, de

corpo e alma, à causa de Deus. Não podemos fraquejar! Nossa luta — e devemos sempre lembrar-nos disso — é a mais sublime de todas, nossa causa é a mais santa de todas! Nós nos distinguimos dos cruzados, entre outras coisas, por um fato relevante: eles combatiam um inimigo visível, de carne e osso, enquanto nós participamos de uma luta acima de tudo espiritual, sem conhecer os rostos de nossos adversários, que proliferam ao nosso redor. Além disso, os cruzados, quando saíam para o combate, eram saudados como heróis. Quando voltavam de sua missão, eram também aclamados como heróis, recebidos triunfalmente por suas famílias, por seus amigos, reconhecidos e louvados por toda a sociedade. Nós, pelo contrário, somos incompreendidos e desprezados por todos, até por nossos pais...

Meu companheiro era eloqüente, tanto que várias vezes cheguei a duvidar de que ele nascera mesmo em Minas Gerais. Seu entusiasmo era contagiante, ele se empolgava ao falar, preferindo, em ocasiões como aquela, trocar o diálogo pelo discurso.

"Muito bem" — cheguei a pensar algumas vezes —, "isso tudo é muito bonito, mas os cruzados pelo menos tinham o que comer"...

Nosso problema finalmente foi resolvido. Constatando nossa incapacidade de conseguir alimentação grátis em restaurantes, nosso anfitrião convidou-nos para jantar diariamente em sua casa. E, gentilmente, deu-nos uma carta de apresentação ao prefeito, que consentiu em financiar-nos o almoço — desde que freqüentássemos o restaurante determinado.

— Não disse, não disse que estávamos sendo testados por Deus? — desabafou Aloísio, logo que deixamos o gabinete do prefeito e, sem pensar duas vezes, fomos ao restaurante recomendado, levando uma carta-autorização.

— Dois *peéfes*(*) — gritou para dentro da cozinha o garçom, colocando sobre a mesa a porção d'água, servida numa garrafa de plástico encardida, destinada originalmente a embalar um litro de álcool.

— Aqui estão os *peéfes* — disse o garçom, atirando os pratos sobre a mesa. Olhamos para aquilo, trocamos um olhar de nojo, mas não podíamos fazer outra coisa senão comer o que jamais teríamos a ousadia de chamar de almoço. No mesmo prato, o macarrão (duro) misturava-se com o feijão, o feijão com o ovo

(*) pratos-feitos.

engordurado, o ovo com a farinha de mandioca, a farinha com o arroz escuro e o arroz com alguns pedaços destroçados de alface que, por atentado à estética e ao bom-gosto, ocupava exatamente o compartimento inferior daquele "edifício".

Felizmente, teríamos de nos submeter a este suplício somente por mais dez dias, período que nos restava para ficarmos em Conselheiro Lafayette. O que mais nos afligia, porém, não era a comida repugnante que tínhamos de engolir diariamente naquele restaurante (restaurante?). O que mais nos afligia eram as dificuldades que enfrentávamos em nosso trabalho de aliciamento. Estávamos certos de que seguíamos corretamente as instruções que nos foram transmitidas em Petrópolis. Abordávamos os rapazes que nos pareciam recrutáveis, nas ruas, nas saídas das aulas, nas portas das igrejas. Tínhamos com eles, inicialmente, conversas superficiais, durante as quais procurávamos alguma fresta que nos permitisse dizer-lhes quem éramos, o que representava a TFP, para, num segundo lance, convidá-los a uma reunião em nossa sede.

Até esse ponto não encontrávamos dificuldades. A partir daí, porém, deparávamos com uma barreira que nos parecia intransponível. Como lhes atrair a simpatia para a TFP? Como fazer com que se interessassem pela Organização? Como superar suas dúvidas? Quando pensávamos que havíamos convencido um deles a respeito de alguma dúvida apresentada, nosso neófito expunha outra e, assim, sucessivamente. O mais difícil não era ainda desfazer as dúvidas; o mais difícil era neutralizar a oposição que a maioria deles fazia às nossas idéias.

3

Semanas mais tarde — alertado por um apóstolo itinerante veterano que me recepcionou em Belo Horizonte, no fim do estágio em Lafayette — é que me daria conta da falta de preparo para aquele tipo de missão. Os argumentos que possuía na ocasião eram inconsistentes e, por isso, incapazes de vencer as resistências daqueles que queria aliciar. Exigia-se trabalho mais penetrante, meticuloso, fatigante, jesuítico. Depois de pinçado, o *apostolando* tem de ser arrastado por uma corrente avassaladora de argumentos precisos, lançados na hora certa. Suas reações devem ser acompanhadas meticulosamente, os pontos de afinidade explorados ao máximo, as resistências sufocadas com cautela e da maneira mais indolor possível.

— Nunca se oponha frontalmente às idéias de um *apostolando*, não se apresse em refutar seus argumentos contrários às nossas teses — explicou-me o apóstolo itinerante. — Atenha-se inicialmente em discutir os pontos em comum que ele possui conosco, elogie as posições que ele compartilha com o *grupo*. Numa palavra, atraia-lhe a confiança e a simpatia. Depois, e somente depois, vá aos poucos penetrando nos assuntos sobre os quais não estamos de acordo, lançando, aqui e ali, alguma dúvida sobre as opiniões dele. De imediato, ele procurará defender as idéias próprias — e isto é natural. Quando reagir dessa forma, não podemos cair sobre ele como um raio, mas temos de avançar com cautela, levantando novas dúvidas. Isso fará que ele, quando estiver só, pense sobre o que falamos, procure encontrar respostas às nossas ponderações. O processo estará desencadeado. E ele chegará a um ponto em que não terá mais condições de resistir à nossa argumentação.

E prosseguiu meu conselheiro:

— Temos de criar no interior dele um atrito. Atrito ideológico que, inevitavelmente, provocará a faísca. Aí, ou ele adere à nossa causa ou decide, conscientemente, recusá-la. Este é o período mais crítico do *apostolado*: o fato é que temos de lutar para que ele não se afaste, porque, se isto acontecer, ele estará correndo o risco de perder sua alma, pois, fora da TFP — o senhor sabe disso muito bem —, não há salvação. Neste momento, não podemos dar-lhe trégua, pois nossa omissão será cobrada quando prestarmos contas a Deus de nossos atos aqui na Terra. Somente a omissão? Não! Também nosso despreparo ideológico e, principalmente, nossa tibieza espiritual. O recrutamento de um militante é, acima de tudo, um trabalho espiritual. Desde o primeiro contato que ele mantém conosco, estará incessantemente coagido pelos demônios a afastar-se de nós. Ao mesmo tempo, os anjos estarão travando a seu lado uma luta implacável, tentando vencer os demônios. O que acontece em torno de todo *apostolando* — tal como aconteceu conosco — é um combate inexorável, a cada segundo, entre o Bem e o Mal, entre a Verdade e a Mentira, entre a Luz e a Treva — em última análise, entre Deus e Lúcifer.

— O tratamento dispensado a cada *apostolando* jamais deve ser o mesmo — continuou. — Toda pessoa se distingue das outras, possui dentro de si um universo de individualidades, potencialidades e aptidões. Todo indivíduo analisa os fatos segundo o ângulo que lhe confere a soma de conhecimentos e experiências acumulados durante sua vida. Cada pessoa reage aos fatos e às circunstâncias conforme seu temperamento. Portanto, para que possamos ter

êxito em nosso trabalho, é indispensável conhecermos a psicologia de quem estamos recrutando.

— Mas como conhecer sua psicologia? — perguntou, apressando-se em dar a resposta: — À primeira vista parece um trabalho muito complexo. Mas não é. Inicialmente, é importante saber qual o caminho por que podemos penetrar em seu interior. A este caminho chamamos de *vertente*. E não há mais do que três vertentes que podem ser exploradas...

— Quais? — eu quis saber, excitado por esta novidade.

— A psicológica, a religiosa e a social. Vou explicar-lhe: a vertente psicológica é aquela que possuem as pessoas inclinadas para a música, o teatro, a pintura, enfim, para o belo; a religiosa, bem, dispensa explicações; e a social a têm os que se preocupam com os acontecimentos políticos e sociais, que buscam explicações para eles e que se deixam envolver por eles. É comum também que a mesma pessoa possua duas vertentes ao mesmo tempo e, em alguns casos raros, até as três.

Enquanto ele discorria sobre as manifestações dessas três vertentes, meu cérebro compilava aquelas informações e remetia-me para os primeiros momentos em que freqüentei a TFP. Sem muito esforço, dava-me conta das reações que tive ao entrar na sede da Organização pela primeira vez, a palestra de Rodrigo sobre política internacional, as músicas clássicas e religiosas tocadas com insistência, os símbolos e quadros contidos em cada sala e que exerciam, sobre quem se detivesse em analisá-los ou simplesmente passasse por eles, efeito previamente estudado.

A técnica inicial de aliciamento descrita pelo apóstolo itinerante ajustava-se perfeitamente a meu caso. Creio que não foi difícil a meus recrutadores perceberem de imediato minha inclinação para a religiosidade e política, ao mesmo tempo. A partir disso, restara-lhes apenas explorar os assuntos de minha preferência, manipulá-los de acordo com a ideologia da TFP e usar os argumentos "corretos", na hora certa, para dissipar minhas dúvidas e conquistar minha adesão.

4

A passagem por Belo Horizonte foi curta. Dois ou três dias, no máximo, o bastante para que Aloísio e eu nos refizéssemos de Lafayette e esperássemos a convocação para nos deslocarmos a São Paulo, onde, juntamente com os demais participantes do congresso de Petróplis, encerraríamos oficialmente nossa missão.

Faltavam poucas horas para tomarmos o ônibus para São Paulo quando um militante me procurou com um pacote, dizendo-me que havia chegado naquela manhã, pelo malote. Remetente: minha mãe. Estava começando a abrir o pacote, e detive-me diante da recomendação do mesmo militante:

— Acho melhor o senhor rezar um exorcismo antes de abri-lo — disse-me ele, observando ironicamente: — Tudo o que vem da *F.M.R.* contém as impressões digitais do Demônio. Cuidado, hein!

A observação chocou-me. Dei um sorriso forçado para disfarçar meu espanto e resolvi abrir o pacote somente quando estivesse só. Parecendo adivinhar meu pensamento, o militante, mais sarcástico que antes, prosseguiu:

— O senhor não vai abri-lo agora? Senhor Pedriali, lembre-se: os *Filhos das Trevas* sabem muito bem como agir para afastar-nos da TFP. Somente os mais idiotas deles é que recorrem a atos de força ou a pressões explícitas para induzir-nos à apostasia. Os mais espertos são justamente aqueles que se dizem nossos amigos, simulam simpatia para nossa causa, mas, no fundo, só querem mesmo a nossa desgraça. E não há tática mais eficaz para enfraquecer-nos do que a demonstração de carinho da *F.M.R.*. ...

E, sem esperar que eu reagisse a estas afirmações, o militante tirou do bolsinho interno de seu paletó um frasco plástico, embalagem original de um colírio, destampou-o, fez o sinal-da-cruz, molhando a ponta do dedo na água benta nele contida, e espargiu algumas gotas sobre o pacote, ao mesmo tempo em que recitava uma fórmula do Exorcismo adaptada pela TFP:

— *Sancte Michael Archangele,*
defende nos in proeliis
contra nequitias et insidias diabolis
Revolutionis et malarum
inclinationem nostrarum...
("São Miguel Arcanjo,
defendei-nos em nossas lutas
contra as iniqüidades e insídias do demônio,
a Revolução e as nossas más inclinações...")

Finalmente, pude abrir o embrulho, já devidamente exorcizado, portanto infenso aos espíritos malignos que poderiam estar envolvendo-o, na suposição de meu companheiro. Dentro dele havia apenas doces caseiros preparados por minha mãe. Meu companheiro, o exorcista improvisado, ainda insatisfeito, voltou a recomendar-me:

— Melhor não comer estes doces. Distribua-os entre os outros *membros do grupo.*

Distribuí-os. Mas, antes, guardei um punhado, que comi durante a viagem de volta a São Paulo.

Aloísio e eu estávamos entre os últimos a chegarem a São Paulo, pois a maioria das duplas nos aguardava desde a véspera, algumas delas há mais de dois dias. Tivemos a manhã livre para descansar, à tarde nos reunimos com os membros da *Comissão do Movimento*, discutindo os principais lances e dúvidas de nossa experiência e, no início da noite, encerramos nossa primeira missão *apostólica.*

Narciso — que fazia freqüentes viagens a São Paulo — procurou-me no dia seguinte, informando-me que deveria transferir-me para Curitiba, o quanto antes, pois as aulas do segundo semestre estavam para começar. Por intermédio dele, a *Comissão do Movimento* deu-me algum dinheiro — para passagem de ônibus, lanches e alguma outra necessidade — e, alguns dias depois, eu chegava a Curitiba, tendo passado antes por Londrina, em rápida visita à família.

5

Todas essas "recomendações" que os militantes faziam para afastar-me de minha família, ou mesmo as manifestações de repúdio a que assistia ao meu redor — em relação à própria família, às pessoas em geral e a qualquer expressão da vida moderna — me causavam estranheza e me faziam esforçar-me para dissimular e não despertar a atenção de meu (ou meus) interlocutor. Temia que qualquer atitude de incompreensão ou, pior, de rejeição pudesse criar em torno de mim um círculo de isolamento que, fatalmente, redundasse em meu afastamento da Organização.

Por que este temor? Porque, no estágio de iniciação em que me encontrava, não admitia mais o abandono da causa pela qual me decidira. A simples hipótese de isso vir a acontecer deixava-me angustiado em relação ao futuro, pois — pensava — o que seria de mim se recusasse a missão que me fora confiada por Deus? A recusa dessa missão corresponderia a uma traição, em certa medida equivalente à de Judas em relação a Cristo.

Por isso, olhar para trás era inconcebível. Para mim — e para os demais em idêntica situação — inexistia alternativa senão vencer toda e qualquer relutância em assimilar os hábitos e princípios que me eram impostos, e voltar-me apenas para o futuro, aguardando e

preparando-me para os grandes desafios que teria de enfrentar e para os momentos de glória dos quais participaria como membro ativo.

Que desafios seriam estes, razão de ser de nossa missão, mola-mestra das atividades da Organização? Que momentos grandiosos seriam esses para os quais teríamos de nos adestrar minuciosamente, segundo a segundo, e que, para a TFP, representariam os momentos mais sublimes e mais grandiosos pelos quais passaria o mundo depois do período em que Cristo viveu entre os homens?

6

A Revolução, processo diabólico e maçônico que destruíra a civilização medieval e a substituíra pelo mundo moderno — laico, igualitário e agnóstico, na definição de *Dominus Plinius* — estava atingindo seu auge. De fato, o que havia, em 1972, que se assemelhasse, por pouco que fosse, à estrutura social, econômica, política e, sobretudo, religiosa da Idade Média? No máximo, superficialidades, que, mais cedo ou mais tarde, sucumbiriam irreversivelmente. A sociedade mundial adquiria características, sempre mais visíveis, diametralmente opostas à sociedade medieval — a sociedade ideal, apesar de não ter atingido a perfeição, lamentava a TFP, antes que sobre ela se abatesse o furor revolucionário.

A TFP acredita que, no momento escolhido por Deus, poderá desencadear as últimas etapas do processo contra-revolucionário que aniquilará o Mal, construindo, sobre as cinzas dessa batalha, o magnífico edifício da autêntica civilização cristã, diante da qual a Idade Média foi apenas pálido reflexo.

Essa transformação radical da sociedade moderna somente será possível com a conversão de cada pessoa. E nisso a TFP crê piamente, baseando sua esperança na mensagem de Nossa Senhora de Fátima. "Por fim, o meu imaculado coração triunfará", teria dito a Virgem, em 1917, aos três jovens pastores portugueses, em Fátima. Nas aparições aos pastorzinhos — dos quais há apenas um sobrevivente, a irmã Lúcia, reclusa num convento em Portugal — a Virgem teria previsto as duas guerras mundiais, a expansão do comunismo, o domínio quase completo do Mal sobre o Bem e, finalmente, a vitória do Bem sobre o Mal.

"Por fim, o meu imaculado coração triunfará". Esta frase atribuída à Senhora de Fátima é interpretada pela TFP como a promessa de que a Revolução será derrotada — mais, esmagada — pela Contra-Revolução. Acima de tudo, por uma ação da graça

divina, mas também pelas mãos dos homens — os militantes da TFP, orientados por *Dominus Plinius*.

A humanidade, interpreta a TFP, não seguiu as recomendações da Virgem, que teria hostilizado, ainda no início do século, a laicização que se alastrava, os costumes que se relaxavam e o distanciamento crescente dos fiéis em relação aos ensinamentos católicos. Por isso, o grande castigo previsto por ela é inevitável e está prestes a desencadear-se.

E que castigo! Seus detalhes, não revelados publicamente, estariam contidos na parte da mensagem de Fátima que o Vaticano até hoje mantém a sete chaves e não dá o menor indício de que um dia venha a divulgar. Esse segredo terrível, comenta-se, provocou o desmaio prolongado do papa João XXIII quando o manuseou e noites seguidas de insônia nos outros pontífices que o conheceram. Nesse segredo, assegura a TFP, estariam as previsões da Virgem sobre a quase destruição da Igreja como instituição sagrada e sua manipulação pelos agentes da Revolução, além dos horrores que arrasarão o mundo. "Dois terços da humanidade desaparecerão", profetizou a Virgem de Fátima, de acordo com uma das partes públicas de sua mensagem.

O cataclisma, durante o qual somente um entre três habitantes da terra sobreviverá, será, para a TFP, a antecâmara do Reino de Maria. Por ela passarão somente os que se converterem integralmente à religião católica. Por essa hecatombe, a humanidade será purificada dos vícios adquiridos nos séculos que se seguiram à Idade Média. Essa catástrofe fará a TFP despontar como a única organização que a previra com antecedência, que alertara para sua iminência — conseguindo, assim, o necessário reconhecimento para dirigir espiritualmente o mundo nos próximos séculos.

A catástrofe, de dimensões universais — a *Bagarre*(*) —, é o momento ansiosamente esperado pelos membros da Organização, que vêem nela o único meio de se chegar ao Reino de Maria. Pois, sem ela, diante da irredutibilidade da opinião pública mundial em aceitar o espírito católico, a TFP não atingirá seu objetivo supremo, razão fundamental de sua existência.

O membro ideal da TFP — ensinavam-me, então — seria aquele que, além de seguir todos os preceitos da Organização e dedicar-se a ela de corpo e alma, em cada instante de sua vida, estivesse com o

(*) "Grande confusão", na adaptação para o Português da expressão francesa.

pensamento voltado, o maior tempo possível, para a *Bagarre*. Porque, pensando com insistência nela, o militante estará preparando-se espiritualmente para desempenhar-se bem durante seu desenvolvimento. Pois, sobre a Terra devastada, o militante assumirá a função de novo evangelizador e de novo cruzado, atuando individualmente ou em conjunto sobre uma ou centenas ou milhares de pessoas.

A *Bagarre* influirá decisivamente na conversão da humanidade, repercutindo também sobre os próprios membros da TFP: através dela, atingirão a plenitude espiritual que se propõem, tornando-se, assim, os maiores entre os maiores santos católicos. "Serão como os cedros do Líbano em relação aos arbustos", previra São Luís de Montfort, no *Tratado*, ao referir-se aos "santos dos últimos tempos". Essa imagem utilizada pelo santo faz parte do repertório doutrinário da Organização, que a adapta a seus membros.

Nas orações, reuniões, cerimônias e conversas informais era raro não mencionarmos a *Bagarre*, tema que servia de termômetro para avaliar o estado de espírito do militante. Os mais ardorosos, aqueles que demonstravam adesão incondicional à Organização, procuravam a todo instante falar dela, nos horários em que a conversa era permitida. Pelo contrário, os menos fervorosos, ou os *sabugos*, como são classificados, evitavam tocar nesse assunto. Assunto que, na maioria das vezes, girava em círculos, distinguindo-se eventualmente de uma abordagem anterior somente pelos adjetivos e imagens que se utilizavam para dramatizá-lo ainda mais.

Essencialmente, a *Bagarre*, estima a TFP, será o acontecimento mais terrível da História do Universo, só superável pelo Apocalipse: astros desviarão de sua rota normal, colidindo-se uns com os outros, provocando o terror na humanidade; esta, por sua vez, será atingida pelas forças estranhas desencadeadas pelo furor da Natureza. A Terra sofrerá abalos intensos, o chão se abrirá, formando enormes fendas onde serão soterrados os pecadores. Os demônios aparecerão e, em hordas avassaladoras, carregarão para o mais profundo dos infernos, ainda em vida, os pecadores irredutíveis; insetos devastarão o pouco de vida que relutar em subsistir, gritos pavorosos serão ouvidos por toda parte.

E, em meio a essa catástrofe, a fé, a coragem e a virtude dos *membros do grupo*, os "santos dos últimos tempos", serão as luzes que brilharão sobre a Terra, os faróis que guiarão aqueles que se arrependerem de seus pecados.

Quanto tempo durará essa batalha atroz? Pouco importa. O que importa é que a TFP julga que dela sairá como a grande vitoriosa, o Bem triunfará por longo período sobre o Mal e os que sobreviverem reunirão o que restar, pedra por pedra, para construir, com estes restos insignificantes, a verdadeira civilização: hierárquica, austera, pura, humilde. Católica. Nessa civilização, independentemente da função social que venha a exercer, os maiores atributos de qualquer pessoa serão suas virtudes — e as virtudes, individuais e coletivas, serão cultivadas como a maior das riquezas e vigiadas severamente para que não se deteriorem nas décadas ou nos séculos seguintes.

A TFP terá árdua tarefa. Implantado o Reino de Maria, será a vez de estruturar esse reino e consolidá-lo para que sua sobrevivência seja a mais prolongada possível, esgotando-se, então, no Apocalipse, pois somente o antiCristo será capaz de destruí-lo. Destruído o Reino de Maria, Deus dará por encerrada a função do homem sobre a Terra. Os que se salvarem gozarão por toda a eternidade as delícias do paraíso celeste; os que se perderem agonizarão eternamente no fogo do Inferno.

Os membros da TFP, agora, sentem-se humilhados e marginalizados pela sociedade, que teria voltado as costas para os desígnios divinos.Essa humilhação e essa marginalização são vistos pela TFP como prova de que está trilhando o caminho da verdade, do qual a humanidade se desviou ao recusar o *modus vivendi* medieval. O isolamento social, inclusive familiar, é um dos testes mais rigorosos para o militante, servindo de "filtro" para identificar aqueles que são realmente chamados para essa missão, para deixar de lado os que, mesmo possuindo o *tau*, não tenham força e coragem suficientes para desempenhá-la e, ainda, para fortalecer espiritualmente os mais fervorosos.

Essa longa e angustiante espera é atribuída a vários fatores. Entre eles, protelando a *Bagarre*, Deus estaria castigando severamente os homens que, como as folhas das árvores no outono, estariam despencando, um após outro, sobre as chamas eternas após a morte — já que a *Bagarre* será um castigo e também uma forma misericordiosa de redenção da humanidade.

A principal razão, porém, do adiamento da *Bagarre* — que a TFP se esforça para desencadear o quanto antes —, deve-se à maior de todas as lacunas de seus adeptos. Eles renunciaram ao mundo, até aos prazeres que consideram legítimos, procuram cumprir os Mandamentos, confessam-se freqüentemente e comungam diariamente — no entanto, estão longe de atingir a perfeição.

A perfeição, para eles, somente será adquirida depois que toda a herança revolucionária que conservam em si for extirpada e suas almas se abrirem inteiramente à Contra-Revolução. E a Contra-Revolução — ensinar-me-iam com o tempo — não pode ser considerada apenas um conjunto de idéias, métodos e princípios: ela é encarnada por aquele que foi trazido ao mundo para concebê-la, entregar-se a ela e torná-la vitoriosa.

"Quando ainda muito jovem, considerei enlevado as ruínas da cristandade. E a elas entreguei meu coração. Voltei as costas a meu futuro e fiz daquele passado carregado de bênçãos o meu porvir". (*)

Este homem, ainda incompreendido, ao qual cada militante deve abrir a alma e a mente para absorver-lhe todos os fluidos, é o autor da frase acima, frase que resume sua missão, "tão ou mais profética como foi a missão dos profetas do Antigo Testamento". Este homem, igualmente um profeta, é Plínio Correa de Oliveira.

(*) *Meio Século de Epopéia Anticomunista*, coleção "Tudo Sobre a TFP", Editora Vera Cruz.

5

Sábio, santo, o maior dos profetas: "Dominus Plinius"

— Dominus Plinius,
— *Ora pro nobis!*

Com esta jaculatória encerrávamos nossas orações matinais, ainda em nossas roupas de dormir, diante de uma estátua da Virgem de Sion, doada por um colégio de freiras e instalada na parte dianteira do jardim da sede curitibana. Com a chegada do inverno, rigoroso e úmido, as orações da manhã eram feitas no corredor das celas, pequenos dormitórios contíguos e ocupados, cada um, por dois militantes, mobiliados com um guarda-roupa sem porta e um beliche. Esses cômodos, adaptados numa antiga garagem localizada no fundo da sede, eram destinados aos novatos — entre os quais me incluía — reunidos no grupo *Saint Michel.*

A sede de Curitiba, uma majestosa mansão no bairro do Batel, pertencia à família de David Carneiro, no passado um dos homens mais ricos e influentes dessa cidade. Com 1.200 metros quadrados de área construída, em meio a imenso jardim em estilo inglês e cercada por altos muros, possuía dois andares principais, um subsolo e um sótão.

No primeiro andar, o mezanino, contornado por altas e sóbrias estantes de carvalho, servia como biblioteca, onde, nas noites de inverno, fazíamos reuniões informais, aquecidos por uma aconchegante lareira. O *hall*, com piso de granito branco e preto, era decorado com duas cadeiras, pertencentes ao mobiliário antigo da casa, com espaldar alto e com dragões entalhados nas extremidades dos braços; um pequeno estandarte de veludo e duas cristaleiras embutidas na parede, nas quais eram expostos alguns dos livros e jornais da TFP que tiveram maior repercussão. O refeitório, também com piso de granito, ficava entre a sala de estar e outra, muito

grande, destinada às reuniões e cerimônias solenes. Havia ainda outra sala, aberta para o *hall*, menor que as demais, usada para leitura e recolhimento.

No andar superior, o acesso dos membros do grupo *Saint Michel* só era permitido quando autorizado. Ali ficavam os eremitas, dedicados aos estudos e às orações. O *Êremo de Nossa Senhora da Luz* funcionava como "filial" do de *São Paulo Apóstolo*, de Petrópolis, ambos voltados à pesquisa e desenvolvimento das técnicas de recrutamento.

Sua decoração era extremamente simples: uma capela pequena, com lambris de madeira, uma sala de estudos, uma sala de estar e um refeitório. Os eremitas dormiam no sótão — junto com os militantes veteranos que não faziam parte do êremo — e obedeciam a horários rígidos, anunciando o início de cada atividade com o soar de um sino de tamanho médio, com um leão fundido em sua parte externa.

Excepcionalmente, nós, os mais jovens, éramos convidados a participar de alguma cerimônia com os eremitas. Quando isso acontecia, era para rezarmos um dos salmos, acompanhá-los num terço ou, quando perdíamos o horário de comunhão, comungávamos com eles — isto é, se o *quidam* autorizasse. (Quando a autorização nos era negada, mais tarde um ministro da Eucaristia — um eremita ou um dos militantes veteranos — dava-nos a comunhão. As hóstias, guardadas num sacrário de madeira, eram trazidas de São Paulo.) Nosso estilo de vida, ainda marcado por hábitos mundanos — e, portanto, revolucionários —, não era apropriado ao comportamento dos eremitas — austero, reservado e contemplativo.

Os eremitas desciam, uma vez por semana, ao subsolo, destinado a nossos estudos e reuniões, para nos transmitir as partes autorizadas das *Reuniões de Recortes* — reuniões em que, toda tarde de sábado, em São Paulo, o professor Plínio analisa, para a cúpula da Organização, os fatos mais importantes da semana, nacionais e internacionais. Os comentários sobre política brasileira jamais nos foram revelados e, sobre os internacionais, limitavam-se, na maioria das vezes, ao tratamento do simbolismo que eles continham, na óptica da luta entre a Revolução e a Contra-Revolução, do Bem contra o Mal.

Cada membro do grupo *Saint Michel* recebíamos orientação espiritual dos eremitas. Meu diretor espiritual, Carlos Nilton, era pessoa circunspecta, que sempre me dava a impressão de falar menos tempo do que gastava para analisar minhas reações, sobretudo as mais íntimas. Seus olhos azuis, realçados por sua pele clara,

se mantinham excessivamente enigmáticos, raramente permitindo que eu, em contrapartida, pudesse perceber o que sentia dentro de si. Raramente, sim, porque algumas vezes seus olhos adquiriam tonalidade embaçada, perdendo o viço, coincidindo com os momentos em que ele — de uns 30 anos, outro mineiro — não conseguia dissimular que algo o perturbava interiormente, o que jamais ousou revelar-me, mas que sua voz mais cadenciada, seus gestos mais lentos e comedidos e, principalmente, os intervalos de seu raciocínio denunciavam facilmente — embora, sempre, se esforçasse para transmitir impressão oposta.

Duas ou, no máximo, três vezes por semana, eu batia à porta que separava o êremo das demais dependências da sede, aguardava que um dos eremitas abrisse a portinhola por onde lhes eram servidas as refeições, encaminhava um bilhete ao *quidam* e, algum tempo depois, o próprio Carlos abria-me a porta ou, embaraçado, lamentava, por escrito, não ser possível atender-me.

Com ele me abria o quanto podia. Contava-lhe desde os contatos *apostólicos* que mantivera pela manhã, no colégio, alguns atritos com um ou outro membro do grupo *Saint Michel*, as dificuldades que tinha para manter-me distante de minhas colegas e, de modo especial, meus problemas espirituais e minhas dúvidas doutrinárias. Sua maneira afável de tratar-me e, sobretudo, a aparência de preocupar-se seriamente comigo, impeliam-me a aproximar dele sempre mais, abrir-me ao máximo e sujeitar-me inteiramente a seus conselhos.

Nossas conversas ocorriam, invariavelmente, em três lugares: na sala de estar do êremo, na grande sacada junto a essa sala, também ligada, externamente, à capela — onde, algumas vezes, após nossas conversas, rezávamos juntos — e no jardim. Nossos encontros eram sempre no fim da tarde e, freqüentemente, deixávamos de falar por algum tempo para contemplar o pôr-do-sol. Conversávamos, geralmente, até sermos interrompidos pelas badaladas do sino convocando os eremitas para as *Vésperas*, um dos salmos litúrgicos entoado antes do jantar.

2

— Senhor Pedriali — disse-me Carlos numa das muitas conversas que tivemos —, devemos olhar para *Dominus Plinius* com o mesmo enlevo de uma criança olhando seus pais. Pois ele é nosso pai espiritual, o responsável por termos rompido com o pecado e conhecido a Luz, a única pessoa em quem devemos confiar plenamente — porque ele quer somente nosso bem e, portanto, nossa

salvação. Ele conhece pessoalmente cada um de nós e, com uma simples troca de olhar, mesmo fugidia e distante, durante alguma reunião da qual participemos, é capaz de penetrar no que temos de mais profundo — ele tem o dom do discernimento dos espíritos. Quando percebe que estamos bem espiritualmente, ele se alegra; ao contrário, constatando nossa estagnação ou, pior, nosso retrocesso, ele se entristece, reza e se sacrifica por nós.

E continuou meu diretor espiritual:

— Nossa Senhora — e isto nos ensina São Luís de Montfort — é o canal entre Jesus Cristo e nós. Sem ela, não chegaremos a Deus, sem ela não poderemos receber as graças necessárias à nossa santificação e salvação. Ela é nossa intermediária, sim, mas é preciso que o senhor saiba de uma coisa: nós também temos ainda outro intermediário, imprescindível, no nosso caso, para que cheguemos até Maria. E qual é este intermediário?

Carlos fez uma pausa após esta pergunta, olhando-me nos olhos enquanto deixava escapar um leve sorriso, já pressentindo que eu percebera aonde queria chegar.

— Assim como os jesuítas, os franciscanos e tantos outros frades e monges que se devotavam por inteiro ao seu superior, nós também devemos entregar nossa alma a *Dominus Plinius*, nosso intermediário até Nossa Senhora, o elo entre nós e Ela. Ele é o escravo perfeito de Maria, o homem escolhido por Ela — e por Deus, portanto — para aniquilar a Revolução e implantar o Reino de Maria. É ele — somente ele — quem entendeu toda a profundidade e perversidade do processo revolucionário; é ele quem iniciou a Contra-Revolução; é ele quem concebeu, em toda a sua grandeza, o Reino de Maria. Por isso, podemos dizer que *Dominus Plinius* é, em toda a extensão da palavra, o profeta enviado por Deus para combater e vencer o Mal.

O termo *profeta*, toda vez que pronunciado por Carlos, provocava-me certo desconforto. Nas primeiras ocasiões em que falou desse tema, Carlos deu-me a impressão de estar entrando muito devagar, esclarecendo, com muita calma, ponto por ponto, o seu raciocínio — dispondo-se, até mesmo, a retomá-lo muito atrás de onde se encontrava, caso notasse, ou eu o informasse, que não o entendera bem.

— É evidente — ressalvou, algum tempo depois — que *Dominus Plinius* não é um profeta à maneira dos do Antigo Testamento. Aqueles, escolhidos por Deus para governar durante certo período os judeus, tinham contato direto com Deus e os anjos, recebiam revelações e, através delas, possuíam o dom de prever o futuro.

Moisés foi um dos maiores entre os maiores profetas, o homem cuja missão era libertar os judeus, os filhos eleitos de Deus, de seu cativeiro no Egito e conduzi-los a Canaã, a terra prometida. A missão de *Dominus Plinius* pode, com segurança, ser comparada à de Moisés. Os judeus mataram Jesus Cristo, recusando definitivamente a graça divina. Sobre eles se abateu um dos castigos mais cruéis já aplicados por Deus: eles se dispersaram e perderam a condição de povo eleito, condição assumida pelos católicos, que compreenderam os ensinamentos de Cristo e se sujeitaram a eles. A Igreja Católica é, pois, fruto da existência de Cristo entre os homens, e os papas são os verdadeiros sucessores de Pedro, o apóstolo escolhido por Cristo para dirigir sua Igreja incipiente.

Interrompendo ligeiramente seu pensamento, Carlos olhou-me com severidade, contraiu as sobrancelhas e respirou profundamente, tomando fôlego para prosseguir seu pensamento, prestes a atingir seu ponto central:

— Pois bem! Satanás não poderia deixar de agir sobre a Igreja, pois ela representa o que de mais belo existe na Terra. E, hoje, o que vemos aí fora não é senão a caricatura da verdadeira Igreja Católica, e não podemos classificar esses padres, bispos e cardeais progressistas de católicos. Nós os chamamos de *A Estrutura*, pois eles se apossaram da herança da Igreja, infiltraram-se em seus templos com uma única finalidade: destruir o que ainda resta de seus alicerces. Diante desse panorama, responda-me com sinceridade: existe mais alguém no mundo que ame tanto a Igreja a ponto de fazer dela sua própria razão de ser, que se imbuiu tão profundamente do espírito católico que pode ser classificado como o Catolicismo em pessoa, que seja outro que não *Dominus Plinius*? A verdadeira Igreja Católica é hoje representada por ele e, por extensão, pela TFP, apesar de todos os nossos defeitos. Ora, se a TFP, esse núcleo de pessoas recrutadas para combater a Revolução, tem a nobre missão de, mais cedo ou mais tarde, instaurar o Reino de Maria, é porque a pessoa que nos dirige possui todas as virtudes e forças espirituais necessárias para que atinjamos nosso objetivo. *Dominus Plinius* não tem visões, não fala diretamente com Deus, mas tem conceito claro sobre o futuro, e, tal como Moisés, foi incumbido de guiar os eleitos — nós, os católicos autênticos — à terra prometida. A terra que nos foi prometida não se chama Canaã, mas, sim, Reino de Maria. Por isso, não tenha dúvida: *Dominus Plinius* é profeta!

3

Carlos, como os outros eremitas, tinha os cabelos mais curtos do que os nossos, que poderíamos ser considerados "leigos", se comparado nosso modo de vida com o deles. Nós, do grupo *Saint Michel*, e alguns militantes mais velhos que não pertenciam a grupo algum, dedicávamos a maior parte do tempo à TFP, embora ainda perdêssemos algumas horas diárias em atividades não relacionadas com a Organização. Fernando trabalhava numa agência bancária, Gabriel estudava Economia, Vandré não conseguira a dispensa do serviço militar e, por já ter concluído o colegial, fora incorporado ao Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva (NPOR); Renê e eu cursávamos o colegial.

Todos os que tínhamos atividades externas ansiávamos pelo momento em que poderíamos desembaraçar-nos delas e dispor de todo o tempo para a TFP. Além disso, o contato, apesar de pequeno, que mantínhamos com o exterior parecia-nos um imenso perigo — porque, convivendo com os *Filhos das Trevas*, éramos obrigados a manter estreita vigilância sobre nosso comportamento para impedir que a influência deles e da Revolução penetrasse em nós e, gradativa e imperceptivelmente, nos afastasse de nossas idéias e modo de ser.

Por isso, toda vez que saíamos ou voltávamos para a sede persignávamo-nos com água benta, que invariavelmente carregávamos conosco num pequeno frasco, de plástico. Mas isto não era ainda suficiente: rezávamos o *Exorcismo breve* — como era chamada a pequena fórmula exorcística adaptada pela TFP para afastar a influência da Revolução e de seu autor, Satanás — também antes e depois de deixarmos a sede, único lugar onde estaríamos mais afastados das tramas e investidas diabólicas. O que não significava que estávamos protegidos do pecado, porque, acreditava-se, legiões de demônios cercavam essas sedes e seus moradores, já que esses eram os únicos redutos da Luz e da virtude. Pois, julgávamos, Satanás e seus sequazes não se conformavam em estar na iminência de conquistar definitivamente o mundo e ainda encontrar a acirrada resistência do Profeta e dos escravos da Virgem.

— Satanás considera ponto de honra — se bem que a palavra honra não possa ser empregada adequadamente para se referir a esse espírito imundo — vencer nossas resistências e arrancar-nos do caminho da Verdade — disse-me Carlos certa tarde, acrescentando:
— Temos de ficar de olhos abertos, porque somos os alvos mais visados. Qualquer deslize pode ser a porta para nossa perdição

eterna. Vigilância, meu caro, vigilância! Esta é a virtude que devemos conservar com maior zelo, pois é dela que dependem todas as outras, a pureza e a humildade, principalmente.

Uma das condições básicas para a sobrevivência espiritual de todo militante era o exame de consciência, feito, se possível, mais de uma vez por dia. Nesse exame de consciência, analisávamos nossas reações a todos os estímulos revolucionários que recebêramos durante o dia — as músicas *mundanas* que ouvíramos de passagem; os carros que cruzaram nosso caminho e que, no fundo, possivelmente, nos fizeram desejar possuí-los; o rosto sensual de alguma garota que nos sorrira e que tínhamos de apagar de nossas mentes para afastar qualquer tendência que nos desviasse de nosso objetivo.

"A pureza é uma das mais frágeis virtudes. Qualquer descuido nessa matéria irá conduzir-nos, finalmente, ao vício". Esse alerta, sempre lembrado pelos *membros do grupo* era um dos princípios que tínhamos presente em todos os momentos.

Em mim, a aplicação deste princípio começou a enfrentar algumas resistências, logo nos primeiros meses após minha transferência para Curitiba. Desde antes de minha consagração à Virgem — e isto me custara grande esforço — não sabia mais o que significava namorar, manter relações sexuais ou masturbar-me. Por mais força que fizesse, a fisionomia de Suzan assemelhava-me a algo difuso, envolto por densa névoa. Sequer olhava furtivamente, por atração sexual ou mesmo envolvimento emocional, para qualquer garota, fosse ela quem fosse. Mas, assim que pus os pés no Colégio Rio Branco, para iniciar o terceiro ano do colegial, levei um choque: eu era um dos três homens numa sala com quase 40 mulheres.

Havia mulheres para todos os tipos e gostos: morenas, loiras, ruivas; ricas e pobres, recatadas e liberadas, tímidas e arrojadas. De início, fechei os olhos para todas elas, sem distinção, mantendo-me o mais distante e alheio possível de seu convívio.

— Trate cada uma delas como se fosse um poste! — aconselhara-me Carlos, quando o preveni sobre a "provação" a que era submetido.

Por muitas semanas cumpri à risca esse conselho. Quando tinha contato com uma delas, respondia secamente; ao pressentir que uma delas se aproximava, fingia estar ocupado, folheando a esmo meu caderno ou algum livro. Quando meu olhar cruzava com o de uma delas, não conseguia dissimular o constrangimento.

Era freqüente um grupo de minhas colegas reunir-se num canto da sala, sussurrar entre si coisas que meus ouvidos não alcançavam

e, olhando-me com ironia por cima de seus óculos ou curvando ligeiramente o pescoço para visualizar-me sem chamar muita atenção, rirem às escâncaras. Até meus dois únicos colegas homens procuravam manter distância, evitando sentar-se a meu lado e raramente dirigindo-me a palavra. Era fácil perceber que eles temiam ser tratados com a mesma incompreensão e curiosidade que eu.

4

Num dia qualqer, durante o recreio, três garotas aproximaram-se, procurando, a todo custo, arrancar-me algumas palavras. Encontrávamos os quatro a sós. Fiquei gelado, visivelmente embaraçado e não conseguira nem ao menos descontrair os músculos da face para esboçar um sorriso, leve que fosse. Elas queriam saber quem eu era, por que me comportava de modo que me distinguia de todos os rapazes que conheciam, o que pensava delas, por que jamais procurava uma delas para conversar etc.

— Não se preocupem. Sou assim mesmo! — interrompi-as secamente, preparando-me para levantar, deixar a sala e afastar-me o quanto antes.

— Espere aí — apressou-se uma delas, tocando suavemente em meu ombro —, não queremos fazer-lhe mal. Estamos apenas curiosas em conhecê-lo melhor. Afinal, somos suas colegas, não somos?

Nada respondi. Estático, mantive os olhos fixos sobre uma página do livro de Biologia, sem reparar — ironia! — que abrira exatamente num dos capítulos de Genética, fartamente ilustrado.

— Ah, então você gosta de olhar essas coisas, hein? — interpelou-me, sarcasticamente, a que me parecia a mais velha, deitando sobre mim um olhar sedutor.

Não havia prestado atenção naquelas ilustrações, e o comentário provocou-me calafrio na espinha. Sem pensar duas vezes, fechei o livro com força e as encarei com energia.

— Ora, não precisava ser tão radical assim — observou-me a mesma colega, enquanto outra, loira e de olhos castanhos claros, se sentou sobre o tampão da carteira ao lado, cruzou as pernas e foi subindo lentamente o vestido.

Gelei mais ainda. Tinha a impressão de que meu sangue se transformara em água e que meu coração parara de bater. Meus nervos enrijeciam-se e não conseguia esboçar qualquer movimento. Não podia ver minha fisionomia, mas era possível que meus olhos estivessem a ponto de saltar das pálpebras.

A mais velha continuava debruçada sobre minha carteira, a que arregaçara o vestido se mantinha na mesma posição, e a terceira, uma ruiva exótica que gostava de usar cores berrantes, tomava posição na carteira do lado oposto e também levantava suavemente a saia.

"*Sancte Michael Archangele, defende nos in proeliis*" — rezava eu, mentalmente, unindo todas as forças para expulsar o desejo, crescente, de olhar para aquelas pernas que se desnudavam aos poucos ao meu lado. "*Sancte Michael Archangele, defende... defende nos...*" não, não era possível, a confusão que me dominava não me permitia recordar mais a fórmula do Exorcismo! "São Miguel Arcanjo! Santa Terezinha! São Tomás de Aquino!" As invocações sucediam-se, sem causar efeito: minhas colegas permaneciam ali, cada vez mais insinuantes, sorrindo maliciosamente, enquanto seus olhos percorriam os meus, o meu nariz, minha boca, e iam descendo, descendo...

"Qual a atitude que devo tomar?", perguntava-me, sem encontrar a resposta. "Se saísse da sala, minha atitude em poucos minutos seria espalhada, de boca em boca, para todo o colégio que, assim, me trataria como um retardado mental, ou pior, um efeminado. Continuar ali, impassível diante daquela tortura atroz? Não, também não me parecia correto, eu estaria resvalando no pecado e, portanto, no Inferno".

"O que fazer? O que fazer? O que fazer?"

Enquanto não me decidia, embaralhando-me sempre mais em minhas jaculatórias e invocações, que fazia quase febrilmente, sentia agora o sangue correr, veloz, pelas veias e o coração disparar, louco. Um pouco mais, e minhas colegas poderiam ouvir-lhe os batimentos.

Elas, sentindo meu embaraço e indefinição, pareciam divertir-se sempre mais e avançavam em suas provocações. A mais velha, bem diante de mim, achou supérfluo imitar a atitude de suas companheiras, levou uma das mãos aos seios e, com a outra, abriu os botões superiores de sua blusa. Seu sutiã ficou parcialmente exposto aos meus olhos e ela, sadicamente, foi abaixando-o lentamente.

Estarreci-me. Afastei os olhos daqueles seios nos quais já surgiam as marcas do biquíni, mas fui infeliz: eles recaíram exatamente sobre as pernas da ruiva, que as afastara para que sua calcinha, microscópica, se tornasse visível.

Não sei quanto tempo durou esta tortura — se um minuto, se dez — e estive inteiramente paralisado nesse período. Meu cérebro não funcionava mais, há muito deixara de fazer qualquer invocação

aos céus, mas mantive sempre uma das mãos dentro do bolso da calça, segurando firmemente o rosário que sempre levava comigo.

De repente, a campainha tocou. As três, num salto, se recompuseram e, sôfregas, se dirigiram a seus lugares, enquanto voltavam à classe nossos outros colegas.

Durante os 90 minutos de duração das duas aulas seguintes, não consegui prestar atenção às palavras do professor. Teriam sido duas aulas de Matemática ou de Português? Não sei. Ao chegar à sede, corri para a capela, rezei um terço com os braços abertos, não comi a sobremesa do almoço e mantive-me em silêncio, rezando e meditando, até o início da reunião noturna.

Naquele dia deixei de comungar, pois a dúvida sobre se tinha ou não cometido pecado mortal revolvia-me o espírito, turvava-me a mente e chegava até a amortecer meus movimentos. Sabia que era preciso reagir, mas não podia admitir ter cedido ao Mal e me afastado de Deus, mesmo contra minha vontade. Para aumentar ainda mais a confusão, Carlos — o único que poderia ajudar-me a dissipá-la — viajara para São Paulo, onde, com todos os eremitas do Brasil, fazia recolhimento no *Êremo de São Bento*. Quase não dormi aquela noite e, ao levantar-me, constatei, olhando-me no espelho, que estava pálido e com olheiras acentuadas. Pensei em não ir ao colégio e, depois de refletir, julguei que isto seria ainda mais denunciador. Minhas colegas, possivelmente, já deviam ter comentado para algumas de suas amigas o acontecido na véspera e, na minha ausência, o colégio se sentiria mais à vontade para zombar de mim.

"Sim, vou", decidi-me, mas antes procurei um padre e confessei-me.

Para meu espanto, a classe toda se comportou como se nada tivesse acontecido, e as três trataram-me com a distância habitual. Notei apenas que uma de minhas colegas, que ainda não me despertara a atenção, a partir desse dia passou a olhar-me com insistência, indiferente no início, com ternura depois.

— Você ainda não percebeu que a Marta está "caidinha" por você? — confidenciou-me alguns dias mais tarde Manuel, um dos meus colegas, reforçando esse comentário com leve cutucão de seu cotovelo em minha barriga e piscando um dos olhos.

"E agora?", perguntei-me, surpreso, não esperando que, após resolver um problema, em seguida me defrontaria com outro, talvez pior que o primeiro.

Pior, sim, porque enquanto o primeiro — que me parecera um convite explícito para a relação sexual ("um dos maiores pecados", diziam-me os militantes) — era mais fácil de vencer desde que se apresentasse abertamente, o segundo, por se disfarçar sob a aparência de romantismo ingênuo e puro, seria capaz de neutralizar as resistências e conduzir-me fatalmente ao mesmo ponto, o sexo, o pecado.

Marta, mais ou menos da minha idade, entre 17 e 18 anos, tinha estatura média, cabelos castanhos claros e olhos azuis, traços finos e comportamento tímido. Sentava-se invariavelmente num dos últimos lugares da sala, raramente interrompia o professor para apresentar-lhe alguma dúvida, mas sempre se destacava em suas notas.

Um dia, durante a aula, Marta deixou repentinamente seu lugar e sentou-se ao lado de minha carteira, e, de vez em quando, procurava encontrar o meu olhar — que eu colocava em qualquer ponto da sala, menos sobre os olhos dela. Sentia o seu perfume envolver-me e, de esguelha, observava suas mãos delicadas, sua pele fina, sua caligrafia esmerada e seus cadernos e livros tratados com carinho. No final da aula não resisti e, lentamente, voltei a cabeça para seu lado, mas recuei abruptamente assim que meus olhos penetraram nos dela.

Na manhã seguinte, ao entrar na sala, notei que ela voltara a ocupar o mesmo lugar, ao lado do meu. Olhei para o fundo da classe e verifiquei que várias carteiras estavam desocupadas. Mal dei alguns passos em direção a elas, quando percebi quase todos os meus colegas acompanharem meus movimentos. Contrariado, ocupei meu lugar habitual e, ao sentar-me, olhei para Marta e sorri-lhe. No outro canto da sala, a ruiva exótica exclamou: — É isto aí! — e em seguida três ou quatro de minhas colegas bateram palmas, enquanto Manuel dava um estridente assovio.

Embaraçada, Marta abaixou a cabaça, deixando que seus cabelos lhe ocultassem o rosto. Ainda olhando para ela, um forte color subiu-me à face.

Precisava afastar aquela tentação, insistia comigo, e procurava uma maneira de livrar-me de Marta o quanto antes. Como agir? Sentar-me no fundo da classe e tornar-me alvo das chacotas de meus colegas? Não me parecia prudente. Conversar com Marta e pedir-lhe que me esquecesse, dizer-lhe que não me sentia atraído por ela e, portanto, observar que seriam infrutíferos todos os seus esforços para conquistar-me? Seria insensato, uma idiotice. Então, o que fazer? Carlos era a única pessoa a quem confiaria esta intimidade, e ele ainda estava ausente.

Diante deste impasse, resolvi manter as aparências e continuar procedendo da mesma forma até sua volta.

Marta continuou sentando-se ao meu lado, estávamos até ensaiando alguns diálogos, quando Carlos voltou. Levei alguns dias para conseguir conversar com ele — os eremitas, depois do estágio no *São Bento*, aparentavam-se mais compenetrados e alteravam sua rotina diária, acrescentando novas atividades — e, assim que estava frente a ele, senti-me inibido de mais para arriscar-me à confissão. Inibido e, ao mesmo tempo, deslocado, pois toda a conversa girou sobre seu estágio, sobre os novos ensinamentos que tivera a respeito do profeta Elias, o profeta que previra o nascimento da Virgem Maria e, séculos antes, se tornara um dos seus primeiros e maiores devotos.

Precisei esforçar-me para prestar atenção no que dizia. Meu pensamento estava praticamente voltado inteiro para aquele problema que já começava a angustiar-me. A fisionomia de Marta, seu sorriso, seu recatamento vinham-me à mente constantemente, obrigando-me a intensificar as orações e penitências para desarmar aquilo que me parecia uma armadilha diabólica.

"Todo homem que se deixa dominar por uma mulher é um fraco", repetiam com insistência os militantes, freqüentemente acompanhando este comentário de uma exclamação irônica. A distância em relação às mulheres era norma de conduta dos adeptos da Organização, e não poderia desrespeitá-la sob o risco de incorrer numa grande falha. "Traidor", "*sabugo*" — assim eram classificados os militantes que se envolveram com uma mulher, namoravam ou se haviam casado. Exceção apenas para os que eram casados quando conheceram a TFP. Os demais tinham de manter-se afastados o mais possível da companhia feminina. O casamento, respeitado enquanto instituição católica e sagrada, jamais poderia ser ambicionado por um *membro do grupo*: para nós, o celibato era condição a que atingíssemos a perfeição.

5

— Devemos comportar-nos como escravos, guerreiros e monges — disse Carlos no encontro seguinte, enquanto caminhávamos lentamente entre as folhagens do jardim. Ele evitava olhar-me de frente e preferia divagar seu olhar pelo céu, que começava a receber um colorido róseo, prenunciando que o sol dentro em pouco se ocultaria. — Escravos já somos, pelo menos em tese; guerreiros também, pela própria natureza de nossa missão e pela luta diária e constante que mantemos contra o Mal; e monges, será que o somos?

"E Marta, o que devo fazer com Marta?", pensava, ansioso para que Carlos terminasse logo sua exposição e me perguntasse: — "Algum problema?"

— Será que nos comportamos como monges? — voltou a interpelar-me, talvez julgando que estivesse em dúvida quanto à resposta a dar-lhe, continuando com seu olhar meditativo voltado para o céu.

— Não, creio que não. Ou melhor, estamos longe disso, tenho certeza — respondi-lhe, sem medir minhas palavras.

— É, senhor Pedriali, somos chamados a superar-nos constantemente. Temos de pautar nossa vida, nossos atos e nossos pensamentos nessa trilogia, que resume nossa vocação: *escravo-guerreiro-monge*. O senhor já pensou nisso?

— Monges! É... para ser franco, nunca tinha pensado nisso...

Carlos, desta vez, abaixou os olhos, olhou-me com suavidade e sorriu, melancólico:

— Jura? Mas isto é muito mau...

— Sei disso... mas é a primeira vez que...

— Tudo bem... — interrompeu-me, tirando do bolso do paletó um grande terço de madeira, com a cruz de metal, segurando-o até o final da conversa. — ... acho que chegou a hora de o senhor ir-se compenetrando disso com mais seriedade.

— Pois não.

— O fato de nos comportarmos como monges não significa necessariamente, pelo menos por enquanto, que tenhamos de nos enclausurar em algum mosteiro. Depois da *Bagarre*, sim, é certo que teremos nossos próprios mosteiros, nos quais permaneceremos parte do tempo, dedicando a outra parte em fiscalizar o cumprimento da doutrina católica, o comportamento das pessoas e em vigiar sem tréguas os possíveis — e até inevitáveis — conspiradores. Agora, neste momento, porém, viver como monges importa, acima de tudo, em impregnarmo-nos da religiosidade e da austeridade que caracterizaram essa classe de religiosos durante a Idade Média.

Carlos parecia-me mais cauteloso que o habitual, dando-me a impressão de, apesar de seu olhar distante, detectar alguma anormalidade em mim.

— A vida monástica — continuou — é um objetivo que um dia atingiremos, integralmente. Os êremos, que inicialmente pareciam uma idéia fugaz, foram consolidados e atraem sempre mais novas vocações. A maioria dos militantes não pode ainda... digamos... dar-se ao luxo da reclusão. Porque, se todos se fechassem nas silenciosas e ascéticas paredes dos êremos, o que seria de nossa

causa? Um desastre! É preciso que a maioria se sacrifique e, embora mantendo toda a distância espiritual possível do mundo, conviva com esse mundo diabólico — influenciando as pessoas, conquistando sua simpatia e adesão à nossa causa, preparando-as para os momentos grandiosos e sublimes que em breve, muito em breve, advirão.

Carlos adquiriu expressão mais séria, voltou inesperadamente seu olhar para mim, perdendo-o em seguida em algum ponto indefinido, enquanto girava o rosário em seus dedos. Num tom ameaçador, revestindo sua voz com gravidade pouco comum à sua personalidade, perguntou-me, pausadamente:

— O senhor já meditou, profundamente, sobre a natureza do chamado que lhe foi feito por Deus?

Sem dar-me tempo para responder, emendou:

— Nossa vocação é realmente muito séria, grandiosa, e poucas vezes nos damos conta da gravidade da situação que nos cerca, da responsabilidade que recai sobre cada um de nós... Nossa vocação, senhor Pedriali — e digo-lhe isto com toda a honestidade —, é invejada, sem dúvida, até pelos mais altos serafins e querubins... Estamos aqui na Terra, isolados e incompreendidos pela maioria absoluta das pessoas, e, ao mesmo tempo, todos os nossos pensamentos, todas as nossas ações são acompanhados com ansiedade, expectativa e — até — deslumbramento pelas santas almas que estão no Céu. É magnífico, é magnífico! E, no entanto, passamos a maior parte do tempo voltados para nós mesmos, absortos em nossas preocupações mesquinhas, preocupados com nossas roupas, com o que comer, com nossas famílias...

6

A última frase de Carlos penetrou-me como um raio, pois, justamente naquela ocasião, dividia meus sentimentos entre a TFP, Marta e minha família. A impossibilidade de dar vazão ao que sentia em relação a Marta criara em mim um foco de atrito que se tornava latente, numa proporção crescente, deixando-me ainda mais atribulado devido à ruptura com minha família. Por mais que me esforçasse para esquecer meus pais e todo o meu círculo familiar e social mais amplo, havia momentos em que era tomado por uma saudade imensa que me consumia nos momentos de solidão.

Há um ano saíra de casa e, durante esse tempo, somente me fora permitido visitar meus pais uma única vez, no Ano-Novo, e não no Natal, como eles queriam. Raramente escrevia-lhes e, mesmo assim, somente com autorização de Carlos, que me instruía sobre o que escrever, e, ao concluir a carta, ele a lia atentamente para conferi-la. Quando me chegava alguma correspondência — além de meus pais, havia um outro tio ou tia que me escrevia por vezes —, era preciso, antes de abrir o envelope, entregar a carta a Carlos para que ele a lesse e, somente depois, me autorizasse a lê-la. Com o tempo, entretanto, essa disposição tornou-se mais rígida — restringia-me a receber apenas um resumo da carta junto às instruções de como respondê-la.

Passavam-se as semanas. A angústia, que antes era apenas um sintoma, aumentava quanto mais cinzentos e úmidos ficavam os dias do outono curitibano. À medida que me introduzia nas doutrinas e hábitos da Organização, sentia uma divisão interior muito forte: uma parte de mim relutava em prosseguir, outra parte se esforçava para vencer a rival e conduzir-me, inteiramente, pelo resto do caminho que ainda me faltava percorrer.

Aonde me levaria esse caminho, que me era mostrado como glorioso e, ao mesmo tempo, difícil — e, portanto, heróico —, em meio ao qual já começava a sentir a insegurança e o medo envolvendo-me, cada vez mais ameaçadores?

"Não, não poderia ceder às minhas incertezas", reagia, tentando convencer-me de que aqueles sobressaltos que começavam a abalar-me com mais e insistência seriam passageiros e, logo, a mesma força misteriosa que me fizera consagrar escravo da Virgem, que me afastara de Suzan, de meus sonhos de adolescente, de minha família e de meus amigos, logo, muito em breve, aquela força voltaria a agir novamente, dissipando minhas dúvidas e lançando-me irrefreavelmente rumo ao objetivo a que me havia proposto.

Reconquistar a civilização cristã...

Essa missão me deixava sempre mais confuso. Por mais que tentasse compreendê-la, encontrava sempre mais obstáculos para absorvê-la. Sentia que, como eu, a maioria dos militantes mal sabia dizer ao certo o que fora essa civilização representada pela Idade Média e que, como num passe de mágica, fôramos recrutados por uma organização que se propunha reconquistá-la, restaurá-la e aprimorá-la. Uma organização que, para atrair-me e atrair aos demais, vestia inicialmente uma roupagem civil, exaltava seus ideais filantrópicos e políticos mas, com o passar do tempo, mostrava, debaixo desses trajes, sua verdadeira indumentária: não era apenas uma organização — ou uma sociedade, como preferia ser chamada — dedicada a combater o comunismo, defender a propriedade privada, lutar pelos bons costumes e pelo fortalecimento

da família — era uma organização religiosa que se desenvolvia à margem da Igreja, atribuindo-se a missão de salvar a própria Igreja; uma organização composta de homens que execravam a sociedade e que se refugiavam em suas sedes, onde acreditavam embeber-se da sacralidade rejeitada pelo mundo; uma organização hierárquica e disciplinada, na qual todos tinham um superior, a quem deviam a mais estreita obediência, até nas questões mais íntimas; uma organização, enfim, profética, que julgava ter recebido de Deus a missão de reconduzir a humanidade ao ponto de onde se desviara — e, por isso, era hostilizada por uma conspiração surda, dirigida, desde a irrupção da Revolução, por homens astutos e diabólicos, que se entregaram a Satanás, como nós nos entregáramos à Virgem. (*)

Quanto mais intenso se tornara meu convívio na TFP, novas doutrinas me eram ensinadas, mas agora, ao contrário de essas doutrinas contribuírem para esclarecer minhas dúvidas e incompreensões, faziam que essas incompreensões e dúvidas crescessem, às vezes, num ritmo vertiginoso. Não me dava conta disso — ou, mais exatamente, tinha medo de constatá-lo — e, um ano depois de minha transferência para Curitiba, meu fervor inicial estava amortecido. Ingressara na fase da aridez e meu subconsciente trabalhava dia e noite para colocar em xeque as posições que meu consciente não se atrevia a questionar. O atrito surgira e, mais do que nunca, via-me forçado a reunir todas as forças para enfrentar uma luta sobre-humana, se não quisesse capitular em poucas semanas.

Nesse período me vinha à mente com insistência o alerta difuso de que me estava afastando da TFP. Sentia que meu entusiasmo fora corroído: o convívio intenso com os militantes da Organização, que me fizera constatar o alheamento de certa parte deles em relação à missão à qual se dedicavam; as constantes renúncias a que era forçado por imposição da disciplina da Organização; a impossibilidade de manter relacionamento afetivo e harmônico com minha família; a proibição de cultivar círculo de amizades fora dos muros reforçados que protegem qualquer das sedes da TFP; o contínuo esforço para sufocar toda inclinação sentimental — tudo isso contribuía para que revisse minha disposição de entrega total e incondicional a uma causa que antes me parecera sublime e, cada vez mais, se mostrava uma utopia.

(*) Explico melhor este tema no capítulo oito.

Esta luta interior se refletia, pouco a pouco, em meu comportamento. Com o passar dos dias, tornava-me sempre mais irritadiço, sentia maior dificuldade em absorver as lições do colégio e as doutrinas que me eram ensinadas nas reuniões internas, minha memória traía-me com freqüência, minhas horas de sono diminuíam.

Marta, um dos obstáculos recentes, em algumas semanas seria afastada de meu caminho. Por recomendação de Carlos, que notara que o colégio não me estava "fazendo bem", reservei uma vaga para o segundo semestre no Colégio Estadual do Paraná. O final do primeiro semestre aproximava-se e, assim, logo não mais deveria ver Marta — e, não a vendo, sua imagem aos poucos se diluiria em meu pensamento e, com o tempo, estaria extinta.

Isso só não bastaria. Era preciso uma força muito forte para reerguer-me moralmente. Como seria e de que forma agiria sobre mim essa força? Não poderia concebê-lo naquela ocasião, mas esperava que algo me agitasse internamente, extirpando de mim as dúvidas que me faziam pressentir a aproximação da deserção — a apostasia.

Apostasia! Esta palavra me causava arrepios, toda vez que a ouvia ou nela pensava. Continha significados sombrios. Abandonando a TFP, era-me apresentada como certa a perdição eterna; e também pairava no ar a ameaça de que todo apóstata corria sérios riscos de ser vítima de uma grande tragédia... ou passar o resto de seus dias corroído pelo remorço, que neutralizaria suas potencialidades e o transformaria num inútil...

6

A Virgem está em pranto. A "Bagarre"! A "Bagarre"!

Além dessa luta espiritual, tão ou mais desgastante, creio, que uma luta corpo a corpo no campo de batalha, enfrentava a crescente restrição financeira da sede de Curitiba. Mantinha-me com uma bolsa de estudo enviada, muitas vezes com atraso, por um professor que pertencia à Organização. O dinheiro mal dava para cobrir as despesas com alimentação e, para vestir-me adequadamente e suportar o rigoroso inverno curitibano, tive de recorrer muitas vezes à minha família. Para as despesas adicionais — remédios, material de higiene e viagens periódicas a São Paulo, dever de todo militante — não havia opção senão vender assinaturas do jornal *Catolicismo*, editado pela TFP, que me davam uma magra comissão.

A manutenção da sede curitibana, devido às suas dimensões, exigia recursos consideráveis. Éramos, ao todo, mais de 20 pessoas que necessitavam alimentar-se e vestir-se, cujos "patronos", tal como o meu, nem sempre podiam enviar com regularidade suas doações. A Diretoria Administrativa e Financeira Nacional, uma espécie de Banco Central da TFP, não dispunha de folga de caixa para cobrir nosso déficit, constante e crescente. Com isso se foi tornando rotina a falta de comida. Um dia, tínhamos apenas arroz e batatas racionados quando levados à mesa; noutro, apenas tomates, que comíamos com pão comprado graças à "vaquinha" que fazíamos raspando de nossos bolsos os poucos cruzeiros que possuíamos. A situação forçou-nos a pedir donativos em mercearias e armazéns, trazendo, quando muito, depois de horas seguidas de esmolaria, uns qüilos de batatas, feijão ou arroz, algumas vezes em início de deterioração. Ganhávamos batatas — e até que se

esgotasse o estoque, caso nesse período não conseguíssemos outra doação, comíamos apenas batatas no almoço e no jantar; ganhávamos tomate — e somente comíamos tomate, também no almoço e jantar...

A sede, pomposa externamente, deteriorava-se, sempre mais, internamente. O jardim tinha de ser aparado e limpo por nós, uma única faxineira encarregava-se da limpeza, e a comida — quando havia — era preparada por um dos militantes, do meu grupo. Não havia dinheiro para pagar uma empresa especializada ou um servente qualquer para remover o mofo que se acumulava nos tetos e nas paredes; as cortinas, consumidas pelo tempo e umidade, dissolviam-se dia após dia; várias salas e corredores eram fracamente iluminados, porque não podíamos repor as lâmpadas que queimavam ou enfraqueciam.

As privações que enfrentávamos tornavam urgente o assessoramento técnico para podermos desenvolver trabalho mais eficaz de coleta de donativos. Guilherme, um dos veteranos, passou uma temporada intruindo-se em São Paulo sobre as novas técnicas utilizadas pela Organização para convencer virtuais doadores a se transformarem em doadores freqüentes e generosos. Em São Paulo, na rua Atibaia, estava instalada uma sede administrativa — o *Êremo da Divina Providência* — onde trabalhavam somente os membros da TFP que se dedicam à abertura de novas frentes de doadores e à sua consolidação, à catalogação e acompanhamento de empresários e empresas que podem transformar-se e devem ser conservados em fontes preciosas de recursos — os *eremitas provedores.*

Guilherme voltou acompanhado de um desses eremitas, Abílio, mandado a Curitiba para organizar o serviço de coleta de doações. Por indicação de Guilherme, fui escolhido para participar desse trabalho e passei a dedicar-me a ele todas as tardes, logo após o almoço até o treino de caratê, que precedia o jantar. Compramos pastas para arquivar as correspondências, que logo seriam despachadas e recebidas, assinamos o *Diário Oficial* (do Paraná) para extrair dele as informações necessárias ao desenvolvimento de nosso trabalho e reunimos algumas relações de empresários, industriais e pecuaristas, que conseguimos na Associação Comercial e Sociedade Rural.

Assim que a parte burocrática estava praticamente concluída, recebi de Abílio a instrução de, a partir daquele momento, não comentar, a não ser com ele e Guilherme, sobre o andamento dos trabalhos — nenhuma referência sobre doadores e quantias recebidas

deveria ser feita, em hipótese alguma, a qualquer outro militante. Guilherme e Abílio iniciaram os contatos preliminares, enquanto eu estudava detidamente uma volumosa apostila — cujo conteúdo também não poderia revelar a meus companheiros — versando sobre as técnicas de abordagem e convencimento dos doadores.

Nesta apostila estavam as instruções de como portar-se ao entrar na sala de um doador em potencial, como apresentar-se, como desenvolver a conversa, como proceder para perscrutar-lhe a mentalidade, gostos e assuntos de sua preferência. Recomendava-se jamais ir ao ponto-chave da visita, isto é, ao pedido de donativo, sem antes ter idéia clara da mentalidade do interlocutor. Não seria sensato contestar as posições porventura contrárias às da TFP, mas, assim que manifestadas, dever-se-ia encontrar a maneira de contorná-las para evitar o choque ideológico — desastroso para os objetivos pretendidos.

Os virtuais doadores eram classificados de acordo com suas posses (o que daria margem segura para se pedir a quantia que pudesse desembolsar), relações, realizações e, também, entre outras coisas, sua origem étnica. Um italiano ou descendente não poderia receber o mesmo tratamento de um alemão, um inglês jamais o mesmo que um francês, e assim por diante. O manual, para isso, trazia a síntese da psicologia dos grupos étnicos mais comuns que emigraram para o Brasil.

Diante de um italiano, por exemplo, qualquer crítica ao papa (na época, Paulo VI, a quem hostilizávamos) seria fatal: por isso, a *instituição* do papado deveria ser exaltada, contornando-se, assim, nossa impossibilidade de criticar — e muito menos elogiar — o pontífice. Todo italiano, principalmente o do Sul, possui temperamento sensível, descontraído e irreverente. Portanto, nada melhor que gesticular muito em sua presença, fazer alguns comentários galhofeiros; deixá-lo à vontade, enfim. Depois disso, chamar-lhe a atenção para a decadência do mundo em todos os campos, principalmente no religioso e artístico, argumentando que, quanto a estes aspectos, o mundo se distanciou do sacral e do místico, do belo e do poético. Em seguida, algumas comparações entre a pobreza estética da atualidade e a riqueza arquitetônica do passado (principalmente a da península) seriam ideais para torná-lo mais flexível e predispô-lo a, no momento certo, atender ao pedido de donativo.

Com pessoas de outras nacionalidades, resguardando-se as características próprias, o esquema de ação deveria ser o mesmo. As visitas teriam de ser feitas sempre por dois militantes, porque, desta maneira, se teria mais força para convencer o interlocutor, se

encontrariam mais argumentos para neutralizar qualquer crítica, permitindo também que, enquanto um dos militantes conversasse o outro pudesse, mentalmente, desfiar jaculatórias, orações e exorcismos, interferindo na conversa apenas nas ocasiões em que seu companheiro enfrentasse algum embaraço.

Havia vários planos de doações, adaptáveis a todo tipo de pessoa, desde um grande empresário ou industrial a uma mediana dona-de-casa. O importante era trabalhar com todos os argumentos e opções para não sair de mãos vazias. Assim que o doador em potencial estivesse emocionalmente preparado para o momento da investida, os militantes deveriam pedir-lhe sempre um pouco acima das posses que se julgava tivesse, pois, faltamente, esperava-se que ele pechinchasse. Pedindo alto, eram também altas as chances de se sair com boa quantia, montante que seria decidido ao fim da negociação. Não era suficiente que ele se dispusesse a fazer uma única doação, mesmo que substancial: o ideal seria convencê-lo a doar quantia significativa, mensalmente, porque, com isso, a Diretoria Administrativa e Financeira Nacional poderia dispor de orçamento prévio, seguro, com o qual teria margem sólida para calcular e cobrir as despesas da Organização em nível nacional — além de conservar um fundo de emergência para, por exemplo, lançar uma campanha, um livro ou realizar os congressos dos membros da Organização ou das pessoas que dela se aproximassem, as *Sefacs*.

Acompanhei Guilherme em várias visitas, inicialmente, mas depois ative-me exclusivamente aos trabalhos burocráticos, pois, sem eles, seria impossível abrir novas frentes. Para cada visita era necessária razoável infra-estrutura: uma carta de apresentação (assinada por um dos diretores da TFP que desfrutasse de projeção nacional nos meios financeiros e sociais), outra carta explicando o motivo da visita (que deveria ser entregue apenas no momento oportuno) e vários impressos, preenchidos por nós, para serem assinados pelos que se deixassem convencer a doar, nos quais estava especificada a quantia que seria dada, mensalmente ou "à vista". Preparávamos diversos desses impressos para a mesma pessoa, já que não podíamos saber qual, finalmente, seria o total que ela se disporia a doar.

— Então, por que não levar o impresso em branco? — perguntei a Abílio, assim que ele passou a ensinar-me como agir na retaguarda.

— Com o impresso já preenchido diante dos olhos, fica mais difícil ao doador recusar a quantia que estabelecemos — explicou-me.

Apesar de toda essa técnica, os trabalhos de coleta de donativos não estavam redendo o que esperávamos. Atribuímos a escassez de recursos a nossas falhas técnicas e ao campo ainda impreciso sobre o qual agíamos. Com o tempo, confiávamos, conquistaríamos maior traquejo para abrir e fortalecer uma ampla frente de doadores. Enquanto isso não acontecia, Guilherme solicitou novo auxílio do *Êremo da Divina Providência* que, providencialmente, nos emprestou outro eremita. Este, Igor, descendente de ucranianos, logo demonstrou ser pouco recomendável aos contatos de alto nível — ele atropelava Guilherme no tortuoso caminho da argumentação e, invariavelmente, irritava-se à menor resistência do interlocutor. Por prudência, Guilherme transferiu-o para a coleta de donativos em gêneros, porque não nos bastava esperar e sonhar com grandes doações, enquanto nossos estômagos estivessem vazios. Em algumas semanas, Igor revelou-se eficiente coletor de doações nessa área — embora, muitas vezes, recebêssemos queixas de pessoas que se diziam insultadas e maltratadas por ele —, e pudemos respirar aliviados por algum tempo.

2

Aquela atividade afastou temporariamente as hesitações que sentia em relação à TFP. O trabalho era intenso, envolvente e algumas vezes me servia de pretexto para ser dispensado de uma reunião que me desagradasse, de algumas lições de caratê e, principalmente, do esforço em conseguir assinaturas para o jornal *Catolicismo*, de difícil penetração. Agora, além da bolsa de estudo, recebia mensalmente uma bonificação por esse trabalho, tendo o dinheiro suficiente para minhas necessidades básicas.

Resguardado pelo silêncio e isolamento da sede, onde passava a maior parte do tempo, sentia-me menos atraído pelo mundo exterior, com o qual, aliás, tinha apenas um contato diário, de manhã, quando ia ao colégio. Transferira-me para o Colégio Estadual do Paraná e ali, longe de Marta, pouco a pouco esqueci-me dela. Meu relacionamento com os companheiros do *Saint Michel* passou a limitar-se às refeições que fazíamos em comum, ao treino do caratê e às reuniões noturnas. Vez por outra, Guilherme intercedia junto ao meu *quidam*, pedindo-lhe minha dispensa das reuniões ou das orações em conjunto — que faziam parte de nossa disciplina diária — para adiantar ou tirar o atraso de meu trabalho.

Nos fins de semana, no entanto, tinha de cumprir à risca o cerimonial e as atividades do *Saint Michel*. Uma ou duas vezes por

mês viajávamos a São Paulo,onde, próximos de *Dominus Plinius*, das sedes centrais e dos companheiros de quase todo o país, sentíamo-nos em parte refeitos de nossas lutas materiais e espirituais. Quando não íamos a São Paulo, nos revezávamos em viagens ao interior do Paraná ou de Santa Catarina, para auxiliar os pequenos núcleos ali instalados em suas atividades *apostólicas*. Quando em Curitiba, ajudávamos os apóstolos itinerantes a preparar a sede para as reuniões com os rapazes em fase de recrutamento: limpávamos o jardim, tirávamos o pó dos móveis, providenciávamos os lanches, buscávamos os *apostolandos* em suas casas e tentávamos influenciá-los antes e após as reuniões, anotando, depois, suas reações em fichas individuais, que arquivávamos para avaliar sua evolução ou retrocesso.

Adolescente, classe média, inconformado com o mundo, poucos amigos — este, o perfil do *apostolando* ideal. Adolescente, ele nos permitia "trabalhá-lo" enfrentando menor resistência, uma vez que sua personalidade, em formação, o tornava menos arisco a nossas idéias e, portanto, facilmente maleável. As poucas amizades seriam conseqüência de sua inconformidade com o mundo, e essa inconformidade observava-se sobretudo nos jovens de classe média — irrequietos, idealistas, esforçados.

3

Não demoraria muito, e todas as minhas dúvidas e vacilações seriam sufocadas, porque, nos meses que se seguiriam, acontecimentos extraordinários reacenderiam meu entusiasmo. Imperceptivelmente, porém, meu próprio organismo conspiraria contra a disposição de arrojar-me sem reservas à TFP.

Minha reascenção começou quando, um dia, ao regressar do colégio, fui surpreendido pela notícia de que uma imagem de Nossa Senhora de Fátima — idêntica à que é mantida no Santuário homônimo em Portugal, e, como aquela, esculpida sob orientação da irmã Lúcia — vertera lágrimas, em Nova Órleans. A notícia, transmitida pelos órgãos de comunicação, provocou em nós grande sobressalto. Era sinal evidente, parecia-nos, do desagrado da Virgem pelo distanciamento incontido da humanidade em relação a seus avisos e súplicas. Se este desagrado se manifestava através de lágrimas — um milagre, portanto, em se tratando de uma imagem, de madeira —, tínhamos a certeza de que os castigos profetizados e prometidos aos três pastorzinhos portugueses estavam na iminência de ser aplicados.

— É a *Bagarre*, é a *Bagarre*! — exclamou, exaltado, um de meus companheiros, durante a reunião de emergência a que fôramos convocados, em nossa sala no subsolo.

— Nossos dias estão se aproximando, finalmente! — complementou outro, mais controlado, enquanto o primeiro não escondia a excitação, roendo nervosamente suas unhas já diminutas.

— Rezemos, mortifiquemo-nos — aconselhou um terceiro, depois de algum esforço para sair de sua compenetração, recobrando em seguida a fisionomia tensa e carregada.

O pranto da imagem de Nova Órleans foi o tema da *Reunião de Recortes* e do *Santo do Dia*, naquele fim de semana. As sedes paulistanas registraram afluência fora do comum de militantes vindos do Interior e de outras capitais, todos afoitos em ouvir de nosso líder as palavras proféticas sobre aquele acontecimento profético, tão de acordo com as doutrinas da TFP.

Para minha frustração, não pude ir a São Paulo. Precisava redigir as muitas cartas que Guilherme teria de entregar na semana seguinte em seus contatos financeiros. Soube depois que *Dominus Plinius* realmente atribuíra a manifestação da imagem a eloqüente aviso dos céus de que os castigos prometidos pela Virgem de Fátima se aproximavam velozmente. As orações e sacrifícios, recomendou-nos ele, deveriam ser intensificados. O *Dies irae* estava mais próximo do que podíamos imaginar...

A atmosfera da sede tornou-se, aos poucos, mais densa; os sorrisos, por mais comedidos que fossem, desapareceram da fisionomia de meus companheiros, especialmente dos eremitas. As marchas militares e as músicas renascentistas mais ligeiras e descontraídas foram substituídas por músicas medievais e religiosas. O silêncio, que tínhamos de observar em vários períodos do dia — desde o horário de deitar até depois do café da manhã e em algumas horas da tarde —, agora se estendia pelos períodos em que normalmente a conversa era permitida e, quando se conversava, procurava-se falar a meio-tom, quase em sussurro. Então, insistíamos em comentar aquele sinal dos céus, para nós claro e contundente como um discurso de Bossuet.

Ouvimos falar que, por intermédio da TFP norte-americana — a *Cruzade for a Christian Civilization* —, a TFP brasileira fazia contatos para trazer ao Brasil a imagem que chorara. Esbarrava-se, porém, em vários obstáculos, cuja dimensão, entretanto, era tratada com reserva pelos militantes mais velhos, que se esquivavam de comentá-los para nós.

Os eremitas, dias depois, receberam ordem de ir a São Paulo, onde, juntamente com os eremitas de todo o Brasil, fariam prolongado estágio no *Êremo de São Bento.*

- *Sicut locutus est ad patres nostros, Abraham et semini eius in saecula (*).* É isto, senhor Pedriali, é isto que cantaremos em breve para exaltar Nossa Senhora pelo advento de seu reino! — comentou Carlos, citando um dos versos do *Magnificat,* aos nos despedirmos, deixando-me com imensa vontade de estar no lugar dele porque, deste modo, poderia também estagiar no *São Bento,* — o êremo dos êremos, protótipo dos mosteiros que habitaríamos no Reino de Maria, desempenhando, nesse reino, a mesma função de Cluny em relação às abadias medievais.

Estivera no *São Bento* duas únicas vezes e,para minha frustração, em ambas as ocasiões não pude ultrapassar a grade de ferro que separa o *hall* e o pequeno *scriptorium* do resto de suas dependências. Ao êremo, em alguns dias da semana, era permitida a visita dos militantes, desde que nos horários determinados. Quando fui, acabei vencido pela intransigência do provedor, que não quis abrir exceção a que eu e meus companheiros extemporâneos entrássemos nem que fosse por alguns minutos. Mesmo assim nos deleitamos em percorrer a íngreme alameda sinuosa que conduz à entrada lateral do edifício antigo e, espremendo o olhar por entre as grades de ferro, em vislumbrar o tosco crucifixo de madeira e a densa porta que conduz à capela, envoltos pela intensa penumbra do corredor, austero e sacral como todo o edifício. Ao lado desse edifício, antiga residência do superior dos beneditinos, no Jardim São Bento, em São Paulo, a TFP estava erguendo, em adiantado estado de construção, um edifício novo, obedecendo à mesma estrutura arquitetônica do primeiro, já insuficiente para acomodar as atividades de seus moradores.

4

Quando Carlos e os demais eremitas voltaram, um rápido olhar fez-me perceber que a expressão de seus rostos, embora serenos, refletia um estado de espírito preocupado, em alguns momentos sombrio. Tentei o mais rápido que pude falar com ele, mas nossa conversa só foi possível depois de várias tentativas. Ao atender-me, num final de tarde com o sol próximo a ocultar-se, os olhos de

(*) "Para cumprir as promessas que fez aos nossos pais, Abrão e a todos os seus descendentes."

Carlos apresentavam um brilho estranho, com uma carga mística que poucas vezes notara nele. Andávamos lentamente pela sacada contígua à capela e à sala de estar do êremo, enquanto o crepúsculo oscilava do amarelo claro ao lilás, passando pelo dourado e pelo vermelho. Atos e Astor, os dois cães pastor alemães que soltávamos à noite para vigiar a sede, davam os primeiros latidos de impaciência, talvez pressentindo o momento em que, finalmente, deixariam o estreito canil para correr a esmo pelo jardim.

Mais circunspecto que o habitual, trazendo agora às mãos um terço de madeira, com o crucifixo também de madeira — bem maior que o anterior —, Carlos chamou-me a atenção para a gravidade do momento, alertando-me — como se não me esforçasse continuamente para compenetrar-me disso — sobre os riscos que correria se negligenciasse aquela situação de extremo perigo. Pensava que fosse relatar-me, por sumário que fosse, seu estágio no *Êremo de São Bento.* Porém, novamente voltou a insistir no assunto que me parecia de sua preferência:

— Não adianta, nestes dias decisivos, apenas rezarmos dois rosários em vez de um e sacrificarmo-nos mais que antes, senhor Pedriali. Isto, para nós, por mais importante que seja, é somente um apêndice de nossas obrigações espirituais.

"Então, o que é preciso ainda?", pensei, fazendo rápido exame de consciência sobre meu comportamento nos dias subseqüentes ao choro da imagem de Nova Orleans, parecendo-me que fora fiel à recomendação de *Dominus Plinius* de redobrarmos orações e sacrifícios e compenetrarmo-nos de que os dias catastróficos e sublimes da *Bagarre* se aproximavam,veloz e irreversivelmente.

— Noto que o senhor, apesar de não opor restrições à missão de *Dominus Plinius,* não dá sinais externos de sentir-se enlevado por ele, não é verdade? — advertiu-me Carlos, dirigindo-me olhar severo, pouco usual em seu comportamento.

Sua observação deixou-me confuso e, não fosse a pouca claridade do ambiente, com certeza ele notaria meu súbito enrubescimento. Sem que tivesse tempo de fazer qualquer observação — e eu fustigava meu cérebro para encontrar a saída para aquela crítica embaraçosa —, ele acrescentou:

— Devemos acreditar na missão de *Dominus Plinius* e no que ele representa para nós. Não há dúvida quanto a isso! Mas também precisamos sentir enlevo por ele, porque, somente assim, poderemos abrir nossas almas para sua influência santificante.

Carlos fez uma curta pausa, agitou ruidosamente o rosário e impostou um tom de voz menos reservado:

— Quando olhamos para uma vela... aliás, o senhor já prestou atenção nisso?... Uma vela acesa é algo maravilhoso! A chama, azul

por dentro, amarela por fora, forma uma auréola semicircular que acompanha, à distância de alguns centímetros, a oscilação do fogo... é bonito, muito bonito, não? Pois bem, quando admiramos a chama de uma vela, mesmo que não sintamos a reação, toda a sacralidade dessa chama penetra em nós, em maior ou menor intensidade, como por osmose. Então, como dizia, da mesma forma como olhamos para uma vela devemos comporta-nos em relação a *Dominus Plinius*: devemos olhar o maior número de vezes possível para ele ou suas fotos, estar junto dele o maior tempo possível, ouvir suas reuniões ou as gravações delas com toda a abertura de alma. Para quê? Para que, lentamente, quase imperceptivelmente, nos deixemos dominar e transformar por suas palavras, por seus gestos... enfim, por seu modo de pensar, agir e sentir. Sabe, senhor Pedriali, quando nos tornaremos os grandes "santos dos últimos tempos" visualizados por São Luís de Montfort? Sabe? Não sabe, mas talvez imagine: somente seremos esses santos — os maiores de todos os santos! — no dia em que deixarmos de ser nós mesmos e nos impregnarmos por inteiro da personalidade de *Dominus Plinius*.

— Como assim, senhor Carlos? — interrompi-o, um tanto assustado com essa doutrina (um tanto, apenas, porque já não me assustava facilmente, tantas eram as surpresas com que me defrontava constantemente).

Dando-me a impressão de que mal notara minha intervenção, Carlos prosseguiu, calmamente:

— Somos filhos da Revolução e como tal nos comportamos, mesmo que tenhamos rompido com a maioria dos vícios e hábitos, que caracterizavam nossa vida anterior à adesão à TFP. A Revolução faz parte de nós, corre em nosso sangue e está profundamente arraigada em nossas almas como o comportamento e as idéias medievais o estavam nos homens da Idade Média. Por mais que nos esforcemos, dificilmente distinguimos o que é e o que não é revolucionário em nós. Pois bem, *Dominus Plinius* é *a* Contra-Revolução! Toda a beleza da Contra-Revolução, toda a harmonia e sublimidade do Reino de Maria, toda a santidade acumulada ao longo dos séculos pela Igreja... tudo isso *é Dominus Plinius*! Deixando nossas almas ser penetradas pela dele, inevitavelmente, mais cedo ou mais tarde, o vírus da Revolução que nos corrói se extinguirá e, aí sim!, nos conformaremos à alma de *Dominus Plinius* e encontraremos, na realidade, as nossas próprias almas criadas para ajustar-se inteiramente à alma dele.

— Isso é meio complicado... — observei, ingenuamente, recebendo resposta empolgada:

— É mais simples do que parece! Basta que nos esqueçamos de nós e nos enlevemos por ele, assim como Eliseu se extasiava na presença de Elias. *Dominus Plinius* é o maior de todos os santos, o maior entre todos os profetas! E ele está tão próximo de nós... Ai do *membro do grupo* que fizer ouvidos moucos a esta verdade, que der as costas à luz — a única luz! — que deve guiar nossos passos e iluminar nossa razão!

— Isto quer dizer quê...

— Meu caro — interrompeu-me Carlos, adotando num primeiro momento um tom de advertência, finalmente de complacência —, há na TFP um grupo de pessoas que não aceita o profetismo de *Dominus Plinius*. Prefiro não nominá-las. Estas pessoas, veteranas e novatas, concebem a TFP apenas como refúgio do mundo no qual se sentiam mal à vontade e ameaçadas. Estas pessoas não enxergam — ou não querem enxergar! — a razão principal de nossa existência. Concebem o *grupo* apenas como extensão da Congregação Mariana, à qual pertenceram os mais velhos, e *Dominus Plinius* somente como um líder dotado de vastos conhecimentos, de vida exemplar, mas não o admitem como santo — o maior dos santos! — e, principalmente, como profeta — também o maior dos profetas! Repito: não vou dizer quem são estas pessoas. Porque é fácil distingui-las: basta, por exemplo, prestar atenção ao auditório durante um *Santo do Dia*: aqueles que permanecem impassíveis do começo ao fim, se sentam invariavelmente nas últimas fileiras e, ao saírem, procuram desviar a conversa do assunto tratado na reunião: são estes! E não há maneira mais apropriada para qualificá-los do que usando uma figura de linguagem: *sabugos*! E para que serve o sabugo, caroço de vegetal sem a menor utilidade?

— Para quê? Para nada!

— Para jogar fora. Então...

— Então?

— Então, meu caro, evite aproximar-se deles, mantenha com eles relacionamento cordial, mas distante e frio. Eles têm magnetismo próprio, um ímã capaz de sugar-nos o enlevo e a admiração, por menor que sejam, que tenhamos por *Dominus Plinius*. Portanto, cautela, meu caro... cautela!

Fizemos silêncio por alguns instantes e, nesse intervalo, pude ver a lua, ainda pálida e indefinida, avançando e trazendo atrás de si algumas estrelas, que, tímidas, pontilhavam com seu lusco-fusco o azul-claro do céu, em harmonioso contraste com os últimos tons violáceos e difusos do crepúsculo.

Carlos comentou alguns lances da vida de *Dominus Plinius*,

lembrou fatos de sua infância e juventude, sua militância na Congregação Mariana e Ação Católica e, ainda, sua devoção à Virgem Maria, sua entrega total à Igreja, o discernimento que teve da Revolução e, em conseqüência, a concepção da Contra-Revolução.

— Ele jamais pecou. Jamais cometeu sequer o mais leve dos pecados veniais — arrematou, exortando-me a conhecer mais detalhadamente a vida de *Dominus Plinius* para embeber-me dela como os apóstolos, que, após a ação do Espírito Santo, se deixaram embeber e transformar pela vida, ensinamentos e exemplos de Cristo. — *Dominus Plinius* — acrescentou — é a virtude personificada. Para nós, chamados por Deus e por Maria a participar da Contra-Revolução, não existe outra via, para atingirmos a perfeição e executarmos plenamente nossa missão, a não ser a da entrega total a *Dominus Plinius.* Aqueles dentre nós que se recusarem a doar-se a ele, por mais esforço, por mais orações, por mais sacrifícios que façam, nunca, nunca conseguirão a salvação. Quando muito, poderão penetrar no Purgatório... e terão de padecer ali séculos e séculos!

O sino soou, chamando os eremitas às orações. Carlos, chacoalhando seu terço, deixou transparecer leve aborrecimento pela interrupção da conversa. Dirigiu-me curto sorriso, que me pareceu a demonstração de benevolência de um mestre após importante lição e severa advertência ao discípulo, apertou-me suavemente a mão e despediu-se com o usual *Salve Maria!*, desaparecendo pela porta da sala de estar.

5

Rezei alguns minutos na capela, aproveitando o intervalo que antecedia a entrada dos eremitas, e mergulhei em profunda meditação depois, enquanto percorria as alamedas do jardim, à espera do toque do sino do grupo *Saint Michel* — menor e mais estridente que o dos eremitas — que me convocaria para o treino de caratê.

Nos dias seguintes, as palavras de Carlos reboaram em meu cérebro. "A *Bagarre* está mais próxima que nunca"; "os castigos terríveis aproximam-se"; "precisamos preparar-nos, urgentemente"; "*Dominus Plinius*, o santo profeta"; "*Dominus Plinius* jamais pecou"; "quem não abdicar de si próprio e se recusar a entregar-se a *Dominus Plinius* será consumido pelo fogo eterno"; "afaste-se daqueles que podem apagar a chama que há no senhor, distanciando-o de *Dominus Plinius*"... — estas frases e outros raciocínios

entrecortados me vinham à mente com insistência inquietante, causando-me calafrios, de início esporádicos, depois freqüentes.

A Virgem chorara. Os seus — e os nossos — dias pareciam iminentes. A ira de Deus estava para consumar-se e dizimaria o mundo infiel por sua recusa em seguir-lhe os ensinamentos!

Não seria esta, então, a razão sólida que buscava, capaz de dissipar-me as dúvidas e hesitações? Não surgiria daí a força de que tanto necessitava para adquirir o estado de espírito exigido pelas circunstâncias?

Essa mudança, que me parecia factível e impraticável ao mesmo tempo, somente se concretizaria, por longo período, poucas semanas depois.

6

A imagem de Nova Órleans viria ao Brasil, a pedido da TFP.

— Nossa Senhora ouviu nossas preces! Ela virá para abençoar-nos e para dar-nos as forças de que precisamos para a dura batalha prestes a eclodir — comentou o eremita Andersen numa das reuniões semanais que nós, do *Saint Michel*, tínhamos à noite com os eremitas. Mais uma vez, como era costume nessas reuniões, ele voltou a apelar para que nos compenetrássemos "sempre e sempre mais" da grandeza de nossa causa.

— Senhores — disse em determinado momento —, temos falado repetidas vezes sobre o tripé de nossa vocação, isto é, a condição simultânea de escravos, guerreiros e monges. Pois bem: causa-me espanto que os senhores não tenham insistido, na intensidade com que deveriam insistir, para conhecer o *Êremo de São Bento* por dentro. Por dentro, sim, porque sei que alguns dos senhores já estiveram na área externa do êremo. Tenho quase a certeza de que, da geração dos senhores, os senhores são dos poucos que ainda não visitaram o *São Bento.* Isso é lamentável, muito lamentável...

Pesado silêncio seguiu-se a esta queixa e eu, rígido em minha cadeira, evitava os olhares de Andersen, que se detinha longamente em cada um de nós, na tentativa, julgava, de fazer-nos compreender que tínhamos sido tíbios ao não insistirmos em visitar o *São Bento.* O tempo passava, e ninguém se atrevia a manifestar-se, até que Andersen, para nossa surpresa, nos comunicou sorridente:

— *Helás!* Se o cristão não vai ao papa, o papa vai ao cristão: a *Comissão do Movimento* autorizou-os a visitar o *São Bento* no próximo final de semana.

Exultamos. Iríamos, assim, conhecer o que de mais simbólico havia na Organização e o que mais distante ela mantinha (e mantém) do conhecimento da opinião pública.

7

Nosso mosteiro sagrado: o "Êremo de São Bento"

O *Êremo de São Bento*, apesar de composto por duas alas, uma velha e outra nova (recém-concluída quando o visitei), ergue-se num edifício monolítico, pois a segunda obedece à mesma estrutura e estilo da primeira.

A primeira, à esquerda de quem se encontra em frente do conjunto, é acessível por uma rampa sinuosa, contornada por um jardim modesto, rarefeito de flores. A nudez de sua fachada é atenuada por um número reduzido de pequenas janelas românicas — como também românico é todo o conjunto — de vidros miúdos e coloridos. Compõe-se de um único andar, mas, em sua extremidade esquerda e frontal, um torreão circundado por uma sacada em sua parte superior domina o prédio e suaviza sua forma compacta, dando-lhe aspecto de assimetria e leveza.

A segunda ala, maior e mais alta, distingue-se exteriormente da primeira pela profusão de janelas — maiores, de vidros claros e opacos — e pelas sacadas protegidas por altos e indevassáveis parapeitos no andar superior, freqüentadas pelos eremitas em seus raros e fugazes momentos de descontração. Dali, com algum esforço, pode-se vislumbrar o exterior; do exterior nem com esforço se vislumbra o que se passa ali.

O provedor veio em nossa direção, descendo lentamente uma grande escada de cimento à direita da segunda ala. Essa escada liga um pequeno pátio à porta principal, que substituiu, após a construção da segunda ala, o acesso ao edifício, que era através do *scriptorium*, na ala antiga. Sério, circunspecto, ele abriu-nos o portão de ferro e, um a um, apertou-nos a mão. Após a passagem do último visitante, voltou a trancar a grossa fechadura do portão

e, procurando abafar o barulho que faziam as grandes chaves que levava às mãos, convidou-nos a acompanhá-lo.

Desta vez, sim, iria conhecer o *São Bento*, e mal podia conter minha emoção por estar dando os primeiros passos em direção a um segredo que tanto atiçara minha curiosidade e que, mais alguns instantes apenas, estaria ao meu alcance.

À medida que vencíamos os degraus, via surgir à minha frente um ambiente envolto de discreta penumbra que, ao nos depararmos com o umbral da porta, permitiu que se visualizassem os poucos objetos que decoravam a sala de recepção: uma mesa de madeira, uma cadeira, a imagem de um santo que não pude identificar. O pouco barulho exterior foi isolado completamente, quando o provedor aferrolhou às nossas costas a porta, de largas vigas de madeira. Ali, parados à espera de instruções, ouvíamos apenas os nossos próprios ruídos e os passos do provedor sobre o chão nu, de pedra. No restante do edifício, silêncio total.

— É hora da sesta. Seria bom que os senhores não fizessem muito barulho para não incomodar os eremitas — recomendou-nos, conduzindo-nos, após atravessarmos estreito corredor mal-iluminado, a uma pequena sala de estar, onde havia um sofá e algumas poltronas de couro. O ambiente era dominado pela grande fotografia de um militante, trajando a capa e empunhando o estandarte esvoejante, equilibrando-se sobre os trilhos de aço que unem as duas rochas do Pico do Itacolomy, em Ouro Preto.

A recomendação de evitar o barulho era desnecessária. Não tínhamos disposição sequer para trocar rápidos comentários entre nós. Mal penetráramos no edifício, fôramos arrebatados pelo silêncio e recolhimento de seu interior. Violar essa atmosfera sacral seria não só um desrespeito; antes, uma agressão à ordem metafísica que até as paredes, sólidas, maciças, exalavam.

2

A *Comissão do Movimento* — disse-nos o provedor — sugeriu que, antes de conhecerem o êremo, os senhores ouçam a gravação do exorcismo. Os senhores estão de acordo? — perguntou, sem alterar os traços de seu rosto e a impostação de sua voz, assim como fizera desde que nos abrira o portão. Seu aspecto era estóico como as paredes e colunas do edifício.

Como e por que discordar da recomendação da *Comissão do Movimento?*

Sentamo-nos e, enquanto o carretel era ajustado no gravador, entrecruzávamos alguns olhares discretos, tentanto dizer com os olhos o que sentíamos, inibidos de nos expressar com palavras.

A gravação a que se referira o provedor fora feita por um militante em São José dos Pinhais, interior do Paraná, durante um exorcismo dirigido por um padre desse local. O padre autorizara a gravação, realizada na casa do possesso, depois de alguma insistência do militante, que se comprometera a não revelar a identidade do exorcizado.

Quanto mais avançávamos na audição da fita — constantemente interrompida pelo provedor, que explicava com detalhes suas partes — mais sentíamos o corpo contrair-se e congelar. O sacerdote, tendo à frente o possesso contido por parentes e amigos, pronunciava cadencialmente a fórmula do exorcismo, em latim, segurando numa das mãos um crucifixo, noutra um frasco de água benta, que agitava continuamente, espargindo tanto o endemoninhado quanto os presentes à cerimônia e até os móveis do local. Em certos momentos, o sacerdote levantava a voz, increpava o espírito das trevas que tomara a alma daquele pobre homem e ordenava-lhe que se retirasse e voltasse às profundezas do Inferno.

A cada ordem ou increpação do padre, o possesso agitava-se, estrebuchava, ameaçava livrar-se dos que o seguravam e atirar-se sobre os que estavam ao seu lado. Espumava os lábios, deixando sair deles frases soltas e desconexas.

— Qual é o teu nome, espírito imundo? — perguntava-lhe o padre.

Silêncio. Nenhuma manifestação do possesso ou do espírito que dele se apossara.

— Vamos, espírito maligno, responde: qual é o teu nome? — insistia o padre e, mais uma vez, a resposta era o silêncio.

— Em nome de Jesus Cristo e da Virgem Maria, ordeno-te: responde-me, qual o teu nome? — esbravejava, aproximando bruscamente o crucifixo dos olhos do endemoninhado que, ao notar a proximidade desse objeto, blasfemava, gemia, revolvia o olhar.

O religioso insistia diversas vezes, infrutiferamente, até que, vencendo as resistências do espírito maligno, arrancava dele, de início dificilmente audível, mas, depois de novas ameaças em nome dos céus, uma resposta clara e revoltada, revelando um nome tão impronunciável como é para um ignorante — como eu — uma expressão em grego ou hebraico.

Apesar de mal identificarmos o nome revelado pelo demônio, sentíamos calafrios e nos benzíamos com a água benta que, por

norma, sempre levávamos conosco, tal o horror e o desespero que acompanhavam aquela voz rouca e cavilosa, o eco cacofônico das profundezas do Inferno.

Agora chamando-o pelo nome, o padre voltava a ordenar-lhe que deixasse em paz aquela alma. O demônio resmungava, dava a entender estar pronunciando alguns palavrões a meia-voz, e se calava. O padre voltava a increpá-lo, insurgia-se contra o possesso com o crucifixo e repetia suas fórmulas exorcísticas, espargindo água benta em profusão.

O espírito do Mal demorava a manifestar-se e, progressivamente, sua voz enfraquecia-se, os intervalos entre suas frases desconexas tornavam-se mais freqüentes e prolongados. O padre, por sua vez, aumentava e encrespava o tom de sua voz, percebendo que as preces começavam a ser eficazes, enfraquecendo e tirando, pouco a pouco, o poder de ação do demônio. Os intervalos de silêncio, entrecortados pelo leve ciciar do sacerdote, progrediam até que o espírito maligno, numa última manifestação de revolta e ódio diante da derrota infligida pela força da oração, dava urros estridentes, abandonando, num rugido apavorante, a alma do possesso, cujo corpo, então, se contorcia como uma serpente, pisoteada e dolorida, que quer, num derradeiro gesto de vingança, cravar suas presas mortais no calcanhar de seu algoz.

O demônio, finalmente, arremessara-se ao Inferno, deixando em paz a alma do homem que, inconsciente, era conduzido a uma poltrona. O sacerdote, apelando aos presentes para que orassem pelo bem-estar daquela alma sofrida e castigada inocentemente — o demônio, descobriu-se depois de suas primeiras manifestações, incorporara-se no homem durante uma festa, quando ele se servira de uma bebida enfeitiçada —, pedia um copo d'água e sentava-se para recobrar as energias despendidas durante o ato exorcístico.

Seguiam-se alguns intervalos de calma, enquanto o silêncio do ambiente e mesmo os momentos anteriores de grande tensão eram quebrados pela melodia de um piano e de uma voz feminina, pois, na sala ao lado, a esposa do possesso ensaiava para os concertos dos quais participava...

De repente, o homem, estirado no sofá, dava sinais de recuperar lentamente os sentidos adormecidos; porém, ao contrário de demonstrar normalidade, despertava com aspecto sombrio, páiido, balbuciando palavras incompreensíveis. Aos poucos, seus músculos tornavam a contrair-se e o homem, esbugalhando assustadoramente os olhos a ponto de dar a impressão de que os faria saltar das órbitas, alinhava-se na poltrona, cravava as unhas no estofado e

adquiria porte altivo e desafiador, aumentando sucessivamente o volume de um gemido desesperado e acabrunhador.

— *Vade retro, Satana!* — bradava o sacerdote, procurando, às pressas, o crucifixo e o frasco de água benta. Os amigos e parentes do homem, assustados, aproximavam-se dele, na expectativa de ter de contê-lo mais uma vez e impedir que, nos acessos de fúria que se prenunciavam, ele tentasse, como fizera muitas vezes, agredir os presentes e arrebentar os móveis da sala.

O exorcismo teria de recomeçar do ponto inicial, porque, expulso aquele espírito diabólico, outro era o que agora se manifestava através do possesso.

No final, constatou-se, a alma — e conseqüentemente o corpo — daquele homem fora possuída por várias entidades malignas, uma mais poderosa que a outra, cada uma mais resistente e impermeável que a outra às preces e ameaças do sacerdote.

Quanto tempo durara todo o exorcismo? Muitas horas, sessões a fio. A fita que ouvíramos continha apenas o registro de uma dessas sessões, cuja duração, creio, foi de aproximadamente uma hora.

3

Terminada a audição da fita, foi com alívio que recebi o convite do provedor para nos transferirmos para o claustro. Durante a audição, a sala onde estivéramos deu-me a impressão de infestar-se de legiões satânicas, que acompanhavam de todos os locais — ao nosso lado, abaixo e acima dos móveis, através de cada poro das paredes — o terrível drama que ouvíramos e testemunháramos. Meus companheiros e eu, lívidos todos, trêmulos alguns, esforçamo-nos para recobrar a respiração normal, e outros, mais tensos que os demais, tinham a pele úmida de suor.

Percorremos de volta o estreito corredor, cruzamos a sala de recepção e desembocamos no claustro. As dependências do andar superior da ala nova, somente as poderíamos conhecer após o despertar dos eremitas. Quanto a isso, no entanto, não tínhamos pressa, pois ali havia apenas as celas dos eremitas. Mesmo assim, queríamos conhecê-las, e o faríamos mais tarde.

O claustro — onde uma leve brisa ajudou a recompor-nos — tomava toda a parte interna que ladeia a ala nova e abria um braço, à esquerda, aproveitando a proteção do muro, adquirindo a forma aproximada de um *L*. Andamos silenciosamente por quase toda a sua extensão, admirando-nos com o aspecto sólido de suas colunas,

que se abriam em arcos românicos. O chão, de pedras quadradas e regulares, elevava-se a poucos centímetros do solo do pátio, forrado de pedregulhos aplainados para manterem-se uniformes.

Cruzamos o claustro e paramos no meio do pátio, para poder contemplar dali as paredes internas dos dois edifícios. O conjunto era soberbo. Em sua intimidade, perdia um pouco o aspecto dominador que sobressaía ao ser visto de frente, tornava-se suave em suas curvas, acolhedor em cada um de seus detalhes. Distanciei-me alguns metros do grupo, procurando enfocar o edifício do melhor ângulo que pudesse encontrar: e foi tendo em primeiro plano o grande cruzeiro negro, cuja negritude e solidão eram atenuadas por um manto branco — simbolizando o lençol que envolveu Cristo ao ser retirado da cruz —, que os dois edifícios despontaram em toda a sua grandeza, recolhimento e estoicismo.

Uma réplica perfeita de um mosteiro medieval!

4

Detive-me a alguns passos do cruzeiro, dando pouca importância aos muitos comentários que meus companheiros, admirados, faziam sobre o prédio. Desloquei-me um pouco para a direita, para que o cruzeiro se interpusesse entre meu olhar e o torreão. Não queria pensar, apenas deixar que aquela imagem impregnasse meu cérebro e jamais se apagasse. Fiquei, assim, nessa posição contemplativa, até que, aos poucos, alguns pensamentos se foram articulando. Meu cérebro esforçava-se para descobrir — se é que houvesse — algum simbolismo naquelas imagens sobrepostas. Então, como num *flash*, veio-me à mente a convicção clara de que aquele local abrigava, em seu silêncio e isolamento, todo o ascetismo conservado e acumulado pelo monaquismo católico desde que Cristo, em seu infinito amor pela Humanidade, se despojara completamente dos apetites terrenos e se deixara sacrificar inocentemente numa cruz, o castigo supremo aplicado pelos romanos.

E, levado por esse *flash*, tentei imaginar como fora rude a vida dos padres do deserto que, inflamados pelo exemplo de Antão, se refugiaram em grutas, túmulos ou choupanas, nos desertos do Baixo Egito, sobretudo nos de Nítria e Cétia. Ali, envoltos em túnicas de linho com mangas que desciam até o cotovelo, usando um capuz que lhes ocultava as faces, e invariavelmente descalços, exceto quando viajavam, dedicavam-se à oração e à meditação. Os ensinamentos de seus superiores requintavam-lhes a alma para que pudessem, como parte de sua missão eremítica (ou anacorética),

adquirir o dom do discernimento dos espíritos. E esse dom, somado ao prodigioso poder de realizar milagres estrondosos, transformara-os em chamarizes para uma multidão de devotos, que viam neles os verdadeiros herdeiros das comunidades primitivas que, clandestinamente, proliferaram em Roma e em Jerusalém no período mais feroz da perseguição do Império.

Esses homens, que pareciam ter o poder sobre todos os homens e todas as coisas ao seu redor, eram, no entanto, humildes a ponto de dedicar grande parte de seu tempo à execução de singelos trabalhos manuais, dormir em esteiras e passar longos períodos no mais completo jejum. A vida espiritual desses anacoretas, homens que romperam todos os vínculos com o mundo, era ainda controlada pelo abade — palavra derivada do hebraico *abba*, pai —, que lhes auscultava o mais profundo de suas intimidades. O abade, porém, não tinha autoridade sobre os eremitas, que, em seus refúgios, no máximo coabitados por três homens, desenvolviam vida autônoma, ascética e mística.

A vida cenobítica (do grego *koinos* = comum; *bio* = vida), a que foi incorporada definitivamente pelos mosteiros do Ocidente, desenvolveu-se praticamente ao mesmo tempo, no século IV, também no Egito, mas no Alto. Pacômio, discípulo do eremita Palemon, escreveu a primeira regra monástica, fundamental para que esse tipo de comunidade religiosa viesse a ser, séculos mais tarde, estruturada e se sedimentasse.

Afirma a história católica que Pacômio, na solidão de sua gruta, se atribulava por desconhecer qual a missão que Deus lhe reservara. Numa noite, quando rezava, de costume até extenuar-se, ouviu uma voz misteriosa que lhe disse: "A vontade de Deus é que você se coloque a serviço dos homens para convidá-los a ir a Ele e trabalhe as almas deles para fazê-los santos e apresentá-los a Deus". (*)

Pacômio interpretou este conselho, atribuindo-o a um anjo, à convocação para transpor o modo de vida dos eremitas aos ambientes em que todos vivessem em comum. Em 315, surgia o primeiro mosteiro, em Tabanese, entre o Nilo e o Mar Vermelho. O trabalho de Pacômio, porém, não seria fácil: ele teria de vencer as resistências de seus primeiros discípulos, que, habituados à vida independente do deserto, relutavam em adaptar-se à disciplina rígida e submeter-se às ordens do abade. Pois a obediência passou a

(*) *"Iniciação à História Monástica"* — Mosteiro da Virgem, Petrópolis.

ser condição do monge, que, além disso, teria de compartilhar sua vida com todos os que habitassem o mesmo mosteiro. Apesar das resistências que teve de superar, ao morrer, em 346, Pacômio tinha motivo para julgar realizada a missão que lhe fora imposta por Deus: as várias comunidades que fundara já eram habitadas por aproximadamente cinco mil monges.

Essas comunidades, os cenóbios, assemelhavam-se a uma tosca aldeia devido à sua estrutura rudimentar. Cercadas por muros, compunham-se de uma hospedaria, da portaria, de um prédio que alojava todas as instalações de uso comum dos monges — biblioteca, cozinha, refeitório, dormitórios — e, ao centro, rodeada invariavelmente de jardins zelosamente cuidados, situava-se a igreja. Os monges reuniam-se três vezes ao dia, para rezar, dedicando o resto do tempo a trabalhos manuais, principalmente no campo, de onde extraíam os alimentos para consumo e comercialização. Dividiam-se em grupos, de acordo com o trabalho que sabiam executar. O excedente de seus produtos — tecidos, bebidas, objetos de ornamentação — era comercializado, de onde se originou a sólida base econômica que, desde então, caracterizou esse tipo de comunidade.

No final do século V, quando sobre toda a Europa ainda revoava a poeira levantada pelas invasões bárbaras, a vida e o exemplo de um jovem, nobre e rico, dariam ao monaquismo os retoques necessários que ainda lhe faltavam. Enviado a Roma com sua ama por seus pais, esse jovem logo se escandalizou com os costumes de seus companheiros de estudo, julgando-os levianos, e procurou refúgio em algum lugar onde pudesse desenvolver sua espiritualidade. Em Éfide, seu abrigo diante do Mal, operou seu primeiro milagre e, constrangido pelo devotamento que passou a receber dos habitantes daquele povoado, decidiu ir mais além em seu despojamento. Saindo às escondidas de sua ama, ele passou a viver numa gruta, em Subíaco, onde, esporadicamente, recebia alimentos trazidos por Romano, o único ser humano que por muitos anos soube de sua existência miserável, monge de um mosteiro das proximidades, que o descobrira e que dele se apiedara.

Esse jovem, Bento de Núrsia — mais tarde São Bento —, tornou-se famoso na região por seu ascetismo e pelos milagres que, com freqüência, praticava. Um dia, os monges de um mosteiro das imediações imploraram-lhe aceitasse o cargo de abade, vago pela morte do antecessor. Decidido de início a manter-se onde estava, relutante depois, Bento acabou finalmente atendendo aos rogos dos monges. Em pouco tempo, no entanto, os mesmos que lhe suplicaram

fosse seu abade passaram a conspirar contra sua vida por não suportar a disciplina férrea que lhes impusera. Decidiram matá-lo, envenenando-lhe o vinho. Mas, escreve Gregório Magno, o papa e santo que investigou a vida de São Bento, "quando apresentaram ao Pai (Bento), sentado à mesa, o copo da bebida pestífera para ser abençoado segundo o costume da casa, Bento estendeu a mão e fez o sinal-da-cruz. A este gesto, o vaso, que estava distante, estalou e fez-se em pedaços, como se sobre aquela taça de morte, em vez de ter feito o sinal-da-cruz, tivesse dado uma pedrada". (*)

Depois disso, Bento retirou-se daquele mosteiro e, mais uma vez, procurou o isolamento de sua gruta em Subíaco. Entretanto, ele já não mais podia ocultar-se dos homens. Sua fama aumentava dia a dia e, sem que nada pudesse fazer, assistia à chegada de muitos que queriam estar próximos a ele, ouvir-lhe as palavras e imitar-lhe o comportamento. Bento construiu ali 12 pequenos mosteiros, habitado cada um por 12 monges. Sua obra, ainda incipiente, seria em breve posta à prova. Um sacerdote invejoso — conta Gregório Magno —, depois de várias tentativas frustradas para induzir os monges a se rebelarem contra Bento, introduziu num dos mosteiros um grupo de jovens, nuas.

Era demais.

O santo transferiu-se com seus seguidores para Montecassino e, no local onde um antigo templo dedicado ao culto do deus Apolo se desfazia em ruínas, construiu uma igreja, em torno da qual erguera majestoso mosteiro. "Cheio do espírito de todos os justos" e possuindo "o espírito do Deus único, que encheu o coração dos eleitos com a graça da Redenção", prossegue Gregório Magno (**), Bento formulou ali a regra que deveria disciplinar todos os atos de seus discípulos.

"Escuta, filho, os preceitos do Mestre" — assim inicia Bento a sua Regra — "e aproxima o ouvido do teu coração; recebe de boa vontade e executa eficazmente o conselho de um bom pai, para que voltes, pelo labor da obediência, àquele de quem te afastaste pela desídia da desobediência".(***)

(*) *Vida e Milagres de S. Bento - Livro Segundo dos Diálogos de S. Gregório Magno*, editado pelo Mosteiro de S. Bento, Rio de Janeiro, 1977.
(**) Obra citada.
(***) *A Regra de São Bento*, Edições Lumen Christi, 1980

Bento descreve as várias categorias de monges e, no segundo capítulo, traça o perfil do abade perfeito: "O abade digno de presidir o mosteiro deve lembrar-se sempre daquilo que é chamado (isto é, pai) e corresponder pelas ações ao nome de superior". Assim, o abade "nada deve ensinar, determinar ou ordenar, que seja contrário ao preceito do Senhor, mas que a sua ordem e ensinamento, como o fermento da divina justiça, se espalhem na mente dos discípulos". E Bento adverte: "Lembre-se sempre o abade de que da sua doutrina e da obediência dos discípulos (...) será feita apreciação no tremendo juízo de Deus".

Para os monges, por sua vez, Bento recomenda-lhes 75 princípios que devem regular seu comportamento. Entre eles:

"Primeiramente, amar ao Senhor Deus de todo o coração, com toda a alma, com todas as forças.

Castigar o corpo.

Não abraçar as delícias.

Amar o jejum.

Não ser preguiçoso.

Não ser murmurador.

Não ser detrator.

O que achar de bem em si atribuí-lo a Deus e não a si próprio.

Mas, quanto ao mal, saber que é sempre obra sua e a si mesmo atribuí-lo.

Temer o dia do juízo.

Ter pavor do Inferno.

Desejar a vida eterna com toda a cobiça espiritual.

Ter diariamente diante dos olhos a morte a surpreendê-lo.

Vigiar a toda hora os atos de sua vida.

Saber como certo que Deus o vê em todo lugar.

Não gostar de falar muito.

Guardar sua boca da palavra má ou perversa.

Não falar palavras vãs ou que só sirvam para provocar riso.

Não satisfazer os desejos da carne.

Odiar a própria vontade".

5

— Senhor Pedriali, venha! — gritou-me um de meus companheiros, fazendo-me perceber que todo o grupo, sempre com o provedor à frente, já deixara o pátio do claustro e se dirigia ao improvisado pontilhão de madeira, que unia os dois edifícios. O pontilhão, vedado em suas laterais, terminava num pequeno

átrio, despojado de qualquer ornamentação, lugar adequado para que o visitante se preparasse para penetrar no coração do mosteiro.

Transpusemos os degraus e, boquiabertos, fomos tragados por um longo corredor, onde tive de forçar os olhos para adaptar-me à intensa penumbra, aliviada pelo cintilar de uma vela, na extremidade oposta, colocada aos pés de um crucifixo de madeira — o mesmo que eu vira, meses antes, através da grade de ferro que separava aquele ambiente do *scriptorium.* Mais ou menos na metade do corredor, réstias de luz cortavam-no no sentido horizontal.

Essas réstias vinham do refeitório, à direita, separado do corredor também por uma grade de ferro. E o refeitório, em autêntico estilo beneditino, ficava alguns degraus abaixo do corredor. As duas mesas usadas pelos eremitas, de pedra, sustentadas por duas colunas em suas extremidades, situavam-se sobre um estrado, igualmente de pedra, uma em frente à outra. Junto às janelas, que esparramavam uma luz tênue e colorida, filtrada pelos vitrais, estava a mesa destinada ao superior, no mesmo formato da dos eremitas, porém menor e colocada sobre um estrado mais elevado. Nela, sentava-se somente *Dominus Plinius,* o abade do mosteiro, embora o freqüentasse esporadicamente.

O púlpito, embutido na parede esquerda, elevava-se sobre as mesas. Ali, durante as refeições, um dos eremitas lia o Evangelho do dia, a biografia de um santo ou outro texto religioso. À direita, vedada por uma porta que se confundia com a parede lateral, localizava-se a biblioteca. Pequena, mas confortável e acolhedora, a biblioteca tinha as paredes forradas por estantes, que se estendiam do chão ao teto, repletas dos livros os mais diversos, predominando os de História e Religião. Algumas poltronas revestidas de couro se dispunham meio desordenadamente e, num canto da sala, uma pequena mesa era utilizada para o registro dos livros retirados do local e, eventualmente, para as anotações que algum eremita quisesse fazer *in loco.*

Entretivemo-nos alguns instantes com os livros, que apalpávamos aqui e acolá, surpreendendo-nos sempre mais com a quantidade de títulos estrangeiros, sobretudo franceses. O local, fartamente iluminado, contrastava com a maioria das salas dos dois edifícios, nas quais prevalecia a penumbra ou tíbia luminosidade. Relaxados nas poltronas, ouvimos o provedor explicar alguns costumes dos habitantes daquele êremo.

— A obediência e o silêncio são os dois requisitos essenciais aos que são admitidos aqui — observou, afirmando que ali se procurava cumprir, com o máximo rigor, a Regra de São Bento.

De fato, afirma a Regra, "o primeiro grau da humildade é a obediência sem demora". A obediência, diz o legislador dos monges, faz que deles se apodere "o desejo de caminhar para a vida eterna; por isso, lançam-se como que de assalto ao caminho estreito do qual diz o Senhor: 'Estreito é o caminho que conduz à vida', e, assim, não tendo como norma de vida a própria vontade, nem obedecendo aos próprios desejos e prazeres, mas caminhando sob o juízo e domínio de outro e vivendo em comunidade, desejam que um abade lhes presida".

Bento exorta seus discípulos a serem silenciosos porque, "se às vezes se devem calar mesmo as boas conversas, por causa do silêncio, quanto mais não deverão ser suprimidas as más palavras, por causa do castigo do pecado?" Por isso, acrescenta, "ainda que se trate de conversas boas, santas e próprias a edificar, raramente seja concedida aos discípulos perfeitos licença para falar (...) pois está escrito: 'Falando muito não foges ao pecado', e em outro lugar: 'A morte e a vida estão em poder da língua'".

— E esses compromissos são feitos de maneira formal, solene? — quis saber um de meus companheiros.

— Bem... — murmurou o provedor, dando alguns passos até a mesa, sobre a qual se dispersavam vários livros, e apoiou-se nela com um dos braços enquanto levava o outro à cintura —, todo monge, depois do período de noviciado, faz os votos exigidos pela Ordem em que ingressou. Há algumas variações, conforme a Ordem, mas essencialmente os votos comuns a quase todas são os de obediência, pobreza e castidade. Nós ainda não somos uma ordem religiosa — e se Nossa Senhora apressar os fatos poderemos transformar-nos em breve —, porém, mais cedo ou mais tarde, o seremos. Um monge só é monge porque professou os votos.

— Isso então quer dizer que... — interrompeu-o o mesmo companheiro, forçando o provedor a ser mais explícito.

— Como ia dizendo — retomou o raciocínio, com voz segura —, nós ainda não somos uma ordem religiosa, embora muitos de nós pertençamos à Ordem Terceira do Carmo (*). Mesmo não sendo reconhecidos legalmente pelo Vaticano — e dificilmente o seremos

(*) Essa Ordem é composta por leigos, casados ou não.

nas atuais circunstâncias —, professamos alguns votos usuais em grande parte das ordens religiosas.

— Quais? — perguntei-lhe.

— Obediência e pobreza, naturalmente. Mas, pela natureza de nossa missão profética, isso não é suficiente. É necessário que nos entreguemos por inteiro à TFP e, de modo especial, a *Dominus Plinius*; por isto, os eremitas daqui, como os de todos os demais êremos, fizeram dois outros votos, pelo menos: silêncio e celibato.

E, prevendo que meu companheiro, que já esboçava leve movimento, fosse novamente interrompê-lo, o provedor acrescentou:

— Sobre o de silêncio, creio ser desnecessário estender-me: com ele, a alma encontra tempo para compreender e aproximar-se de Deus. E o voto de celibato é facilmente compreensível: afinal, como um *membro do grupo*, principalmente um eremita, poderia dividir seu tempo, suas preocupações e seus afazeres entre a TFP e a família que viesse a formar? Isso é inadmissível. Ridículo até pensar o contrário!

— E a quem os eremitas professam os votos? — perguntei.

— Ora, meu caro — ironizou o provedor —, a quem o senhor acha? A *Dominus Plinius*, claro.

6

O provedor consultou o relógio e, sobressaltado, pediu-nos licença para despertar os eremitas. Ele deixou rapidamente a biblioteca e, instantes depois, ouvimos as badaladas fortes do sino. Aproveitamos sua rápida ausência para bisbilhotar com liberdade os livros ao alcance das mãos.

A porta da biblioteca novamente se abriu, e o provedor, ofegante pela apressada caminhada de ida e volta até o sino, chamou-nos para conhecer o que ainda faltava. Atravessamos o refeitório — e então notei que uma lamparina vermelha crepitava num canto da sala —, andamos lentamente pelo corredor e, obedecendo ao gesto do provedor, detivemo-nos junto a uma escada que surgia à nossa direita, entre a porta do refeitório e a do *scriptorium*. A escada, num segundo lanço, recebia a única luminosidade, os raios de sol que penetravam por uma pequena janela opaca.

— A escada — explicou-nos — conduz ao torreão, habitado por um eremita, o único, aliás, que merece ser chamado adequadamente de eremita: ele não tem contato com os demais, raramente sai dali — e para sair necessita de autorização do *quidam* —, recebe os alimentos por uma portinhola e cumpre rigorosamente as

obrigações diárias que lhe impôs o superior. Mas a vida dele não é só de oração e estudo, não: ele treina diariamente três horas de caratê!

Voltando abruptamente as costas para nós, o provedor dirigiu-se a uma porta, à esquerda e, ao entreabri-la, anunciou:

— Senhores, a capela!

A maior parte do grupo seguiu-o. Alguns companheiros e eu nos separamos momentaneamente, preferindo passar antes pelo crucifixo instalado na extremidade do corredor. Ao seu lado, num plano inferior, estava exposta a Regra de São Bento, sustentada por um pedestal de madeira e aberta aleatoriamente. Contraí as pálpebras para ler alguns de seus trechos, desistindo de prosseguir devido à exigüidade de luz. Além disso, a chama da vela colocada ao pé do crucifixo oscilava de um lado a outro, seguindo as correntes de vento que se formavam no corredor, entre o *scriptorium* e o refeitório. Olhei para o Cristo — uma imagem esculpida com muita arte —, e a expressão de seu olhar fez-me interromper as orações que havia iniciado. Seu semblante expressava a extrema dor que sentira em seus últimos momentos de agonia e, ao mesmo tempo, a calma que O fizera suportar resignadamente todos os males de que fora vítima para nossa salvação.

Sua fisionomia e seu porte — contraído, enrijecido de dor, porém altivo — significavam para mim a antítese do comportamento dos demônios e, por extensão, de todos os filhos das trevas, tal como acabara de testemunhar ouvindo a gravação do exorcismo. Por quererem o poder, por rejeitarem a submissão a Deus, Lúcifer, o príncipe das trevas, e seus sequazes foram arrojados ao fogo do Inferno. E lá, ardendo em chamas sem a menor perspectiva do mínimo abrandamento de suas penas, por toda a eternidade, eles urravam e contorciam-se de dor ao ouvirem qualquer menção ao nome de Cristo, o ser que mais odiaram e que só não foi o maior de seus adversários humanos porque era o próprio Deus.

Não sei quanto tempo fiquei diante do crucifixo, e, nessa posição, uma sucessão de imagens aflorou em meu cérebro. O silêncio, o recolhimento e a atmosfera sacral daquele êremo — um conjunto de qualidades que, até cruzar o portão de entrada, jamais havia conhecido — sugeriam-me a radical diferença de vida e de pensamento entre a TFP e a sociedade contemporânea. Ali dentro imperava a submissão, o respeito, o sacrifício — por isto, havia ordem; lá fora, reinava o orgulho, a revolta, a luxúria — e, por isto, a desordem consumia as estruturas, corroía as instituições e conduzia tudo, progressivamente, ao caos, o caos no qual mergulharia toda a sociedade, em breve, se a Revolução consumasse seu processo diabólico rumo à anarquia.

Dirigi-me à capela e, forçando uma vaga no estrado do altar, rezei para todos os meus companheiros de ideal, especialmente para os eremitas do *São Bento*, pedindo que lhes fossem dadas forças para não esmorecerem em sua luta, luta, como me dissera Aloísio, companheiro de missão de recrutamento em Conselheiro Lafayette, mais árdua que uma Cruzada. E, àquele raciocínio que me fora apresentado ainda em minha fase de noviciado, acrescentei um próprio: luta mais sigilosa e cruel que a dos primeiros cristãos, perseguidos e combatidos pelos imperadores romanos. Porque eles tiveram o apoio dos demais cristãos, enquanto nós, os guerreiros e escravos da Virgem e filhos do Profeta, éramos desprezados e combatidos pelos próprios católicos. Católicos? "Quem é ainda católico na Igreja Católica?" — perguntara recentemente *Dominus Plinius* num de seus artigos da *Folha de S. Paulo.*

O provedor e vários de meus companheiros rezavam o terço, em voz baixa, e eu, com minhas orações em dia, sentei-me no fundo da capela. Tudo ali, como em todo o êremo, era simples: um altar de madeira coberto por uma toalha de linho branca, um sacrário, o coro com seus bancos e genuflexórios dispostos frente a frente no sentido vertical, e alguns bancos na parte traseira, perfilados na horizontal. Num dos cantos, um harmônio era usado em ocasiões solenes ou nas horas litúrgicas.

Que missão, meu Deus — pensei —, fora colocada em minhas mãos, sem que nada tivesse feito para merecê-la! Fazer parte daquela linhagem reduzida de pessoas, escolhidas a dedo para combater o mais ousado plano que Satanás colocara em prática para destruir a obra divina, não era, por si só, o maior dos privilégios que um ser humano poderia cobiçar? Era duro, ingrato e angustiante fazer parte da TFP, sim, mas todo o esforço que nos era exigido acabaria, finalmente, sendo recompensado. Se morrêssemos antes ou durante a *Bagarre*, assistiríamos do Céu, provavelmente junto ao trono da Virgem Maria, à derrota da Revolução e ao triunfo da Contra-Revolução. Se sobrevivêssemos, estaríamos ao lado de *Dominus Plinius* no momento em que legiões de anjos emergissem, radiantes, da mais profunda escuridão, anunciando triunfalmente, no momento em que toda a Terra seria inundada por uma luminosidade celeste, o fim da luta e proclamando o advento do Reino de Maria.

Aí, então, o período de aridez de nossa missão estaria concluído, e nós, filhos do Profeta, passaríamos a executar a segunda parte do plano celeste: a construção e fiscalização do Reino. Abadias e catedrais, no mais puro e requintado estilo gótico, espalhar-se-iam

por todo o mundo; fortalezas e castelos rivalizar-se-iam em força e beleza. Os poderes espiritual e temporal voltariam, mais uma vez, a fundir-se e a ordem social medieval ressurgiria, apoteótica, depois de sua depuração. Os papas voltariam a ter o poder que antes desfrutraram sobre imperadores e reis; imperadores e reis reconquistariam sua autoridade; e o pecado não encontraria espaço para proliferar.

E nós? Natural que aqueles que sacrificaram tudo para o retorno da civilização cristã exercessem papel de destaque. Seríamos o exemplo para os habitantes desse Reino, num primeiro plano; num segundo, seríamos os fiscalizadores inflexíveis do Reino, porque jamais poderíamos permitir que ele desmoronasse e, mais uma vez, a civilização cristã fosse demolida pelos *Filhos das Trevas.* Por isso, nossa missão somente terminaria no dia do Juízo Final, e tudo faríamos para adiar ao máximo esse dia para que, durante o maior tempo possível, a Luz brilhasse no mundo, suplantando as Trevas.

7

Meus pensamentos — na verdade, a catarse dos ensinamentos que recebera nos últimos meses — foram interrompidos pelo agitado ruído de passos que vinham do corredor. Do outro lado da parede, bem ali, ao nosso lado, o pesado silêncio era rompido ora por passos regulares e calmos, ora por passos apressados e fortes. Eram os eremitas que, despertados da sesta, esperavam a ordem do *quidam* para perfilarem-se e iniciarem o cortejo que os levaria à capela para o primeiro salmo da tarde. Alguns, atrasados, chegavam correndo, e eram os autores dos passos apressados. Outros, mais pontuais, aproveitavam o rápido intervalo para adiantarem suas orações ou meditarem, andando de uma ponta a outra do corredor.

O provedor, que se ajoelhara em frente ao altar, levantou-se e pediu a meus companheiros para sentarem-se no fundo da capela, ao meu lado, deixando vago o coro que logo seria ocupado pelos eremitas. Olhei de soslaio para os lados e percebi que, exceto o provedor, todos haviam interrompido suas orações. Olhávamos todos em direção à porta, prevendo, com ansiedade, que a qualquer momento ela seria aberta, deixando passar os eremitas.

Foi, então, que ouvimos a primeira ordem de comando do *quidam*, que a deu com voz autoritária e firme:

— Escravos de Maria, atenção!

E um ruído seco ressoou por todo o edifício. Era o estalo produzido pela forte junção de saltos, feita simultaneamente e em uníssono.

— Escravos de Maria, descansar!

De novo, um ruído forte, porém mais brando que o anterior, resultado da batida uniforme das botas sobre o piso de pedra.

Sem dar tempo a que o ruído se esvaísse pelas escadas e janelas, o *quidam* voltou a repetir as mesmas ordens, e todo o prédio, antes tão silencioso, foi dominado por seus gritos e pelo barulho resultante dos movimentos sincronizados dos eremitas. Essa instrução durou uns dois minutos, até que, após rápido e profundo silêncio, o *quidam*, num tom mais suave, passou a dar avisos aos eremitas.

Terminados os avisos, o *quidam* retomou sua autoridade, ordenou formação mais rigorosa e, em meio a seus comandos, censurou alguns dos eremitas por não estarem devidamente alinhados. Finalmente, encerrado o "aquecimento", os eremitas iniciaram uma marcha pelo corredor, dirigindo-se até o fundo, junto à porta que o liga ao átrio, e retrocederam em direção à capela. O ruído, agora, era mais intenso e provocou em nós um sobressalto incontido assim que os eremitas, perfilados em duas colunas, se arremessaram para a capela, empurrando a porta num só golpe e esmagando com os pés o soalho de madeira.

Senti um grande impacto. Mesmo já tendo ouvido falar das túnicas que vestiam e da formação marcial que mantinham em suas cerimônias, não poderia conceber tal espetáculo. Toda a capela tremeu à entrada triunfal daquele cortejo militar-religioso, e nós, automaticamente e a um só gesto, nos colocamos em pé em respeito à sua passagem.

Os eremitas usavam pesada túnica de lã marrom-escuro, presa à cintura por espessa corrente de aço inoxidável, que servia, por sua vez, de suporte a um grande terço de madeira que se envolvia em seus anelos, com parte de suas contas caindo sobre a túnica, do lado direito. Sobre essa túnica, nas costas e na frente, descia vistoso escapulário, do mesmo tecido e da mesma cor, porém ilustrado com uma enorme cruz, bordada em sua parte dianteira: a cruz, em cima, abria-se em flores pontiagudas em suas três extremidades e, embaixo, afunilava-se gradativamente, assumindo a forma da lâmina de uma espada afiada. A cruz-espada compunha-se de três cores, representando as três características principais da causa da TFP: o vermelho, símbolo da luta; o branco, da pureza; e o dourado, da nobreza. O vermelho e o branco ocupavam, em lados opostos, toda a extensão da cruz-espada, e o dourado limitava-se a um friso discreto, separando as duas cores.

Os eremitas entraram marchando, com o capuz dobrado às suas costas, deixando descobertas suas cabeças e permitindo ver que seus cabelos estavam aparados a zero. O olhar deles era distante, impenetrável e sempre dirigido para a frente. Marchavam em passos de ganso, raspando com força os pés no chão, levantando-os até a altura do joelho da outra perna e descendo-os vigorosamente de encontro ao soalho. As duas pernas eram usadas para este movimento, mas apenas o braço direito participava, entrando em ação em sintonia com a perna direita. Este braço, voltado para baixo e colado ao corpo, erguia-se lenta e rigidamente, fazendo um semicírculo incompleto no ar e parando, com os dedos comprimidos e esticados, assim que a perna completasse sua ascensão.

Cada uma das colunas percorreu as laterais do coro, e os eremitas, em par, fizeram a genuflexão: a perna esquerda era lançada inteiramente esticada para a frente, flexionando-se até que o pé repousasse, ruidosamente, encontrando o solo em sincronia com o joelho direito. Eles permaneciam ajoelhados algumas frações de segundo e, em seguida, retomavam a posição ereta e, desta vez andando, ocupavam seus lugares no coro.

Assim que o cortejo se instalou, outro eremita entrou na capela, encapuzado, pendendo levemente sobre uma das pernas, dando a esse andar aleijado, curiosamente, aparência de leveza e elegância. Ao contrário dos outros, sua genuflexão foi suave. Imitando o gesto dos demais, ocupou um dos lugares do coro e, enquanto os outros permaneciam de pé, à espera de nova instrução do *quidam*, ajoelhou-se delicadamente, abaixou lentamente o capuz com as duas mãos e persignou-se. Ao descobrir seu rosto, identifiquei aquela personagem que, apesar de seu defeito físico, se distinguia de todos por seu porte altivo: ali estava, oculto do mundo e longe de qualquer ostentação, Sua Alteza Imperial e Real, o príncipe dom Luiz de Orleans e Bragança.

— *Dignare me pugnare pro te, Virgo sacrata* — proclamou o *quidam*, iniciando as orações.

— *Da mihi virtutem contra hostes tuos* — responderam os eremitas, com vigor.

Terminadas as *orações do grupo* (seqüência de orações rezadas antes e depois de qualquer ato comunitário), o *quidam* autorizou os eremitas a pegarem o *Ofício Parvo* e, obedecendo a seu gesto, um deles entoou, com voz pausada e muito bem afinada, a primeira estrofe do Credo:

— *Cre-do in u-num De-e-e-um...*

Permanecemos na capela mais algum tempo, assistindo ao prosseguimento do Ofício, e tive a impressão de que os eremitas, quase

ao alcance de nossos narizes, mal haviam notado nossa presença. Um e outro nos olhou furtivamente, e pareceu-me até que haviam incorrido em alguma falta, porque, com a mesma rapidez com que nos haviam olhado, retiraram de nós seus olhares, dirigindo-os para o saltério ou para algum lugar perdido, e seus olhos mantinham-se tão fixos nesse ponto quanto rija era sua postura. Alguns deles tinham aspecto hierático, imutável o tempo todo e, de tão distantes que aparentavam estar espiritualmente dos objetos e pessoas que os rodeavam, fizeram-me julgar que já não mais sentiam seus corpos e que suas almas pairavam por locais distantes e inalcançáveis aos olhos humanos.

8

— Senhores, precisamos deixá-los em paz — interrompeu-nos o provedor, em voz baixa, apontando delicadamente a porta.

Saímos. Ao chegarmos ao átrio, alguns dentre nós voltamos a olhar para o corredor, procurando inalar um pouco mais de sua atmosfera sacral.

— Podemos agora ir até as celas — disse-nos nosso guia, tomando imediatamente a dianteira.

Voltamos praticamente ao ponto de partida, no edifício novo — o corredor que ligava a recepção à sala de estar onde ouvíramos a gravação do exorcismo —, e subimos uma escada larga até o primeiro andar. As celas eram mais simples do que eu pensava, porém mais amplas e confortáveis do que vira em outras sedes. Uma cama, um armário, uma estante e uma cadeira era tudo o que havia nelas, e todas, sem exceção, eram decoradas com, pelo menos, uma grande fotografia de *Dominus Plinius*, pendurada na parede, e, sobre algumas mesas, havia a foto de uma mulher idosa, olhar penetrante e sorriso discreto, muito bela e elegante: dona Lucília, falecida mãe de nosso líder (*).

(*) A devoção a dona Lucília, então restrita a um pequeno grupo de militantes, foi aos poucos dominando círculos mais vastos da TFP. Compuseram-se ladainhas em seu louvor, introduziu-se a peregrinação a seu túmulo, no Cemitério da Consolação, e alguns — mais entusiasmados — substituíram o nome da Virgem e de Jesus por Lucília e Plínio, na Ave-Maria.

9

Deixamos o *Êremo de São Bento* depois de uma despedida cheia de salamaleques do provedor. Eu estava convencido, como nunca, da grandeza da missão da TFP, tanto no presente como no futuro. A imagem dos eremitas, irrompendo apoteoticamente na capela com seus hábitos monacais e marchando virilmente, permaneceria por muito tempo em minha memória — a antevisão do dia em que, mais cedo ou mais tarde, teríamos ascendência sobre papas, reis e legisladores —, portanto, sobre todo o mundo.

Ao transpormos o portão do êremo, vi, do outro lado da rua, um casal de adolescentes, ambos vestidos à unissex, sentados na guia da calçada, abraçados apertadamente e beijando-se com volúpia, intercalando os beijos com uma troca profunda e sensual de olhares.

Por impulso condicionado, afastei bruscamente o olhar daquela visão, mas em seguida retrocedi, impelido primeiro pela curiosidade, depois pelo desejo de visualizar melhor o gesto dos dois. Senti que havia um abismo intransponível entre o que acabara de ver no interior secreto do êremo e na vida levada por seus habitantes e aqueles dois jovens à minha frente, reflexo do comportamento coletivo da sociedade em geral. O contraste entre esses dois mundos — a pureza e austeridade dos eremitas, a sensualidade e a liberalidade daquele casal — provocou-me um sentimento que há muito vinha desejando, insuflado desde os primeiros meses em que passei a freqüentar a TFP, e que, por mais que esforçasse, não conseguira experimentar.

Agora, sim, a ruptura por que tanto ansiara e de que tanto necessitava para cumprir fielmente os preceitos da Organização prenunciava-se latente: pela primeira vez, em toda a minha vida, estava sentindo o ódio tomar conta de mim e crescer em meu interior. Odiei aqueles dois jovens, assim como odiei tudo o que eles representavam: a sociedade contemporânea (o *establishment*), o relaxamento dos costumes, o laicismo crescente, o distanciamento progressivo e incontrolável entre Deus e os homens.

8

Demônios, Forças Secretas — os "pombos" e os "falcões"

Afastei bruscamente o olhar e, por reflexo, retraí minha mão, que um militante segurava.

— Calma, senhor Pedriali, para que tanto medo? — perguntou delicadamente meu companheiro, sorrindo para relaxar minha tensão.

Olhei mais uma vez para o estilete que ele segurava e que instantes atrás roçara a pele de meu indicador direito e creio ter repetido a careta que não conseguira evitar.

— Não tenha medo, o senhor vai sentir apenas um ardume e... pronto! Não confia neste *escravo de Maria?* — insistiu o militante, sorrindo ainda mais profusamente.

"É preciso, é preciso" — raciocinei. "Farei um gesto histórico, gesto que, no mínimo, será assistido com alegria pela corte celeste". Levei meu indicador em direção ao militante e deixei que ele o esterilizasse novamente com uma mecha de algodão embebida em álcool. Mas não pude evitar que meus olhos se fechassem contraidamente assim que o vi reaproximando o estilete de meu dedo. Uma pequena fisgada, um ardume e nada mais! Realmente ele tinha razão: não sentira dor alguma.

Como eu, todos os militantes que puderam ir a São Paulo — a grande maioria dos membros da TFP — nos poucos dias em que a imagem que chorara em Nova Órleans esteve exposta nas sedes centrais, assinamos com nosso sangue um manifesto dirigido à irmã Lúcia, suplicando-lhe revelasse publicamente a terceira parte da mensagem de Fátima, mantida em segredo pelo Vaticano.

Reclusa num convento de Leiria, Portugal, a irmã Lúcia enviou em meados da década de 40 uma carta ao bispo local e para o núncio apostólico em Lisboa, explicando no que consistia esse

segredo. A religiosa, até então conhecedora exclusiva desse mistério que intriga devotos e exaspera estudiosos do assunto, temia morrer antes de cumprir sua missão. A carta chegou ao Vaticano no final da década de 50, pois aproximava-se o período em que seu conteúdo poderia, segundo determinação da irmã Lúcia, ser finalmente revelado — os anos 60.

Até a ocasião em que assinamos o documento destinado à religiosa — primeira quinzena de maio de 1973 —, o Vaticano continuava — e continua até hoje — mantendo indevassável sigilo sobre o assunto. Qual o motivo? Segundo versão corrente na TFP, uma das hipóteses é que o segredo contenha, entre outras, revelações comprometedoras sobre a apostasia do clero progressista.

"Nossas vistas se voltam para vós, Irmã Lúcia" — começava assim o documento da TFP, mantendo do início ao fim tom dramático. "Como, aliás" — continuava —, "para vós se voltam todos os que neste mundo atolado no orgulho e na sensualidade conservam íntegra a santa Fé católica, apostólica e romana".

Feita a apresentação, explicava-se que o "poder do comunismo chegou ao seu auge" e, depois de relacionar os países que adotaram esse regime, afirmava-se que "o movimento comunista controla diretamente uma terça parte da população do Mundo e mais de uma quarta parte do território mundial", ou seja, "um império de 36.340.141 km², com 1.235.300.000 habitantes". Insatisfeitos com esse poder — continuava —, "os supremos dirigentes do comunismo, com sede em Moscou, capital da Rússia", procuram "desfechar contra as restantes nações um ataque supremo". Mas, amenizava o documento, "não se trata de imediato de um ataque armado".

O perigo consistia em que "os povos não comunistas desdenharam a mensagem de Fátima, e estão atolados na vida sensual e na cobiça das coisas da terra. Dizem-se cristãos, mas vão aceitando as modas mais escandalosas e, até, o nudismo. A Rússia se finge agora de amiga deles(*). Procura também estabelecer relações cordiais com o clero e os fiéis. Com isto, ninguém tem os olhos abertos para o perigo que se aproxima. E quando estiverem inteiramente adormecidos — o que não tarda — serão tragados pela Rússia comunista em um só golpe".

(*) Estávamos no auge da *deténte*, a política de distensão com a URSS.

"Para atalhar tão grande mal, Irmã Lúcia" — recomendava o documento — "é preciso abrir os olhos dos que dormem como dormiam os Apóstolos no Horto das Oliveiras. E para isto — baldos todos os esforços até aqui feitos pelos melhores — só parece haver uma solução."

Qual?

"Irmã Lúcia, falai. Falai, porque senão pereceremos todos (...) Pelo amor que tendes à Senhora de Fátima, nós vos imploramos que não mais vos conserveis em um silêncio que deixa perplexos e angustia até os melhores.

"Como náufragos que clamam por socorro, a vós bradamos dizendo: falai".

2

Passamos em vigília a última noite em que a imagem da Virgem de Fátima ficou entre nós. Como as instalações da sede do Conselho Nacional da TFP — onde a imagem esteve a maior parte do tempo, cultuada na "Sala do Reino de Maria" — não podiam abrigar a quantidade maciça dos militantes vindos de todas as partes do País e do Exterior, muitos de nós tivemos de nos contentar em ficar no pátio. Esse detalhe, porém, não nos perturbou nem um pouco, enlevados que estávamos com a proximidade da imagem sagrada que, meses antes, fora usada como instrumento para que Nossa Senhora manifestasse ao mundo sua dor pelos pecados que se avolumavam.

Éramos tantos os que queríamos aproximar-nos dela que fomos obrigados a fazer fila e obedecer ao prazo que nos fora estipulado pelos organizadores da visita da imagem para que nos detivéssemos frente a ela. Nos poucos minutos em que estive próximo à imagem, pude comprovar suas freqüentes mutações fisionômicas. Ora ela cativava pelo olhar e sorriso meigos, ora nos compungia pela expressão de dor e amargura, ora transmitia a impressão de que algo a afligia, quando, então, adquiria fisionomia carregada, apreensiva. Pareceu, a mim e a todos os que a viram de perto, uma imagem dotada de vida.

A despedida que demos a ela foi apoteótica. Depois de caminharmos da "Sede do Reino de Maria" ao aeroporto de Congonhas, uma distância aproximada de dez quilômetros, fizemos ruidosa concentração no saguão do aeroporto, trajando nossas capas, empunhando os estandartes, gritando *slogans* e brados dedicados à Virgem de Fátima e à TFP. Muitos dos passageiros que chegavam ou aguardavam o aviso de embarque não escondiam o desconforto de suportar a presença incômoda de cerca de dois mil militantes e simpatizantes da TFP que, entre os brados e *slogans*, rezávamos em

voz alta e aplaudíamos com freqüência e entusiamo.

— Rachamos o ambiente! — comentou ao meu lado um de meus companheiros. E apontou alguns passageiros que deixavam as poltronas para juntar-se a um grupo que, de costas para o saguão, olhava nervosamente, através das amplas vidraças, para os aviões que taxiavam nas pistas auxiliares.

— Estes *sapos* nunca viram coisa igual em toda a vida! — acrescentou, usando o pejorativo preferido da TFP para classificar as pessoas de classes média alta e alta hostis à Organização.

A imagem foi embarcada num pequeno avião com destino ao Rio de Janeiro, onde seria transferida para outro, no qual viajaria de volta a Nova Orleans. Até o momento de o avião decolar, ficamos todos ajoelhados numa pista lateral, acenando lenços, bradando, agitando estandartes. Em torno de *Dominus Plinius* dificilmente se encontrava espaço para repousar o mastro de um estandarte, tanta era a aglomeração de militantes — entre os quais me encontrava — que queriam estar perto dele e não perder seus movimentos, olhares e expressões faciais, por menores e insignificantes que fossem.

A presença da imagem entre nós "deixou-nos sulcos profundos", comentou *Dominus Plinius.* Ela revitalizou o ânimo de muitos, provocou mais entusiasmo nos já antes entusiasmados. Vivemos, depois de sua vinda, um período de fervor contagiante.

3

Imerso nesse clima, experimentei uma das sensações mais insólitas de minha vida, um estado de alma que os membros da TFP denominam *flash.* Durante duas semanas, aproximadamente, fui invadido por uma alegria esfuziante, derivada de uma espécie de luz muito intensa que me iluminava interiormente e lançava reflexos dourados por onde eu passasse ou estivesse.

Tudo ao meu redor me dava a impressão de ter-se tornado resplandecente: o sol emitia tonalidades de luz que jamais havia notado, os fins de tarde ficaram mais poéticos e nostálgicos, as noites impregnaram-se de um azul-anil magnético e mágico. O ciciar do vento, o canto dos pássaros, até o regurgitar de uma torneira mal fechada adquiriram tonalidades musicais que meus ouvidos nunca haviam detectado. Aborrecia-me como nunca ter de passar toda a manhã na escola — no terceiro ano colegial, o último ano de estudo que cursaria em meu período na TFP — e, quando cruzava o pesado portão da sede, era como se tivesse retrocedido instantaneamente muitos séculos.

Trabalhava com mais empenho; as tarefas burocráticas, até há pouco enfadonhas, tornaram-se leves, fáceis e agradáveis de executar.

Sentia grande ímpeto de estudar as circulares internas, nas quais eram expostos os ensinamentos de *Dominus Plinius.* Procurava, o quanto podia, afastar-me de meus companheiros para entregar-me mais àquela sensação interior que me invadira. Caminhava pelo jardim contemplando o crepúsculo, sentindo saudade de uma época que não conhecera — a Idade Média —, mas que me dava a impressão de que pertencera a ela. Quando, nessas horas, os sinos das igrejas próximas à sede tocavam chamando para a missa vespertina, sentia um aperto no peito. "O que restou, o que restou, meu Deus, daquela sociedade sacral que existira na Idade Média?" — pensava, enquanto, muitas vezes, dirigia o olhar ao telhado da sede, onde, nos instantes em que o vento era menos intenso, o estandarte da Organização pendia quase estático, solene, vez ou outra se inflando timidamente, para murchar aos poucos, vergastando com elegância o ar com suas extremidades pontiagudas.

À noite, quando todos os meus companheiros dormiam, voltava a andar pelo jardim, recapitulando as doutrinas que estudara durante o dia, tentando lembrar das muitas impressões que tivera para gravá-las a fundo na alma. Nesses passeios noturnos, prolongados quase sempre, tinha a impressão de que era outra pessoa, agora, sim, mais próxima de Deus — porque, tão intenso era o estado de encantamento que me dominava que sentia como se minha alma tivesse penetrado no Céu, enquanto meu corpo, meu pobre corpo, ainda estava vivendo na Terra.

O encantamento, porém, foi substituído lentamente pela realidade. As cores voltavam gradualmente às tonalidades de antes, os ruídos da Natureza passavam-me despercebidos. A rotina tornava a me aborrecer, o trabalho me cansava — mas sobrevivia intocável a convicção de que lutávamos por uma causa justa. Às vezes, sentia meus pensamentos dispersos pela lembrança da família e do círculo social que abandonara, das paixões juvenis a que renunciara. Então lutava desesperadamente para afastar essas lembranças, e esta luta não afetava minha disposição de continuar rejeitando tudo o que fosse vedado pela TFP.

O que seria de meu futuro se estivesse enganado, se a TFP não fosse o que realmente tinha a certeza que era? Tais pensamentos não me ocorriam ostensivamente, mas, vez ou outra, assaltava-me o temor de que tudo não passasse de um sonho, de uma ilusão. "A *Bagarre* está próxima! A *Bagarre* é iminente! Agora não falta mais nada para a *Bagarre!*", repetia-se, com insistência, em praticamente todas as reuniões que fazíamos ou em todas as conversas que tínhamos. A *Bagarre* era o eixo em torno do qual deveriam girar

nossos pensamentos, ações e orações. Respirava-se a *Bagarre*, bebia-se e comia-se a *Bagarre*, dormia-se a *Bagarre!* O nível de dedicação de um *membro do grupo* media-se, além da identificação com *Dominus Plinius*, pela certeza e compenetração da *Bagarre*. Estava próxima, iminente... e não vinha!

Não bastava esperar pela *Bagarre*; era preciso apressá-la, insistia a TFP. Tudo o que a Organização fazia visava a criar condições políticas, religiosas e espirituais que permitissem que a cólera de Deus se abatesse sobre a Terra para salvar o que pudesse ser salvo e, das cinzas, surgisse um mundo novo, justo e obediente às leis divinas.

4

Um dos esforços da Organização para acelerar a intervenção divina foi sua declaração de resistência ao papa Paulo VI, divulgada em 10 de abril de 1974. O pontífice há muito vinha desagradando à TFP: implantara o novo *Ordo Missae*, com o qual a missa sofreu profundas reformas, inaceitáveis para a Organização, cujos membros só freqüentavam as igrejas para comungar; permitia e até encorajava os setores progressistas da Igreja a conquistarem mais espaço; e — o que motivou o *estado de resistência* — substituiu sua política inicial de indefinição em relação ao comunismo por uma política de aproximação gradual e ostensiva com os regimes comunistas.

A pretexto da viagem do então secretário do Conselho para Assuntos Públicos do Vaticano, monsenhor Agostino Casaroli, a Havana, onde o religioso se encontrou com Fidel Castro e, depois, declarou que "os católicos que vivem em Cuba são felizes dentro do regime socialista", a TFP encontrou a ocasião oportuna para contestar o que chamou de "política de distensão do Vaticano com os governos comunistas". Além da viagem de Casaroli a Cuba e do cardeal Willebrands, presidente do Secretariado para a União dos Cristãos, a Moscou, a TFP criticava o comportamento do arcebispo de Santiago, monsenhor Raul Silva Henriquez, em relação ao governo da Unidade Popular presidido por Salvador Allende. E apontava para a contradição de o Vaticano, ao mesmo tempo em que concedera liberdade de ação a estes prelados, destituir da arquidiocese de Esztergon o cardeal Mindszenty, inimigo ferrenho do regime comunista húngaro.

Depois de apresentar estes fatos, o manifesto da TFP — publicado em jornais do Brasil e do Exterior — dizia: "Estamos certos de

que incontáveis católicos, ao reler estas notícias, ao tomar conhecimento das perplexidades, das angústias e dos traumas expressos nestas linhas, sentirão retratado o seu próprio drama interior: o mais íntimo e mais pungente dos dramas, pois que acima, muito acima de versar apenas sobre questões sociais e econômicas, tem cunho essencialmente religioso. Diz respeito ao que há de mais fundamental, vivo e terno na alma de um católico apostólico romano: sua vinculação espiritual com o Vigário de Jesus Cristo".

"A diplomacia de distensão do Vaticano com os governos comunistas" — lamentava a TFP — "cria (...) para os católicos anticomunistas uma situação que os afeta a fundo, muito menos enquanto anticomunistas do que enquanto católicos. Pois a todo momento se lhes pode fazer objeção supremamente embaraçosa: a ação anticomunista que efetuam não conduz a um resultado precisamente oposto ao desejado pelo Vigário de Jesus Cristo? E como se pode compreender um católico coerente, cuja atuação ruma em direção oposta à do Pastor dos Pastores? Tal pergunta traz como conseqüência, para todos os católicos anticomunistas, uma alternativa: cessar a luta, ou explicar sua posição".

"Cessar a luta, não o podemos" — continuava. "E é por imperativo de nossa consciência de católicos que não o podemos. Pois, se é dever de todo católico promover o bem e combater o mal, nossa consciência nos impõe que difundamos a doutrina tradicional da Igreja e combatamos a doutrina comunista.

O *estado de resistência*, no entanto, não implicava ruptura com o papa. "O vínculo de obediência ao Sucessor de Pedro" — ressaltava o documento — "jamais o romperemos", porque o "amamos com o mais profundo de nossa alma" e a ele "tributamos o melhor de nosso amor". E acrescentava: "Esse vínculo nós o osculamos no momento mesmo em que, triturados pela dor, afirmamos a nossa posição. E de joelhos, fitando com veneração a figura de S.S.(*) o Papa Paulo VI, nós lhe manifestamos toda a nossa fidelidade (...) Mandai-nos o que quiserdes. Só não mandeis que cruzemos os braços diante do lobo vermelho que investe. A isto nossa consciência se opõe".

A TFP, ao declarar-se em *estado de resistência*, dava o primeiro passo ostensivo para chamar a atenção da opinião pública sobre o

(*) Notar a distância em relação a Paulo VI. *Sua Santidade*, expressão utilizada pelos católicos ao referirem-se ao papa, foi reduzida a *S.S.*

que julgava desvios do Vaticano. Haviam surgido condições para atacar o Vaticano em seu flanco mais frágil, o político. Restava aguardar o momento de penetrar por outras frestas, no terreno religioso. Até que fosse possível envolvê-lo por inteiro...

Enquanto a TFP assumia e difundia sua posição, éramos solicitados a compenetrarmo-nos mais intensamente do simbolismo dessa atitude. O manifesto ficou exposto em todos os altares das sedes para que diante dele fizéssemos nossas orações, lembrando-nos de seu significado, para nós angustiante: um grupo de católicos fiéis que, depois de muitos anos sem poder assistir às missas celebradas nas igrejas — porque essas "missas", pelas modificações que sofreram, se haviam transformado mais num culto protestante que numa celebração católica —, se viram obrigados, "no apagar das luzes da civilização cristã", a se declarar em *estado de resistência* à política vaticana. O trono de Pedro já não era mais ocupado por alguém a quem se pudesse obedecer cegamente. A máxima autoridade da Igreja assumia comportamento que contrariava, ou no mínimo desprezava, as doutrinas mais sagradas dessa instituição sagrada. O homem indicado por Deus para dirigir a Igreja no combate ao Mal tornara-se presa ou aliado desse mesmo Mal...

A *Bagarre*, a *Bagarre*! Mais que nunca implorávamos pela *Bagarre*.

Nesse período, recomecei a ter crises de insônia, inicialmente irregulares, depois manifestadas com freqüência. Debatia-me em vão, rolava de um lado a outro da cama, ajeitava e desarranjava cobertores. E nada de o sono vir. Irritava-me. E o tiquetaque desengonçado do velho despertador deixava-me ainda mais irrequieto. Atos e Astor, os cães pastor-alemães, converteram-se em inseparáveis companheiros da noite: não suportando mais o desconforto de passar horas e horas à espera de um sono que só viria — constatara com o tempo — quando surgissem as primeiras claridades da manhã, parecia-me mais proveitoso perambular pelos jardins — pensando, rezando, contemplando a lua e as estrelas.

Foi neste estado que participei de *Itaquera*, a tão esperada *Itaquera*.

5

Em *Itaquera* não havia como ter insônia. Na semana que durou, as atividades desse simpósio-treinamento absorveram cada minuto de tempo. De manhã à noite, ocupávamo-nos com palestras, debates, orações, ginásticas, marchas, repreensões, penitências. Ao terminar as atividades do dia — ou quando pensávamos que elas

haviam terminado, porque quase todas as noites fomos acordados de surpresa — estávamos simplesmente extenuados. Eu não dormia — desmaiava.

Por mais profundo que fosse o sono, despertava rapidamente com o barulho estrondoso que os coordenadores de *Itaquera* faziam para despertar-nos. Um deles percorria quarto por quarto tocando com vigor uma sineta, aproximando-a dos ouvidos dos que não manifestavam reação, agitando os beliches dos mais renitentes. Éramos, assim, convocados para a formação no pátio, dispondo sempre de escassos minutos para nos apresentar devidamente trajados com nossas *roupas de briga* — o termo empregado para designar as surradas calças e camisas, sempre de mangas compridas, usadas em lugar do pijama. O pijama era proibido, assim como as sandálias; em lugar delas calçávamos tênis ou sapatilhas.

Numa das noites fomos despertados para rezar um terço, ajoelhados no chão frio do pátio e com os braços em cruz. Noutra, para correr descalços ao redor da casa principal, uma mansão que pertencera a um rico industrial, flanqueada por jardins e outras construções menores, ocupando todo o quarteirão. Depois da casa, a parte mais importante do conjunto era o auditório, pequeno, mas suficiente para receber o restrito número de militantes e sócios que assistiam às *Reuniões de Recortes*. Nas proximidades do auditório foram construídas guaritas subterrâneas para que os seguranças de *Dominus Plinius* pudessem ter visão do terreno sem despertar a atenção de curiosos e, principalmente, de eventuais agressores.

Certa noite tivemos a mais curiosa de todas as surpresas. Grupos de dez a 15 eram levados sucessivamente a uma sala, enquanto os demais permaneciam perfilados no pátio, em posição de descansar. Relaxar a posição ou, pior, trocar comentários com o vizinho seria uma insensatez: éramos vigiados à distância e, por isto, qualquer ato de indisciplina não escaparia à punição.

Chegou a minha vez de abandonar a formação e de incorporar-me a um dos grupos solicitados a dirigir-se à sala, no andar térreo da casa principal, habitualmente utilizada como refeitório. Entramos, desconfiados, e nossa desconfiança aumentou mais ainda quando, à passagem do último integrante do grupo, um dos coordenadores de *Itaquera* trancou a única porta que ligava ao exterior.

Fizemos as orações costumeiras e, após o consentimento de nossos superiores, sentamo-nos, tensos.

— Os senhores vão receber as folhas nas quais deverão anotar as

respostas às perguntas que faremos — avisou-nos um deles, acrescentando, muito sério: — Não será permitida qualquer consulta ao vizinho, nenhum comentário em voz alta. Estaremos atentos para impedir que alguém olhe para o que o outro escreva. Quem violar esta regra será punido!

Distribuíram-se as folhas. Alguns dos coordenadores percorriam a sala, prontos para detectar qualquer infração. Um deles, enquanto isso, anotava num quadro-negro as perguntas, entre elas: "Vocês da TFP são proibidos de se casar? A TFP é contra a família? Como vocês conseguem dinheiro para financiar suas atividades? O professor Plínio é profeta? A TFP é uma organização paramilitar?"

Expirado o prazo, tivéssemos ou não respondido a todas as questões, precisaríamos entregar as folhas de respostas. Durante esse período, não nos foi dada explicação alguma sobre o motivo daquelas perguntas e, muito menos, a razão daquele interrogatório em plena madrugada. Que horas seriam? Nem eu nem meus companheiros sabíamos: nossos relógios — assim como sabonetes, cremes de barbear e loções para cabelo — foram recolhidos ainda no ato de abertura de *Itaquera*.

No dia seguinte, à hora do café, vieram as explicações. Fora apenas um teste de quais seriam nossas respostas se eventualmente interrogados pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), hoje extinto em São Paulo, na época chefiado pelo legendário e truculento delegado Sérgio Paranhos Fleury, o policial que mais se destacou na repressão às organizações ditas subversivas. Os coordenadores comentaram as respostas, ironizando algumas, criticando asperamente outras, sem, contudo, revelar o nome dos autores. A conclusão a que chegaram foi desanimadora: se o que acontecera tivesse sido real, em lugar de uma simulação, se, ao invés de despertados e interrogados por nossos próprios companheiros, tivéssemos sido arrancados de nossas sedes pelos temíveis agentes do DOPS e, em seguida, interrogados pelo ainda mais temível delegado Fleury, teríamos comprometido seriamente a TFP. Nossas respostas, censuraram os coordenadores, foram catastróficas.

A preocupação era justificada. O delegado Fleury surpreendera os participantes de uma *Itaquera*, realizada antes na sede próxima àquela em que estávamos, praticando, de madrugada, exercícios de rastejamento na lama, usando como obstáculos cavaletes envoltos por arame farpado. Fleury e seus homens, alertados por algum morador das vizinhanças, suspeitaram que ali funcionasse alguma "célula" terrorista, esperaram o momento oportuno e deram o

flagrante. O incidente causou algum embaraço aos dirigentes da TFP que, depois de acalmarem o intrigado Fleury, recomendaram maior prudência aos coordenadores de *Itaquera*. A partir desse episódio, os rastejamentos foram banidos do programa.

Itaquera era o mais requintado curso de treinamento e atualização dos militantes da TFP. Nele, ensinava-se a postura que deveriam assumir conforme a ocasião; despertava-se, através de conferências e orações e pelo contato pessoal com os coordenadores, o entusiasmo contagiante em seus participantes; e — talvez fosse esta sua finalidade principal — fazia que esses participantes rompessem com hábitos que não se ajustassem aos da Organização.

O inopinado, o estapafúrdio, os extenuantes exercícios físicos, a necessidade de subordinar-se inteira e docilmente aos desígnios dos coordenadores provocavam inicialmente a excitação, depois o medo, aos poucos a resignação. Ao soar o primeiro toque do sino para o início de *Itaquera*, todos os que dela participavam sabiam que, a partir daquele momento, não poderiam dispor a seu critério de sequer um minuto.

Sentávamos à mesa para a refeição e, de repente, um dos coordenadores ordenava que vestíssemos os quimonos. Vestíamos os quimonos, dirigíamo-nos ao pátio e, aguardando o sinal para o início de mais uma ginástica, era-nos ordenado, pelo contrário, que fôssemos à capela e ali ficássemos, em silêncio, esperando nova ordem. Passavam-se dez, 20, 30 minutos até que ela viesse. Agora, davam-nos somente cinco minutos para tirarmos os quimonos e colocarmos novamente os ternos. Saíamos em debandada, atropelando os mais lentos, tropeçando em degraus, esbarrando em portas e colunas, trocávamo-nos como um raio e nos perfilávamos no pátio.

Ufa! E agora?

— Senhor fulano — gritava um dos coordenadores —, faça uma saudação ao estandarte!

E o escolhido, depois da invariável exclamação *Praesto sum*!, postava-se ereto diante do estandarte, hasteado no pátio, e dirigia-se a ele como se tratasse de um ser vivo. Poucos éramos os que conseguíamos, em momentos como este, pronunciar frases conexas. Saudar o estandarte! Não era nada fácil, nem mesmo para os mais bem preparados. Todos sabíamos o simbolismo que o estandarte envolvia, mas dizer algo além disso parecia-nos uma tarefa impossível. Assim, quase invariavelmente, o escolhido para fazer a saudação acabava sofrendo alguma represália: uma série de "cangurus", de flexões ou uma corrida prolongada ao redor da casa principal.

Se o convívio intenso entre os militantes inoculava em cada um o comportamento padronizado que distingue ao longe um membro da TFP, *Itaquera* servia para abalar a resistência que alguém pudesse ter em relação ao comportamento julgado ideal. O membro da TFP não pode ter desejos e atitudes pessoais que contrariem os princípios e o modo de ser da Organização. E, para adquirir esse comportamento de constante abnegação, o militante tem de passar por um processo de renúncias sucessivas, que se estende até ao seu modo de agir nas atividades mais corriqueiras (*). As reuniões, os cursos, os estudos individuais das circulares contendo os ensinamentos de *Dominus Plinius* amoldam o pensamento do militante e, com o tempo, refletem-se no comportamento de cada um deles. No entanto, em medida variável, todo militante carrega para dentro da Organização atitudes que absorveu em seu passado, em seu período *revolucionário*. Essas atitudes, portanto, têm de ser extirpadas de seu comportamento e, para isso, foram criados os tratamentos de choque, aplicados em *Itaquera*.

— Senhor fulano!

— *Praesto sum!*

— Suba naquele tonel e faça um discurso de dez minutos — nada menos que dez minutos — condenando o comunismo!

Ordens como esta, dadas em pleno almoço e apanhando desprevenido o escolhido, eram repetidas em todas as ocasiões. Nunca sabíamos em que momento e para o que seríamos chamados. Por isso, tínhamos de ficar permanentemente atentos. Durante a ginástica, parte de nós poderia ser mandada à cozinha para ajudar na preparação da comida, lavagem de louças e talheres ou arrumação da mesa. Estava-se jantando e, de repente, como sempre, indicava-se a alguns que vestissem os quimonos e fizessem rápida ginástica; em meio a uma palestra, um dos coordenadores poderia entrar, postar-se ao lado do palestrante, pedir-lhe licença para interrompê-lo e mandar alguns dos assistentes subir ao topo de uma árvore e afixar ali um pequeno estandarte e entoar repetidas vezes o brado da Organização a plenos pulmões. Se a tarefa não fosse cumprida no tempo e da maneira como fora determinada, a punição seria imediata.

(*) Para lavar as mãos, por exemplo, o ritual estabelecia: abrir a torneira com a mão direita, molhar ambas as mãos, fechar a torneira; apanhar o sabonete com a esquerda, ensaboar primeiro as palmas das mãos, depois o dorso; abrir a torneira e enxaguar, friccionando as mãos.

Todo militante tem de estar fisicamente bem preparado. A saúde do corpo deve corresponder ou contribuir para a saúde da alma. Um corpo preguiçoso comporta alma também preguiçosa, indolente, o que é inadmissível num militante da TFP, um guerreiro da Virgem, que se prepara para os dias apocalípticos da *Bagarre*. Antes de a terra ser arrasada pela cólera divina, o *membro do grupo* tem de reunir forças físicas e espirituais para desempenhar a missão que acredita ter-lhe sido reservada por Deus. Porque, do contrário, como enfrentar corpo a corpo hostes demoníacas, legiões inteiras de espíritos malignos, exércitos de *revolucionários* sedentos de vingança por verem sua obra, construída pacientemente séculos a fio, ser destruída num só golpe?

6

Em *Itaquera*, chamou-se especial atenção para a proximidade da *Bagarre*, para a missão individual reservada a cada *membro do grupo* nesses dias catastróficos, e se deu ênfase à estrutura, métodos de ação e objetivos das Forças Secretas.

A hora da justa cólera divina — reforçou-se mais uma vez este conceito — estava mais próxima que nunca, a se julgar pelo estado geral de desagregação da humanidade. Jamais os homens foram tão egoístas, orgulhosos e impuros — o que fazia prever a intervenção urgente e drástica de Deus para impedir que sua obra fosse inteiramente destruída. A Igreja, instrumento divino para o aperfeiçoamento espiritual dos homens, não só se deixara contaminar por esses vícios como se transformara numa *Estrutura* utilizada por Satanás para escarnecer-se de Deus. O clero, exceto alguns de seus membros, raros e esparsos, perdera a espiritualidade que o caracterizara desde a fundação da Igreja e passara a ser um agente a mais do grande plano de laicização da sociedade — plano posto em prática ainda durante a Idade-Média, que resultou em sua destruição, e executado com a ardileza característica dos espíritos diabólicos.

Traídos pelos ministros de Deus, os homens deixaram-se manipular mais facilmente pelos sequazes de Lúcifer, que, com isso, conseguiram montar uma rede inexpugnável de influência e coerção, controlada diretamente pelas Forças Secretas. Essas Forças do Mal, cuja origem se perde no tempo, foram os agentes executores da destruição da Idade Média e são os responsáveis pelo desenvolvimento da Revolução. Conquistando maior influência geração após geração, crê a TFP que elas hoje dominam o mundo, em todos

os setores: têm sob seu controle governantes — que não passam, em suas mãos, de simples marionetes —, os juristas, professores, jornalistas, militares, escritores, modistas, engenheiros... A esta rede intermediária estão amealhados todos os segmentos influenciáveis da sociedade, mesmo que desconheçam a sua existência.

O homem moderno, que tanto se ufana de ter-se desvencilhado das leis e doutrinas católicas que imperavam na Idade Média, acreditando que, agora, tem a liberdade de agir conforme sua vontade, acabou, na realidade, subordinado ao controle férreo das Forças Secretas, exercido através de seus agentes intermediários, que vão desde os agentes conscientes de seu trabalho até os que agem inconscientemente. Renunciando ao *modus vivendi* católico, os homens pensam e vivem hoje sob estímulos contínuos e irresistíveis dos agentes do Mal, que os transmitem sobretudo através dos órgãos de comunicação de massa. Recusando-se a viver como estabelece a Igreja, a sociedade acabou adquirindo hábitos, vícios e modismos sempre mais perniciosos, impostos pelas Forças Secretas.

A TFP baseia-se nos *Protocolos dos Sábios de Sião* (*)para desenvolver sua doutrina sobre as Forças Secretas, doutrina a que tive acesso com o passar do tempo, de maneira informal — isto é, jamais me foi apresentada sua visão completa, mas me foram revelados fragmentos, em conversas e reuniões, de sua concepção geral.

"Fomos nós" — afirmam *Os Protocolos* — "os primeiros que, já na Antigüidade, lançamos ao povo as palavras Liberdade, Igualdade, Fraternidade". Essas palavras "puseram em nossas fileiras, por intermédio de nossos agentes (...), legiões inteiras de homens que arvoraram com entusiasmo nossos estandartes (...). Nosso triunfo foi ainda facilitado pelo fato de, nas nossas relações com os homens de que precisamos, sabermos tocar as cordas mais sensíveis da alma humana: o cálculo, a avidez, a insaciabilidade dos bens materiais (...)"

É a Judeu-Maçonaria, portanto, acredita a TFP, o agente mais poderoso da condução da cristandade e das nações não cristãs ao extremo de sua apostasia: o momento em que todas as religiões serão unificadas e os países deixarão de existir para fundirem-se na República Universal. A República Universal será viável após as

(*) *Os Protocolos*, livro apócrifo e atribuído a uma suposta conspiração judaica, foi, na realidade, escrito pela polícia secreta czarista.

etapas do comunismo — que, mais cedo ou mais tarde, envolverá todo o mundo — e do anarquismo. Revoltados pela tirania imposta pelo regime comunista, os homens lutarão pelo advento de uma sociedade sem governos, sem leis e sem fronteiras — e, então, os povos tornar-se-ão um amálgama amorfo e irreconhecível, a anarquia em toda a sua devassidão. Depois, porém, constatando a impossibilidade de governarem-se a si mesmos, ditando cada um suas próprias leis, os homens clamarão por um Senhor.

Neste ponto *Os Protocolos* e a TFP são divergentes. Enquanto o primeiro prevê que, atingido esse estágio, será o momento de os judeus proclamarem o seu rei — o Rei e Soberano Universal —, que fará dos ex-cristãos seus escravos, dóceis e sem forças para rebelarem-se contra esse jugo, a TFP projeta um quadro ainda mais sombrio.

Os altos dirigentes das Forças Secretas, pensa a TFP, recorrem, numa escala inferior, à Franco-Maçonaria e, acima desta, à Judeu-Maçonaria, para a execução de seus planos. O objetivo final dessas Forças é de conhecimento apenas dos cérebros mais iluminados e perversos. O que querem eles? Mais, muito mais do que imaginam seus súditos. A sociedade pretendida pela Judeu-Maçonaria não passa de mero subterfúgio do Grande Plano — que prevê o reinado sobre a Terra de Satanás em pessoa. Lúcifer, o príncipe das trevas, terá finalmente de apossar-se da obra de Deus, seu rival eterno, e estabelecer seu domínio sobre os homens. Portanto, a humanidade, no ponto final do processo revolucionário, deverá estar pronta para adorar e servir a Lúcifer com o mesmo ou maior fervor com que o homem medieval cultuava e se entregava a Deus.

Para isso, esta e as próximas gerações têm de ser minadas ainda mais em sua espiritualidade, enfraquecidas em suas resistências e, pouco a pouco, deixar-se cativar pelo falso carisma do espírito das trevas. Nos séculos que se seguiram à irrupção do processo revolucionário, o belo — característica da estética medieval — foi-se desbotando, atingindo, nos dias atuais, em alguns casos, os extremos de sua negação. As catedrais góticas, altivas, solenes, sacras, resplandescentes de luz, não existem mais senão como monumentos, peças de museu que lembram um passado distante, espezinhado e traído. Os castelos feudais — austeros, rígidos, inexpugnáveis — cederam espaço aos palácios renascentistas, frágeis, mundanos, dispersivos. E, agora, em lugar das catedrais, dos castelos e dos palácios, constroem-se apenas arranha-céus, que exprimem em sua forma o empobrecimento da alma humana: retilíneos, uniformes, despojados de ornamentação, estritamente funcionais.

A arquitetura tornou-se cinzenta como a alma do homem moderno. Se o homem medieval não poupava esforços e tempo, necessitando muitas vezes de séculos para terminar uma única obra, para fazer que igrejas, edifícios e até residências espelhassem a concepção que tinham do Céu — seu único fim —, o homem moderno, ofuscado pela ânsia das coisas terrenas e esquecido da vida eterna, tornou as suas obras embrutecidas como ele próprio. O que se verifica na arquitetura constata-se também em outros campos da criação — na música, na pintura, na literatura, ficando-se somente nestes exemplos.

A música medieval, embora rude em seus acordes, exprimia calma, espiritualidade, compenetração; a moderna, o que é senão a sucessão de ritmos tresloucados e barulhos pavorosos, que induzem os ouvintes a um frenesi irracional, animal, portanto? Isto, tratando-se do *rock*, o ritmo da *beat generation* absorvido e aprimorado lentamente pelas gerações seguintes, que constituiu a ponta-de-lança da manifestação musical do pós-guerra. Os outros ritmos, mais contidos, não deixam igualmente de externar estado de espírito ou langoroso ou superficial ou romântico — enfim, as seqüelas produzidas pela sensualidade crescente e insaciável.

Na pintura, o que vemos? A substituição da harmonia pelo caos: a luz, mais celeste que terrena, a harmonia dos traços, as expressões angelicais dos personagens de Fra Angelico e Paolo Ucello; a serenidade e contemplação de Millet; a elegância, compostura e respeito das imagens criadas pelos artistas flamengos — tudo isto foi negado pelos pintores modernos. As obras tão decantadas de Van Gogh e Picasso, entre outros, não passam de reflexo nítido da confusão que impregnou o homem revolucionário. Van Gogh, insaciável, esquizofrênico; Picasso — e todos os que adotam ou gostam de seu estilo —, a deformação, a irracionalidade, o horror...

Na literatura, onde estão os cérebros capazes de produzir maravilhas semelhantes a *La Divina Commedia*, a *Os Lusíadas*, a *El Ingenioso Hidalgo e Caballero Don Quijote de La Mancha*, para ater-se apenas a estes clássicos da literatura latina? Onde? Não é necessário procurar, perder-se-á tempo em vão. Desapareceram, há muito. A agitação e dispersão da vida moderna, o reinado da civilização da imagem, o avanço da cibernética não permitem mais ao cérebro humano arrojar-se a vastos horizontes do pensamento. A literatura, como todos os demais setores da criação, tornou-se embaçada, mesquinha e frívola.

As Forças Secretas, portanto, já concretizaram grande parte de seu plano, distanciando como nunca o homem e sua criação de

Deus e do Céu. A estética medieval, tanto em sua estrutura social como em suas manifestações religiosa, filosófica e artística, incorporava a própria estética celeste: a hierarquia, a pureza, a contemplação, o amor. A estética — se é que se pode chamá-la assim — moderna e revolucionária assemelha-se em quase tudo à disposição do Inferno: o caos, a hipocrisia, o ódio, a violência, a depravação.

A alma humana, assim, deixou-se possuir pelo vírus do Mal e permitiu que ele se alastrasse, reduzindo drasticamente os anticorpos. Se, porém, Satanás surgisse na Terra, nas atuais circunstâncias, seria imediatamente enxotado pela maioria esmagadora dos homens, que se sentiriam apavorados em sua presença. Contudo, nos subterrâneos das grandes cidades, no alto das montanhas e no fundo das cavernas, ele é adorado por uma legião crescente de discípulos. Os cultos diabólicos, antes realizados somente sob inviolável segredo e em locais inacessíveis aos não-iniciados, já são feitos abertamente em alguns países, nos quais até se reconhecem ou a menos se toleram as religiões satânicas.

É pouco, muito pouco ainda, segundo os objetivos das Forças do Mal.

É necessário, imprescindível — julgam seus líderes — que a opinião pública, em intervalos de tempo, receba uma superdose — para que se predisponha ainda mais a curvar-se a Lúcifer e para que se permita aos cérebros do Mal analisar suas reações e reajustar os métodos empregados em seu tratamento. Os cérebros iluminados das Forças Secretas acompanham minuciosamente o processo de putrefação da alma humana. Detectam, através dos contatos que mantêm com Lúcifer, do discernimento privilegiado que possuem e da vasta rede de agentes que manipulam, toda manifestação coletiva da alma humana em qualquer parte do mundo. E sabem como agir para apressar seu envenenamento, recorrendo, muitas vezes, a tratamentos de choque.

7

Um desses tratamentos de choque é o surto de discos voadores que, em períodos irregulares, surgem em grande escala, ocupando espaços nobres da imprensa e galvanizando a atenção da opinião pública.

A opinião pública mundial, de fato, fora alarmada por este fenômeno, que se tornou relevante já nos primeiros meses da década de 70, ultrapassando todas as dimensões atingidas antes entre o final de 1972 e meados de 1974. Como nunca se tinham tido notícias até então — afirmava-se na TFP — , discos voadores

acuados, precisavam lutar desesperadamente para impedir que a outra ala desencadeasse o processo de violência em larga escala. Essa ruptura — ou *frincha*, no jargão da TFP — poderia conduzir à Terceira Guerra Mundial.

A *Bagarre*, a tão esperada *Bagarre*, poderia estar chegando!

Outro fato, fruto da manobra dos *pombos*, frustrou, porém, essas expectativas.

O maior obstáculo para as nações não comunistas aceitarem o regime marxista é a desproporção entre o padrão de vida dos habitantes dos países capitalistas e dos países comunistas. As *barreiras ideológicas*, expressão martelada até então pelos analistas políticos, haviam sido quase inteiramente arrasadas e delas só restavam ruínas. Desde que o chanceler alemão Willy Brandt iniciara a *Ostpolitik*, em 1969, lances ousados foram dados por outros líderes mundiais. No entanto, a política de distensão entre o mundo capitalista e o comunista teria sido impossível sem a participação do presidente norte-americano Richard Nixon, que lançou a *détente*, em 1972, ao fazer duas viagens históricas: uma a Pequim, outra a Moscou.

Essas reuniões entre os governantes de países capitalistas e os chefes de Estados comunistas, segundo a TFP, repercutiram a fundo na opinião pública que, ao assistir às cenas, divulgadas pela imprensa, dos largos sorrisos e efusivos apertos de mãos trocados entre eles, perdeu em muito o horror que nutria em relação aos líderes comunistas. E, em conseqüência, ao próprio regime comunista, tido até então como sanguinário e escravocrata. O comunismo, com isso, deixou de ser visto como ameaça real e constante, inimigo inconciliável dos países capitalistas, ao qual não se deveria fazer concessões, e, sim, apenas guerra. Era possível, passou-se a pensar depois desses encontros, conviver harmônica e pacificamente com os Estados comunistas.

Ultrapassadas as *barreiras ideológicas*, restavam aos *pombos* as barreiras econômicas. Tornar os países comunistas ricos e prósperos seria impossível, devido às suas estruturas emperradas, arcaicas e improdutivas. Por mais que se investisse no bloco comunista, jamais se conseguiria equipará-lo ao capitalista, pois, enquanto o primeiro aplicasse esses incentivos para agilizar a agropecuária, modernizar a indústria e fornecer serviços ágeis e eficientes, o segundo estaria correndo disparado muitos quilômetros à frente.

Como proceder então? Já que enriquecer os países comunistas era impossível, não havia escolha: empobrecer-se-iam os países capitalistas, contendo seu crescimento e reduzindo o poder aquisitivo

de sua população. O que fazer para se chegar a isso? Atacar o sistema vital dos países industrializados — o petróleo, sem o qual não podem sobreviver.

Prevendo há muito que um dia seria necessário recorrer a esta tática, os *pombos* haviam induzido os países ocidentais a tornarem-se sempre mais dependentes do petróleo produzido no Oriente Médio. E, nessa região, haviam manobrado para que alguns países passassem para a esfera de influência do Cremlin. A uma ordem de seus superiores soviéticos, os governantes desses países convenceram os chefes de Estados árabes não-alinhados a Moscou a, junto com eles, decretarem o embargo do petróleo aos países industrializados, a pretexto da Guerra do Yom Kippur. Com o embargo, aprovado na dramática reunião de líderes árabes no Kuwait, a força da Organização dos Países Exportadores de Petróleo consolidou-se, criando condições para o estabelecimento de uma política de preços vantajosa para ela. Em conseqüência, os países industrializados sofreram um dos golpes mais duros: o aumento dos preços do petróleo explodiu todos os orçamentos, reajustes financeiros foram feitos às pressas, programas econômicos de emergência foram adotados sucessivamente e sem êxito, implantou-se o racionamento de combustível, a classe média reduziu a utilização dos automóveis, os alimentos encareceram vertiginosamente. A prosperidade foi substituída pela recessão, e a fisionomia do homem comum, antes descontraída e otimista, tornou-se tensa e marcada pela apreensão. A ânsia de uma vida fácil, confortável, deixou de ser um sonho atingível, para transformar-se num pesadelo real. O processo de empobrecimento dos países capitalistas estava desencadeado.

Teriam com isso os *falcões* se sujeitado aos *pombos*? Momentaneamente, havia indícios de que sim; permanentemente, quem poderia garantir?

9

Deus, estou enlouquecendo! O motim contra o Profeta

Algo estranho, muito estranho, estava acontecendo comigo.

Desde que entrara para a Organização, vivera fases alternadas de pressão e descompressão. Épocas de otimismo — generalizado e não apenas meu — viam-se subitamente abafadas por períodos de apreensão, medo e expectativa.

A Imagem Peregrina, como chamávamos a imagem que chorara em Nova Órleans, voltara. E voltara para ficar, senão indefinidamente, ao menos por longo período. O período que precisávamos para preparar-nos para o embate final contra as hostes demoníacas que assolariam a Terra no momento em que a ira divina se manifestasse sobre os ímpios.

O retorno da imagem fora interpretado por *Dominus Plinius* como o símbolo da mãe que se junta aos filhos no momento em que se aproxima a tempestade — para animá-los, reconfortá-los, consolá-los. Sem o auxílio de Maria não teríamos forças para esquivarnos das armadilhas de Satanás. Armadilhas que se tornariam mais numerosas e perigosas à medida que os dias terríveis da *Bagarre* se aproximassem.

E, como nunca, sentíamos mais denso o cheiro acre desses dias, que se faziam pressentir pela deterioração acelerada dos últimos resquícios da civilização cristã. Tudo o que acreditávamos ainda restar daquela era em que a Igreja fora a senhora desabava aos nossos olhos: a própria Igreja, corroída em suas entranhas, fendia-se, tremia e estava a ponto de ruir — e, por estas frestas, admitira o próprio Paulo VI, o papa que tanto nos repugnava por suas posições políticas e religiosas, penetrara no Templo de Deus a "fumaça de Satanás".

Outros acontecimentos mundiais feriam nossos sentimentos. Entre eles, os Estados Unidos, líder ocidental, curvaram-se à pressão internacional e assinaram o acordo que encerrou a desastrosa guerra do Vietnã. Mais um país — "a França do Sudeste Asiático" — sucumbira, assim, ao império comunista, que alargava seus domínios e aglutinava novos escravos a seu regime totalitário. E Portugal, o pequeno e outrora aguerrido e aventureiro Portugal, não conseguira vencer a resistência contagiante de suas colônias africanas. Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe fizeram-se repúblicas, muito cedo manipuladas ou fustigadas pelos que queriam ajustá-las aos moldes de Moscou. "São as últimas luzes da cristandade que se apagam", comentou *Dominus Plinius*, numa das *Reuniões de Recortes*, ao analisar esse processo. Condoídos, lamentamos, rezamos e nos penitenciamos para reparar a Deus por esse pecado coletivo.

Não havia clima para brincadeiras. A inimizade eterna estabelecida por Deus entre os anjos decaídos, Maria e os filhos dela atingia o ponto de saturação. *Inimicitias ponam inter te et mulierem, et semen tuum et semen illuis*, diz o Gênesis. "Porei inimizades entre ti e a mulher, e entre a tua posteridade e a posteridade dela". Enquanto não chegar o momento da vitória final do Bem sobre o Mal, da Contra-Revolução sobre a Revolução, dos filhos da Luz sobre os filhos das Trevas, *tu insidiaberis calcaneo eius*, "tu armarás traições ao seu calcanhar". O calcanhar da Virgem éramos nós, insiginificantes, porém indispensáveis ao cumprimento de toda a profecia divina: *Ipsa conteret capt tumm.* "Ela, enfim, te esmagará a cabeça!"

Precisávamos, portanto, estar vigilantes contra todos os embustes de Belzebu. Estávamos convencidos de que o espírito maligno e suas hostes infernais não nos perdiam de vista um segundo sequer. Éramos seus principais inimigos, os únicos, eleitos de Deus, capazes de arrasar a obra satânica e impedir fosse concluída. Por isso, tínhamos de ser afastados de seu caminho, eliminados para sempre. De preferência, atraídos para a legião de seus seguidores — o seu maior trunfo, sua grande alegria, se é que o Maligno tenha capacidade de alegrar-se.

Vigilância! Cada um de nós era alvo constante das trampas diabólicas. Vigilância! A TFP, a organização profética, estava assediada pelo Exército das Trevas. Exército composto maciçamente de anjos decaídos e engrossado pelos cérebros iluminados e perversos das Forças Secretas, que, dos antros — ou dos palácios?

— em que conspiravam e trabalhavam, mobilizavam contra nós a multidão de seus agentes, conscientes ou não. Entre eles... a imprensa.

Vigilância. As Forças Secretas conheciam nossa missão, conheciam todos nós. Por isso, rastreavam a fundo, através de seus "olheiros" — astutos, perspicazes, ocultos —, a alma de cada um de nós. Sabiam, assim, de nossas potencialidades para o Bem, de nossas inclinações para o Mal, e agiam para atingir nossos pontos frágeis, explorá-los, enfraquecê-los, sem cessar. Vigilância: nossas famílias, nossos amigos (caso ainda os tivéssemos) poderiam ser, mesmo inconscientemente, agentes manipulados pelas Forças Secretas para arrancar-nos do Profeta.

Vigilância! A herança revolucionária que conservávamos, em medida maior ou menor, em nossas almas, aliada ao pecado original e à nossa natural inclinação para o Mal, exercia, a todo instante, a função de contrapresos que nos impediam alçássemos às alturas espirituais requeridas por nossa missão. Mais que isso, pressionavam-nos para que embotássemos nossas almas, fechássemos os ouvidos às palavras sábias e santas do Profeta de Maria e abríssemos nossos poros à fuligem da Revolução e, portanto, do pecado.

Vigilância! Tínhamos de desconfiar de nós mesmos, agentes inconscientes de nossa danação eterna: orgulhosos, sensuais no âmago de nossas almas, éramos talvez os principais inimigos de nós mesmos: filhos da Revolução, confiscados dela pela graça de Maria e mediação do Profeta. Apesar de todos os progressos espirituais que pudéssemos sentir, estávamos convictos de que somente uma ação divina fulminante seria capaz de transformar-nos em verdadeiros contra-revolucionários, discípulos fiéis de *Dominus Plinius*, nosso senhor, mestre e guia. O pecado rondava nossas sedes, ultrapassava nossos muros, tentava-nos em nossos quartos, salas ou capelas. Se nos deixássemos amealhar por ele daríamos a Satanás mais satisfação do que se mil pecadores se tivessem perdido para sempre. Porque, eleitos por Deus para a mais sublime das missões, cada desvio nosso se transformaria numa gota de bálsamo para o Maligno — e numa gota a mais de sangue a coroar a testa do Salvador, uma gota a mais de lágrima a inundar a face enlutada da Virgem.

Vigilância. Se possível até durante o sono, vigilância!

2

Para ativar os anticorpos do vírus revolucionário, uma receita indispensável, infalível: oração, penitência e mobilização. Mobili-

zação constante, infatigável, proporcionada pelo *espírito de Itaquera*, que pressupunha a renúncia aos hábitos aparentemente inofensivos. Inofensivos, mas que poderiam minar progressivamente nossa resistência ao Mal, nossa disposição para a luta: o programa rígido que diariamente cumpríamos gerava lentamente a tendência de nos acomodar, de fechar-nos em nós mesmos, de distanciar-nos de nossos objetivos maiores. Então, nada mais apropriado para espanar a poeira acumulada pela rotina que as tarefas repentinas, inopinadas, estipuladas por nossos superiores. Éramos despertados durante o sono para rezar algumas jaculatórias diante da imagem da Virgem de Sion instalada no jardim. Pouco importava se a noite estivesse quente, se chovesse ou fizesse frio. Acabávamos de tomar banho e mandavam-nos limpar o jardim, recolher o lixo e lavar o canil. Estávamos rezando e tínhamos de deixar a capela, vestir os quimonos e treinar caratê. Estudávamos e, abruptamente, o *quidam* irrompia na sala, dizia *pugnemos pro Domina*, respondíamos *quis ut Virgo*, e ele: 30 flexões, 30 "cangurus", 30 "remadores"... *Praesto sum! Praesto sum!*

A mobilização servia de corretivo às nossas tendências desordenadas e para aprimorar nossas defesas espirituais, ativando os mecanismos de entrega total ao Bem, à Contra-Revolução, ao Profeta de Maria. A mobilização, o *espírito de Itaquera*, deveria contribuir para alcançarmos o grau de compenetração exigido por nossa causa. Pois, quanto mais compenetrados estivéssemos de nossa missão, mais próximos estaríamos de nossa conversão total, quando, então, nos identificaríamos por inteiro com *Dominus Plinius*. Nesse momento ansiado, poderíamos exclamar, com a santa satisfação dos filhos da Luz: *Magnificat anima mea Dominum; gaude, Maria Virgo, gaude millies*(*). Para chegarmos a isso, no entanto, faltava-nos ainda longo percurso, percurso repleto de sacrifícios, orações e renúncias, a todo instante exigidos, em ritmo crescente, ininterrupto.

3

Pouco depois de voltarmos de *Itaquera*, via-me, por um lado, tomado por essas considerações e exigências, enquanto, por outro, me sentia atraído para uma situação jamais experimentada.

(*) "Minha alma engrandece ao Senhor; alegrai-vos Virgem Maria, alegrai-vos mil vezes".

As noites de insônia tornaram-se regulares — longas, sufocantes —, minha capacidade de estudo enfraquecia-se aceleradamente, minha disposição para o trabalho fora substituída pelo enfado, pelo cansaço repentino. Irritava-me facilmente e, embora me esforçasse sempre para não descarregar sobre meus companheiros essa irritação, a cada dia me tornava mais taciturno, arredio, distante deles. Emburrado às vezes, sentia ao mesmo tempo lampejos de aproximação — e, quando me animava a conversar com eles, dominava-me logo o impulso de afastar-me, de recolher-me em meus pensamentos. A estátua da Virgem de Sion transformara-se em minha confidente nas noites indormidas, nas manhãs suaves e frescas, nas tardes pontilhadas de amargura e solidão.

Carlos Nilton e os outros eremitas de Curitiba participavam de um projeto embrionário: a fusão de todos os êremos num só para se testar a viabilidade de criação do *Grande Êremo*. A corrupção dos costumes, as mulheres sempre mais provocantes, seminuas, a degradação da sociedade, a infestação diabólica agrediam nossos hábitos, ofendiam nossos princípios, ameaçavam nossa sobrevivência espiritual. Haveria de chegar o momento — a cada minuto mais próximo, parecia-nos — em que seríamos repelidos pela sociedade, que, para isso, não precisaria enxotar-nos de seu convívio: bastaria que o pecado atingisse seu ponto de saturação, e não mais poderíamos, correndo o sério risco de perder nossas almas para sempre, fazer as coisas mais elementares — caminhar pelas ruas, ir aos mercados e às igrejas. Esbarrávamos no pecado, mal olhávamos para fora de nossas sedes. Por isso, tínhamos de nos preservar e, na TFP, há muito vislumbrava-se a ocasião em que seria impossível manter qualquer relacionamento com o mundo exterior. O *Grande Êremo*, antes apenas um projeto — ambicioso, temerário? —, teria de ser experimentado. E, em meados de 1974, pressentindo que chegara a hora de pôr em prática esse projeto, o *Grande Êremo* foi testado, funcionando provisoriamente, em períodos intermitentes, na mesma sede onde eu tivera a *Itaquera*. Mais tarde, consolidado, receberia o nome de *Êremo de Jasna Gora*, em homenagem à padroeira da Polônia.

A capela, agora vazia pela ausência dos eremitas, ja não mais me reconfortava. Pelo contrário, refletia seu vazio em minha alma e alimentava ainda mais minha angústia. Angústia porque, quanto mais me entusiasmava pelas coisas que descobria ou me ensinavam na Organização, mais temia ser incapaz de atingir a perfeição que me era exigida. Ao mesmo tempo, sentia medo: medo das Forças Secretas, medo do pecado, medo das pessoas que não compactuavam

com nosso ideal. Medo também dos castigos previstos para a humanidade pervertida, medo de sucumbir antes da *Bagarre*, medo de perder-me durante ela. Medo de mim. Medo de todos. Medo até de *Dominus Plinius*, o profeta que podia, pela graça de Deus, discernir os espíritos; capaz, portanto, de radiografar o mais íntimo de minha alma num ligeiro olhar. Por que o temia? Porque, por mais otimista que fosse a meu respeito, sabia que ainda me faltavam anos-luz para adquirir a perfeição. A distância entre o que eu era e o que deveria ser acabrunhava-me, enchia-me de melancolia, deixava-me às vezes tentado ao desespero.

A angústia crescia com os dias, formando um turbilhão de sentimentos desencontrados. Mesclava-se com o medo, com o contínuo esforço em aprimorar-me, com a expectativa — e, por que não?, a ânsia — da *Bagarre*. E, ainda, com o temor de que, nesse intervalo, as Forças Secretas investissem contra nós.

Somente no período habitual de insônia é que encontrava um pouco de paz. Envolto pelo silêncio, pelo tremeluzir das estrelas e pelo clarão suave da lua, sentia que minhas aflições se atenuavam. De manhã, porém, a luta recomeçava, feroz: *não* ao pecado que me ameaçava, *não* ao mundo revolucionário, *não* ao meu passado, *não* à minha família, *não* aos meus desejos, *não* aos meus vícios, *não* a qualquer hesitação sobre meu ideal, *não* a toda dúvida em relação à santidade e ao profetismo de *Dominus Plinius*. E *sim, sim* à certeza de que estávamos com a verdade, *sim* à garantia de que a *Bagarre* se aproximava, *sim* à convicção de que sairíamos vitoriosos, *sim* ao Reino de Maria.

Dividido, cambaleante interiormente, com o tempo o efeito dessa luta implacável manifestou-se em meu organismo. Além de dormir mal — duas a três horas, em média, por noite — o apetite diminuíra, o intestino desarranjara-se, o rendimento no caratê — que sempre fora pouco exemplar — transformou-se em alvo da pilhéria dos companheiros, a compenetração nos estudos diluíra-se em pensamentos vagos, distantes e confusos. Quando rezava surpreendia-me com o rosário encalhado entre os dedos e, muitas vezes, precisava retomá-lo do início por ter perdido a noção do ponto de parada. As ladainhas aborreciam-me, os salmos entediavam-me. Passava dias sem conversar, esforçando-me para esboçar os sorrisos exigidos pela vida em comum. De repente, esse estado de ânimo mudava radicalmente: continha as conversas com dificuldade, exclamava aos borbotões, ria às escâncaras até das coisas mais sérias. Os acessos de riso eram prolongados, incontroláveis e,

em muitas ocasiões, contagiei meus companheiros: durante a recitação do rosário, durante o almoço ou o jantar, durante as sessões coletivas de estudo despencava de rir sem o menor motivo. Meus companheiros, atônitos diante dessas cenas irreverentes, ou deixavam às pressas a sala, a capela ou o refeitório, ou também, pouco a pouco, aderiam àquele espalhafato.

Cômico? Talvez, não fossem as conseqüências: fui transferido para Belo Horizonte, onde teria à minha disposição alguns dos médicos pertencentes à Organização.

4

Com meu eletroencefalograma em mãos, o doutor Adalberto, depois de estudá-lo com atenção, retirou da gaveta seu bloco de papel timbrado, escreveu uns garranchos nele e observou:

— Procure alimentar-se e dormir bem, reduza as atividades ao indispensável.

— O que tenho, doutor?

— Seus nervos não estão bem. Pelo exame e pelo que o senhor me relatou, vejo que o senhor oscila entre um período de ansiedade e outro de depressão. Sugiro que o senhor descanse alguns dias em Ouro Preto, o que acha?

— Uma boa idéia, sem dúvida.

— O mais importante: não se aflija. Isso passará logo.

Como não me afligir? Por causa da doença, estava estigmatizado: para meus companheiros, toda anomalia no sistema nervoso era interpretada como a manifestação de uma doença mais grave, a da alma. Segundo essa interpretação, a alma liga-se ao corpo pelos nervos. Se a alma está doente — no caso de um *membro do grupo* a doença pode ser, entre outras, a sensualidade, a preguiça, o orgulho, o *sabuquismo*, isto é, a permanecência física na Organização mas a ausência espiritual em relação a seus princípios, métodos e fins —, se a alma está doente todo o organismo padece. E os primeiros a serem atingidos são os nervos, sensíveis a toda prevaricação da alma.

Foi em Belo Horizonte que tomei conhecimento deste conceito, da mesma forma como constatei que não era o único a ter os nervos esfrangalhados. Aliás, meu estado, em relação a vários companheiros, não passava, comparativamente, de simples resfriado diante de uma pneumonia. Em Belo Horizonte, na rua Paraíba, a TFP

mantinha uma sede destinada a alojar os doentes nervosos(*). Por ela eram muitos os que haviam passado e passavam, nela moravam, além dos inquilinos temporários, alguns companheiros irremediavelmente perdidos.

Senti-me aliviado ao tomar o ônibus para Ouro Preto. Lá, pelo menos, ficaria infenso ao mal-estar causado por meus companheiros doentes que, até então, coabitavam a mesma sede que eu. Durante duas ou três semanas, o convívio com eles fora acabrunhante: um acordava no meio da noite, delirante, e precisava ser atendido para conter o choro; outro gargalhava por qualquer motivo; um terceiro raramente falava, refugiado em seu olhar distante, embaçado, inerte; um outro ainda se vangloriava de possuir sangue nobre, vestia-se de maneira empolada, gabava-se de dominar o Francês e arrastava as conversas durante as refeições até quase o nocaute de seus interlocutores — ou melhor, mais resignados ouvintes do que interlocutores.

O que mais me constrangia não eram porém esses casos: eram dois militantes veteranos que zelavam pelo funcionamento da sede central de Belo Horizonte. Olhares encovados, estagnados, pálpebras vermelhas e freqüentemente lacrimejantes, eles passavam a maior parte do dia caminhando juntos, de um lado a outro, no exíguo espaço interno ou no pátio da sede, rezando, entoando salmos, sempre em voz baixa, ciciante. Na maioria das vezes, andavam calados, passos cadenciados e fortes sobre o soalho de madeira ou de pedra, respirar lento e forçado. Fisionomia impenetrável, porte hierático, vez ou outra davam suspiros longos e profundos. Quando falavam, o que raramente acontecia, procuravam acercar-se o mais possível do interlocutor para que suas vozes não fugissem ao nível habitual — sorrateiro e pausado. Suas tarefas eram leves — supervisionar a limpeza da casa, atender o telefone, anotar recados, abrir o portão para os visitantes, avisar os militantes sobre as reuniões marcadas. Jamais falavam de si próprios, nunca os ouvi fazendo qualquer comentário sobre outras pessoas. Reserva total, sobre si e sobre os outros. Nunca riam, e, quando se viam estimulados a rir, abandonavam o local sem hesitação.

Estava terminando meu descanso em Ouro Preto, rejuvenescido pelas noites bem-dormidas graças aos seis comprimidos diários de *Diazepan* e *Diempax*, quando recebi uma notícia estonteante. Um

(*) Esta sede foi transferida para a rua Marquesa de Alorna. *Isto É*, nº 402.

ex-apóstolo itinerante, Robério, natural daquela cidade, fora devolvido a seus pais: perdera o juízo, mal sabia quem era. Um caso antigo, disseram-me, que atingira seu ponto culminante em Florianópolis, onde ele se dedicara nos últimos meses ao recrutamento de novos adeptos da Organização.

Vi-o rapidamente, abandonei-o na sala com outro militante, durante a única visita que soube que ele nos fizera, após ser devolvido. Não pude agüentar a presença de um ser mentalmente deformado, irreconhecível. Senti, nos poucos minutos em que estive com ele, como se a alma há muito lhe tivesse abandonado o corpo. Magro, contraído, arfante, olhos perdidos num ponto indecifrável, Robério não era mais a pessoa que eu conhecera. Conversa desconexa, incompreensível, voz mortiça. Falava aceleradamente, mal se podia apreender o sentido de suas palavras, de repente entrava em profunda meditação, completamente alheio ao que passava ao seu redor. Inesperadamente, fazia exclamações incompreensíveis, invocava os céus, abjurava o demônio, enrijecia os músculos, contraía os dentes... gargalhava. Tudo sem sentido, misterioso, impenetrável. Tudo diferente do comportamente daquele rapaz com quem conversara algumas vezes e que, naquela ocasião, não teria mais que 30 anos. Um caso perdido. Jamais saberia por que ele acabara daquele jeito.

5

Naquela noite voltei a ter a crise que começou a manifestar-se pouco antes de deixar Curitiba e que se tornara intensa, assídua, nas primeiras noites passadas em Belo Horizonte. Nos prolongados estados de vigília que precediam o sono (quando o sono vinha), sentia meu corpo flutuar, numa agradável sensação de leveza e paz interior. Pouco a pouco, movido por forças misteriosas, precipitava-me num vazio escuro, denso, revolvia-me, era atirado de um lado a outro. Um zumbido estridente, crescente, penetrava-me os ouvidos e, quando isso atingia seu ponto mais intenso, tinha a impressão de que meu corpo se dilatara para, em seguida, explodir em fragmentos e, novamente, recompor-se, amorfo. A força misteriosa, que antes me impulsionara para baixo, atirava-me, lentamente no início, violentamente depois, para cima, em direção a um ponto pulsante, luminoso, diáfano, irresistível. No interior desse ponto, uma luminosidade vermelha ia-se adensando, ocupando o espaço antes tomado por uma alvura transparente. À medida que meu corpo era sugado por esse ponto, a luz vermelha envolvia-o mais e mais. Imerso nela, via um objeto de formato difuso voando em minha direção, espargindo raios multicoloridos, sons confusos e agudos. Durante alguns instantes, o objeto parava, e eu olhava para

ele, fascinado. Terminada a contemplação, o objeto — na forma de um disco, com uma densa esfera móvel em seu centro — penetrava meu cérebro e diluía-se em meu organismo.

6

O doutor Adalberto comunicou-me, assim que voltei a consultá-lo:

— O senhor Leonardo (*) recomendou que o senhor passe a morar no *Semi-êremo de Rhodes* (**), junto com pessoas de sua idade. Procure informar-se melhor com o senhor Cícero, mas parece-me que os semi-eremitas se dedicam à tarde a alguma tarefa. Nesse período, ajude nos trabalhos dos *correspondentes e esclarecedores*. Este serviço irá entretê-lo e não o cansará muito.

Procurei o senhor Cícero, responsável pelas sedes de Belo Horizonte, acertamos os detalhes, mudei-me imediatamente para *Rhodes*, na rua Grão-Mogol.

O *Semi-êremo de Rhodes* passava por ampla reforma. Algumas semanas depois de instalado nele, participei de sua inauguração, compartilhando com meus novos companheiros da satisfação por ver uma sede rejuvenescida e adaptada a um estilo de vida quase cenobítico. Os muros foram aumentados, permitindo maior privacidade, o refeitório e a capela tornaram-se menos devassáveis. A grande modificação — nosso orgulho — fora a adaptação de uma grade de ferro dividindo as duas salas principais: a de estudos, onde cada semi-eremita dispunha de uma cadeira e uma mesa; e a de reuniões, decorada com um sofá e algumas cadeiras. Por toda a sede, as luminárias tinham o formato de tocheiros, sustentando lâmpadas minúsculas; somente na sala de estudos, um grande lustre, de ferro batido, produzia a claridade necessária à leitura noturna. Em todo o andar térreo colocaram-se vitrais nas janelas, predominando as cores lilás e azul. A capela ficava no andar superior, aberta para uma pequena sacada, de onde se visualizava o pátio interno. Ao seu lado estava o quarto do senhor Cícero, e, pouco além, os dois dormitórios utilizados por nós.

(*) Um dos membros da *Comissão do Movimento*.

(**) O semi-êremo, o nome indica, mantém regime mais flexível que o êremo, permitindo a seus moradores que executem serviços externos, desde que relacionados à TFP.

Nosso *Ordo* estabelecia, aproximadamente: despertar, 6h45; caratê, 7 horas; hasteamento do estandarte e orações da manhã, 8h20; revista (inspeção de roupas, dormitórios e aparência pessoal), 8h30; café (quando éramos argüidos sobre trechos aleatórios de *Revolução e Contra-Revolução*, que tínhamos de pronunciar de cor), 8h40; estudos, 9h às 12 horas. Almoçávamos e, depois de rápida sesta, cada um se ocupava de suas tarefas específicas. Aloísio (o mesmo que me acompanhara na missão apostólica em Conselheiro Lafayette) trabalhava comigo na sede central de Belo Horizonte, onde estavam os arquivos e se faziam os contatos com os *correspondentes e esclarecedores*. Os outros companheiros — éramos seis ou sete — se dedicavam ao *apostolado*: faziam aliciamentos nas escolas, visitavam *apostolandos* e organizavam regularmente reuniões para eles. Terminados os trabalhos, comungávamos, jantávamos, tínhamos um pequeno período para conversar ou rezar, e encerrávamos nossas atividades com uma reunião, presidida por um dos eremitas do *Êremo de São Miguel* — o êremo encarregado de estudar as Forças Secretas, instalado num sítio próximo. Estávamos autorizados a conversar somente na parte da tarde e no breve intervalo entre o jantar e a reunião noturna. Se violássemos essa determinação, ficávamos automaticamente sujeitos a penalidades, assim como seríamos punidos se saíssemos de *Rhodes* sem autorização do nosso *quidam*, um eremita de *São Miguel*. Penalidades poderiam ser aplicadas também aos que fraquejassem durante o caratê, retardassem o cumprimento de uma ordem, não soubessem responder às perguntas relacionadas à doutrina da TFP ou rissem em ocasiões impróprias. Estávamos em guerra, uma guerra espiritual que não permitia deslizes.

Por mais que tentasse entrosar-me com os novos companheiros, sentia que a antológica desconfiança mineira se aguçava mais ainda, quando estimulada pela aversão que um doente como eu provocava naturalmente neles. O convívio com alguém que é submetido a tratamento nervoso, por mais que o paciente se comporte com naturalidade, sempre desperta a suspeita de que, a qualquer pretexto e a qualquer momento, venha a ter um frenesi incontrolável que possa ameaçar os que estejam por perto. Mais grave que isso é a influência deletéria que um doente nervoso, ou seja, um doente espiritual (na concepção da TFP), pode exercer no ambiente de que compartilha. Por isso, não precisava fazer muito esforço — e sobre isso não me iludia — para constatar que meus companheiros se sentiam pouco à vontade, ainda que tentassem disfarçar esse comportamento, quando estavam comigo. E eu,

como reação instintiva, procurava a companhia deles somente em ocasiões indispensáveis. Havia entre nós uma barreira de desconfianças e temores, que impediam a aproximação mútua.

Essa distância era desagradável, sufocante. Encarava-a como privação passageira, que seria imediatamente superada assim que me recuperasse. E aproveitava para oferecer meu isolamento, conseqüência das desconfianças de meus companheiros sobre minha saúde espiritual, à Virgem Maria, em desagravo aos pecados da humanidade.

Os meses sucediam-se e, ao invés de melhorar, minha saúde deteriorava-se. As crises de ansiedade e depressão revezavam-se com mais rapidez, os remédios davam-me a sensação de alheamento, roubavam-me a concentração e impulsionavam-me a caminhar sem rumo pela cidade — o que só podia fazer nos fins de semana, quando nosso *Ordo* era relaxado devido às viagens periódicas de meus companheiros a São Paulo. Nossa sede, bonita, cheirando a tinta fresca, ficava numa rua de intenso movimento e, bem à sua frente, havia uma parada de ônibus. O barulho dos carros, principalmente de ônibus e caminhões, com suas freadas rangentes e bruscas, deixava-me aturdido. Meu sono já estava regularizando-se, porém, mal amanhecia, o ruído externo não me permitia mais dormir. Aos poucos, meus ouvidos foram invadidos por um chiado crescente, sufocado durante o dia pelo acúmulo de ruídos urbanos; à noite, quando o movimento dos veículos diminuía, o chiado ressurgia, voraz.

Assaltavam-me, então, ímpetos de vestir-me e passear pelas ruas, sorver o frescor e o silêncio da noite, deixar a mente vagar por pensamentos que afluíssem espontaneamente — mas não tinha coragem de violar o *Ordo*. A cada falta disciplinar corresponderiam punições predeterminadas ou a critério do *quidam*: exercícios físicos extenuantes, abstinência de carne ou de qualquer outra mistura durante as refeições, dois ou três terços acrescentados às orações normais, faxina da casa, entre tantas outras. As punições, contudo, não eram o que mais me desestimulavam. O maior obstáculo que teria de superar era o desrespeito a uma regra que refletia o conjunto de idéias e disciplinas impostas por nossa causa.

7

Aos poucos, um sentimento confuso foi brotando, delineando-se com o passar dos meses. De início, assumiu a forma de desgosto, depois caracterizou-se pela preocupação, e, finalmente, adquiriu claros contornos de apreensão. Minha doença não era nada confortável e seu prolongamento alimentava a angústia, provocando-me o desgosto por aquela situação que parecia não mais teria fim. Quanto mais demorava o momento ansiado de o meu médico dizer "está dispensado, o senhor está curado", mais aumentava a preocupação com meu estado, se teria ou não solução. Pois temia que pudesse, mais tarde, ser incorporado ao grupo de meus companheiros irrecuperáveis. Esse temor não era outra coisa senão a apreensão quanto a meu futuro.

Quando a apreensão começou a manifestar-se mais fortemente, gerou várias perguntas, inevitáveis. Perguntas que tentei sufocar, mas que acabaram irrompendo, insistentes: Qual a origem de minha doença? Qual a razão da doença de meus companheiros? Nossas doenças se manifestavam de formas diferentes, tinham agravantes ou atenuantes diversas, demandavam mais ou menos tempo para serem sanadas. Sim, mas por que tamanha incidência num grupo tão restrito de pessoas? Nunca soube quantos de meus companheiros haviam necessitado de tratamento para os nervos, mas os casos graves que via deixavam-me atônito. E dessa atonia surgiu a desconfiança — nosso modo de pensar e de agir não seria o responsável por essas anomalias? —, e da desconfiança aflorou a dúvida: se o modo de agir e de pensar da TFP provoca o enfraquecimento dos nervos, levando, em alguns casos rebeldes, à loucura, o modo de agir e de pensar da TFP não pode, portanto, estar correto...

Não, não podia dar vazão à desconfiança, tampouco à dúvida. Do contrário abriria as comportas para minha apostasia, pois, a partir desta atitude, não mais teria forças para represar minha índole natural, minhas ambições, minhas inclinações para o pecado, meus antigos vícios. Não, por mais lógicas que me pareciam essas perguntas, dúvidas e desconfianças, não poderia permitir que aflorassem, pois, inexoravelmente, iriam reproduzir-se num ritmo irrefreável. Sentia-me, com isso, como que equilibrado, descalço, sobre uma ponte formada por cacos de vidro, tendo abaixo um abismo cujo fundo não podia avistar. Permanecer naquela posição era doloroso, abandoná-la seria o fim.

Uma corda, um pedaço de madeira, será que não me atirariam nada em que pudesse agarrar-me e voltar para um lugar seguro? Rezar, nunca rezei tanto em minha vida; sacrificar-me, jamais me sacrifiquei como naqueles dias em que minha alma voltou a ser invadida por trevas e tempestades. Aceitar como corretas as minhas dúvidas, eu não podia: o mundo exterior parecia-me ainda mais ameaçador. Superá-las, sim, era o que precisava fazer. Mas como?

8

Debatia-me nessa encruzilhada e, de repente, surgiu uma réstia de luz, apontando-me o caminho que interpretei como o único que oferecia segurança. A profissão de votos não se caracterizava mais como atitude piedosa e declaração de fé nos princípios da TFP exclusivas dos eremitas. Apóstolos itinerantes, eremitas itinerantes, eremitas provedores, semi-eremitas ou *membros do grupo* que não se encaixavam em nenhuma destas classificações haviam feito esses compromissos, assumidos sempre na presença de *Dominus Plinius*. Se eles os fizeram, em busca de maior dedicação à causa, por que não poderia fazê-los, numa demonstração cega de fé em nossos ideais? Seria esta a corda à qual deveria agarrar-me?

Num domingo, na "Sala do Reino de Maria", a mesma sala onde, há mais de quatro anos, me consagrara escravo da Virgem, professei meus votos ajoelhado diante de *Dominus Plinius* — cena que fazia lembrar o ato de vassalagem.

Os votos, dizia-se na TFP, "são pares de asas que nos alçam a vôos sempre mais altos". Para mim, no entanto, funcionaram como contrapesos de chumbo, impulsionando-me sempre mais para baixo, em direção ao abismo imperscrutável.

Explico-me.

Obediência, seriedade, castidade, antimundanismo e pobreza — foram estes os votos que professei. O primeiro me obrigava a cumprir incontinenti toda e qualquer determinação de meus superiores — do *quidam* ao supervisor das sedes de Belo Horizonte, da *Comissão do Movimento* a *Dominus Plinius*. O de seriedade me impedia de rir sob qualquer pretexto, no máximo permitindo-me leves sorrisos. O voto de castidade parecia-me dispensável, uma vez explícito no Sexto Mandamento, mas trazia reforços para esta virtude: a mais leve concessão a um pensamento sensual ou erótico impunha penitências. E o voto de antimundanismo barrava qualquer concessão aos valores materiais. Este voto proibia, por exemplo, que nos detivéssemos diante de uma vitrina ou de uma casa de alto padrão, que freqüentássemos restaurantes ou lanchonetes com música ambiente e garçonetes, que comprássemos roupas ou objetos pessoais sem autorização do *quidam* — que, aliás, era quem lhes determinava o modelo, a marca ou a cor. Finalmente, o voto de pobreza: se a consagração à Virgem implicava a renúncia de nossos bens, por que não pôr em prática este requisito? O voto obrigava-nos a colocar à disposição do *quidam* — intermediário da Virgem, também — tudo o que possuíssemos: relógios, roupas, lençóis, toalhas, cobertores, sapatos, tênis, gravadores...

— O senhor não podia ter feito isso — censurou-me o doutor Adalberto, observando que aquelas restrições poderiam aumentar minha tensão, agravar a ansiedade e aprofundar a depressão.

Ele estava certo. Os votos em nada serviram para atenuar meus conflitos; pelo contrário, contribuíram para tornar mais intensa a angústia. Os votos de obediência, castidade e pobreza eram os menos ameaçados. As ordens eu as cumpria, como sempre; a castidade, praticava-a desde que aderira à TFP; a pobreza não constituía problema, acostumado que estava a ela. Os votos de seriedade e antimundanismo eram, portanto, os mais vulneráveis: não conseguia deixar de rir diante de uma cena engraçada, jamais pude compreender os limites entre, por exemplo, olhar para uma casa bonita e apreciar sua beleza e olhar para a mesma casa bonita e sentir-me atraído *mundanamente* por ela. *In dubio pro reo*, preceitua o Direito, mas não me arriscava a menosprezar qualquer deslize que me parecesse uma falta. Assim, tornei-me um dos mais assíduos freqüentadores da capela, cumprindo ali as penitências correspondentes a tudo o que julgasse descumprimento de votos. Para cada consentimento no riso, para cada concessão ao *mundanismo*, um terço, ajoelhado e com os braços em cruz. Três faltas num mesmo dia seriam punidas com o jejum de um dia. O horário da falta deveria ser anotado com exatidão, pois a penitência deveria ser cumprida, sem apelação, no prazo de 24 horas. Desrespeitado esse prazo, viria o pior: o pecado mortal!

9

Meus nervos estavam mais tensos do que antes de eu chegar a Belo Horizonte. A vida no semi-êremo e as obrigações diárias que ela acarretava, a cerrada vigilância aos votos que professara, a constante pressão a que éramos submetidos por Cícero, o supervisor das sedes e uma espécie de *quidam* supremo de Belo Horizonte, para que nos mantivéssemos sem cessar compenetrados inteiramente de nossa missão, da luta entre a Revolução e a Contra-Revolução, da iminência da *Bagarre*, da santidade e profetismo de *Dominus Plinius*, de quem deveríamos imitar o modo de ser, de pensar e de agir — esse conjunto de imposições estava provocando o caos em meu organismo.

Mente turva, dores por todo o corpo, sofreguidão, zumbido nos ouvidos, a vista cansada ao menor esforço: com o tempo, essas manifestações se sobrepunham continuamente, fazendo-me perder, em períodos intermitentes, o sentido de direção quando me

encontrava na rua. Quando isto acontecia, tinha a sensação de que meus pés não mais tocavam o chão, o caminhar era trôpego, os carros fundiam-se uns aos outros, edifícios e casas perdiam seus limites definidos para oscilarem de cima para baixo, de um lado para outro. Tudo o que me circundava me dava a impressão de ser irreal, impreciso e pulsante ao mesmo tempo. Um delírio.

Por sugestão do doutor Adalberto, pedi licença ao *quidam* e fui passar alguns dias numa chácara pertencente a um *membro do grupo*, na Serra da Moeda, a aproximadamente 40 quilômetros de Belo Horizonte, onde morava um *camaldulense*. Só, impedido de falar com os companheiros que eventualmente o visitassem — com os quais se comunicava através de sinais e bilhetes —, Renato levava a vida de verdadeiro ermitão. Sua casa, de dois cômodos e um banheiro, fora construída num dos lugares mais altos da serra, de onde se desfrutava visão deslumbrante: montanhas e vales sucediam-se infindavelmente, nuvens adquiriam cores estupendas de acordo com a posição do sol, que se punha na direção frontal da casa. Ali só se produziam os ruídos da Natureza, o roçar do vento nas árvores, o gorjeio dos pássaros, o choque das águas de uma cascata com as pedras que canalizavam sua queda. À esquerda da casa — de alvenaria, construída a um metro do solo, amarela, com janelas e portas brancas —, uma tosca capela, mais parecida com uma cabana, ocupava a extremidade de uma das raras partes planas da chácara.

Renato visitava pouco Belo Horizonte e menos ainda as sedes centrais de São Paulo. Porém, em seu isolamento, não relaxava a proximidade com a TFP, mantendo renovável estoque de circulares, comunicações internas e fitas magnéticas com as reuniões de *Dominus Plinius*, que escutava num gravador movido a bateria. Sua disciplina espartana levava-o a acordar com o nascer do sol, exercitar-se, tomar banho, rezar durante mais de uma hora e, só depois, alimentar-se ligeiramente. Passava todo o resto da manhã estudando, preparava o almoço, fazia rápida sesta, tornava a rezar e dedicava-se por algum tempo a trabalhos manuais. No final da tarde, na maioria das vezes voltado para o pôr-do-sol, recitava o *Ofício Parvo*, cantava o *Angelus* e, aproveitando os restos de luz, caminhava lentamente, meditando ou rezando o terço. À noite, à luz de lampiões, estudava um pouco mais e se deitava — numa cama sem colchão.

Renato avisou-me, dois dias depois de minha chegada, que precisava ir a Belo Horizonte para comprar provisões.

— Não demoro. Amanhã ou depois estarei de volta — escreveu num bilhete.

Imprevidente, eu não levara nada, absolutamente nada para comer. Restavam na cozinha, verifiquei logo após a saída dele, apenas uma lata de leite em pó, um pouco de açúcar e tabletes de um doce de sabor indefinido, apesar de a cor avermelhada indicar alguma semelhança com a goiabada. "Por um ou dois dias terei o suficiente" — pensei, sem dar-me conta da gafe cometida por chegar lá com as mãos vazias.

A escassez de alimentos não me preocupava, entretido que estava com as belezas naturais daquele local e com a paz de espírito que elas traziam. Silêncio, solidão, contemplação — justamente o que precisava. Não havia ninguém para vigiar-me, ninguém para cobrar-me, ninguém para punir-me. Não havia horários para cumprir, não havia obrigações, não havia tarefas nem punições. Rezava todas as orações habituais, sim, mas nos horários em que me sentia disposto, nos locais que mais me apeteciam — na capela, no cume da montanha, junto à cascata ou à beira de um minúsculo lago que se formava com suas águas, entre as pedras. Paz.

Passou o primeiro, terminou o segundo dia. E Renato não voltou. Já havia comido mais da metade dos tabletes de doce, a lata de leite estava quase no fim, e sentia uma sensação esquisita no estômago, não de fome, mas de enjoamento. Terceiro dia: Renato ainda não voltara. O leite acabou, restavam pouco mais de dez tabletes de doce. O intestino, ressentido da falta de alimentação sólida e do excesso de doce, contraía-se, levava-me com mais freqüência ao banheiro. Quarto dia, e nada de Renato aparecer. Comi apenas três tabletes, o estômago já os rejeitava. A diarréia não podia mais ser evitada.

Na tarde desse dia, enquanto caminhava para passar o tempo, senti forte atração de banhar-me no lago. Aproximei-me dele, tirei os sapatos e mergulhei os pés na água. O sol estava forte, fazia-me suar, e a água fria que me banhava os pés atiçava-me o desejo de penetrar nela, de entregar-me. Tirei a camisa, deixando o sol castigar-me o dorso, desabituado a ele, e fechei os olhos para sentir melhor aquele contraste: a água nos pés, suave e fria; o sol causticante nas costas, inundando-me com sua energia e calor. Meu corpo estava entorpecido, displicente. A água convidava-me a entrar nela, por inteiro, mas, ao mesmo tempo em que tinha forte desejo de mergulhar, esbarrava numa questão de consciência. Não havia levado calção de banho, não queria molhar a cueca, nadar nu parecia-me senão um pecado ao menos um desrespeito para comigo, que não olhava para meu corpo sequer durante o banho diário. Relutante, olhei para os lados. O que poderia avistar além de

montanhas e mais montanhas, pedras e vegetação? Não havia ninguém, absolutamente ninguém. Então, o que poderia temer? Renato, talvez, se ele chegasse naquela tarde. Mas, da posição em que estava, avistava a estrada, bem abaixo, por onde inevitavelmente ele teria de passar.

Estava em segurança, porém, quanto mais pensava em despir-me mais hesitante ficava. A hesitação em choque com a vontade atiçava-me a ansiedade. Olhava repetidamente para os lados, contemplava o lago, fechava os olhos para acalmar-me. E, então, ouvia o regurgitar da água deslizando entre as pedras... Não resisti, tirei a calça, voltei a rastrear as imediações. Ninguém, ninguém. Curvei-me sobre o lago, molhei o rosto, umedeci a nuca, lancei novos olhares ao redor. Ninguém. Fiz o sinal da cruz, rezei algumas ave-marias, abaixei lentamente a cueca e ajeitei-a com cuidado entre a calça, dobrada sobre uma pedra, bastante visível e de fácil acesso em caso de urgência. Meu coração batia rápido. Novamente olhei para os lados. Ninguém, absolutamente ninguém. Dando passos tímidos, equilibrando-me sobre os pedregulhos, procurei os lugares mais fundos do lago, agitando os braços para provocar ondas. Com a água ao pescoço, mergulhei, subi à tona, mergulhei de novo. Há mais de quatro anos não experimentava aquela sensação de liberdade, de despreocupação. A água fria, envolvendo todo o meu corpo nu; a Natureza, indolente e protetora; minha mente, entregue momentaneamente a coisas miúdas, inocentes. Alternava períodos dentro d'água — brincando com pedregulhos, mergulhando com os olhos abertos para vislumbrar o fundo e as margens do pequeno lago — com períodos sobre as pedras, deitado de costas, sorvendo o calor e a luz do sol, deixando-me conduzir pelas múltiplas sensações que me invadiam. Paz. Principalmente paz. Estive tão absorto que não percebi as horas. Quando me dei por mim o sol já se escondera, seus últimos raios douravam as poucas nuvens que se formavam no horizonte...

Aquela noite foi uma das mais tranqüilas dos últimos anos. Meu corpo estava relaxado, a mente despreocupada. Sentia sono e relutava em ir para a cama, pois teria de abandonar lá fora o céu azul-marinho forrado de estrelas, o frescor, o murmúrio do vento.

Quinto dia. E Renato também não apareceu. No sexto, ele surgiu à soleira da porta, sorridente, com uma grande sacola repleta de alimentos. Que alívio!

Minha licença, infelizmente, terminava no dia seguinte. Não podia mais continuar ali, precisava retomar a rotina de Belo Horizonte.

10

Rotina? Estava muito enganado. Uma sucessão de acontecimentos iria lançar a TFP numa de suas piores crises, ameaçando até sua existência legal.

A crise começou com uma notícia chocante: ao voltar de uma reunião com os eremitas de *Amparo, Dominus Plinius* sofrera grave acidente: sua *Mercedes*, que trafegava em alta velocidade, ficou prensada entre um caminhão e um dos carros de sua segurança, que vinha logo atrás. Várias pessoas de sua comitiva ficaram feridas, porém o mais atingido foi ele. Bacia e coxa fraturadas, lesões por todo o corpo — seu estado era crítico, somando-se a extensão dos ferimentos à diabete e à sua idade, então próxima dos 67 anos.

De Norte a Sul do Brasil e em todos os países nos quais a TFP estava instalada, iniciamos vigílias ininterruptas, rezando para que ele se recuperasse rapidamente. Sua morte não a temíamos, porque o julgávamos imortal: uma vez estruturado o Reino de Maria, *Dominus Plinius* seria transportado, vivo, num carro de fogo para a Montanha dos Profetas, onde, segundo algumas correntes católicas, estão Enoch e Elias. Os dois profetas devem juntar-se a São João para testemunhar a luta entre Deus e o antiCristo, luta que teria ainda — na previsão de alguns setores da TFP — um quarto espectador, *Dominus Plinius*, digno dessa honraria por seu papel de destaque na História.

Nossas atividades — refeitos do susto — prosseguiram sem alteração, mas nossas vidas já não eram mais as mesmas. Sem as reuniões e orientações de *Dominus Plinius* sentiámo-nos aturdidos e incapazes de analisar os acontecimentos diários. Criou-se um vazio, um distanciamento em relação aos fatos, e as notícias mais importantes para nós passaram a ser as que se referiam ao estado de saúde de nosso líder.

Pouco a pouco, *Dominus Plinius* se recuperava. Imóvel num leito de hospital, ele recebia diariamente os membros mais velhos da Organização, era informado das atividades da TFP, ditava ordens, aconselhava, lia resumos dos acontecimentos políticos diários. Mas não foi sem surpresa que soubemos que ele decidira lançar a segunda campanha contra o divórcio, para bloquear outro projeto do senador Nelson Carneiro. A primeira investida fora feita em 1966, quando a TFP coletou mais de um milhão de assinaturas contra o projeto de lei. Desta vez, abril de 1975, divulgaríamos a carta pastoral *Pelo Casamento Indissolúvel*, de dom Antônio de Castro Mayer.

Quando soubemos da campanha, faltavam poucos dias para seu início. Recebemos a carta pastoral para estudá-la antes de sair às ruas e algumas instruções de como nos comportar diante de pessoas hostis. Foi-nos entregue uma lista dos argumentos que essas pessoas poderiam usar em defesa do divórcio acompanhada dos respectivos contra-argumentos. E tínhamos ordem de evitar qualquer briga, mesmo que, para isso, precisássemos fugir da pessoa ou do grupo de pessoas que nos instigasse. Era a primeira vez que recebia instrução semelhante, pois em campanhas de rua era-nos proibido agredir, porém se aconselhava não deixar o agressor sem resposta. Afinal, para que treinávamos caratê?

Enfim, a campanha começou. Percorreríamos primeiro as pequenas cidades, depois as médias, finalmente as grandes. Batíamos de porta em porta, parávamos nas ruas o maior número possível de pessoas, gritávamos *slogans* sem cessar (para isso nos revezávamos com os megafones), subíamos e descíamos ladeiras, corríamos a cidade de ponta a ponta. Durante a noite, nos acomodávamos em qualquer lugar — escolas, salões paroquiais, dentro das *Kombis* — alimentávamo-nos onde conseguíssemos refeições gratuitas ou com descontos, tomávamos banho até em banheiros de postos de gasolina. Começávamos a trabalhar entre oito e nove horas, muitas vezes em jejum — o horário das refeições e até mesmo a conveniência de nos alimentarmos ou não ficava a critério do *quidam* — e só suspendíamos a venda dos livros quando a noite chegava. Eu e alguns de meus companheiros, que havíamos raspado o cabelo pouco antes do início da campanha, ficamos com bolhas na cabeça devido ao tempo prolongado em que nos expúnhamos ao sol. Dias agitados, noites maldormidas — mesmo assim, o *quidam* não permitia que alguém cochilasse no carro durante o deslocamento entre uma cidade e outra. Pois, mais importante que a venda das cartas pastorais eram os sacrifícios que fazíamos para impedir, numa ação espiritual, que os congressistas aprovassem o projeto do divórcio.

Nosso líder doente, uma campanha estafante, e agora uma nova ameaça: jornais de todo o país iniciavam campanha desfavorável a nós. O estopim fora um acidente que presenciei, na periferia da cidade mineira de Lavras. Um de meus companheiros se aproximou bruscamente de um homem montado a cavalo, sem perceber que ele estava lutando para controlar o animal, assustado possivelmente com nossos gritos, capas e estandartes e com o nosso corre-corre ao seu redor. Estava a mais de 30 metros de meu companheiro, tentei alertá-lo para que se afastasse e, infelizmente, não pude

evitar: incontrolado, o animal disparou e atropelou uma mulher que atravessava a rua, jogando-a de costas contra a guia da calçada. Corri na direção da vítima, que desmaiara com o choque, segurei sua cabeça enquanto meus companheiros preparavam seu transporte para o hospital. Minhas mãos ensoparam-se de sangue. E tivemos de abandonar a cidade às pressas, fugindo da polícia.

As notícias contrárias a nós ficaram mais freqüentes quando atingimos as grandes cidades e tornaram-se diárias depois que o Congresso rejeitou o projeto de Nelson Carneiro, quando, então, surgiram informações de que a Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul poderia criar uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar as atividades da TFP naquele Estado. Ainda atordoados pelo *estrondo publicitário* — a designação que a TFP dá à repetição de notícias desfavoráveis a ela —, tivemos de preparar-nos, mal havíamos encerrado a campanha, para enfrentar a CPI. Os deputados gaúchos, de fato, aprovaram a CPI e outros Estados emitiam sinais de que poderiam repetir a atitude.

Estávamos tensos, evitávamos conversas dispersivas, rir era considerado ultraje. Passávamos muitas horas decorando um manual contendo aproximadamente 50 respostas às perguntas que nossos superiores julgavam inevitáveis que os deputados fizessem: doutrinas básicas da TFP, sua estrutura, nosso relacionamento com a família, a devoção a *Dominus Plinius*, nossos recursos materiais, objetivos — enfim, todas as críticas e dúvidas acumuladas contra a Organização desde sua fundação foram relacionadas no manual. Não era suficiente que apreendêssemos o sentido das respostas a essas críticas e dúvidas; era preciso repeti-las literalmente, sem o menor desvio.

O *estrondo publicitário*, somado à ação dos deputados gaúchos e à mobilização dos deputados de outros Estados e até dos federais, fazia-nos temer a intervenção do governo central, proibindo nosso funcionamento. O *estrondo* durou de maio a dezembro e, pouco antes de tornar-se cada vez mais rarefeito até extinguir-se, já estávamos preparados para enfrentar o pior: a clandestinidade. Ou a *dispersão*, como preferíamos chamar nossa possível existência ilegal. Todas as nossas anotações particulares, correspondências individuais, circulares internas, fotografias de *Dominus Plinius* com sua dedicatória — tudo isso foi queimado, sem clemência, sob os olhares inquisitoriais dos *quidam*. Os ternos, nossas indumentárias obrigatórias, foram substituídos por calças sociais e jaquetas esportivas; os coturnos e boinas, proscritos; as grossas correntes que alguns levavam à cintura, dedicadas à escravidão à Virgem,

atiradas ao lixo; os cabelos raspados a pente nº 1 tornaram-se mais densos. O termo *militante*, adotado pela TFP em seu estatuto para designar seus membros, foi rapidamente substituído por *cooperador*: evitava-se, assim, a analogia com a palavra *militar*, pois éramos acusados, entre outras coisas, de constituir uma organização paramilitar.

A situação era grave e fazia-se refletir na fisionomia de nossos superiores, invariavelmente carregada. Nós, os mais novos, procurávamos preparar-nos psicologicamente para o momento em que teríamos de abandonar nossas sedes, conseguir emprego para garantir nossa subsistência material e lutar desesperadamente para prevenir nossa sobrevivência espiritual. Nossas almas, acreditávamos, correriam grave risco de danarem-se de vez, perdida a convivência reconfortante em nossas sedes. Como faríamos para nos manter fiéis a *Dominus Plinius*, a encarnação de nossos ideais, se não pudéssemos mais assistir às suas reuniões? Seríamos obrigados, então, a seguir o exemplo dos primeiros cristãos, que, para fugir à perseguição dos imperadores romanos, se reuniam secretamente nas catacumbas?

Já abalado por meu precário estado de saúde, que se agravara durante a permanência em Belo Horizonte, não me era fácil suportar esse clima de expectativa. Se nos três primeiros anos de militância na TFP meu fervor fora intercalado por momentos de hesitação, o quarto ano fora marcado pelo comportamento inverso. Minha doença e a constatação de que muitos companheiros também passaram a sofrer dos nervos e, em alguns casos, chegaram a enlouquecer, fizeram-me arredio. Não mais aceitava as doutrinas incondicionalmente e, por não investigá-las (com medo de flagrar-me suspeitando do ideal ao qual entregara minha vida), depositava todos os novos conceitos que conhecia numa parte morta do cérebro.

Minhas convicções se enfraqueciam sob o efeito da crescente desconfiança de que o modo de pensar e de agir da TFP poderia ser a causa de minha doença e da loucura de alguns companheiros. E sofreram um golpe mortal quando fui informado do motivo que levou *Dominus Plinius* a lançar a campanha contra o divórcio. Logo após seu acidente, um grupo de militantes veteranos quis aproveitar-se de seu estado crítico para assumir o controle da Organização. Cícero, que informou sobre a conspiração, sem entrar em detalhes, durante uma reunião do *Semi-êremo de Rhodes*,

disse que esse grupo(*) duvidava que *Dominus Plinius* pudesse continuar liderando a TFP e não mais confiava em sua saúde psíquica. Para freá-los e provar que sua capacidade mental não fora prejudicada pelo acidente, *Dominus Plinius* lançou, então, a campanha. E, segundo Cícero, ele pressentira que, devido à campanha, surgiria o *estrondo*: vastos segmentos da opinião pública estavam predispostos a admitir o divórcio e os órgãos de comunicação canalizariam essa predisposição contra nós.

A revelação de Cícero conduziu-me a situação impensável: discípulos do Profeta de Maria rebelando-se contra ele e tramando a ocupação de seu cargo, num motim que levou a TFP a correr o risco de ser fechada(**)...

(*) Alguns membros desse grupo eram conhecidos por nós como *fumaças*, isto é, pessoas que se interpunham entre nós e *Dominus Plinius* para impedir que a influência dele fosse maior. Mas daí a querer tirar-lhe o comando, a diferença era enorme.

(**) A CPI ficou restrita ao Rio Grande do Sul; seu parecer não chegou a meu conhecimento.

10

"Sabugo", apóstata. É o fim

Um *sabugo.* Sim, eu me transformara num *sabugo:* não havia o que me reavivasse o entusiasmo, perdera o interesse em estudar as doutrinas da Organização, a audição dos *Santos do Dia* ficou enfadonha e quando ia a São Paulo — em intervalos cada vez maiores — procurava sempre os últimos lugares do auditório. Se exteriormente ainda mantinha as aparências — usando agora a jaqueta em lugar do paletó, abolido durante o *estrondo publicitário* —, interiormente sentia como se uma nuvem de fuligem me ofuscasse a mente. O convívio com meus companheiros se tornara desgastante e, para compensar o isolamento crescente, recorria com avidez aos livros de História.

Belo Horizonte estava insuportável. Depois de curto período em Curitiba (dois meses, não mais), fui aconselhado a voltar para Londrina. Voltar ao local de origem! Com isso assinava um atestado de decadência, revelando meu declínio espiritual. Pois, se um membro da TFP tem de romper com seus círculos familiar e social para melhor se dedicar à causa, retornar a estes ambientes corresponde a flagrante recuo, à evidência de que o germe revolucionário, adormecido ou sufocado, recuperou a vitalidade e retomou seu ciclo "infeccioso".

Leonardo, um dos três membros da *Comissão do Movimento*, com o qual viria a manter freqüentes encontros, sugeriu-me que pedisse a *Dominus Plinius* a dispensa dos votos. Foi uma atitude protocolar, pois não necessitava aguardar o consentimento do Profeta para considerar os votos suspensos. Escrevi a carta, e pronto: estava desimcumbido deles, para meu alívio.

Em Londrina éramos poucos — três ou quatro, depois do êxodo dos rapazes da minha geração, que se transferiram para outras cidades —, e ali me sentia mais descontraído. Não havia horários nem regras e tampouco punições. Pude rever alguns amigos de adolescência e visitava quando quisesse minha família, que, aliás, assumira a responsabilidade de financiar meu tratamento. O tratamento recomeçou com consultas a um otorrino (o zumbido no ouvido me atormentava sem cessar) e a um neurologista. Terminados os exames, ambos prescreveram, para minha reabilitação, além dos remédios, naturalmente, uma temporada no campo. Ótimo, era o que queria.

Quanto mais constantes e prolongadas eram as viagens ao campo, mais alheio ficava a tudo o que se relacionasse à TFP. No intervalo entre as viagens, ouvia as gravações dos *Santos do Dia* a contragosto, induzido por meus companheiros, aos quais me faltava coragem de confessar que essas sessões há muito me aborreciam. A pretexto de a biblioteca da sede possuir poucos livros, a maioria dos quais havia lido, passei a recorrer assiduamente à biblioteca pública. Ali, retirava os livros que me agradassem, sem consultar o apóstolo itinerante — que exercia a função de *guidam* — sobre sua conveniência. Li Eça de Queiroz, Alexandre Herculano, Victor Hugo, Tolstoi... Gabriel Garcia Marquez. À medida que os lia, mais suas obras me cativavam, afastando-me ainda mais a atenção das doutrinas da TFP, dos ensinamentos de Plínio Correa.

A esse distanciamento intelectual somou-se gradualmente um distanciamento psicológico, abrindo caminho, numa etapa seguinte, para o afastamento religioso. O convívio com outras pessoas que não somente os militantes induzia-me a assimilar novas idéias, a olhar o mundo com mais clemência. Seriam as pessoas tão más como acreditara nos anos anteriores? Não, não me parecia correto. Defeitos, claro, todas possuíam, mas seríamos meus companheiros e eu isentos deles? Longe disso. Está bem, martelava-me o cérebro: essas pessoas não tinham o comportamento que julgávamos deveriam ter: rezavam mecanicamente (*quando* e *se* rezavam), vestiam-se de modo igualitário (as mulheres, além disso, usavam trajes sensuais), preocupavam-se exclusivamente consigo, desprezando tudo ou quase tudo o que não se relacionasse com elas. Mas isto justificava que nos isolássemos delas? A TFP argumentava que sim, eu já tinha dúvidas sobre esse procedimento.

Interiormente, porém, lutava para não pensar dessa maneira e esforçava-me para impedir que me influenciasse pelo mundo exterior — agora nem tanto exterior assim. Rezava continuamente

quando saía às ruas, antes de qualquer encontro com meus familiares, ao voltar para a sede, em quase todas as ocasiões. Mas sentia — e quanto a isto não me enganava — que estava vivendo um típico processo de apostasia.

Apostasia! Ao ouvir esta palavra ou pensar nela sofria um abalo interior. Apostasia: o maior de todos os crimes que alguém na minha condição — membro da sagrada linhagem eleita por Deus para destruir a Contra-Revolução e implantar o Reino de Maria — poderia cometer. Não, a apostasia nunca! Teria a coragem, mais que isso, a falta de escrúpulos, de abandonar a TFP? Dias e dias, semanas, meses a fio, essa pergunta me perseguia. Não, eu me julgava incapaz disso. Mesmo assim, estava inseguro. Era preciso rezar para que isso não acontecesse, e então rezava, rezava desesperadamente, recorrendo a todas as minhas forças. Um apóstata, jamais!

2

O apóstata sempre fora repelido com repulsa por meus companheiros. Não havia piedade para quem deixasse a Organização, antes o ódio disseminado para aqueles que se afastassem. Ria-se, zombava-se deles, execrava-se sua atitude. Um comportamento, aliás, que sempre me parecera pouco cristão, injustificável para aqueles que acreditavam possuir a missão de salvar as almas do fogo eterno. Se em raras ocasiões havíamos oferecido nossas orações coletivas para a salvação dos pecadores, eu não me lembrava de, uma única vez sequer, ter ouvido oferecimentos para um apóstata.

Seres abjetos e repulsivos, os apóstatas não mereciam nem ser cumprimentados por nós se, eventualmente, os encontrássemos. As poucas exceções a esta regra tácita eram aplicadas aos casos de conveniência. Aos demais, a distância, o silêncio, o gelo implacável.

O apóstata, acreditávamos, carregava em si toda a herança da maldição divina. Ao renegar a missão profética para a qual nascera, ele jamais encontraria a felicidade. Ao renunciar ao Bem, ele se tornara escravo do Mal — e entre todos os pecadores não haveria pecador maior que ele: pois ele conhecera a Luz e se entregara á Treva. A apostasia seria o pesado fardo que carregaria o resto de seus dias, obrigando-o a arrastar-se na lama do pecado e da traição.

Fadado ao remorso pelo crime praticado e à nostalgia de seu período de fidelidade, o apóstata corria ainda o risco de ser vítima de uma tragedia, a punição divina para sua traição. A morte trágica

ou algum acidente que o inutilizasse para sempre estaria rondando seus passos, ameaçando sua existência. A ele poderia ocorrer algo semelhante ao acontecido a esses ex-companheiros:

1. Um veterano militante abandonou a TFP porque não admitia continuar impedido de freqüentar o curso superior enquanto seus amigos externos (e o fato de ter amigos que não fossem os da Organização constituía uma grave falta) estavam por se formar ou já se haviam formado. Depois de se afastar da Organização, ele se matriculou numa faculdade do subúrbio paulistano e, numa manhã, quando viajava de trem para ir às aulas, seu vagão foi atingido violentamente por outro trem. E ele morreu esmagado entre ferragens retorcidas.

2. Outro veterano, do Rio de Janeiro, deixou a Organização para trabalhar num dos órgãos de informações do governo. Quando tomava sol numa praia, foi assassinado a tiros.

3. Um argentino, membro de tradicional e abastada família portenha, morreu eletrocutado enquanto tomava banho. Deduziu-se que esbarrou no abajur, colocado ao lado da banheira, que, em contato com a água, provocou curto-circuito. Morte instantânea.

4. Para mim, o exemplo mais eloqüente, porque havia convivido com o protagonista: Mário, ex-seminarista, foi um dos primeiros militantes que conheci, ainda durante meu "noviciado" em Londrina. Transferido para os Estados Unidos, lá ele arranjara um bom emprego e se casara. Mas não pôde desfrutar dessa situação por muito tempo, pois foi dominado repentinamente por febre tão intensa que, para abrandá-la, o último recurso encontrado pelos médicos foi imergi-lo numa banheira com gelo. Em vão: a febre não pôde ser contida e, em meio a convulsões, seu sangue jorrou pelos ouvidos. Uma morte cruel!

3

O que poderia acontecer-me se apostatasse? Ao pensar nesses termos, caminhava apressadamente para a ruptura com a TFP. Pois o simples fato de temer a represália divina era sinal claro de que me predispunha a praticar o crime que poderia acarretá-la. Desinteressavam-me as doutrinas e os objetivos da Organização; agora eles provocavam em mim, nas raras vezes em que pensava nisso, uma sensação de estranheza e alheamento. Minha mente não mais pertencia à TFP: buscava algo que não sabia identificar e, ao mesmo tempo, tinha medo de continuar nessa busca. No final do caminho, ou até mesmo no meio dele, poderia deflagrar a cólera de Deus.

Estava numa encruzilhada e não sabia qual dos dois caminhos seguir.

O que conhecia — o da TFP — não mais me atraía. Começara a trilhá-lo há quase cinco anos, e a cada dia ele se mostrara mais longo, sinuoso, misterioso e ameaçador. As setas que surgiram às suas margens durante todo esse tempo indicavam para a santidade, o combate, a glória. Renunciei a meus planos de adolescência para obedecer a essas indicações, e elas me fizeram caminhar em círculos, escorregar, atolar. Quando me sentira tentado ao desânimo, encontrara forças que me incentivaram a prosseguir, apontando para o final da estrada: o Reino de Maria! E eu me levantara, enxugara o suor e continuara. Mas, agora, me sentia sem essas forças e, pior, perdia gradualmente a fé no ideal, ideal que iluminara minha adolescência e tumultuara o início de minha juventude. Até quando deveríamos esperar por esse reino, sobre cujas possibilidades eu jamais ouvira falar, exceto nos recintos fechados da TFP? Não seria algum mal-entendido ou a cega esperança de realização de uma hipótese remota? Não nos comportávamos como os soldados e oficiais do Forte Bastiani — os personagens criados por Dino Buzzati em *O Deserto dos Tártaros* —, que consumiam suas vidas, sua saúde física e mental, seus sonhos, suas ambições na expectativa do ataque dos temíveis tártaros? O ataque não vinha, nem sequer se ouvia falar dos tártaros, mas para a guarnição do Forte Bastiani não havia outro motivo para viver senão aquele: esperar, esperar, esperar...

O segundo caminho — o rompimento com a Organização e o retorno às minhas origens — surgia imerso numa espessa neblina. Passara os cinco anos anteriores numa luta contínua para desvencilhar-me dos meus antigos hábitos, para cortar todos os laços que me uniam ao mundo exterior e para adotar outro comportamento, decorrência de uma nova concepção do Universo. Nesse período acreditara que somente nos ambientes da TFP (ou nos limites do Forte Bastiani?) residia a Verdade, a Lealdade, a Virtude. Numa palavra, a Vida. Fora, ao contrário, o mundo submergia sob o império da Treva, da Traição e da Mentira. Da Morte.

Então, qual caminho tomar? O da miragem? Ou o da realidade?

Ambos despontavam cheios de incógnitas, nenhum me parecia seguro.

Hesitava. E, quanto mais me demorava a decidir, mais alimentava a angústia, angústia que aumentava à medida que se entrecruzavam, confusas e caóticas, as forças opostas que agiam em meu

interior. Ora era atraído para um lado, ora impulsionado para outro. E não encontrava o equilíbrio que me devolvesse a serenidade.

A indefinição persistia. Enquanto não me resolvia por qualquer dos caminhos que tinha à frente, resolvi fechar os olhos e deixar-me conduzir pelos impulsos que se fizessem mais fortes.

E as forças do mundo foram, pouco a pouco, sobrepujando o que eu sempre julgara as forças divinas...

4

Duvidando de meu ideal, deixara-me envolver de maneira crescente por novos valores: o relacionamento social, a abertura de novas amizades, o progresso econômico (começara a trabalhar, para espanto de alguns companheiros), uma vida material cômoda e despreocupada. Minhas roupas se tornavam mais coloridas e descontraídas (recusava-me a usar fora da sede a jaqueta, pois isto me parecia um contra-senso sob o intenso calor do Norte do Paraná) e assumia hábitos *escandalosos*: conversava com mulheres, freqüentava festas, ouvia músicas *revolucionárias* nas sempre mais assíduas visitas à minha família, tomava cerveja em lanchonetes e até bebia *Coca-Cola* usando canudinho (que horror, o símbolo do *establishment*!).

Afastava-me progressivamente de meu antigo *modus vivendi* e não tinha coragem de romper inteiramente com ele. Distanciava-me dele — e com isso uma barreira se levantava entre mim e a TFP. Nessa situação híbrida, preocupava-me ainda em dissimular para meus companheiros os novos hábitos que assumia e, ao mesmo tempo, em não torná-los ostensivos aos olhos de minha família. Justifico-me: rejeitara meus pais, embora recorresse vez por outra a eles para suprir minhas necessidades materiais, e sentia, por isso, vergonha de que percebessem minha nova transformação.

A metamorfose se acelerava, mais interna que externamente, criando um conflito insustentável. Faltava ainda, para a ruptura total, a ousadia de desafiar o pecado. Pecado mortal: esse estado que tentara evitar nos últimos anos — o que julgava ter conseguido — rondava-me à espreita de ligeira vacilação para me dominar. Começara a pressenti-lo desde que voltara a Londrina, quando, andando pelas ruas ou esperando nos consultórios médicos, me deixara cativar pelas mulheres e fizera esforço decrescente para conter essa atração.

Sensuais, sedutoras, elas exerciam sobre mim influência sedutora. Fascinavam-me seus sorrisos, o ondear de seus cabelos, seus trejeitos, a descontração que assumiam na maioria das ocasiões. Faziam parte de um mundo desconhecido e intrigante, que se fechara para mim em minha adolescência, mal começara a desvendá-lo. Agora, esse mundo misterioso do qual me afastara despontava em minha frente mais encantador que nunca.

Inicialmente, contentei-me em olhar para os rostos femininos, analisar seus traços e observar suas reações. Pouco a pouco, porém, meu olhar foi deslizando por seus corpos, redescobrindo formas que se haviam embotado em minha mente. O clima quente e seco da região era meu aliado, desnudando por conta própria braços e pernas bem torneados e bronzeados, que desfilavam, desinibidos e provocantes, diante de meus olhos, hesitantes e ao mesmo tempo ansiosos por focalizá-los.

Essa situação, naturalmente, não poderia durar muito: passado algum tempo, a beleza estética das mulheres tornara-se uma obsessão, e eu sentia a volúpia agitando-me o interior. Não me satisfazia mais somente vê-las: queria tocá-las, apalpar a maciez de suas peles, acariciar seus cabelos, beijá-las, sentir-lhes o hálito... penetrá-las. A barragem que construíra e fortificara nos anos anteriores começava a sofrer rachaduras, e por elas esguichava a sensualidade que, a custo, represara. E essa sensualidade, em ebulição, começou a pressionar com fúria o obstáculo que bloqueava seu escoamento.

A explosão estava próxima. Para impedi-la, agia como alguém que, no desespero por ver uma barragem oscilando e comprimida pela água que força suas frestas, apóia alguns gravetos em sua base na ilusão de reforçá-la. Rezava, jejuava, revolvendo-me entre dois pólos magnéticos: o pecado ou a virtude, a devassidão ou a pureza, o Inferno ou o Céu.

Enquanto me debatia entre esses extremos, a volúpia ganhava terreno. Tinha ereções freqüentes, um calafrio percorria-me a espinha quando avistava qualquer mulher que mostrasse as pernas ou deixasse entrever suas formas debaixo de calças colantes; um calor interno me inundava todo o tempo que estivesse na rua ou em algum lugar público. Deitado, as imagens que vira durante o dia ofuscavam-me o pensamento, e precisava cerrar os punhos com força para não ceder ao desejo de acariciar meu membro — teso e em chamas. Mordia o travesseiro, revolvia-me na cama em busca de uma posição que me agradasse, agitava-me até que o sono me nocauteasse.

Minhas resistências enfraqueciam. Uma noite, horas depois de deitar-me, não pude conter leve carícia no pênis, pressionando-o por cima da calça, e percebendo, ao tocá-lo, a nódoa de esperma no tecido, conseqüência do tesão resultante das imagens acumuladas durante semanas. Arrepiei-me todo ao sentir o contato do membro sob a calça, os músculos se contraíram e uma sensação de entorpecimento me invadiu, misturando-se à excitação e ao medo. Queria — e como queria! — prosseguir e não conseguia vencer o bloqueio. Levantei-me, tomei um copo d'água, sentei-me algum tempo na sala antes de voltar para a cama. Então, adormeci.

Na noite seguinte, o desejo venceu. Porém, mal terminei de gozar fui tomado pelo terror: havia cometido um pecado mortal! O consentimento explícito ao pecado me havia separado de Deus! Agora, a Luz que antes brilhava em minha alma — tênue que fosse — fora subjugada pela Treva. A partir desse momento, não era mais um filho de Deus, escravo e guerreiro da Virgem. Transformara-me em filho e escravo de Satanás e, com isso, expulsara os anjos que antes velavam meus passos e me cercara de uma horda de horrendos espíritos satânicos, hilariantes, exultantes de satisfação por se terem apossado de minha alma.

O Inferno abrira seus alçapões e eu me arrojava velozmente para o fogo eterno!

Meu Deus, era preciso conter essa queda!

Passei a noite agitado pela aflição. Ao levantar, sem que tivesse dormido um só minuto, tive escrúpulos de fitar-me no espelho enquanto me lavava. Vesti-me às pressas, saindo sorrateiramente da sede para me confessar. Ao voltar, o sentimento de culpa não se havia dissipado mesmo com a absolvição que me fora concedida: evitava olhar meus companheiros nos olhos, temendo que, por algum indício que deixasse transparecer, descobrissem que eu havia pecado.

O medo dos castigos eternos fez que a volúpia se retraísse por alguns dias. Tranqüilizei-me, mas logo fui surpreendido por nova investida, desta vez mais voraz que todas as demais juntas. Perdi o apetite, mal dormia, rezava só com muito esforço, e não conseguia pensar noutra coisa: sexo, sexo, sexo. Estava obstinado. Queria, precisava de uma mulher e não conseguia ultrapassar duas barreiras que se interpunham à satisfação desse desejo. A primeira, a questão de consciência: teria, novamente, a ousadia de desafiar a Deus e arriscar-me à danação eterna? A segunda: como conseguir uma mulher se, com as poucas que conhecia, mantinha relacionamento distante, formal, frio?

Os dois obstáculos se sobrepunham e, ao invés de procurar ainda mais barreiras que me impedissem de pecar, como fizera no passado, agora, me preocupava em como vencê-las. Remoía-me interiormente em busca de uma solução, sentindo a cada dia o desejo mais forte, incontrolável.. Apegava-me às orações, mas enquanto rezava não conseguia afastar meu pensamento do ato sexual. Intercalava as orações com imagens de cenas eróticas, rostos angelicais gemendo de gozo sob o peso do meu corpo, paisagens idílicas nas quais eu convivia — nu — com um número incontável de mulheres — também nuas, frescas, perfumadas.

Não, não podia mais conter o desejo. Não podia e não queria. Para liberá-lo, encontrei uma forma de contornar o primeiro obstáculo, o pecado. "Deus" — imaginei — "está acompanhando meu drama e sabe que venho lutando com todas as forças para não ceder. Esgotei as forças, e Ele, em sua infinita misericórdia, saberá compreender-me e me perdoará". O raciocínio parecia-me hipócrita de mais, porém foi o melhor subterfúgio mental que montei para aprovar o ato que me preparava para praticar.

E a mulher, onde a encontraria? Ir a um bordel, expor-me publicamente e comprometer a TFP? Jamais! Arriscar uma conquista, embaraçar-me todo e provocar alguma represália? Claro, seria isto que inevitavelmente aconteceria se tentasse aliciar alguma garota: as acanhadas táticas que desenvolvera na adolescência estavam enferrujadas, mal conseguia conversar descontraidamente com uma mulher e seria temerário de mais tentar um assalto. Restava, portanto, uma única saída.

5

Saí da catedral ofegante, com a sensação de que meu corpo estava prestes a incendiar. Recostei-me no parapeito da escadaria, com a ilusão de que o frescor da noite abrandasse o calor que me consumia interiormente, e revezava meus olhares entre o interior da igreja — onde fora na intenção de comungar, mas não tivera coragem — e o grande relógio sobre o Edifíco América, que domina todo o centro de Londrina. Faltavam alguns minutos para as oito, e tinha ainda a esperança de que alguma ação divina me impedisse de concretizar minha decisão. Passaram-se os minutos, a igreja foi-se esvaziando e eu me mantinha impassível junto ao parapeito, tomado por uma espécie de paralisia que não me deixava mexer nem pensar no que fazer. A zeladora da igreja — uma senhora de queixo vistoso que exercia essa função desde quando eu era garoto —

fechou as grandes portas de vidro. Pouco depois, as luzes se apagaram. Estava só na escadaria, alguns metros acima do pipoqueiro, estacionado na calçada, que se preparava para deixar o local.

O relógio estava para marcar oito e meia. Os minutos passavam com a lentidão de semanas, e eu continuava imóvel, assaltado pelos mesmos temores que me angustiaram logo após minha volta a Londrina e que, agora, se acumulavam e se debatiam pressentindo a iminência do pecado. Desci inseguro a escadaria, parei alguns instantes ao chegar à calçada, e, indeciso, tomei o rumo do jardim que separa a catedral da avenida Paraná, alimentando o resto de esperança de que inesperadamente surgiria a força celeste que me afastaria do crime.

Cheguei ao extremo da praça, alcancei a avenida e caminhei em direção à rua Maranhão. Ao passar diante do Cine Ouro Verde, fui tomado por um sobressalto: um grande cartaz anunciava um filme pornográfico, e uma mulher nua, pintada em dimensões generosas, convidativa, surgia desafiante aos olhares impudicos. Hesitei. Poderia ou não olhar com mais atenção o cartaz? Era o que mais ansiava naquele momento e não ousava correr o risco de ser surpreendido por alguém que me conhecesse como membro da TFP. Passei pelo cinema lançando olhares furtivos sobre o cartaz e logo atingi a rua Minas Gerais. Dobrei a esquina e senti meu coração batendo cada vez mais forte, à medida que me aproximava da rua Sergipe, ponto de *trottoir*.

6

Os 300 metros entre a rodoviária e a rua Duque de Caxias concentravam o baixo meretrício londrinense, que se transferira para esse local depois que um prefeito demolira a zona, mais afastada do centro. Era uma situação provisória, o período de ouro para os donos dos hotéis promíscuos que se aglomeravam naquela região, mal iluminada e mal freqüentada à noite, porém de comércio ativo durante o dia. Para as prostitutas, essa situação não só prejudicava seus negócios, afastando os clientes que não se dispunham a ser vistos com elas em via pública, como lhes trazia o risco de serem flagradas nas "batidas" policiais.

Em grupos ou isoladas, elas procuravam atrair a atenção dos clientes em potencial remexendo os quadris, fazendo poses extravagantes à semelhança dos manequins de vitrinas; algumas, por temperamento ou doses excessivas de álcool, provocavam pedestres

e motoristas com expressões apelativas, acompanhando-as, às vezes, de rápido desnudamento dos seios ou da parte superior das coxas. Era um comércio, concorrido comércio no qual sairiam vencedoras as que melhor soubessem expor a mercadoria em oferta.

— *Programa*? O que é isso? — retruquei, embaraçado, à prostituta a que, finalmente, tivera a coragem de me dirigir. Analisei-a detidamente antes de aproximar-me, protegido pela sombra de uma árvore que, acreditava, impediria que eventuais conhecidos me identificassem naquele lugar comprometedor. Estava trêmulo, não sabia o que fazer com as mãos e guardara os óculos no bolso da camisa para dificultar ainda mais meu reconhecimento.

— *Programa... programa* é isso que você está querendo fazer comigo, *oras*!

Entendi, surpreso por descobrir que até aquele submundo possuía seus códigos e rituais.

— Quanto você cobra?

Ela olhou-me de cima a baixo, recuou um pouco, colocou uma das mãos na cintura, meditativa, e respondeu-me, ao mesmo tempo em que fazia, com a outra mão, o sinal de "positivo".

O preço me parecia razoável, mas onde poderíamos fazer o tal *programa?*

— Logo ali tem um hotel. É limpo!

— E quanto custa?

— Já está incluído no preço, *oras*.

Começamos a andar, minhas mãos estavam úmidas e a camisa colava-me no corpo. Uma situação inédita em minha vida, a primeira vez que recorria a uma prostituta. A excitação, que antes fizera meu corpo inundar-se de calor, cedia agora à expectativa. Como seria o hotel? O que aconteceria lá? Será que alguém me vira ali, conversando com a prostituta? Ou me veriam depois? De repente, senti um calafrio: ela cruzara seu braço no meu e apoiara levemente seu corpo em mim. Tive o impulso de afastá-la, mas receei que, com este gesto, a fizesse desistir de continuar comigo.

A "portaria" do hotel era um cubículo, mobiliado com uma mesa e uma estante, no qual um homem carrancudo e bigodudo se atarantava para preencher as fichas dos muitos hóspedes que, como eu, tinham de se sujeitar em esperar alguns minutos na fila para serem atendidos. Para chegar à "portaria", passamos por um pátio, onde varais com roupa dificultavam a passagem e prostitutas se perfilavam junto às paredes, com os rostos semivelados pela escassa luminosidade do local. Era um estranho "corredor polonês", pelo

qual necessariamente todo *freguês* tinha de passar e os solitários podiam escolher livremente as parceiras que mais lhes agradassem.

Minha companheira, demonstrando pleno conhecimento do terreno, apanhou as chaves assim que preenchemos a ficha e conduziu-me, pelas mãos, ao quarto indicado. Esgueiramo-nos entre corpos suados e seminus que se refestelavam nas escadinhas dos quartos, todos ligados por compridos e estreitos corredores. Fechamos a porta do nosso quarto, e um cheiro de porra, mofo e suor revolveu-me o estômago. Ia abrir a janela quando minha companheira me fez desistir:

— *Tá loco*!? Se você deixar isso aí aberto, daqui a pouco vai ter um monte de caras olhando pra nós!

Esquadrinhei o quarto com o olhar, percebendo o azul desbotado de suas paredes, a poeira e o mofo acumulados, o reboque despregando em vários locais. No canto, uma pia servia como único objeto de higiene, e uma toalhinha encardida estava suspensa por um prego. Ao lado da cama, uma cadeira sustentava um rolo de papel higiênico — e era essa toda a mobília e decoração.

Terminei o reconhecimento do local e surpreendi-me com minha companheira estirada sobre a cama, apenas com a calcinha. Fiquei paralisado alguns instantes, analisando seu corpo, detendo-me em suas curvas, deliciando-me com seus seios e com os pêlos espessos que sua reduzida calcinha não conseguia encobrir. Essa visão me fez esquecer a promiscuidade do ambiente e senti meu pênis dilatando-se, explosivo, forçando a calça.

— Então, você não vai me pagar apenas para ficar olhando, vai? — ironizou a prostituta, ordenando: — Vamos, *meu*, tire a roupa!

Despi-me e deitei-me ao seu lado, sem saber o que fazer a partir daquele momento. Atinha-me em olhar para ela, mantendo meu corpo distante do seu.

— Tem cigarro? — perguntou-me.

— Não, não fumo.

— Eu já imaginava. Qual o seu nome?

Respondi-lhe, ela fez um elogio de cortesia e, depois de curta pausa, observou:

— Que pau, *meu*!

E começou a acariciar-me o sexo.

Juntei meu corpo ao dela e, ao sentir seu calor, não pude conter ligeiro estremecimento. Comecei a acariciar-lhe a pele, fascinado com sua maciez. Ao descer as mãos à sua coxa, ela curvou-se um pouco, retirou a calcinha e voltou a colar-se em mim.

— O que você passa na pele? — perguntei-lhe, intrigado com sua consistência.

— Nada.

Não era possível, ela tinha de usar algum creme! Ou será que toda pele feminina era como a dela, tão macia e aveludada que dava a impressão de poder dissolver-se a um contato mais forte? Era assim a pele de minhas namoradinhas de adolescência? Não me lembrava. Nos últimos anos, perdera a noção das características do corpo feminino.

Paguei e agradeci-lhe pela atenção, desculpando-me por tê-la retido quase duas horas ao meu lado, pois, nervoso, só conseguira gozar depois de muito esforço. Saímos juntos até a porta do hotel e, ao despedir-nos, ela fez-me uma pergunta que, possivelmente, sufocara desde o início de nosso encontro:

— Me diga uma coisa, com toda a sinceridade...

— Pois não.

— Você é padre?

7

Leonardo olhava-me com perplexidade, esforçando-se para manter-se impassível, enquanto, do outro lado da escrivaninha, eu me sentia achatado, falando com dificuldade e lutando para conter as lágrimas. Meu queixo tremia, as palmas das mãos estavam suadas, gélidas, e procurava encontrar no olhar dele qualquer resquício de piedade. Relutara quase duas semanas e, finalmente, resolvera confessar-lhe o pecado que cometera. Seus olhos, porém, evitavam encontrar os meus e, como todos os músculos de seu rosto, se mantinham inflexíveis.

O intervalo entre o ato sexual e aquela confissão fora torturante. Assim que deixei a prostituta à saída do hotel, mergulhei num mar de desespero. Fora longe de mais, pecando mortalmente e sujeitando-me a eventual reconhecimento. Sentira prazer, limitado pelo nervosismo que envolveu aquele ato, somente por alguns instantes. Depois disso, a apreensão tomou conta de mim, trazendo a angústia, o remorso e o medo. Sentia como se uma bomba estivesse para explodir a qualquer instante dentro do peito porque, com o ato sexual, meu antigo universo de valores, que se vinha decompondo sob a força de novos valores, ruíra definitivamente. Dele, sobravam apenas alguns fragmentos, e esses fragmentos, revoltados, debatiam-se para reconstituir o edifício em ruínas.

Foram esses fragmentos que me levaram àquela confissão, feita

desde o início sob grande tensão. Leonardo interferiu poucas vezes, para pedir esclarecimentos sobre alguns pontos que, confuso, eu apresentara de modo incompleto. Chorei, interrompendo a conversa várias vezes para recompor-me. Por fim, ele pediu tempo para estudar minha situação, que somente seria definida em consulta a Plínio Correa.

— O seu estado é muito delicado, senhor Pedriali — disse-me alguns dias depois, quando o procurei no *Éremo de Jasna Gora.* — Ninguém pode garantir que o senhor não tenha sido visto. O senhor colocou em risco a imagem da TFP e poderia até ter provocado um escândalo.

Concordei. Desta vez estava mais calmo, controlado, esperando com resignação o veredicto de Plínio Correa, que Leonardo me transmitiria.

— O que o senhor fez — advertiu — é motivo para expulsão!

Levei um choque, mas em seguida ele suavizou:

— Por misericórida e em consideração aos serviços que o senhor prestou à TFP, *Dominus Plinius* decidiu mantê-lo. Para isso, no entanto, teremos de nos precaver contra eventuais aborrecimentos, pois não podemos correr o risco de ser envolvidos num escândalo. Para preservar-nos, *Dominus Plinius* sugeriu que o senhor escreva uma carta a ele, desligando-se da TFP e, ao mesmo tempo, pedindo autorização para continuar freqüentando as sedes. É apenas formalidade, naturalmente, porque isto não o impedirá de continuar se dedicando ao *grupo* e ninguém, além de nós três, ficará sabendo.

Parecia-me razoável, a única alternativa para que não me distanciasse do convívio da TFP e apostatasse.

Escrevi a carta na presença de Leonardo e, ao terminá-la, ele a leu com atenção, comunicando-me depois:

— O senhor deve mudar-se para a casa de seus pais assim que voltar a Londrina. Além disso, não poderá, até segunda ordem, usar a capa e o distintivo.

Eu não fora expulso, mas, ao ser despojado dos símbolos da Organização, deixara de ser *militante* para reduzir-me a simples *simpatizante.*

8

Foi necessário mais de um ano, depois deste episódio, para que completasse meu processo de afastamento. O veredicto de Plínio Correa deixou-me aliviado, conteve por algum tempo meus impulsos, mas, passado o impacto inicial, contribuiu para que relaxasse a

vigilância. Agora, na condição de simpatizante da TFP, podia agir com mais liberdade — sempre, contudo, com muita cautela, porque me custava acreditar que estava abandonando definitivamente a Organização. Olhava para o futuro com apreensão e para o passado com certa nostalgia, sentimentos que se esvaíam com o passar dos meses. Os militantes com os quais convivia talvez não soubessem da carta que eu enviara ao Profeta: não era preciso, bastava que me olhassem para perceber em meu rosto as marcas da ruptura crescente, irreconciliável.

O processo se acelerou quando voltei a estudar, matriculando-me, contrariado, no curso de Administração de Empresas. Contrariado porque queria cursar Jornalismo e cedi aos insistentes apelos de alguns militantes para que não o fizesse. Estaria, assim — alegavam —, num "antro de comunistas". Os apelos eram fortes e a menção ao comunismo e à possibilidade de deixar-me contagiar por ele foi suficiente para convencer-me. Estava em adiantada fase de ruptura — contrariava o *modus vivendi* da Organização e distanciava-me de seus princípios religiosos —, entretanto, o ideário político permanecia intocável. Ao desobedecer aos conselhos e transferir-me, meses depois, para Jornalismo, essa identificação ideológica emergiu espontaneamente.

"Estranho no ninho" — assim me chamavam, sem muita originalidade, meus colegas de curso, surpresos com aquela personagem folclórica que compartilhava com eles as salas de aulas, arredia, distante e solitária. E agressiva: porque fazia questão de me afirmar — para não deixar morrer minha ideologia —, discutindo com professores e colegas, a qualquer pretexto. Eram, na realidade, as últimas manifestações de vida de um ideário há muito atingido de morte. Pois, quando discutia com professores e colegas, o fazia sem a convicção de antes, repetindo velhos e gastos *chavões* que, um a um, eram soterrados pelas evidências que pululavam aos meus olhos.

Discutia na escola, mas na sede limitava-me a silenciar, sempre mais deslocado. Curioso: o processo novamente se repetia, desta vez ao inverso. Na fase de adesão à TFP, discutia com os militantes, porque me sentia à vontade no meio deles, e limitava-me a fazer observações tímidas na escola, em casa ou para meus amigos, sobre as coisas que me pareciam incorretas — isto, porque a distância entre nós se acentuava. Agora, quando muito, fazia ponderações respeitosas quando os militantes diziam algo que se chocasse com minha visão mutante do mundo. Era o constrangimento, o medo de denunciar minha transformação. Fora, pelo contrário, a sensação

de liberdade induzia-me a dizer abertamente o que pensava e, em muitas ocasiões, surpreendia-me, no meio do raciocínio, ao constatar que meus argumentos, herança do passado, contrastavam com minha nova concepção do mundo.

O meio era hostil ao meu pensamento cambaleante, porém, à medida que deixava envolver-me por ele, ele e eu baixávamos a guarda. Ambos, no entanto, tínhamos diferenças estruturais que impossibilitavam a absorção recíproca, a curto prazo. Por mais que me esforçasse para ser aceito sem restrições nos novos ambientes que freqüentava, esbarrava na desconfiança de uns, na estranheza de outros. A repulsa era correspondida por mim que, mesmo que quisesse, seria incapaz de assumir o comportamento comum, instantaneamente. Por isso, se eu provocava estranheza, causavam-me estranheza também os hábitos das pessoas com as quais passara a conviver mais intensamente. Vivera seis/sete anos cercado de restrições, desaprendera a rir, aprendera a afastar-me dos "círculos mundanos", rejeitara tudo o que não fosse condizente com os objetivos e métodos da Organização — não, não era possível a integração repentina.

9

Fazia calor, muito calor naquela noite abafada. A falta de janelas amplas no andar térreo da sede e o aglomerado de eremitas itinerantes, recém-chegados de uma campanha numa cidade da região, tornavam o ambiente ainda mais sufocante. Os eremitas, jantando à luz de velas e falando em voz baixa, repreendiam-se publicamente por não terem adquirido a necessária identificação com Plínio Correa. Na radiola, uma voz solitária cantava uma música gregoriana, enchendo o ambiente com seus acordes em tom de súplica. A um canto da sala de visitas, meditativo, um companheiro — este, de Londrina — dedilhava o terço, fitando com veneração o estandarte. Outro lia relaxadamente, sentado numa poltrona da biblioteca e sala de estudos, no segundo andar. Na capela, vazia, tremeluzia a lamparina, iluminando debilmente a imagem de Nossa Senhora da Conceição. No jardim, um eremita, que recusara o jantar para meditar, sentava-se sob um arbusto que lhe permitia maior isolamento.

Agitado, eu deixara a biblioteca, descera à sala de visitas para melhor ouvir a música, sentara-me alguns minutos, fora à cozinha ajudar o eremita que servia seus companheiros, passeara no jardim, subira novamente à biblioteca. O ar estava pesado, mórbido, e saí

para a sacada para respirar melhor. A ausência de ventilação me incomodava, não permitia deter-me por muito tempo em lugar algum. Da sacada, olhava para os edifícios do centro da cidade, e as luzes nas janelas emitiam um chamado forte, envolvente.

Naqueles apartamentos, nas casas, nas ruas, tudo contrastava com a vida que levara nos últimos anos. A descontração, o sorriso, a espontaneidade, a liberdade — como isso era diferente do que se passava no interior das nossas sedes, em que cada atitude era premeditada ou decorrência de hábitos impostos! Fora, a liberdade; dentro, a submissão incondicional a um só homem — Plínio, o "profeta do Reino de Maria" —, ao qual deveríamos ajustar nossa vontade, pensamento e sentimento. Deixáramos de ser nós mesmos na esperança de desabrocharmos nossa personalidade quando absorvêssemos inteiramente o *espírito* do Profeta, ou seja, sua personalidade, mentalidade e sentimentos.

Sentia-me, olhando para fora, como alguém que se reanima depois de prolongado estado de inconsciência. Nos anos anteriores, pensara, agira e sentira como me disseram — e impuseram — que deveria pensar, agir e sentir. Tornara-me um autômato, incapaz de tomar atitudes que contrariassem os padrões estabelecidos e, ao desobedecer lentamente os *programas* que alimentavam meu cérebro e orientavam meus atos, fora pouco a pouco me reencontrando. Reencontro doloroso esse em que a verdadeira personalidade, ao recuperar parcialmente a lucidez, se descobre dominada por outra e, fraca, combalida, tem de lutar para recobrar sua autenticidade!

O canto gregoriano, ao contrário de minha fase inicial na TFP, quando me despertava a religiosidade e me provocava o enlevo, enchia-me naquele momento de amargura. Antes, essa música trazia à tona minhas crenças e esperanças infantis, acariciava-as, incentivava-as. Naquele momento, porém, ela fazia-me retroceder aos anos anteriores, e as lembranças desse passado recente surgiam envoltas pela angústia, dúvidas, medo e apreensão. Meus sonhos infantis, que julguei poder realizar ao aderir à TFP, desmoronaram com o tempo, no interior da própria TFP. As sedes da Organização, que me atraíram pelo ambiente de sacralidade que formavam, causavam-me agora a impressão de estarem impregnadas da fuligem e poeira dos séculos.

Naquela noite decidi-me: era a última vez que comparecia a uma sede da TFP. Faltava-me ar, ali, sim. Ar espiritual.

Oito anos depois

Sofri para escrever este livro. Foi preciso mais de um ano — para mim, quase a eternidade — e, nesse período, à medida que o trabalho evoluía, surpreendiam-me manifestações semelhantes às que descrevia. Precisei remexer no passado, recente, sim, mas doloroso, marcante. Senti, quando escrevia os capítulos iniciais, saudade de Suzan, de seu rostinho meigo. Senti também as atribulações de minha adolescência e lampejos do entusiasmo que marcou o período de adesão à TFP e do fervor que caracterizou os anos seguintes. Tive saudade de meus antigos companheiros, sonhei com vários deles, durante as muitas noites em que meus sonhos — depois de prolongada insônia — foram dominados pela lembrança. Tive de romper a grossa barreira que levantei nos últimos anos para, somente assim, recuperar os fragmentos — mais consistentes que imaginava — dessa experiência inesquecível. Passei sete anos, dia após dia, esforçando-me para soterrar o passado, e, no ano seguinte, engolfei-me de corpo e alma para resgatar esse período. Sofri, debati-me entre boas e más recordações, senti os nervos novamente a ponto de explodirem quando tive de narrar as origens de minha doença, o tratamento que ela requereu e as angústias que a cercaram. Sofri, mas com isso pude interpretar essa fase de minha vida e tirar dela lições para o presente e o futuro. Não foi em vão, espero, apesar de minhas deficiências técnicas. Procurei, todo o tempo, despir-me do juízo que hoje faço da TFP para não comprometer este trabalho — o que exigiu esforço sobre-humano porque, para isso, foi necessário penetrar numa região bloqueada e sensível de meu cérebro e olhar o passado como se fosse o presente.

A TFP é uma etapa vencida em minha vida. Não guardo rancores, e, se assim o fizesse, estaria sendo injusto. Embora manipulado e numa idade em que não era responsável por meus atos, entrei porque queria entrar. Reprovo, entre outras coisas, seus métodos de aliciamento, a constante pressão interna a que são submetidos seus membros, o endeusamento de Plínio Correa de Oliveira, o julgamento que a TFP faz da sociedade moderna e de sua evolução histórica, o comportamento que os militantes têm em relação a seus pais. O anticomunismo exagerado conduz a TFP a desconsiderar a ação nefasta dos países industrializados sobre nós, do Terceiro Mundo. Só há para ela, no terreno material, um inimigo: Moscou. Será mesmo? Não terá Washington causado mais danos, para não ir muito além, aos sofridos e dilapidados países latino-americanos, vítimas contumazes de sua ambição desenfreada? Análise atenta dos artigos de Plínio Correa, na *Folha de S. Paulo*, conduz à perplexidade: nenhuma palavra contra a política externa norte-americana, a não ser para recriminar eventuais "fraquezas" diante dos soviéticos. Os russos cometeram muitos erros, atrocidades injustificáveis, mas estariam os americanos isentos de culpa? República Dominicana, Vietnã, Camboja... paro por aí, pois a lista, incluindo assassinatos, pressões econômicas, chantagens e outros procedimentos ilícitos, formaria uma enciclopédia — a Enciclopédia do Terror.

Os homens passam, as idéias ficam — já disse alguém em algum lugar. Superado o trauma e com os nervos em ordem, recuperei, nesses oito anos, as potencialidades que desabrochavam em minha adolescência e que foram, em parte, sufocadas pela TFP. Ao sair da TFP não mudei: sou o mesmo que seria não fosse ela — irreverente, romântico, sonhador, aventureiro... e outras coisas um pouco piores. Qualidades, posso até ter — se as tiver, que minhas namoradas inconstantes o digam. A TFP também não mudou: florescente durante os primeiros anos do regime militar, ela foi deixando as praças públicas à medida que a mentalidade gerada pela Revolução de 64 foi refluindo. Sem encontrar o apoio de antes junto à opinião pública, reduziu suas campanhas gradualmente. A última, de grande efeito, foi em 1975 (da qual participei), para protestar contra o projeto de divórcio em tramitação no Congresso — e impedir sua aprovação, o que aconteceu. Engana-se, porém, quem pensar que a TFP perdeu sua vitalidade no Brasil (deixo de considerar outros países, de cujos dados não disponho). Em suas sedes ou nos mosteiros ainda secretos, o fervor por seus ideais aparenta ter crescido. Prova disso é a maior veneração a Plínio Corrêa — agora

de conhecimento do grande público, depois do vazamento à imprensa —, que induz os discípulos do Profeta a guardarem como relíquia dele até seus lenços de papel, usados. Mas, justamente essa veneração provocou a dissidência de membros veteranos, liderados pelo professor Orlando Fedeli...

Passei, marcado para sempre. E a TFP e suas idéias, ficarão?

São Paulo, março de 1985.

RELIGIÃO *'Conservadores' derrotam 'progressistas' sobre estatuto da entidade*

Disputa interna na TFP é decidida na Justiça de SP

História da TFP

1928 Em setembro, Plinio Corrêa de Oliveira ingressa na Congregação Mariana de Santa Cecília, em São Paulo. Tem início sua militância católica

1933 Em maio, indicado pela Liga Eleitoral Católica, Oliveira é o candidato à Constituinte mais jovem. É eleito com 24.017 votos. Em agosto, assume a direção do "Legionário", órgão oficial da Congregação Mariana de Santa Cecília

1935 O "Legionário" inicia campanha contra o fascismo e o nazismo

1947 Em dezembro, Oliveira e seus seguidores deixam o "Legionário"

1951 Em janeiro, Oliveira e seus seguidores assumem a direção do mensário "Catolicismo"

1959 Em abril, Oliveira publica o ensaio "Revolução e Contra-Revolução", obra de referência para todos os sócios e colaboradores da TFP

terroristas detonam uma bomba na sede da TFP, em São Paulo. No local, a entidade constrói um oratório, onde é venerada uma imagem de Nossa Senhora da Conceição danificada pela explosão

1972 Em 19 de julho, a TFP envia carta ao então ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, opondo-se à liberalização da legislação referente ao aborto

1973 De 8 a 13 de maio, a TFP recebe em suas sedes a Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima, que teria relizado milagres e chorado em Nova Orleans (EUA)

1975 Em abril, inicia-se a segunda grande campanha da TFP contra o divórcio. Em dezembro, na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul forma-se uma CPI sobre a TFP

1976 Em 19 de julho, inicia-se a difusão do livro "A Igreja Ante a Escalada da Ameaça Comunista — Apelo aos Bispos Silenciosos". Constam no livro transcrições de poesias de d. Pedro Casaldáliga, bispo-prelado de São Félix do Araguaia, como "prova" do conteúdo subversivo

1979 Em 14 de junho, o comunicado da TFP "Na iminência das votações divorcistas", pede a senadores e deputados que votem contra o divórcio. A TFP é derrotada no Congresso. Em 7 de setembro, a TFP distribui

TIAGO OLIVEIRA
da Redação
LUIS HENRIQUE AMARAL
da Reportagem Local

A disputa pelo poder dentro da TFP (Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade) foi aos tribunais e levou a entidade de leigos católicos ultraconservadora, pela primeira vez em sua história, a expor e tornar público seus conflitos internos. Os "conservadores" ganharam.

A disputa entre o grupo "progressista", formado por membros mais jovens que crêem na necessidade renovar o ideário da TFP, e o "conservador", comandado por nove diretores que participaram da fundação da entidade em 1960, acabou na Justiça e em pesada troca de acusações.

A primeira decisão sobre a disputa foi dada pelo juiz Carlos Eduardo Ferraz de Mattos Barroso, da 3ª Vara Cível de São Paulo, no dia 19 de julho. A segunda foi dada pelo juiz Marcelo Benacchio, da 9ª Vara Cível de São Paulo, no último dia 31.

Regras

Segundo as decisões a que a Folha teve acesso, os "conservadores" têm o direito de manter as mesmas regras da fundação, criadas por Plinio Corrêa de Oliveira.

"Se durante todos esses anos a administração feita pelos sócios fundadores os contentou e atualmente a gerência lhes desagrada, resta o direito de retirada da sociedade", afirmou o juiz, sobre os dissidentes. Os "progressistas" vão recorrer.

"O fundador Plinio Corrêa de

te más", explica Ribeiro Dant

Para Paulo Corrêa Brito Filh retor de imprensa da TFP, a J foi "sábia". Na opinião do di os dissidentes tentaram, "por de instrumentos processuai sumir o controle da associa de seu patrimônio".

Segundo Dantas, os doador xos da TFP colaboram com de R$ 500 mil/mês. Além dis entidade tem cerca de 250 m laboradores regulares.

O dinheiro da entidade é das razões que levaram à cr do grupo dissidente. Só os di res têm controle sobre os g "Eles controlam uma fortu não sabemos o que fazem ela", diz Dantas.

A disputa entre os grupos se rou em outubro de 1997, qu um dos líderes dos dissiden médico Ramon Leon, foi expu

Além da expulsão, alguns "progressistas" receberam ções severas. Entre elas, a "ca dula de clausura restrita", qual a pessoa não pode se con car "por gesto ou olhar", alé ficar proibida de comer com a tras ou usar o telefone.

Fernando Larrain, coope da TFP, teria sido submetido regime numa das sedes da en de. Para a sociedade, isso é "f sioso".

"Larrain se comunicava mente por telefone com o pessoas, como tinha liberda circular saindo de seu apo quando desejava. Além do t ne, dispunha de um automó sua propriedade, e em mom algum houve ordem dos sup res para que não lhe abriss

Plinio Corrêa de Oliveira, durante marcha anti-divorcista

1960 Em 26 de julho, é fundada, em SP, a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade. Em outubro, é publicado "Reforma Agrária - Questão de Consciência", de d. Antonio de Castro Mayer, d. Geraldo de Proença Sigaud, Luiz Mendonça de Freitas e Oliveira. Tem início a luta da TFP contra a reforma agrária

1965 Em 30 de março, a TFP mostra pela primeira vez seus estandartes vermelhos marcados pelo leão dourado e pelas palavras: "Tradição, Família e Propriedade"

1966 Em 2 de junho, a TFP coleta assinaturas para o "Apelo aos Altos Poderes Civis e Eclesiásticos em Prol da Família Brasileira". Em 50 dias, 1.042.359 brasileiros de 142 cidades aderem ao abaixo-assinado antidivorcista. No dia 12 de agosto de 66, sócios e cooperadores da TFP caminham pelo viaduto do Chá, em São Paulo, para comemorar a vitória contra o divórcio

1969 Na madrugada de 20 de junho,

suspensão provisória de suas atividades em locais públicos, que seriam retomadas após as eleições

1992 A TFP defende durante o plebiscito o retorno à monarquia, inclusive tendo como sucessor do trono um de seus sócios d. Luiz de Orleans e Bragança, que sempre foi membro ativo da entidade

Correspondentes da TFP, durante congresso, em SP

1995 Em 3 de outubro de 1995, morre o idealizador da TFP e seu principal mentor, Plinio Corrêa de Oliveira

1997 Começa a disputa interna pelo controle da TFP, resultando em duas ações judiciais e uma série de acusações entre dissidentes e diretoria

... tituição seria por processo democrático", diz Felipe Ribeiro Dantas, um dos articuladores dos "progressistas". Mas, para ele, não foi isso o que aconteceu.

O objetivo dos dissidentes era alterar os estatutos da TFP para permitir que todos os sócios participassem das assembléias com direito a voto.

Hoje, só diretores tomam decisões no fórum máximo da entidade, o Conselho Nacional da TFP.

"Entre outras coisas, queríamos a participação de mulheres na entidade. Mas só faltou eles afirmarem que elas eram intrinsecamen-

O grupo progressista está p... ocupado com sua sobrevivên... "Se somos expulsos, não temos ... sa ou comida, toda nossa vid... aqui", diz Dantas, que entrou ... entidade com 15 anos.

"Desde 14 de abril, foram exp... sos 99 sócios e outros 95 rece... ram advertência por escrito", a... mou Dantas.

Segundo a assessoria, essas ... pulsões não ocorreram e em to... história da entidade foram exp... sas quatro pessoas, e a direção ... irá submeter os autores da açã... nenhuma retaliação, salvo se ... contestações de dissidentes per... tirem depois da decisão judicial.

Rogério Cassimiro/Folha Ima...

Vista da sede da TFP, em Santa Cecília, bairro no centro de São Paulo

RELIGIÃO *Entidade ultraconservadora católica promove campanhas no B*

Sem comunismo, TFP ata aborto, TV e união civil ga

da Redação

Sem o chamado "perigo comunista", a TFP direciona suas baterias hoje contra a defesa do aborto, da união civil homossexual e contra o que classifica de "imoralidades" da televisão.

Segundo seu diretor de imprensa, Paulo Corrêa de Brito Filho, as principais campanhas que a TFP promove atualmente são "O Amanhã de Nossos Filhos", que ataca os temas acima, e a estritamente religiosa "Vinde Nossa Senhora de Fátima, não tardeis".

A TFP foi fundada em 26 de julho de 1960, em São Paulo.

De inspiração ultraconservadora católica, tem sedes espalhadas por 26 países, todas autônomas. No Brasil são 72 sedes, todas com a obrigação de cooperar com a causa "contra-revolucionária".

A utilização desse termo foi adotada pelo principal fundador e honorificamente presidente eterno da entidade, o professor de história e advogado Plinio Corrêa de Oliveira, morto em 95.

Em seu livro "Revolução e Contra-Revolução", obra-referência sobre a filosofia da TFP, determina a conduta dos membros da sociedade em relação às revoluções da sociedade.

O livro aponta como males da sociedade moderna as seguintes revoluções: a Renascença, a Reforma Protestante, a Revolução Francesa e a Revolução Russa.

Cabe ao teefepista, segundo Oliveira, combater todos os acontecimentos que possam ter advindo desses momentos históricos.

História

A sede da TFP, na rua Martinico Prado, no bairro de Santa Cecília, em São Paulo, sofreu um atentado na madrugada do dia 20 de junho de 1969.

Uma bomba foi deixada na porta da entidade e destruiu grande parte do prédio. Ainda hoje existe na sede uma cadeira que fora atingida pelos estilhaços da bomba para manter os membros da entidade alertas sobre o "perigo comunista".

A bomba atingiu também uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, e, desde 1970, quando terminou a reforma das instalações, membros da TFP se alternam em uma vigília permanente, que vai das 18h até as 6h do dia seguinte.

O prédio hoje serve de quartel-general das campanhas promovidas pela TFP, "O Amanhã de Nossos Filhos" e "Vinde Nossa Senhora de Fátima, não tardeis".

Imagem

Seus estandartes, o corte militar do cabelo de seus divulgadores e suas mansões onde vi... rie de jovens, a maior... pais, além de egresso... tes e inúmeros desafe... ram a disseminação ... sobre práticas suspeit... da entidade.

"A TFP recruta seu... como todo mundo r... mundo, para qualqu..." conclui Brito Filho, p... histórias de "lavager... não passam de "des... esquerdista". (TIAGO O...